

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Lucília Augusta Lino de Paula

**O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFRURALRJ:
MEMÓRIAS E EXEMPLARIDADE.**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Zaia Brandão

Rio de Janeiro, maio de 2004.

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Lucília Augusta Lino de Paula

O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFRURALRJ: MEMÓRIAS E EXEMPLARIDADE

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada

Profª Drª Zaia Brandão

Orientadora
PUC-Rio

Profª. Drª Rosália Duarte

Presidente da Comissão Examinadora
PUC-Rio

Prof. Dr. Leandro Konder

PUC-Rio

Profª Drª Lea Pinheiro Paixão

UFF

Profª Drª Luciana de Amorim Nóbrega

UFRuralRJ

Profº PAULO FERNANDO CARNEIRO DE ANDRADE

Coordenador Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2004.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da Universidade.

Lucília Augusta Lino de Paula

Graduou-se em Letras, Português-Literaturas, na UFRJ, em 1983, e em Filosofia, na UERJ, em 1991. Especializou-se em Psicopedagogia Diferencial, na PUC-Rio, em 1995. É Mestre em Educação, pela UERJ, onde defendeu, em 1994, a dissertação “Ética e Educação Especial: uma reflexão sobre a cidadania do portador de deficiência mental”. Atualmente é professora do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino (DTPE) do Instituto de Educação da UFRuralRJ. É pesquisadora do SOCED – Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação, da PUC-Rio e do NEPPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional, da UFRuralRJ.

Ficha Catalográfica

Lino de Paula, Lucília Augusta

Movimento estudantil da UFRuralRJ: memórias e exemplaridade / Lucília Augusta Lino de Paula; orientadora: Zaia Brandão. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2004.

Volume único, 316 p.

1. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

Inclui referências bibliográficas.

Movimento estudantil; estudantes universitários; memória; formação; socialização política; representação social; trajetórias.

A Airton, pelo cuidado, pelo carinho, pelo amor

Aos estudantes da Universidade Rural, em especial aos meus alunos dos
cursos de Licenciatura, os herdeiros da vida

A George Ricardo Abdalla e Iljânio Durães dos Santos, no luto a luta,

dedico este trabalho.

Agradecimentos

Este trabalho significa a culminância de uma trajetória acadêmica e profissional. Muitas pessoas me apoiaram e estimularam ao longo dos anos, contribuindo para a minha formação, me presenteando com sua amizade, me ensinando com seu exemplo. Como é impossível citar todas, expresso minha gratidão a algumas.

A minha orientadora, Zaia Brandão, pelo estímulo provocador, pelo exemplo de coragem acadêmica, pelo desafio do olhar rigoroso e, principalmente, pela cumplicidade construída nesse processo.

A Leandro Konder, exemplo maior de mestria, coerência e simplicidade.

Aos entrevistados Berbara, Beto, Edilson, Elder, Eloy, João, José Elói, Leo, Luís Mauro, Luiz Claudio, Luís Mauro, Mailta, Marco, Olavo, Tarci e Vera; aos 'camarões' e 'tatuís', Denise, Beth, Lucia, Rafael, Henrique, Luciano, André, Martim, Marcinho, Teresa, Amaury, Kael, Felipe, Heitor, Emília, Paula e Claudia, e aos demais integrantes do 'e-groups'.

A todos os meus colegas da PUC-Rio, pela camaradagem, destacando o grupo do SOCED, Adriana, Cristina, Cyntia, Diana, Francisco, Hustana, Maria Elena e Sibele; à minha turma - Andrea, Bruno, Mailsa e Zé Alfredo e, com carinho especial, Glória e Angelo, e ainda à Conceição, Clóvis, Claudinha e Raul.

Aos professores e funcionários do Departamento de Educação, principalmente às professoras Rosália Duarte, pela amigável colaboração, e Isabel Lellis, pelo olhar atento e a Geneci, pelo apoio discreto e necessário.

Aos professores da banca examinadora, pelas inestimáveis contribuições.

À PUC-Rio, pela bolsa de isenção de pagamento e pelo clima favorável à pesquisa que impera no *campus*.

À UFRuralRJ, pelo período de afastamento para concluir a pesquisa, pelo *campus* e campo privilegiados.

Ao meninos e meninas do DCE, em especial a Teco e João.

Aos meus colegas do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino, da Universidade Rural, pelo apoio e companheirismo.

A todos os colegas da UFRuralRJ com quem tive o prazer de trabalhar e conviver, no Vestibular, na Alfabetização Solidária e no Fórum de Licenciaturas.

Aos estudantes da Rural que compartilharam as discussões do Grupo de Estudos, Amanda, Anali, Edilene, Eduardo, Frederico, Jonas, Leandro, Raphael, Renato, Ronei e Vilma, e também a Adeilson, Cátia, Ênio, Fedra, Gilmara, Isaura, José Nilton, Jô, Julio, Oclair, Rui e Sheila, e Alex, Luciano, Rodrigo e Rondinelli.

Aos companheiros da ADUR, que alimentam o sonho de uma Universidade pública e democrática, com qualidade social.

Aos companheiros da ANFOPE, em especial à Angela, Dayse, Zé Luiz e Helena.

Àqueles que me auxiliaram diretamente neste trabalho, Wagner, Luiz Fernando, Marília, Ana Dantas, Marquinho, Rosália, Lia, Tarci, Luís Edmundo, Marco Moraes e Célia Otranto.

À Silvana, pelo toque, pela escuta, pelo delicado olhar.

À Valéria, pelo auxílio.

Aos meus pais, Custódio e Floripes, e a minha madrinha Generosa, pelo amor.

À minha família, Ulisses e Lucia, Elihu e Russet, Marcia e André, Aracy e Antonio, Dorotéia, Silvandira e Alice, Aninha e Alberto, pelo apoio e confiança.

Às crianças Carina e Andreia, Ian, Leticia, Ana Carolina, Mateus, Pedro, Polliana e Gabriel José, por me lembrarem que 'o novo sempre vem'.

E sempre e tanto, às amigas e amigos, que ao longo dos anos me alimentam de afeto e verdade, irmãos de coração a quem devo muito do que sou, e que nesta etapa torceram muito por mim: Amparo e Beto, Ana, Antonio, Araken e Euzedir, Carmem Lúcia, Conceição, Célia, Fátima, Ilma, Isabel, Lia e Aldo, Marco, Marcia, Maria Coeli, Marquinho, Paula e Edgar, Regina, Ritinha e Mauro, Talita e Michael, Tânia, Verinha, Wagner, e com carinho especial à Giuse, presença constante nessa jornada.

Resumo

Lino de Paula, Lucília Augusta; Brandão, Zaia. **O movimento estudantil na UFRuralRJ: Memórias e exemplaridade.** Rio de Janeiro, 2004, 297p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa tem como objeto o movimento estudantil organizado da UFRuralRJ, dirigido pelo DCE, nos últimos vinte e cinco anos. Esta investigação teve como material empírico os depoimentos coletados sobre a forma de entrevistas, com ex-estudantes que ocuparam posições de liderança no movimento estudantil no período estudado e exerceram cargos de direção no DCE. Dessa forma buscou-se reconstruir a memória social desse movimento, baseada no relato dos estudantes que rememoram e reinterpretem suas vivências e experiências. O estudo analisou o significado atribuído pelos militantes à sua atuação política e sua influência na formação acadêmica e profissional, destacando a importância dessa atuação no conjunto de sua experiência de vida e na sua concepção de sociedade. O movimento estudantil é investigado como uma instância de formação política e acadêmica privilegiada na aquisição do *habitus* universitário, e como integrante de uma estratégia de distinção no interior da instituição. A origem social e a trajetória escolar desponta como influência importante na disposição do estudante de ingressar no movimento estudantil, reforçada pela intensa convivência no *campus*. O processo de construção das representações e modos de vida dos estudantes universitários investigados aponta para a centralidade do movimento estudantil nestas trajetórias.

Palavras-chave

Movimento estudantil; estudantes universitários; memória; formação; socialização política; representação social; trajetórias.

Abstract

Lino de Paula, Lucília Augusta; Brandão, Zaia. **Student Activity UFRuralRJ: Memories and exemplariness.** Rio de Janeiro, 2004, 297p. Thesis – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The object of this research is the student activity which has been organized and directed by the DCE of UFRuralRJ for the last twenty five years. The empirical material of this investigation was the collected testimony through interviews with former students who had command position in the students activity during that studied period of time. They were also in change of leadership positions at DCE. This way we tried to restore the social memory of these students who remember and reinterpret their own existences and experiences. The study analyzed the meaning given by the militants to their political performance and this influence on the professional and academic development. It also stood out the importance of such performance in their life experience and society perception. The student activity is investigated as a privileged entreaty of professional and academic development in the acquisition of university habitus and it is also investigated as part of strategies of distinction inside the institution. The social origin and the school trajectory emerge as an important influence on the student's willingness to enter the student activity, reinforced by the intense conviviality at the campus. The process of construction of student's investigated representation and ways of life aims at the core of student activity in the trajectories.

Key-words:

Student activity; university students; memory; formation; political socialization; social representation; trajectory.

SUMÁRIO

I. Abertura: apresentando o cenário da pesquisa	13
I.1. INVESTIGANDO O MOVIMENTO ESTUDANTIL: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS	15
I.2. INFLUÊNCIAS E ROTEIRO	21
<i>CORAÇÃO DE ESTUDANTE</i>	24
II. O Movimento estudantil e a ‘Rural’: panorama histórico	27
II.1. DAS ORIGENS AO GOLPE DE 64	30
II.1.1 . A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE RURAL	35
II.1.2 . A CRIAÇÃO DO DCE DA UNIVERSIDADE RURAL DO BRASIL	39
II.2. OS ‘ANOS DE CHUMBO’: A RURAL E O M.E. DURANTE A DITADURA	41
II.2.1 . 1968: O ANO DA ‘REBELIÃO JUVENIL’	46
II.2.2 . A REPRESSÃO E O DESMANTELAMENTO DO M.E.	51
II.3. A RECONSTRUÇÃO DO M.E. NA RURAL E A ‘GREVE DE 80’	56
II.3.1 . A CRIAÇÃO DO DCE-LIVRE	59
II.3.2 . O DCE E AS CORRENTES PARTIDÁRIAS	62
II.3.3 . A GREVE DE 108 DIAS	65
II.4. O M.E. NA DÉCADA DE 80: CONSOLIDAÇÃO E CRISE	72
II.4.1 . SINAIS DE CRISE NA RURAL: DA REITORIA AO DCE	76
II.4.2 . 1988: A OCUPAÇÃO DO MEC	84
II.5. A DÉCADA DE 90: REVIVALS E DESMOBILIZAÇÃO	90
<i>Canção do Novo Mundo</i>	102

III. Movimento estudantil: jovens, gerações e trajetórias	103
III.1. JOVENS, GERAÇÕES E REPRESENTAÇÕES	104
III.1.1 . MANNHEIM E AS GERAÇÕES	107
III.2. UNIVERSITÁRIOS: DO RACISMO DA INTELIGÊNCIA AO DESPRESTÍGIO DOS DIPLOMAS	116
III.2.1 – BOURDIEU: HABITUS, CAMPO E CAPITAL	123
III.3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: A SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS	134
III.3.1 – OS BASTIDORES DA PESQUISA: ‘ENSAIOS’ NO CAMPO	140
III.4. OS MILITANTES E SUAS TRAJETÓRIAS	145
III.4.1 . PRIMEIRA GERAÇÃO	146
III.4.2 . SEGUNDA GERAÇÃO	160
<i>O Sal da Terra</i>	172
IV. Lideranças estudantis da Rural: trajetórias e lutas	173
IV.1. A ORIGEM SOCIAL: HERANÇA E MOBILIDADE	174
IV.1.1 . A ESCOLARIZAÇÃO: INVESTIMENTOS E ESTRATÉGIAS	181
IV.1.2 . O INGRESSO NA UNIVERSIDADE: CONTRADIÇÕES DA HERANÇA	189
IV.2. A INSERÇÃO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL	204
IV.3. ‘PARTIDARIZADOS ‘ E ‘INDEPENDENTES’: TENDÊNCIAS E MUDANÇAS NO M.E.	222
<i>APESAR DE VOCÊ</i>	241
V. Militantes estudantis: memória e exemplaridade	242
V.1. MOVIMENTO ESTUDANTIL: MEMÓRIA SOCIAL E REPRESENTAÇÃO COLETIVA	243
V.2. OS CAMARÕES: UM TIPO ‘EXEMPLAR’ NA REPÚBLICA RURALINA	255
V.3. REPRESENTAÇÕES DE UMA GERAÇÃO ‘EXEMPLAR’	267
V.4. AINDA SOBRE OS ‘CAMARÕES’: ALGUNS DOCUMENTOS ELETRÔNICOS	279
<i>COMO OS NOSSOS PAIS</i>	297
VI. Considerações finais: revendo as hipóteses	298
<i>Me Gustan los Estudiantes</i>	304
VII. Referências bibliográficas	305
Glossário	316

Índice dos quadros

Quadro 1: Gestões do DCE – UFRuralRJ	25
Quadro 2: Reitorias da UFRuralRJ	26
Quadro 3: Integrantes da Primeira Geração	147
Quadro 4: Integrantes da Segunda Geração	161
Quadro 5: Os ‘camarões’ e sua atuação na UFRuralRJ	171
Quadro 6: Origem social dos entrevistados	238
Quadro 7: Situação atual dos entrevistados	239
Quadro 8: Origem social dos ‘camarões’	239
Quadro 9: Situação atual dos ‘camarões’	240

À guisa de epígrafe e também de prefácio, transcrevo o texto de autoria de Elder Andrade de Paula, um dos militantes entrevistados, os 'agradecimentos' contidos em sua tese de doutoramento no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRuralRJ. É a minha homenagem, não somente aos entrevistados, mas, a todos os estudantes que, participando do movimento estudantil, ajudaram a escrever a história aqui relatada.

Esta tese não expressa somente a materialização dos resultados de uma pesquisa realizada em um período determinado. As opções teóricas que orientaram sua elaboração, bem como as definições acerca do objeto de pesquisa, associam-se em grande medida a uma visão de mundo, construída não apenas através da frieza de um esforço individual de leituras e do cumprimento de "rituais acadêmicos", mas sobretudo, pelo calor de uma trajetória política compartilhada coletivamente com inúmeros companheiros e companheiras que ousaram sonhar com a emancipação humana e fazer desse sonho o motivo maior de suas existências.

Agradeço portanto:

Aos companheiros e companheiras de jornadas estudantis (1978-1983) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com os(as) quais tive a feliz oportunidade de aprender a "sonhar coletivamente" e redescobrir o sentido da vida. Valores como liberdade e solidariedade não figuravam apenas na retórica, repercutiam necessariamente no cotidiano da sociabilidade no campus. Nos alojamentos, o número de ocupantes clandestinos ("acochambrados") chegava a superar em 50% o número de vagas estabelecidas oficialmente. No Restaurante Universitário ("bandejão"), era comum a divisão de uma refeição ("bandeja") para duas pessoas afim de enfrentar os "apertos de grana". Havia sempre alguém disposto a dar uma "força" aos colegas na elaboração de trabalhos e em estudos preparatórios para avaliações acadêmicas. Com uma vida cultural marcada ainda pela riqueza da integração entre pessoas de origens sociais e lugares diferentes (praticamente de todos estados brasileiros e de muitos países latino-americanos) e por inúmeros eventos como realizações de Shows com o "pessoal mais engajado" da MPB, festivais de música, encenação de peças teatrais, exposições de filmes, festas, "rodas de viola" etc; acabou se formando aquilo que denominava-se na época de uma "república ruralina". Essa "república" não era fechada, estava atenta ao que acontecia no país e no mundo: participava da luta mais geral contra a ditadura militar, do movimento de fundação do Partido dos Trabalhadores, formava comitês de solidariedade a Revolução Sandinista na Nicarágua, denunciava os assassinatos de lideranças camponesas que lutavam pela Reforma Agrária em todo o país. Foi nesse ambiente que surgiu o meu interesse particular pela questão agrária.

(Elder de Paula)

1

ABERTURA: apresentando o cenário da pesquisa

A Universidade Rural¹ foi o espaço onde transcorreu uma parte significativa da trajetória das lideranças estudantis entrevistadas, protagonistas da história da instituição e do movimento estudantil.

O *campus* da Rural pode ser comparado ao cenário de uma grande peça teatral, plena de dramas, românticos e políticos. Locação de várias novelas televisivas², sua imagem adentrou milhões de lares. Nenhuma produção, no entanto, retratou a ‘*República Ruralina*’³, a ‘*Terra do Nunca*’⁴, a Rural, como seus estudantes a vêem.

O *campus* possui uma paisagem bucólica, jardins de Burle Marx emolduram prédios monumentais em estilo neocolonial hispânico. Em seus pátios internos, entre os jardins e as arcadas, circulam jovens ruidosos e displicentes a caminho das salas, muitas ainda em forma de anfiteatro com degraus e cadeiras fixas. Os cenários são múltiplos, e além dos vários prédios, praças e galpões, vêem-se pastagens, plantações, matas.

Mas esse cenário se ressentido do passar dos anos, alguns prédios destoam do conjunto arquitetônico original, percebem-se sinais de decadência no descuido com a conservação das fachadas, no abandono das áreas distantes do Pavilhão Central, o P1, no medo da violência que adentra no *campus*.

No decorrer da peça notam-se mudanças de ritmo: o compasso ora é andante, quase ligeiro, ora *alegro ma non troppo*, ora mais lento. As mudanças apresentam descompassos, ora avanços ora retrocessos. Enquanto algumas cenas envolvem uma multidão de figurantes, tal qual uma superprodução, outras cenas

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ).

² A Rede Globo, por várias vezes, utilizou o *campus* da UFRuralRJ, como locação de suas novelas. A última foi “Coração de estudante”, cuja trama se desenvolvia em uma cidade interiorana, com personagens - professores e estudantes - de uma ‘universidade’ fictícia. Vários estudantes da Rural participaram como figurantes dessa produção, que ali gravou muitas cenas externas.

³ Expressão utilizada pelos depoentes ao referirem-se à Rural no final dos anos 70 e início dos 80.

⁴ Espaço fantástico, na história infantil de “Peter Pan”, onde as crianças jamais cresciam. Alguns depoentes referem-se à Rural dessa forma em alusão à longa permanência de alguns estudantes na Universidade que adiam a conclusão do curso, que representa o ingresso na vida adulta.

requerem poucos personagens, muitas vezes apenas os protagonistas, trancados em salas e gabinetes, em debates e confabulações. Os personagens são um Varal de Caras⁵, rostos que se repetem, mudam de expressão, assumem outros papéis: muitos estudantes de ontem, hoje são profissionais na própria Universidade.

Seria essa peça um épico, um drama ou uma comédia de costumes ? Um épico sobre um movimento intenso, entrecortado por tensões e emoções, arruaças e mobilizações, gritos e silêncios. Um drama sobre uma época e um espaço, – não restrito a prédios, lagos e jardins, flora e fauna, – um local mágico, onde jovens fazem a passagem para a vida adulta, um espaço-tempo de formação e de ritos juvenis. Seria uma comédia juvenil ou um grande romance de formação que atravessa gerações, e cujo tema é a perda da inocência e o amadurecimento, ou ainda “tudo isso ao mesmo tempo agora”.

O *campus* da Rural está coalhado de jovens e mobilizá-los é tarefa das entidades estudantis. Essas entidades, Centros e Diretórios Acadêmicos, aglutinam grupos variados, outros tantos pertencimentos, pois são diferentes gestões e diretorias, tendências e correntes políticas. Entre as entidades se destaca o Diretório Central do Estudantes, DCE, cuja sede fica na entrada dos Alojamentos. Os estudantes que participam e lideram essas entidades tem uma visibilidade maior no curso e na Universidade que os distinguem da massa estudantil: são reconhecidos por todos, professores, funcionários e alunos, alguns integram os Órgãos Colegiados como representantes dos estudantes.

O *campus* é o cenário de grandes e pequenos dramas, individuais e coletivos, namoros desfeitos, reprovações, saudades de casa, eleições perdidas ou vitórias políticas, amizades eternas ou temporárias, ‘trotes’, noites insones de estudo ou diversão, festas e festivais, ‘sexo, drogas e *rock’n roll*’.

Estudantes cujos pais ainda capinam na roça ou assentam tijolos convivem com os filhos de camadas abastadas. No entanto, há uma aparente uniformidade nos ‘jeans-chinelo-camiseta’, ainda que alguns estudantes necessitam ‘dividir a bandeja’ ou sequer retornam à sua cidade natal nas férias enquanto outros jamais ficaram uma semana completa na Rural ou nunca almoçaram no ‘Bandeirão’. Se uns não agüentam esse regime de quase internato, achando a permanência

insuportável, outros adoram. Enquanto alguns abandonam o curso, outros estudantes se valem de estratégias diversas para adiarem ao máximo sua saída da Rural: prolongam o curso até o limite permitido, trocam de curso, solicitam reingresso e graduam-se em mais de um curso. Rural, ‘ame-a ou deixe-a’⁶....

1.1.

Investigando o movimento estudantil : memórias e trajetórias

O objeto da presente pesquisa é o movimento estudantil organizado e dirigido pelo Diretório Central dos Estudantes⁷ da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nas últimas décadas⁸. Para empreender essa investigação fez-se necessário recorrer à memória do movimento estudantil da UFRuralRJ – doravante também referida como Universidade Rural ou simplesmente Rural, – a partir do depoimento dos agentes dessa história, ou seja, dos estudantes que ocuparam posições de liderança no movimento estudantil no período estudado.

Esses depoimentos permitiram identificar o significado atribuído pelos militantes à essa modalidade de atuação política, bem como a influência da militância política em sua formação acadêmica e profissional e, principalmente, a importância dessa atuação no conjunto de sua experiência de vida, na sua concepção de sociedade, no seu lugar nela, e na consolidação dos valores e visões de mundo que norteiam sua atuação social. Parto do pressuposto que o movimento estudantil é um espaço-tempo de formação política que se efetiva mediante a própria militância, isto é, a participação no movimento estudantil de forma ativa é o modo como se efetua e adquire essa formação. Desse modo, destaquei as formas de ingresso e inserção no movimento estudantil e quando, como e através de que instâncias e circunstâncias se construiu a participação política dos estudantes na Universidade. A pressuposição de que o movimento estudantil exerceu uma influência significativa, enquanto instância de formação, no processo de construção das representações e modos de vida dos estudantes universitários que

⁵ Grupo de Teatro da UFRuralRJ dos anos 90. As mudanças na composição dos grupos teatrais, fazia com que cada formação adquirisse características próprias, marcando de forma mais ou menos intensa a vida cultural na Universidade. Atualmente, o Grupo de Teatro se chama ‘Apoena’.

⁶ Propaganda governamental, aludindo aos exilados na época da ditadura: quem não ‘amava’ o país, isto é, não concordava com os rumos políticos impostos após 1964, deveria deixá-lo e não ‘subverter’ a ordem, segundo o discurso oficial.

⁷ O DCE é a entidade central dos estudantes da Universidade. Os Diretórios Acadêmicos (DAs) ou Centros Acadêmicos (CAs) são entidades de base, que representam os estudantes de cada curso.

dele participaram, foi confirmada pelos depoimentos dos sujeitos da pesquisa (Paula, 2003b).

Visando analisar as representações sobre a participação política estudantil na Universidade Rural, realizei entrevistas, individuais e coletivas, com vários ex-militantes que, durante as décadas de 70, 80 e 90, participaram de gestões do DCE da Universidade Rural. As entrevistas foram o principal instrumento utilizado na pesquisa, que tem como pano de fundo a história do movimento estudantil e da Rural. Essas entrevistas tiveram como foco central o relato sobre as vivências e experiências no movimento estudantil. A forma como esses ex-militantes rememoraram e reinterpretaram o seu engajamento naquele movimento constituiu o material empírico a partir do qual foi possível construir as categorias centrais da análise e interpretação do objeto de estudo.

O critério inicial adotado para a seleção dos sujeitos da pesquisa foi identificar militantes que exerceram a função de presidente do DCE, assim como lideranças reconhecidas no movimento estudantil da Universidade em sua época. Para avaliar esse ‘reconhecimento público’ da liderança dos entrevistados recorri, na fase exploratória da pesquisa, à indicação de ex-estudantes – seus pares na época da graduação, muitos dos quais são hoje funcionários ou professores da Universidade, – e de professores da época. Posteriormente, os próprios entrevistados indicaram as principais lideranças que os antecederam ou sucederam. A especificidade da instituição estudada permitiu a utilização desse critério, pois apresenta intensa vida comunitária, sendo comum encontrar professores e funcionários que foram ex-alunos da Universidade ou seus parentes próximos. Tal peculiaridade propiciou uma maior facilidade de acesso aos entrevistados, ex-estudantes da Rural que estabeleceram vínculos sociais que configuram uma rede de relações, relativamente densa, que favoreceu o contato.

Essa investigação procurou identificar ainda as diversas redes sociais que caracterizaram as trajetórias dos sujeitos da pesquisa, em busca de indícios da influência de diversos e díspares ‘*habitus*’ e ‘heranças’. Esse objetivo vincula-se a outro pressuposto inicial, o de que seria possível estabelecer relações entre a origem social do militante e sua capacidade de interação com o meio acadêmico e até mesmo sua influência na inserção/atuação no movimento estudantil. Essa

⁸ Mais especificamente, o período de 25 anos que vai de 1977 a 2002.

interação possivelmente se refletiria no seu desempenho acadêmico e profissional, e por esse aspecto poder-se-ia identificar o peso da origem social, com destaque para o capital familiar e o capital escolar que teriam motivado a escolha da Universidade Rural e a militância no movimento estudantil. As disparidades na estrutura e volume do capital cultural que estes estudantes trazem de suas trajetórias pregressas poderiam facilitar ou dificultar sua trajetória acadêmica, e assim funcionar como um critério de distinção entre os estudantes no interior da Universidade (Paula, 2003a).

Parti ainda da premissa de que seria possível perceber a influência do movimento estudantil no acúmulo de capital social e/ou cultural e na sua conversão em outros tipos de capital, político, profissional, econômico, o que foi confirmado na maior parte das trajetórias dos militantes entrevistados (Paula, 2002). O conceito de capital, tal como reinterpretado sociologicamente na obra de Bourdieu, foi útil à compreensão dos processos de desigualdade material e simbólica que constroem e reconstroem as hierarquias sociais, inclusive na Universidade, e que permitem a determinados grupos a reprodução do *status quo* e, a outros, certa mobilidade social acionada pelo acúmulo do capital cultural, para citar apenas um tipo de capital (Brandão et al., 2004).

A presente investigação sobre as representações dos militantes estudantis implicou na compreensão do universo cultural daqueles jovens universitários, inseridos em uma instituição peculiar como a Universidade Rural que – dado o seu relativo isolamento e o fato de uma parcela significativa de seus estudantes⁹ residirem no *campus*, – favorece e estimula a vida comunitária. Essa característica parece minimizar a enorme heterogeneidade da origem social e das experiências dos estudantes e, desta forma, produzir uma ‘experiência comum’ reconhecida e vivenciada pelos sujeitos da pesquisa. Esta vivência e convivência forneceria assim a percepção de que existem mais semelhanças do que diferenças entre os estudantes, favorecendo a construção de vínculos sejam eles temporários ou permanentes.

É sabido que há uma sensível diferença entre as experiências vividas e os significados construídos posteriormente pelos sujeitos, e que isso se acentua ao trabalharmos com diferentes gerações. As trajetórias de vida, os papéis conferidos

aos sujeitos ao longo de sua trajetória, os projetos de futuro, os valores orientadores da ação se alteram de uma geração para outra em função de variações econômicas, políticas, demográficas e conjunturais, assim como de transformações culturais mais amplas, sem esquecer as mudanças geracionais. Neste estudo procurei identificar as possíveis diferenças entre gerações de estudantes, e analisar se estas diferenças poderiam se relacionar com a aceleração das mudanças na sociedade brasileira, não só a partir do fenômeno da globalização, mas também com a democratização política no final na década de 80.

Para iniciar essa investigação, fundada na experiência concreta dos sujeitos e em suas interpretações sobre o vivido, recorri ao paradigma indiciário¹⁰, utilizado por Ginzburg, pois ainda que a realidade muitas vezes seja opaca é possível detectar ‘zonas privilegiadas’ – sinais e indícios – que permitem decifrá-la. Entraram, assim, em cena ‘elementos imponderáveis’ - como o ‘faro’, o golpe de vista e a intuição – que poderiam vir a tornar-se necessários quando o objeto de estudo está ligado à experiência cotidiana. Dessa forma, foi possível analisar a realidade circundante de modo a reconstruir trocas e transformações culturais, através do que Ginzburg (1999, p.157) chama de ‘rigor flexível’, visto que o conhecimento histórico pode apresentar-se como ‘indireto, indiciário, conjetural’.

Entretanto, como esta não foi uma investigação no campo da História, mas sim no campo da Sociologia da Educação, não empreendi esforços em uma coleta sistemática de dados a partir de documentos e fontes primárias e nem me dediquei à sua análise. Mesmo assim, procuramos consultar os documentos disponíveis sobre o movimento estudantil da Rural que, no entanto, são poucos, dispersos, mal conservados e apresentam lacunas históricas significativas em relação a determinados períodos e gestões. Os depoimentos colhidos nas entrevistas completaram algumas das lacunas existentes e ressignificaram esses documentos, contrastando testemunhos escritos e orais que se complementaram. Esse estudo recorreu basicamente à memória dos entrevistados, memória como todas,

⁹ Cerca de 1/3 dos 6000 estudantes residem nos Alojamentos, e uma grande parcela em repúblicas.

¹⁰ Segundo Ginzburg (1999, p.166-7), o paradigma indiciário é um modelo epistemológico que pode ajudar a superar a dicotomia entre racionalismo e irracionalismo, pois nascido da *concretude da experiência* permite perceber a *presença ineliminável* do qualitativo e do individual, construindo um conhecimento sistemático a partir de indícios e pistas.

fragmentária e seletiva, daí a importância atribuída aos sinais e indícios que permitiram a aproximação do objeto de estudo, numa tentativa de ultrapassar as brumas do tempo que embaçando a visão dos fatos ocorridos naqueles anos, algumas vezes, os fizeram escapar também à memória .

Com Bourdieu (2001, p.190), pode-se afirmar que para se compreender a trajetória dos militantes estudantis é necessário conhecer os estados sucessivos do campo onde essas trajetórias se desenvolveram, – o ensino superior no Brasil, a Universidade Brasileira, mais especificamente a Universidade Rural e o movimento estudantil nacional e local – e o conjunto das relações objetivas¹¹ que uniram os militantes aos demais estudantes – outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Os ex-militantes entrevistados ao narrarem sua experiência, sua trajetória no movimento estudantil, reelaboraram o significado desse movimento, inclusive na construção das representações sobre sua própria identidade e visão de mundo. É o narrador, no caso o entrevistado, que seleciona e interpreta os fatos, os qualifica e hierarquiza, segundo sua visão de mundo atual estabelecendo uma relação entre o sentido e o valor de sua experiência no momento considerado. É desse modo que o relato de vida

conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou grupo) num espaço em que é ele próprio um devir, sujeito a incessantes transformações (Bourdieu, 2001, p.189).

Esse desdobramento obriga a considerar também a estrutura das redes sociais, que relativizam tanto essas posições sucessivas quanto a identidade social constante e durável auto-atribuída pelo narrador e aceita em determinado campo social.

Os relatos de vida, a rememoração de acontecimentos idos e vividos, a reconstrução de uma trajetória mediante o discurso sobre si próprio são formas particulares de expressão – uma apresentação pública de si – sujeitas às leis que regem a produção dos discursos e funcionam como um tipo de oficialização da representação privada. Os relatos sobre a história do movimento estudantil

¹¹ Pelo menos em certo número de estados pertinentes, como a relação com as tendências e correntes políticas estudantis, as lutas estudantis locais e nacionais, as chapas e gestões de DCE, a relação do estudante com a família no que tange ao sustento e manutenção na Universidade, apenas para citar algumas relações objetivas.

daqueles que estiveram diretamente envolvidos nos acontecimentos seguem, como a história de vida, uma ordem cronológica – retrospectiva e prospectiva, descontínua e não-linear, – vinculada a uma interpretação desses eventos e decorrente de uma intenção subjetiva e objetiva de percepção e construção de trajetória, ressignificando-a (Bourdieu, 2001).

Dessa forma, recorrer ao relato oral, à memória individual e coletiva, – mesmo com as evidentes descontinuidades, inclusive cronológicas, da rememoração dos sujeitos, – pode oferecer indícios e pistas importantes a respeito da hierarquia dos processos formativos, da constituição e transformação do *habitus*, da estrutura e volume do capital dos sujeitos investigados – com destaque, muitas vezes, para o capital cultural –, do papel das redes sociais, entre outros aspectos, que permitam reconstruir as trajetórias desses ex-militantes estudantis.

Essa tarefa requer do investigador um cuidado redobrado, visto que trata-se de uma investigação baseada nas entrevistas realizadas com os investigados¹², o que pode oferecer riscos e assim exigir um rigor de análise que evite comprometer o estudo de processos sociais construídos sob a forma de relatos orais. Esse rigor exige o cuidado do pesquisador, sobretudo ao observar um espaço e um movimento que lhe são familiares. Dessa forma, procurei efetuar uma auto-objetivação constante em relação às interferências das pré-noções na pesquisa, ainda que consciente da impossibilidade de neutralizá-las totalmente. Assim, procurou-se manter a consciência dos valores do pesquisador e de sua influência sobre a investigação, dada a dificuldade de se afastar sistematicamente todas as pré-noções, como recomendava Durkheim (1990), principalmente quando se estuda o campo social em que se atua (Velho, 1978; Becker, 1999; Kuschnir, 2003).

¹² Na análise das entrevistas utilizamos o QSR NUD*IST 4 - software para análise de dados qualitativos, visando não só facilitar a análise de material dessa amplitude (aproximadamente 500 páginas de transcrição das entrevistas, relatos, diário de campo, etc.) mas também favorecer a objetivação dessa análise.

1.2.

Influências e roteiro

O interesse sobre o tema originou-se primeiramente da minha própria trajetória como militante estudantil durante dois cursos de graduação, nos Centros Acadêmicos de Letras, na UFRJ, e de Filosofia, na UERJ, na década de 80. Atualmente, como professora da UFRuralRJ, os relatos sobre o papel do movimento estudantil na Universidade aguçaram meu interesse sobre a história desse movimento e sua influência na formação dos jovens que nele se inserem. Participando como palestrante em semanas acadêmicas e de recepção aos calouros de vários cursos da Universidade, promovidas pelas entidades estudantis, abordando temas como ética e valores e sua relação com a educação e a sociedade, tenho tido a oportunidade de discutir com esses jovens sobre a importância dos ideais coletivos e o papel formativo dos movimentos sociais.

A inserção no curso de Doutorado no Departamento de Educação da PUC-Rio sistematizou esse interesse como objeto de estudo. A participação em pesquisa coletiva desenvolvida pelo SOCED¹³ também influenciou no recorte do objeto e na delimitação do tema da pesquisa. Atualmente o SOCED investiga como as características institucionais e familiares interagem na produção da qualidade de ensino e da excelência escolar, abordando sobretudo as trajetórias escolares e processos de socialização familiar e escolar dos setores da população de mais elevado capital cultural. A obra de Pierre Bourdieu, mais especificamente a que focaliza a socialização familiar e escolar na construção das características sociais que distinguem determinados grupos no espaço social, é o principal referencial teórico desta e daquela pesquisa.

Os conceitos de ‘trajetória’, ‘*habitus*’, ‘campo’ e ‘capital’, na perspectiva da Sociologia de Bourdieu, tornaram-se ferramentas essenciais a esse estudo. Utilizei ainda as categorias de ‘juventude’, ‘geração’ e ‘memória social’, na análise das diversas gerações de militantes, bem como a de *status* sócio-ocupacional das famílias e dos investigados procurando possíveis traços de mobilidade social inter e intra-geracional.

¹³ Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação, coordenado pela prof^a Zaia Brandão, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Ao empreender essa pesquisa detectei minhas próprias contradições e ambigüidades naquelas que também atravessavam as memórias dos entrevistados a par da construção de suas representações sobre o movimento estudantil. Essas representações vinham ao encontro das minhas próprias representações de um movimento do qual fizera parte na mesma época em outro lugar. A investigação favoreceu uma análise dessa experiência que reconhecesse o encontro de duas historicidades, a minha própria e a dos agentes entrevistados.

Da memória da Rural muito se perdeu nos desvãos do tempo, mas no cotidiano do *campus* esta é continuamente escrita e reinterpretada. Essa pesquisa apenas vislumbrou os arroubos juvenis e sonhos revolucionários, as lutas e disputas, as várias situações em que a par da militância estudantil se processava uma formação política, em meio à bandeiras de melhoria das condições de ensino, democratização e combate às desigualdades sociais.

Iniciando esse relato, no primeiro capítulo empreendi uma contextualização histórica do movimento estudantil no país, apresentando uma descrição sócio-histórica da Universidade Rural, desde seus primórdios, visando ampliar a compreensão das peculiaridades da instituição. O movimento estudantil organizado da Rural faz parte dessa história, e assim as principais lutas empreendidas pelo DCE, principalmente a partir de meados da década de 70, são também descritas nesse capítulo, que traça um breve panorama histórico-descritivo do movimento estudantil local e suas vinculações com o movimento estudantil nacional.

O segundo capítulo, insere a discussão acadêmica sobre o movimento estudantil, o problema das gerações e as mudanças no panorama universitário. Introduzo hipóteses sobre as possíveis estratégias de distinção construídas pelos estudantes e a constituição do *habitus* universitário. Prossigo com considerações metodológicas acerca da seleção dos sujeitos da pesquisa e a descrição do perfil dos militantes entrevistados, efetuando uma síntese das suas trajetórias.

Apresento, no terceiro capítulo, uma análise parcial dos depoimentos dos militantes no que tange à sua origem social. Discorro, ainda neste capítulo, acerca do capital familiar, das trajetórias escolares, dos motivos da escolha do curso e da instituição. Prossigo apontando as representações dos entrevistados sobre a Universidade e o movimento estudantil, e as diversas formas de viver a condição

de estudante. O capítulo discorre ainda sobre o modo como ocorreu a inserção no movimento estudantil, introduzindo a discussão sobre a partidização das entidades estudantis e as representações dos sujeitos sobre essa questão.

O quarto e último capítulo reafirma o caráter social da memória, aborda as representações que estes estudantes têm hoje da Universidade, do movimento estudantil, da relação entre o movimento estudantil e a vida acadêmica e social. A influência do movimento estudantil na trajetória profissional dos ex-militantes, suas opções políticas, sua atuação social também é tematizada neste capítulo, que apresenta ainda, como tipo exemplar os integrantes da gestão ‘camarão’.

Para uma maior compreensão do primeiro capítulo apresento, após esta introdução, dois quadros que sintetizam: as gestões do DCE (Quadro 1) e as reitorias da Universidade Rural (Quadro 2), no período estudado.

Algumas canções precedem os capítulos ilustrando de forma poética as representações, os sentimentos e os valores caros ao segmento estudantil investigado, e que percebo como afinadas com o ‘clima’ da ‘república ruralina’ no período estudado.

A partir dos relatos dos agentes que participaram como lideranças do movimento estudantil da Rural nos últimos 25 anos, foi empreendida essa pesquisa, que longe de esgotar o tema aponta para uma continuidade da investigação. Como na canção *Andança*: “vi tanta areia e andei ... uma saudade imensa vou levar”, pois os caminhos se fizeram ao andar, tenha-se ou não consciência disso.

Coração de Estudante

Wagner Tiso / Milton Nascimento

*Quero falar de uma coisa,
Adivinha onde ela anda,
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar.
Pode estar aqui do lado,
Bem mais perto que pensamos,
A folha da juventude
É o nome certo desse amor.*

*Já podaram seus momentos,
Desviaram seu destino,
Seu sorriso de menino,
Tantas vezes se escondeu.
Mas renova-se a esperança,
Nova aurora a cada dia,
E há que se cuidar do broto
P'ra que a vida nos dê flor e fruto.*

*Coração de estudante
Há que se cuidar da vida,
Há que se cuidar do mundo,
Tomar conta da amizade.
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho,
Verdes planta e sentimento,
Folhas, coração, juventude e fé.*

Quadro 1: **Gestões do DCE – UFRuralRJ**

Período	Gestão	Lideranças entrevistadas	Tendências	Destaques
1963	É criado o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Rural do Brasil			
1968	O DCE da UFRRJ é extinto	Morte de Edson Luís, passeata dos CEM MIL, Todos presos no 30º Congresso da UNE, AI-5		
1968/74	Período sem DCE e sem movimento estudantil organizado na UFRRJ			
1975/76	Criação do DCE oficial. 1ª gestão: Lafayete Maculan (pres.)	Criação do CEGEUR; boicote ao bandeirão (agosto/76)		
1976/77	2ª gestão do DCE oficial - apoiada pelos estudantes: Robert (pres.)	Luta por eleições livres para o DCE. Greve da matrícula .		
1977/78	Resistência	Edilson/ L.Mauro	MEP	
1978/79	Organizando	Edilson	MEP	
1979/80	Opção	J. Elói	Independentes	Greve 108 dias
1980/81	Todo mundo no DCE	Elder	Convergência, MEP, PCdoB	
1981/83	Palmares	Elder	Caminhando	
1983/84	Que vivan los estudantes	Eloy	PCdoB	1ª invasão à Reitoria
1984/85	Coração de estudante	João	PCdoB	Representação estudantil Eleição Reitoria
1985/86	Gestão das Mulheres	Mailta	PCdoB	
1986/87	Período sem gestão eleita: Mailta, Marco Conselho de DAs dirige o DCE			
1987/88	Lua Nova	Ricardo, Mailta, Luís Mauro	CGB, Convergência	Invasão do MEC Eleição Reitoria
1988/92	Período com uma ou duas gestões alinhadas com a Convergência Socialista e um outro sem gestão, quando o Conselho de CAs dirige o ME. Datas imprecisas.			
1992/93	Camarão que não nada a onda leva	Leonardo, Tarci, Beto, Denise, Beth	Independentes	Eleição Reitoria 'Fora' Collor
1993/94	Desiderata	Vera	Independentes	Reforma Alojts
1995/96	Jatobá	Luiz Claudio	Independentes	
1996/97	Construção	Olavo	Juventude e Revolução (PT)	Eleição para Reitoria
1997/98	Período sem gestão: dificuldades com as eleições. Conselho de DAs dirige o DCE			
1998/99	Madeira que cupim não róí...	Luiz Claudio	Independentes	
1999/02	Período sem gestão. Conselho de DAs dirige o DCE			Eleição Reitoria
2002-03	Compromisso com um novo tempo	Olavo	Articulação de Esquerda (PT)	Eleição de Lula
2003-04	O tempo não pára	Olavo	Articulação de Esquerda (PT)	Ocupação da Reitoria

Quadro 2: **Reitorias da UFRuralRJ / Governos**

Presidente	Reitorias (reitor / vice-reitor)	Observações
Geisel 1974-78	Fausto Aita Gai Artur Orlando (1971-75)	1974: Regimento do DCE
	Artur Orlando Vicente Graça (1976-80)	1976: Criação do CEGEUR 1977: Eleição para o DCE Livre 1980: Greve de 108 dias
Figueiredo 1979-84	Fausto Aita Gai Adriano Peracchi (1981-84)	1983: 1ª invasão da Reitoria 1984: chapa “Primavera” Campanha “Diretas JÁ”
	Adriano Peracchi Hugo Resende (1985-88)	1988: Ocupação do MEC Eleição direta para a Reitoria
José Sarney 1985-89	Hugo Resende José Antonio (1989-92)	1989: Eleição direta p/ presidente 1992: ‘Fora Collor’ Eleição da chapa MUDE para a Reitoria
Fernando Collor 1990-92	Manlio Silvestre José Carlos (MUDE) (1993-96)	Reforma dos Alojamentos
Itamar Franco 1992-94	José Antonio Laerte Grisi (1997-2000)	1999-2002: período sem DCE e sem representação estudantil nos Órgãos Colegiados
1º Mandato FHC 1994-98	José Antonio Cecita (2001-2004)	2002- reconstrução do DCE 2003- Invasão da reitoria
2º Mandato FHC 1999-2002		

O Movimento Estudantil e a 'Rural': panorama histórico

A presente pesquisa recorreu à memória, enquanto fenômeno social, para reconstruir a história do movimento estudantil da UFRRJ no último quarto de século. No entanto, seu foco não foi a pesquisa histórica ou a análise documental, mas a tentativa concreta de trazer o passado para o presente mediante as lembranças dos atores sociais envolvidos com os fatos narrados. Dessa forma, procurei identificar os significados atribuídos ao movimento estudantil pelos militantes investigados.

Os testemunhos dos estudantes entrevistados, suas trajetórias e representações, são o material utilizado na investigação e a reconstrução dessas memórias o caminho acessível para reelaborar a história das lutas travadas no passado recente do movimento estudantil e da instituição. A investigação focalizou esse movimento social e sua influência no processo de construção das representações, valores, visões de mundo e modos de vida dos estudantes universitários que nele se inseriram, bem como as contribuições dessa participação política em suas trajetórias. A pesquisa recorreu à memória dos ex-militantes estudantis para reconstruir a representação coletiva dos vários grupos que, ocupando a direção do DCE, lideraram o movimento estudantil da Universidade Rural, pois essa “memória social manifesta-se nas memórias individuais”, e dessa forma “ aqueles que se lembram estão sempre trazendo à tona memórias que foram construídas coletivamente” (Santos, 2003, p. 69-70).

Entretanto, antes de efetivamente discorrer sobre as trajetórias dos estudantes entrevistados e suas representações sobre o movimento estudantil da Universidade Rural – o objeto desta investigação – é necessário contextualizar historicamente esse movimento e seu cenário. Esse é o objetivo deste capítulo, que procurou traçar um panorama histórico-descritivo do movimento estudantil no Brasil e na Universidade Rural, bem como da história desta instituição das suas origens até hoje.

Para discorrer sobre o movimento estudantil no país e seu papel na política brasileira, utilizei textos e autores que abordam episódios do M.E.¹ nacional, principalmente sobre a sua atuação na resistência ao regime militar implantado em 1964, sendo muitas delas escritas por ex-estudantes que também se valeram da memória como material de trabalho. Essas obras têm a forma de relato das experiências e acontecimentos vividos pela geração de 60, e dentre essas destacamos as de Gabeira (1980), Sirkis (1980), Diniz (1988) e Gorender (1987). Algumas publicações se caracterizam pelo aspecto documental, registrando, quando da reconstrução da UNE², depoimentos de ex-líderes estudantis, como Santos (1980) e Romagnoli & Gonçalves (1979), o que mais tarde também foi feito por Reis Filho (1988) e Dirceu & Palmeira (1998), em comemoração dos 20 e 30 anos do movimento de 68. Valle (1999) e Ventura (1988) analisam especificamente o ano de 1968. O trabalho organizado por Raposo (1994), também pretendeu fazer uma análise da instauração da ditadura militar, 30 anos depois. Essas publicações abordaram principalmente a resistência à ditadura militar, no movimento estudantil e na luta armada, a repressão e o exílio. O recurso a entrevistas e depoimentos foi um dos meios de reconstrução da história desse movimento, reinterpretando os acontecimentos que marcaram aquela geração e a história do país.

Outras publicações procuraram situar os acontecimentos de 68 no Brasil comparando-os com as revoltas juvenis que irromperam, na mesma época, em outros países, como foi o caso de Garcia e Vieira (1999), Martins Filho (1996), Alves (1993), enquanto outras ainda se dedicaram ao estudo do movimento estudantil localizado, como Abreu (1992), Cardoso (2001) e Gurgel (2002), entre várias. Esses acontecimentos, ainda que referentes a um período anterior ao do objeto da pesquisa tiveram grande significação na sociedade brasileira e no movimento estudantil, em particular. A par das peculiaridades locais, o movimento estudantil de 68 “foi o grande articulador da crise político-cultural” que atingiu a sociedade e o sistema econômico, e atuou como “a expressão da radicalidade da confrontação que protagonizava”, tendo em vista que aquelas rebeliões juvenis disseminaram “uma ideologia antiprodutiva e pós-materialista”,

¹ A abreviação M.E., movimento estudantil, é de uso corrente entre os militantes estudantis.

² União Nacional dos Estudantes, órgão central que dirige as lutas estudantis no plano nacional.

que identificaram “as múltiplas opressões do cotidiano” e legitimaram “a criação de novos sujeitos sociais de base transclassista”, como apontou Boaventura Santos (1991, p.151).

Não posso deixar de mencionar a produção de várias teses e dissertações sobre o tema, desenvolvidas no âmbito dos programas de pós-graduação em Educação, História, Sociologia, Serviço Social entre outros. Dentre essas, destaco algumas que tecem análises mais aprofundadas sobre o movimento estudantil universitário, focalizando períodos, cursos e escolas específicas, como os de Carvalho (1996), Fernandes (1996), Silva (1995), Andrade (1994), Oliveira (1994) e Benevides (1999). A estes trabalhos acadêmicos acresço os que analisaram a UNE e o movimento estudantil nacional, como os de Mesquita (2001), Oliveira (2001) e Pellegrini (1993). Abordando o movimento secundarista, que teve destacada importância nos episódios de 68 e, já na década de 90, no *impeachment* de Collor, ressalto, entre outras, as pesquisas de Nascimento (1990), Pereira (1991), Moraes (1995) e Moreira (2000). Estes trabalhos se ativeram a recortes históricos e geográficos distintos do movimento dos estudantes secundaristas no país.

Outras publicações, de cunho acadêmico, lançaram luzes sobre o período do regime militar, a partir de análises sobre a época, sobre o panorama cultural dos anos 60, sobre as formas de resistência política e cultural nesse período, se referindo também ao movimento estudantil e à Universidade, como as de Martins Filho (1987), Fávero (1995), Hollanda (1981) e Mello (1986). Outras obras que estudaram a história do país nas décadas de 40, 50, 60 e 70, com enfoque acadêmico ou jornalístico, deram destaque ao movimento estudantil da época e sua participação na vida política e cultural, como Gaspari (2003), Germano (2000), Alves (1985), Ianni (1971), apenas para citar algumas, com destaque para os trabalhos de Cunha (1980, 1983) sobre a Universidade brasileira. Essas publicações foram úteis ao entendimento da dimensão social e política do movimento estudantil na educação e sociedade brasileiras.

Merece destaque o livro de Poerner (1995) sobre a história do movimento estudantil, ‘O Poder Jovem’, publicado em 1968, que traçou um panorama deste movimento desde as primeiras notícias da atuação individual de estudantes na

política nacional, ainda no período colonial, sendo um dos primeiros a ser proibido após o AI-5³. Posteriormente, em uma edição ampliada, Poerner analisou o movimento estudantil até a década de 90, descrevendo sua atuação no *impeachment* de Collor. A leitura de Poerner (1995) e dos demais trabalhos citados ajudaram a formatar o panorama histórico acerca do movimento estudantil nacional que ora segue.

Para descrever a história da UFRuralRJ desde seus primórdios – em 2003 foram comemorados 60 anos de Universidade e 93 anos como instituição de ensino superior – recorri basicamente às informações contidas na tese de doutorado⁴ de Otranto (2003) sobre o processo de construção da autonomia da Universidade Rural, no material disponível na *home page* da Universidade⁵ e nos depoimentos dos estudantes entrevistados. Esses relatos foram essenciais para reconstruir a história do movimento estudantil, em seu período mais recente, a saber as duas últimas décadas. O material coletado nas entrevistas realizadas com os ex-militantes constituiu, ainda, a base da história do DCE da Rural, que se segue nesse panorama histórico.

2.1 Das origens ao Golpe de 64

No Brasil, o movimento estudantil teve um percurso de associação e participação nos grandes movimentos sociais. Pode-se falar de movimento estudantil, em um sentido mais amplo, como qualquer movimento empreendido por estudantes em qualquer época da história do país, ou em um sentido mais restrito, ao movimento estudantil organizado como movimento social que no país desenvolveu-se a partir da mobilização pela criação de uma entidade nacional de estudantes, a UNE, no final dos anos 30.

Segundo Mendes Jr (1982), no sentido mais amplo, pode-se falar de duas fases que precedem a organização estudantil enquanto movimento social. A

³ Ato Institucional nº 5, de 13/12/1968.

⁴ A tese de Célia Regina Otranto utilizou fontes documentais primárias, como Atas da Congregação (1923-33) e do Conselho Universitário (1955-85), Estatutos, Regulamentos e Regimentos desde 1912, e outros documentos textuais referentes à memória da instituição. A série de deliberações oficiais posteriormente citadas têm como fonte esta obra.

⁵ UFRRJ. *Nossa História*. Disponível em: < <http://www.ufrj.br> >. Acesso em 12 mar. 2003.

primeira foi a 'fase de atuação individual' de estudantes em movimentos políticos no país, que compreende o período colonial até o Segundo Império, quando estudantes isolados e por iniciativa individual inseriram-se em movimentos nativistas, como a Inconfidência Mineira. Note-se que no período colonial o ensino superior se restringia aos cursos de filosofia e teologia ministrados nos colégios jesuítas, e as 'atuações individuais' eram também de estudantes brasileiros que estudavam na Universidade de Coimbra.

A segunda fase foi a de 'atuação coletiva' que iniciou-se no Segundo Império e se estendeu até a decretação do Estado Novo, quando a atuação estudantil ganhou um caráter coletivo, devido à ampliação do ensino superior no país. Desde o século XIX, com a criação dos cursos superiores de Medicina, Direito e Engenharia, crescia a participação dos estudantes nos movimentos políticos e sociais, alinhando-se geralmente àqueles de cunho progressista, como a luta pela Abolição da escravatura e pela República. É digna de nota que essa atuação estudantil já era alvo da desconfiança do Poder Público que, em 1827, quando da criação dos primeiros cursos jurídicos do país, em São Paulo e Olinda, evitou a Corte, temendo o "perigo da concentração de estudantes no Rio de Janeiro, pela interferência que poderiam exercer sobre o Estado" (Cunha, 1980).

Durante a República Velha (1889-1930) tem-se notícia de associações estudantis anarquistas, comunistas, católicas, de cunho local ou regional. É desse período a criação das primeiras Universidades⁶ no país, que aglutinando um número maior de estudantes favoreceu a organização do movimento estudantil propriamente dito. Em 1932, deve-se destacar a participação significativa dos estudantes paulistas na Revolução Constitucionalista, empunhando armas contra o Governo Vargas.

Em 1937, se reuniu o I Conselho Nacional de Estudantes, marco inicial do movimento estudantil, no seu sentido restrito, e tem início a 'fase da atuação organizada' que se estendeu até 1968, quando começou a breve 'fase de atuação clandestina', que findou quando a repressão violenta que se abateu sobre o país aniquilou o movimento estudantil organizado. Na primeira metade da década de

⁶ As primeiras Universidades do país tiveram curta duração, como a Universidade de Manaus (1909-1926), São Paulo (1911-1917) e Paraná (1912-1915). Em 1920, foi criada a Universidade do Rio de Janeiro (que em 1937, tornou-se a Universidade do Brasil), em 1927, a Universidade de Minas Gerais e em 1928, a Universidade Técnica do Rio Grande do Sul (CUNHA, 1980).

70, o movimento estudantil estava totalmente desarticulado, e apenas no final da década iniciou sua 'fase de reconstrução', quando de 1977 a 1980, se rearticulou em nível local e nacional. Após esse período o movimento retomou sua atuação organizada, porém já sem o impacto na política do país que apresentava anteriormente.

A Universidade brasileira nasceu de uma junção de cursos superiores e faculdades isoladas, base comum das primeiras instituições de nível superior a receberem essa denominação. Apesar de somente haver sido elevada à categoria de Universidade em 1943, a UFRRJ remonta sua origem ao Decreto 8.319 de 20 de outubro de 1910, que estabeleceu 'as bases fundamentais do ensino agropecuário no Brasil', criando a Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária (ESAMV), que teve no engenheiro agrônomo Gustavo D'Utra seu primeiro diretor. A ESAMV já nasceu com uma característica distinta das demais escolas superiores, pois foi vinculada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e não ao Ministério do Interior, responsável, na época, pela instrução pública. A desvinculação da Universidade Rural ao Ministério da Agricultura somente se efetivou em 1967 quando foi transferida para o MEC, mas seu longo passado associada àquele Ministério deixou marcas ainda evidentes na instituição.

Em seus primeiros anos, a Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária enfrentou uma série de dificuldades, com várias transferências de sede⁷, conforme as mudanças no Ministério da Agricultura. No entanto, mesmo assim a instituição cresceu e, em 1925, foi criado um novo curso, Química Industrial. Em 1927, a ESAMV foi transferida para a sede do Ministério da Agricultura⁸, retornando assim ao Distrito Federal, após 11 anos de exílio.

É interessante destacar que a criação da Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária derivou-se da *proposta de modernização de todos os setores agrícolas* pretendida pelo Ministério de Agricultura, considerado na época um eixo alternativo aos interesses da oligarquia cafeeira que detinha o poder no país

⁷ A primeira sede foi o Palácio do Duque de Saxe (hoje ocupado pelo CEFET, no Maracanã), sendo que o Campo de Experimentação e Prática Agrícola, funcionava em Deodoro, Zona Oeste. Em 1916, fundiu-se à Escola Agrícola da Bahia e à Escola Média Teórico-Prática de Pinheiro, e ocupou a sede desta última (hoje Escola Agrotécnica Nilo Peçanha da UFF, em Pinheiral, RJ). Entre 1918 e 1927 a ESAMV funcionou nas instalações do Horto Botânico do Rio de Janeiro, na Alameda São Boaventura, em Niterói.

⁸ Situado na Praia Vermelha (atual *campus* da UFRJ).

(Otranto, 2003, p.34). Devido ao embate entre esse Ministério e os representantes das oligarquias paulistas, a ESAMV, que se situava “na vanguarda no seu tempo e fruto de uma ousada proposta para o Brasil da época” (Ibid., p.38), sofreu uma série de atropelos e mudanças que algumas vezes ameaçaram sua sobrevivência durante a ‘República café-com-leite’⁹.

Com a Revolução de 30¹⁰ alterou-se significativamente o panorama político brasileiro com a queda dos setores mais conservadores das classes dominantes, o que impulsionou a modernização do país. A Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária encontrou condições propícias ao seu crescimento, pois o novo Ministério da Agricultura, já desvinculado da Indústria e Comércio, foi composto com vários profissionais oriundos da ESAMV, o que ampliou o prestígio da instituição. Em 1934, ocorreu a transformação dos cursos da ESAMV em grandes escolas nacionais, a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Medicina Veterinária – elevadas a categoria de ‘estabelecimentos-padrão’ para o ensino agrônômico do país – e a Escola Nacional de Química, incorporada, em 1937, à recém criada Universidade do Brasil. Entretanto, por não atender às exigências legais prescritas pelo Estatuto das Universidades Brasileiras¹¹, a instituição não foi transformada em Universidade.

Nesse ínterim, o Movimento Estudantil se fortalecia como movimento social organizado. Ao 1º Conselho Nacional de Estudantes, de agosto de 1937, se seguiu o 2º Conselho Nacional de Estudantes, que transformado em Congresso, criou a UNE (União Nacional dos Estudantes), em dezembro de 1938. Em 1937, foi decretado o Estado Novo, o regime ditatorial presidido por Getúlio Vargas. Nesse contexto, o nascimento da UNE ocorreu sob a égide do Estado, interessado nos dividendos políticos de “uma associação de todos os estudantes das escolas

⁹ Expressão com que era designado o período republicano que vai de 1894 a 1930, sob o predomínio político das oligarquias paulistas (cafeicultores) e mineiras (pecuaristas). A ESAMV foi criada no governo de Hermes da Fonseca (1910-1914), quando as oligarquias estiveram alijadas do poder central. Quando estas retomaram o poder, a ESAMV foi transferida para fora da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, numa evidente perda de prestígio.

¹⁰ Movimento político, liderado por Getúlio Vargas – apoiado pela juventude militar (os ‘tenentes’), oligarquias dissidentes, camadas médias urbanas e setores das classes trabalhadoras –, que tem como estopim a fraude nas eleições de 1930 e o assassinato de João Pessoa, na Paraíba.

¹¹ O Decreto 19.851, de 1930, exigia que para se constituir Universidade a instituição tivesse pelo menos três dos seguintes cursos: Direito, Engenharia ou Medicina, e Filosofia, Ciências e Letras. Sem oferecer os cursos prescritos a ‘Rural’ não foi elevada à categoria de Universidade.

superiores do país, destinada a defender os seus interesses particulares como estudantes,” como relatou Cunha (1980, p.283).

Nesse período inicial, a UNE contou com “as reservas de boa vontade do presidente Vargas”, que “a despeito do Estado Novo, foi aclamado ‘Presidente de Honra’ do 2º Congresso Nacional de Estudantes que elegeu a primeira diretoria da UNE (Poerner, 1995, p.131,134). O presidente do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Agronomia, Américo Reis, integrou a Primeira (1938-39) e a Segunda Diretoria (1939-40) da UNE, na função de secretário para assuntos nacionais (Ibid., p.134, 141).

De 1938 a 1942, a UNE¹² se dedicou a questões específicas da organização e da luta estudantil¹³, evitando um confronto direto com o regime autoritário em vigor no país. Entre 1942-45, a UNE deslocou, devido à repressão, sua oposição ao regime varguista para o plano internacional, no combate ideológico ao nazifascismo dos países do Eixo¹⁴. Após a entrada do país na 2ª Guerra Mundial, estabeleceu-se uma trégua entre a entidade e o Estado Novo, em prol das campanhas a favor do esforço de Guerra¹⁵. Em 1942, um decreto-lei determinou o fechamento de clubes e agremiações de origem alemã, italiana e japonesa, entre estes o Clube Germânia, no Rio de Janeiro, cuja sede¹⁶ foi ocupada pela UNE, efetivando uma posse já assegurada por despacho presidencial. Em 1945, ao fim da Guerra seguiu-se a deposição de Vargas e a instauração do regime liberal-democrático no país.

¹² O Decreto-Lei 4.105, de 11/02/1942, reconheceu a UNE como entidade coordenadora e representativa dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino superior de todo o país. Esse decreto foi revogado em 1964, pela Lei Suplicy.

¹³ Organização das federações estaduais, relações com entidades estudantis internacionais, protestos contra aumento das taxas escolares e dos transportes coletivos, resistência à censura da imprensa estudantil.

¹⁴ Alemanha, Itália e Japão a que se opõem os Aliados liderados pelos EUA, URSS e Inglaterra.

¹⁵ Campanha Universitária Pró-Bonus de Guerra, Campanha do Livro para o Combatente, Campanha Pró-Voluntárias Laboratoristas, Campanha Pró-aviões e o apoio à Campanha Pró-Banco de Sangue.

¹⁶ Situada na Praia do Flamengo, 132, foi a sede da UNE até 1964, quando foi invadida, saqueada e incendiada. Em 1980, quando a UNE pretendia retomar o prédio, este foi demolido. Em 2004, foi criado o projeto Memória do Movimento Estudantil, que prevê a construção no local do Centro de Memória do Movimento Estudantil, que abrigará o acervo da UNE.

2.1.1 A criação da Universidade Rural

Em 1943¹⁷, ainda no Estado Novo, foi criada a Universidade Rural (UR) abrangendo a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Medicina Veterinária, Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização, Cursos de Extensão, Serviço Escolar e Serviço de Desportos e, já no ano seguinte, foi instalado o Conselho Universitário, instância máxima da Universidade, presidido pelo Reitor. Como assinalou Otranto (2003, p.44), a Universidade Rural se diferenciava das demais universidades brasileiras, pois continuava vinculada ao Ministério da Agricultura, – subordinada ao Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas (CNEPA) – e não ao Ministério de Educação e Saúde. Essa peculiaridade, apesar de a favorecer financeiramente durante as décadas de 40 e 50, lhe traria sérias dificuldades de ordem administrativa e econômica, em meados dos anos 60.

Em 1948, com a presença do então Presidente da República, Eurico Dutra, foi inaugurado o *campus*¹⁸ da Universidade Rural, construído especificamente para abrigá-la, no distrito de Seropédica, município de Itaguaí. Com a mudança para o *campus* foi instituído o regime de internato que obrigou os estudantes da Universidade, todos do sexo masculino, a residirem nos Alojamentos, com capacidade para pouco mais de 1000 alunos, e que também dispunha de acomodações para os professores¹⁹ pernovernarem. Posteriormente foi construída uma vila residencial, no bairro Ecologia, dentro do *campus*, para que professores e funcionários, acompanhados de suas famílias, residissem na Universidade.

Apesar de ser a instituição mais importante dentro do Ministério da Agricultura, a subordinação da Universidade Rural ao CNEPA oferecia uma série de entraves burocráticos, que emperravam a autonomia universitária. Durante toda a década de 50, ampliou-se o movimento em prol da autonomia da Rural,

¹⁷ Decreto-Lei 6.155, de 30 de dezembro de 1943.

¹⁸ Localizado no Km 47 da Antiga Estrada Rio-São Paulo, atual Km 7 da BR 465, no município de Seropédica, que emancipou-se de Itaguaí, em 1996.

¹⁹ Os alojamentos possuem apartamentos com dois quartos (para 4 alunos cada) separados por uma saleta destinada ao estudo (geralmente, transformada em copa-cozinha), com banheiros coletivos nos corredores. Os quartos dos professores (1 para cada andar), com banheiro privativo, hoje são ocupados por dois alunos, geralmente veteranos, e denominados 'quartos de cabeceira'.

entendida como a desvinculação do CNEPA, encampado pelo movimento estudantil, que se fortalecia juntamente com o movimento estudantil nacional.

A UNE, em 1945, já representava uma força política crescente, abandonando qualquer resquício apolítico da entidade²⁰. Sua atuação se ampliou com a participação em campanhas políticas de cunho nacionalista, como “O petróleo é nosso”, que marcaram o período de 1947 a 1950, quando a entidade foi dirigida por estudantes ligados ao Partido Socialista Brasileiro. Em 1948, a sede da UNE foi invadida pela primeira vez pelo esquema policial do Governo Dutra (1946-50), em repressão aos protestos pelo aumento da passagem dos bondes. No período de 1951 a 1956 a entidade foi dirigida por um grupo de estudantes conservadores, a chamada ‘era Paulo Egídio’²¹, que promoveu a infiltração norte-americana²² no movimento estudantil do país (Poerner, 1995, p.169-172).

Em 1956, a UNE voltou a ser dirigida por estudantes ligados a correntes progressistas, hegemonizados pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), retomando a defesa do nacionalismo com campanhas anti-truste e iniciando um amplo movimento de politização estudantil. Nesse mesmo ano, numa campanha que uniu estudantes e trabalhadores contra o aumento da passagem dos bondes, foi criada a União Operária-Estudantil contra a Carestia, que decretou uma greve que ameaçou a estabilidade do Governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). A capital foi ocupada por tropas militares e a sede da UNE cercada, mas JK negociou com as lideranças estudantis e reduziu as tarifas pondo fim à greve. A notória habilidade política de JK substituiu a repressão pelo diálogo com os estudantes.

Ainda em 1956, ocorreu uma importante greve estudantil na Universidade Rural que colocou em cheque a já precária autonomia universitária. Os alunos da

²⁰ Em 1938, quando da criação da UNE, foi aprovada uma proposta que proibia, “expressamente, a discussão de temas políticos” (Poerner, 1995, p.128), já abandonada a partir do ano seguinte.

²¹ Paulo Egídio foi presidente da UNE de 1949-1950, e o primeiro expoente direitista no movimento estudantil brasileiro. Posteriormente foi ministro do Governo de Castelo Branco e governador do Estado de São Paulo.

²² Por solicitação de Paulo Egídio, o Departamento de Estado dos EUA enviou a estudante Helen Rogers, em 1951, para assessorar a direção da entidade. Em 1956, houve outra tentativa de infiltração ideológica norte-americana, com a vinda da estudante Gloria May, que fracassou com a rejeição da direção da UNE ao ‘intercâmbio de experiências culturais e estudantis’ proposto a par da propaganda anti-comunista.

Escola Nacional de Agronomia entraram em greve contra a severa punição²³ de colegas que haviam “discordado publicamente dos procedimentos didáticos” de um professor e se recusado a “fazer a prova parcial daquela disciplina”, segundo pesquisa de Otranto (Op. cit., p.48). O Conselho Universitário negou a solicitação do Diretório Acadêmico de amenizar a punição e evitar a reprovação dos estudantes, o que provocou nova greve, e dado o impasse ocorreu uma intervenção²⁴ do Ministro da Agricultura que afastou o reitor. Essa medida feriu os brios de professores e alunos, provocando “uma enorme reação da comunidade acadêmica contra o CNEPA e sua intervenção nos assuntos internos,” paralisando totalmente a Universidade, segundo a autora. O movimento pela autonomia universitária, exigiu sua desvinculação desse órgão, o que veio a ocorrer em 1º de agosto de 1960, com o Decreto-Lei nº 48.644, que também mudou sua denominação para Universidade Rural do Rio de Janeiro. Esse mesmo decreto, quando trata da composição do Conselho Universitário, garantia o assento de “um representante do corpo discente de cada Escola Superior e dos cursos regulares de especialização” (Ibid., p.53).

O governo JK, prometendo avançar ‘50 anos em 5’, impôs ao país, na segunda metade da década de 50, um acelerado processo de industrialização, mas a par da euforia desenvolvimentista aumentou a crise e a inflação que produziram uma conjuntura explosiva para o governo de Jânio Quadros. No início dos anos 60, o país atravessava um período de intensa agitação política, com a renúncia do presidente Jânio, apenas 9 meses após a posse. O vice-presidente João Goulart assumiu o governo em meio a grave crise política, solucionada temporariamente com a instauração do parlamentarismo. O Governo de Goulart, herdeiro do trabalhismo varguista, transcorreu sob intensa e crescente agitação política em prol das Reformas de Base, dentre as quais a Reforma Agrária e a Reforma Universitária. A atuação destacada da UNE e seu crescente prestígio político tornou-a um importante interlocutor dos governos JK e João Goulart. A UNE

²³ Os estudantes, suspensos por 2 semanas, estariam conseqüentemente reprovados, pois impedidos de realizar as provas finais. A punição seria ainda registrada no Histórico Escolar e comprometia seu futuro profissional.

²⁴ A Portaria Ministerial nº 909, de 02/09/1957, afastou o reitor Hilton Salles (homenageado, em 2003, quando um auditório recebeu seu nome), nomeando interinamente Arquimedes Câmara.

radicalizava suas propostas de transformação social e intervinha diretamente no jogo político (Fausto, 1996, p.445).

A partir de 1961, houve uma “considerável expansão do grupo católico no movimento estudantil e o crescente predomínio da AP²⁵”, - que conjugava marxismo e cristianismo e assumiu um caráter eminentemente ativista e revolucionário – imprimiu certa ‘homogeneidade’ ao movimento e “uma maior naturalidade diante da militância política”, como analisa Fávero (1995:30-31). Pertenceram à AP, um dos grupos detentores da hegemonia do movimento estudantil por quase toda a década de 60, os presidentes Aldo Arantes (1961-62), Vinicius Caldeira Brandt (1962-63) e José Serra (1963-64). O desempenho dos católicos no movimento estudantil era fruto do compromisso da parcela progressista da Igreja que buscava “marcar uma posição ideológica coerente, no plano social,” com os princípios cristãos confirmados pelo Concílio Vaticano II, e assim “tomar posição diante dos problemas nacionais e internacionais” (Souza, 1979, p.112).

O Brasil entrava “numa fase de forte ebulição social” e a UNE aprofundava sua visão crítica sobre a sociedade brasileira denunciando as desigualdades e combatendo as estruturas conservadoras, bem como questionando a universidade “caracterizada como instrumento das classes interessadas na manutenção da ordem social vigente” (Poerner, op. cit., p.177). A UNE já era uma entidade com forte engajamento político e social em prol da transformação do país e da Universidade e da superação das desigualdades regionais, econômicas e educacionais. Essa conscientização em relação à realidade sócio-econômica do país impeliu a UNE²⁶ à uma participação ativa em várias ações governamentais, como as Campanhas Sanitárias de Erradicação de Doenças no campo e a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigida por Paulo Freire.

²⁵ AP era uma organização de origem católica em trânsito para o marxismo, que surgiu de uma dissensão, à esquerda, entre as lideranças da JUC (Juventude Universitária Católica) e a hierarquia religiosa.

²⁶ A UNE refletia o pensamento político e cultural da esquerda da época, engajando-se em todas as questões políticas de relevância. Uma charge mostrava o *premier* da URSS ao telefone dizendo: ‘Presidente da República, não. Quero falar com o presidente da UNE’. (O Cruzeiro, 25/08/1962)

também era forte a mobilização cultural através do CPC²⁷. A UNE, aliada a partidos, sindicatos e organizações progressistas, agitava política e culturalmente o país em atividades que visavam a conscientização do estudantado brasileiro e da população acerca da realidade nacional.

Após a edição da LDB²⁸, em 1961, a UNE empreendeu uma campanha nacional pela Reforma Universitária, que tornou-se a principal bandeira dos estudantes no campo acadêmico. A Reforma Universitária era vista como uma tentativa de modificar o caráter elitista e conservador da Universidade Brasileira e mobilizou os estudantes em nível nacional. A UNE promoveu os Seminários Nacionais de Reforma Universitária que forneceram as bases que orientaram a luta estudantil até 1964. O 1º Seminário Nacional de Reforma Universitária, em 1960, ocorreu em Salvador, o 2º, em Curitiba, em 1962 e o 3º Seminário, em 1963, em Belo Horizonte. No bojo dessa campanha estava a luta pela democratização interna das universidades, que culminou na 'greve do 1/3'. (Ibid., p.175-184)

2.1.2 A criação do DCE da Universidade Rural do Brasil

Em junho de 1962, quando da aprovação no CONSU do novo estatuto da Universidade, para atender à LDB (Lei 4024/61), este agrega o presidente do **Diretório Central dos Estudantes da Universidade Rural** ao Conselho Universitário, além de 1 representante do corpo discente da cada unidade universitária (Otranto, op. cit., p.56). Em 11 de fevereiro de 1963 foi criado oficialmente o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Rural (DCE). A efervescência estudantil, visível em todo o país, chegou à Rural que, no final de 1963, sediou uma Reunião Nacional da UNE para discutir a Reforma Universitária. O Reitor Ydérzio Luiz Vianna autorizou a realização do evento, mesmo contrariando parte do Conselho Universitário, que temia que os estudantes

²⁷ O CPC – Centro Popular de Cultura - pretendia ser uma empresa da cultura popular nacional, e através da UNE-Volante se irradiava pelo país. Deixou marcas de renovação no cinema, teatro, literatura e música. Carlos Lyra e Oduvaldo Vianna Filho eram as principais lideranças do CPC.

²⁸ Lei nº 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1961. O debate sobre a LDBEN, que se estendeu por 13 anos polarizou a sociedade brasileira, opondo conservadores e progressistas, católicos e liberais, em ampla campanha de divulgação.

ao invés de discutirem “assuntos relacionados ao ensino”, discutissem o “estado político-social do país” (Ibid., p. 59).

Ainda em 1963, a instituição recebe uma nova denominação, Universidade Federal Rural do Brasil, que já congregava a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, a Escola de Engenharia Florestal, a Escola de Educação Técnica²⁹, a Escola de Educação Familiar e o Colégio Técnico Agrícola³⁰. Foi ainda neste ano, que a Universidade Rural recebeu as primeiras alunas do curso de Educação Familiar³¹, cuja criação gerou intensa polêmica, devido ao forte preconceito em relação à presença feminina no *campus*, principalmente nos Conselhos Superiores (Ibid., p.55).

Neste mesmo ano, a Universidade Rural iniciou a realização de vestibulares em vários estados do Brasil, o que se tornou uma de suas marcas. As vagas foram ampliadas até o limite da capacidade de assistência ao estudante, pois na época era assegurado aos estudantes alojamento, ensino e assistência médica-odontológica gratuita e refeições a preços reduzidos, além de auxílios em dinheiro para os alunos mais pobres³².

No Brasil, a luta político-ideológica atingia o auge e a nação vivia um dos períodos mais agitados social e politicamente. João Goulart, que em janeiro de 1963 recebeu 10 milhões de votos favoráveis ao retorno do presidencialismo, em 1964 via seu governo entrar em colapso, efeito da crise do populismo que marcou a última década. O governo de Jango encontrava-se envolto em intensa crise política, desestabilizado entre a oposição veemente das forças conservadoras e as crescentes reivindicações sindicais que utilizavam cada vez mais a greve como pressão. A propaganda conservadora minou as bases de sustentação do Governo e mobilizou a população, principalmente as camadas médias ‘contra o perigo do comunismo’, aumentando o temor da ‘esquerdização’ do país, representada pela

²⁹ A Escola de Educação Técnica ofereceu, a partir de 1963, o curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas (LiCA), primeiro curso de licenciatura do país voltado para a formação de professores para o ensino agrícola.

³⁰ Antiga Escola Agrotécnica Ildefonso Simões Lopes, criada em 1961, que oferecia dois cursos técnicos de nível médio: o Agrícola e o de Economia Doméstica. Atualmente denomina-se CTUR, Colégio Técnico da Universidade Rural, e oferece os cursos de Ensino Médio Regular e o Médio Técnico Agropecuário.

³¹ Atual curso de Economia Doméstica. Para receber as alunas em regime de internato foram construídos mais dois blocos de Alojamentos. Hoje, o número de homens e mulheres na Rural está praticamente equilibrado, mas os alojamentos masculinos ainda são em número maior, mesmo com a inauguração em 2003 de mais um bloco destinado às alunas.

³² Ata do Conselho Universitário, de 16/06/1962, citada por Otranto (Op.cit., p.56-57).

reforma agrária e pela quebra da hierarquia militar. A crise política chegou ao auge e se encaminhava para um desfecho de radicalização. Em surdina as Forças Armadas tramavam um Golpe de Estado, apoiados pelo capital financeiro e pelos partidos conservadores, e contando com a simpatia de uma ampla parcela da classe média.

Em março de 1964, o clima de tensão aumentou, com o comício da Central do Brasil³³, quando o presidente indicou que não recuaria no propósito de implementar as Reformas de Base. Como reação a esta demonstração de força e mobilização popular em apoio ao Governo Goulart, os setores conservadores organizaram uma manifestação de repúdio ainda mais impressionante: no dia 19, cerca de 500 mil pessoas tomaram as ruas de São Paulo na Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Começava a se mobilizar a 'frente anti-Jango'. Situação e oposição mediam forças, a esquerda entusiasmada acreditou que podia avançar no caminho das reformas ou da revolução e os conservadores convenceram-se da urgência de derrubar o Governo. Em 26 de março, o levante do marinheiros colocou em xeque a hierarquia militar, aumentando a tensão e os rumores de um golpe militar. Em 31 de março tropas mineiras e paulistas marcharam para o Rio de Janeiro, começou a 'Revolução' de 1964, que instaurou o regime autoritário que duraria 21 anos.

2.2

Os 'anos de chumbo': a 'Rural' e o M.E. durante a Ditadura

Com o golpe militar que, em 1º de abril de 1964, derrubou o governo de João Goulart, a sede da UNE foi invadida, saqueada e incendiada, numa demonstração do temor que a entidade inspirava ao novo regime político. Jango se exilou no Uruguai, em 4 de abril, recusando-se a chefiar a resistência organizada no Rio Grande do Sul, para evitar, como alegou, 'derramamento de sangue'. No resto do país os golpistas tinham o controle da situação e as Forças Armadas neutralizaram as tentativas de mobilização dos trabalhadores. A organização

³³ Realizado em 13 de março, no Rio de Janeiro, teve a presença de cerca de 250 mil pessoas. A grande mobilização popular, promovida pelos sindicatos, visava pressionar o Congresso a aprovar as propostas reformistas do Governo, como a reforma agrária, eleitoral, urbana, administrativa, bancária e universitária

sindical, urbana e rural, foi imediatamente desmantelada. Os líderes da esquerda e os dirigentes sindicais, ligados ao governo deposto, foram presos. Para evitar a prisão, muitos intelectuais e políticos procuraram o exílio, entre eles José Serra, presidente da UNE, que pediu asilo na embaixada do Chile³⁴.

Em 9 de abril foi editado o AI-1, que puniu com a cassação de direitos políticos, demissão, aposentadoria ou prisão, políticos, funcionários civis e militares, empresários, sindicalistas, magistrados e intelectuais de renome. Em 11 de abril foi eleito presidente, por um Congresso já expurgado, o general Castelo Branco (1964-67). O regime militar se instaurou prometendo restaurar a ordem social, combater a corrupção e retomar o crescimento econômico através do incentivo ao capitalismo privado.

Os alunos da Escola de Agronomia da Rural entraram em greve em 1º de abril, e a Universidade Rural ocupou as páginas dos jornais³⁵, que aludiam a uma hipotética reação armada dos estudantes, insuflados pelo reitor, e à apreensão de “grande quantidade de material subversivo e algumas metralhadoras”. Estas notícias foram desmentidas pelo próprio Reitor Ydézio Vianna, na primeira reunião do Conselho Universitário após o Golpe Militar, em 6/04/1964, quando denunciou que a Universidade fora minuciosamente revistada por oficiais do Exército (Otranto, 2003, p.60). O Exército ainda exigia que as reuniões do Conselho Universitário fossem gravadas, mas este, dividido entre o medo e a indignação, solicitou que o reitor “facilitasse o trabalho do Exército” dentro da Universidade. (Ibid., p.60-61)

Otranto (Loc.cit.) relata ainda que o Livro de Atas do Conselho Universitário de 1964 foi encerrado com a referida reunião, e que o de 1965 limitou-se a registrar somente datas e presenças, quando muito a pauta dos temas a serem discutidos, alegando falta de tempo para a lavratura das atas. Já era o reflexo do clima de medo e tensão que se instaurara no país e na Universidade. Os relatos das atas passaram a ser econômicos, sendo escassas as informações sobre

³⁴ A UNE permaneceu acéfala até junho de 1964 - os membros da diretoria, com mandato até julho, estavam no exílio, na prisão ou desaparecidos -, quando os representantes de 12 UEEs, reunidos em um Conselho Nacional de Estudantes, no Calabouço, elegeram uma Junta Governativa para dirigir a entidade. Em janeiro de 1965, outro Conselho Nacional de Estudantes, elegeu um presidente provisório (Alberto Abissâmara), até a realização do 27º Congresso da UNE.

³⁵ O Dia e O Globo, de 5/04/64 publicaram notícias aludindo a armas e material subversivo apreendido na Universidade e implicando o reitor Ydézio Vianna (Cf. Otranto, 2003, p.60).

as discussões, e mesmo quando os comentários dos conselheiros voltaram a ser transcritos, as atas eram constantemente reescritas para 'corrigir' o tom dos discursos, amenizando-os. No ano de 1972, o Livro de Atas apresentou oito versões diferentes para apenas uma reunião, e outras com sete versões, sendo este um procedimento corriqueiro, dado o temor e insegurança dos Conselheiros frente à forte repressão que se abatera sobre a Universidade, que se tornava mais ameaçadora pela atitude subserviente e colaboracionista das Reitorias no período (Ibid., p.90).

Os anos de 1964 e 1965 foram anos difíceis para as Universidades e para o movimento estudantil, como ressalta Fávero (1995, p.60). Nos primeiros anos do regime militar, as Universidades tornaram-se os únicos espaços que restaram de oposição visível e organizada, apesar da repressão policial-militar que adentrou seus muros, punindo com demissões e expulsões, cassações e prisões, professores e estudantes. Cabe um destaque a violenta repressão sobre a Universidade de Brasília, a mais atingida pelo novo regime, pois criada em 1960 e em funcionamento desde 1962, representava o projeto educacional do governo deposto, um novo paradigma para o ensino superior do país. Em 1964, a UnB sofreu a invasão por tropas do Exército e da PM, a demissão do reitor, vice-reitor e conselho, a nomeação de um interventor e a expulsão de professores e estudantes (Gurgel, 2002). As invasões, expulsões e prisões continuaram nos anos subsequentes, não só na UnB, mas também em outras universidades do país.

Entretanto, o movimento estudantil tomou para si o papel de grande opositor do regime militar e a UNE - inicialmente proibida e extinta pelo Congresso Nacional, em outubro de 1964 - passou a atuar na ilegalidade. Com a edição da Lei 4.464 de 9/11/64, de autoria do então Ministro da Educação, Suplicy de Lacerda, a representação estudantil ficou restrita aos Diretórios Acadêmicos (DA) por curso ou faculdade, sendo criadas entidades centrais oficiais por Universidade e estado. Essa lei, conhecida pelo nome do autor, acabou sendo "o motivo de luta que propiciou o início da reorganização dos estudantes" (Santos, 1980, p.32), que resistiram criando DAs-livres e boicotando as eleições oficiais, conforme decisão do 27º Congresso da UNE, realizado, em julho de 1965, em São Paulo. Com a presença de 313 delegados, esse foi o primeiro

congresso após o Golpe militar, quando a UNE elegeu, finalmente, sua diretoria³⁶ e traçou as diretrizes do movimento estudantil, decidindo o boicote à Lei Suplicy. Este congresso e os seguintes foram realizados clandestinamente.

Passado o primeiro impacto da repressão, a oposição ao regime se rearticulou. O clima de protesto marcou 1966, quando o movimento estudantil retomou sua força mobilizadora organizando greves e passeatas que reivindicavam a restituição das liberdades democráticas e denunciavam a intervenção norte-americana na educação, mediante os acordos MEC-USAID, e em outros setores da vida nacional. Em julho de 1966, em Belo Horizonte, a UNE realizou o 28º Congresso³⁷, que congregou 300 delegados, e conclamou os estudantes à luta contra as anuidades. A intensa mobilização estudantil reanimou a oposição³⁸ irritando o Governo que intensificou a repressão policial contra os estudantes, como no episódio do 'massacre da Praia Vermelha'. O Dia Nacional de Luta contra a Ditadura, em 22 de setembro de 1966, mobilizou mais de 50 mil estudantes em todo o país. No Rio de Janeiro, 600 estudantes que se abrigaram, após uma passeata, na Faculdade de Medicina da UFRJ, foram encurralados e espancados por tropas policiais que invadiram o prédio na Praia Vermelha.

Em 1967, a Ditadura se consolidou institucionalmente com a aprovação em janeiro da nova Constituição, que incorporou a legislação que ampliou os poderes do Executivo, principalmente quanto à segurança nacional (Fausto, 1996). Em uma de suas últimas medidas, o Decreto-lei 228 de 28/02/1967, Castelo Branco extinguiu todos os órgãos estudantis de âmbito estadual e nacional, inclusive os criados pela Lei Suplicy, como o Diretório Estadual de Estudantes (DEE). O Decreto 228 instituiu ainda a punição de reitores que não reprimissem atos de indisciplina ou 'subversão' dos estudantes: um 'alerta' a reitores mais brandos e um 'estímulo' aos mais autoritários.

Em atendimento ao decreto, a Reitoria da Universidade Rural solicitou a entrega das chaves das salas ocupadas pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Agronomia (DAENA) e pelo Diretório Central dos Estudantes de

³⁶ Antônio Xavier, Altino Dantas Jr. e José Fidélis Sarno foram presidentes na gestão (1965-66).

³⁷ Elegeu José Luís Moreira Guedes, presidente da UNE para a gestão 1966-67.

³⁸ Em 1967, Goulart, Lacerda e JK se uniram em uma Frente Ampla, centrada na redemocratização do País. Carlos Lacerda foi um dos mentores do Golpe de 64, e representava a classe média que apoiara o Golpe militar, mas já arrependida passava a engrossar o bloco de oposição ao regime.

Agronomia do Brasil (DCEAB), esta uma entidade nacional sediada na Universidade Rural.

Em março de 1967, tomou posse o novo Presidente da República³⁹, o general Costa e Silva, alinhado com os setores mais duros do regime militar. Ainda em 1967⁴⁰ veio a definitiva alteração do nome para Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), agora já vinculada ao MEC. Nesse mesmo ano foi aprovado internamente o novo estatuto da Universidade, que encaminhado ao Conselho Federal de Educação, “precisou esperar a homologação” da Reforma Universitária (Lei nº 5540/68) “para a sua aprovação, tendo, inclusive, que ser adaptado à nova lei, o que atrasou muito as mudanças na Instituição” (Otranto, op.cit., p.66).

Nesse mesmo ano, a falta de verbas – causada pela redução de 50% dos recursos⁴¹ - fez com que o Conselho Universitário da Rural sugerisse a redução de 500 para 185 vagas no próximo vestibular. Essa medida provocou um novo protesto dos estudantes, que encaminharam, em comissão, um ‘Memorial ao Ministro da Educação’, onde reivindicavam a liberação de verbas para 1968 e denunciavam a proposta de redução do número de vagas. Devido à mobilização dos estudantes, que entraram em greve, o MEC efetivou a abertura de crédito para a UFRRJ, sendo que, no entanto, a Administração Superior temia que as “previsíveis manifestações” estudantis, dada a conjuntura do momento, provocassem “futuras e prováveis medidas restritivas” do regime (Ibid., p.67).

A ‘efervescência’ da Universidade Rural nesse período foi destacada por Vladimir Palmeira, que afirmou que esta “sempre teve uma força muito grande na rua”, sendo que em 1967, “somente a Rural e o Calabouço mantiveram o movimento ativo”, no Rio de Janeiro, pois nas demais faculdades “o ano foi de reorganização” (Dirceu & Palmeira, 1998, p.72). O 29º Congresso Nacional dos

³⁹ O regime militar implantado em 1964 não era uma ditadura pessoal, dada a sucessão presidencial entre os chefes militares, indicados pelo Alto Comando da Forças Armadas. Essa decisão era ratificada pelo Congresso Nacional que ‘elegia’ o Presidente da República.

⁴⁰ Segundo Otranto (2003:65) foi o Decreto nº 60.731, de 19/5/1967, que estabeleceu a denominação de UFRRJ, e não a Lei 4.759, de 1965, como alguns documentos fazem crer.

⁴¹ Consequência da transferência para o MEC, pois deixou de ser a principal estrela do Ministério da Agricultura, e se tornou uma das menores, entre dezenas de Universidades, disputando verbas e financiamentos do MEC e com o demérito de ser ‘rural’, que dificultou a adequação à Reforma Universitária, de 1968, a colocou em desvantagem em relação as demais Universidades.

Estudantes, realizado em agosto de 1967, em São Paulo, teve a presença de 400 delegados e elegeu Luís Travassos como presidente da UNE (1967-68).

2.2.1 1968: o ano da 'rebelião juvenil'

Após o descenso do movimento estudantil, que se seguiu às manifestações de 1966, este retomou sua capacidade de mobilização, quando, no país e no mundo, em 1968, explode a rebelião juvenil. A morte do estudante Edson Luís⁴², no Calabouço, acendeu novamente o estopim da revolta estudantil em 1968 no Brasil (Ventura, 1988).

O ano de 1968 foi marcado no mundo todo por rebeliões estudantis que colocaram em cheque a ordem constituída, e tornou-se um ícone do movimento estudantil brasileiro e mundial. Como descreveu Franklin Martins, militante estudantil da época, 68 foi a expressão da agitação comportamental e da efervescência cultural que atravessava a sociedade e desaguou no movimento estudantil:

Vivia-se um tempo de mudanças, no qual tudo era possível – ou pelo menos, tudo parecia possível. As saias subiam, os cabelos cresciam, a pílula se popularizava, os padrões sexuais se transformavam, os modelos tradicionais de casamento e educação familiar entravam em crise. As artes e a literatura buscavam novos caminhos, e os intelectuais e artistas descobriam que o mundo era muito maior e mais surpreendente do que eles imaginavam – e muito mais cheio de esperança (Gurgel, 2002, p.18).

A união entre a ação política e a revolução dos valores da sociedade refletiu o impulso de renovação e o processo de mudanças muito mais amplo e profundo que se desenvolvia no mundo. No Brasil, o aumento da repressão produziu um cenário explosivo, o movimento estudantil se radicalizou e os protestos de rua assemelhavam-se a batalhas campais. O clima emocional criado no país com o assassinato de Edson Luís propiciou a adesão das camadas médias urbanas que participam em massa das manifestações de protesto contra a Ditadura. 'Neste luto, começou a luta', era o *slogan* do enterro do estudante morto, acompanhado por cinquenta mil pessoas, e que marca o início das mega-

⁴² Estudante secundarista assassinado em 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro, durante uma passeata em defesa do restaurante Calabouço, da UMES, União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas. Desde 1966 o restaurante era ameaçado de extinção ou transferência, sendo demolido em 68.

paradas⁴³, promovidas pelos estudantes e que colocaram em cheque o regime militar.

Os estudantes ainda eram o setor popular mais organizado e que detinham maior poder de mobilização. No entanto, a demonstração de força e organização dos estudantes fez com que o governo intensificasse o cerco ao movimento estudantil, disposto a aniquilá-lo. Em outubro de 1968, os 920 estudantes que participavam do 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo, foram presos, dentre os quais os quatro principais líderes estudantis do país: Luís Travassos, José Dirceu, Vladimir Palmeira e Jean-Marc Von Der Weid.

Um episódio, relatado por Otranto (2003, p.74-76), dá conta do intenso clima de tensão que imperava na Rural, em 68, alimentado por ações dos órgãos de repressão e boatos de invasão do *campus* provocando o temor de “tomada e depredação das instalações da universidade e até massacre dos alunos por tropas militares”. Uma ‘missão de observação’ em busca de indícios de ‘infiltração alheia ao meio estudantil’, provoca um incidente que poderia ter trazido consequências desastrosas, caso a “campanha para tranquilizar os estudantes” tivesse sido bem sucedida. O incidente terminou com o Reitor vindo a público declarar que eram “falsas as notícias sobre a apreensão de armas e explosivos *no campus*”, como fora “amplamente divulgado na imprensa escrita, falada e televisada”⁴⁴. A inquietude e o temor que concretamente se disseminava na Rural era decorrência da repressão instaurada pelo regime, pois as armas, duas metralhadoras, pertenciam aos militares e foram apreendidas e entregues à administração da Universidade pelos próprios estudantes.

Esses incidentes hoje fazem parte do folclore acerca do movimento estudantil nos ‘tempos da ditadura’, como relataram dois entrevistados:

Ouvíamos muita história sobre o período de 68 e 70. Falavam que 'aqui, teve invasão das tropas do exército, que tinha arma escondida no alojamento'. Nunca tivemos a oportunidade de encontrar algum estudante dessa época que pudesse nos esclarecer sobre o que era folclore e o que foi real. (Elder)

A Rural, nos velhos tempos, era um grande centro de resistência à ditadura militar. A história que a gente ouvia era de que a Rural teve uma repressão maior,

⁴³ Várias passeatas ocorrem nas principais cidades brasileiras, sendo as mais importantes as de 26 de junho e 4 de julho, no Rio de Janeiro, que contam com mais de 100 mil participantes.

⁴⁴ Jornais *Ultima Hora*, *O Globo* e *O Jornal*, de 6/04/1968 (Cf. Otranto, 2003, p.74).

uma intervenção diferente das outras universidades: chegou a ser ocupada por gerais. (João)

Até novembro de 1968, o DCE continuou suas atividades à frente do movimento estudantil na Rural, quando foi extinto pela Reitoria, em obediência ao Decreto 228, sob o pretexto de haver decidido a 'ausência coletiva' às aulas. A falta coletiva constituía falta grave e digna das sanções pertinentes, inclusive a de jubramento, 'punição exemplar' aplicada aos líderes do movimento estudantil e o estratagema para, segundo a concepção vigente na administração superior, se evitar a contaminação dos demais estudantes com idéias subversivas. Otranto (Op. cit., p.76) relata esse fato e a ocorrência no mesmo período de uma greve de estudantes da Veterinária, provocada "por desavenças pedagógicas com alguns professores", sendo que um inquérito instituído pelo Conselho Universitário "para apurar as causas do movimento grevista", fez com que 10 estudantes tivessem suas matrículas recusadas no ano seguinte, uma 'expulsão branca', já de acordo com o Decreto-lei 477⁴⁵.

Ainda em 1968, merece destaque a edição da Lei nº 5.465, popularmente conhecida como a 'Lei do Boi', que dispunha sobre a reserva de 50% das vagas dos cursos de Veterinária e Agronomia para "candidatos agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam com sua família na zona rural", e 30% aos candidatos que residissem em cidades que não possuíssem estabelecimentos de nível médio, privilégio extensivo aos egressos de escolas agrícolas, desde que, obviamente, aprovados no concurso vestibular. A 'Lei do Boi' instaurou um 'sistema de cotas' e foi aplicada pela primeira vez no Vestibular 69 vigorando até o final do regime militar, o que ajudou a marcar a UFRRJ como um rincão 'rural'. Note-se que, por força dessa lei, as Universidades que ofereciam cursos na área agrária, eram obrigadas a receber alunos com notas abaixo da média dos demais candidatos, e no caso da Rural nos seus cursos mais procurados e prestigiosos, a Agronomia e a Veterinária. Hoje, essa discussão voltou ao cenário acadêmico do país com a polêmica sobre a instauração de ações

⁴⁵ Decreto-lei 477, de 26 de fevereiro de 1969, instituiu punições, no âmbito administrativo e sem recurso judicial, como demissões e expulsões, a professores, alunos e funcionários que colaborassem em greves ou portassem material considerado subversivo.

afirmativas como as 'cotas' destinadas a afro-descendentes e estudantes da escola pública nos vestibulares de algumas universidades públicas.

Em 13 de dezembro o Congresso Nacional foi fechado e editado o Ato Institucional nº 5: o regime endurecia e a repressão extinguiu a última resistência institucional à Ditadura. Nesse momento, encerrou-se a fase do 'movimento estudantil organizado' e iniciou-se um período de radicalização política e clandestinidade. Com a decretação do AI-5 iniciou-se o período mais repressivo da ditadura militar. O AI-5 terminou com quaisquer ilusões que ainda houvessem, na época, de liberalização do regime militar. Dentre as principais medidas repressivas impostas pelo AI-5⁴⁶ destaco o fim de garantias à estabilidade, inamovibilidade e vitaliciedade de funcionários públicos, que atingiu duramente a Universidade brasileira, pois permitiu uma série de sanções a professores e funcionários, como demissões, transferências e aposentadorias.

Antes da edição do AI-5, já havia, dentro da Rural, uma vigilância constante da comunidade universitária. A Rural era "vigiada internamente de forma sistemática", tanto pela DSI⁴⁷ do MEC, quanto pelo Centro de Informação do Exército⁴⁸, conforme consulta de Otranto (Op. cit., p.67-68, 72-75) a uma série de documentos confidenciais. A vigilância ocorria com a anuência da reitoria, que inclusive solicitava e fornecia informações, em relatórios confidenciais, sobre professores, funcionários e estudantes. Sempre colocados sob suspeita de subversão, estudantes, professores e funcionários eram vigiados e perseguidos, vários foram afastados e expulsos da Universidade, pois a demissão e o jubramento mais do que ameaças eram possibilidades concretas.

O movimento estudantil era objeto de informes detalhados do DSI e alvo de 'Pedidos de Busca' a qualquer suspeita, mesmo infundada, de atitude ou atividade subversiva de alunos ou professores, isto é, que fosse considerada contrária tanto ao Governo quanto à Administração Superior, ainda que estivesse

⁴⁶ O AI-5 fechou o Congresso Nacional, Assembléias Legislativas estaduais e Câmaras de Vereadores, suspendeu o *habeas corpus* por tempo indeterminado, além da cassação de mandatos eletivos e a suspensão de direitos políticos, entre outras medidas repressivas.

⁴⁷ Haviam DSIs (Divisão de Segurança e Informação) em todos os ministérios e ASIs (Assessoria de Segurança e Informação) em todos os órgãos governamentais, autarquias e empresas estatais. Cada ramo das Forças Armadas também possuía seu próprio Centro de Informação (CIEX no Exército, CENIMAR na Marinha e CISA na Aeronáutica). Cf.: Alves (1985, p.173-175).

⁴⁸ Cada ramo das Forças Armadas possuía seu próprio Centro de Informação (CIEX no Exército, CENIMAR na Marinha e CISA na Aeronáutica) ligado ao SNI (Serviço Nacional de Informações).

apenas no plano da idéias. Destaque-se que já em 1981, durante a abertura política, quando o aparato repressivo do Governo já encontrava-se em franca decadência a Reitoria incluiu a Assessoria de Segurança e Informação (ASI) no Regimento Interno da Universidade Rural, numa clara demonstração do caráter reacionário que a Administração Superior impingia à Universidade. Anteriormente a essa 'oficialização interna' do aparato repressivo, e durante toda a década de 70, o clima de 'espionagem' era patente na Universidade, sendo comum a suspeita de agentes 'infiltrados' entre os professores e alunos, como ilustram os seguintes trechos do depoimento de um ex-estudante:

A Rural era barra pesada, tinha um esquema interno, muito dedo-duro mesmo, e devido a essa vida comunitária muito intensa nunca sabíamos exatamente quem era... E de vez em quando quebrávamos a cara, desconfiando de alguém que não tinha nada com a história. Era difícil lidar com isso. A Assessoria de Segurança e Informação atuava p'ra valer mesmo. E tinha focos de reação mais brava dentro da Universidade, em dois cursos: a Veterinária e a Zootecnia, sempre considerados cursos que tinham gente demais ligada à repressão, professores considerados agentes de informação. (Elder)

É interessante destacar que a apregoada 'infiltração alheia ao meio estudantil' era um temor experimentado também pelos estudantes, e que se estende ao longo da década de 70 como comprova o depoimento abaixo:

Na Rural, a estratégia prioritária dos militares era atuar nesse serviço de inteligência e informação. A repressão ficava por conta do esquema interno, da guarda... Tinha vários tipos de atuação de inteligência, como os civis infiltrados. Primeiro, professores mais vinculados ao regime, de quem desconfiávamos que fizessem parte do serviço de inteligência e que acabou sendo meio confirmado... E tinha, também entre os alunos, muitas transferências, de outras universidade, e, misteriosamente, o cara caía em um alojamento onde só tinha pessoal mais ligado ao movimento...E ainda tinha os 'provocadores', que em tempo de greve, peitavam os piquetes. Teve uma vez, uma figura que se arvorou em dizer que era 'cana' mesmo e que ia entregar aquele 'bando de comunistas' da universidade. Ninguém soube se era ameaça ou provocação, de fato, mas se era provocação, então tinha provocador infiltrado no meio . (Elder)

2.2.2 A repressão e desmantelamento do M.E.

O AI-5 extinguiu os últimos resquícios do movimento estudantil organizado no país, já mortalmente abalado com o desfecho do 'inacabado' Congresso de Ibiúna. As principais lideranças estudantis foram presas ou optaram pela clandestinidade inserindo-se em organizações que defendiam a luta armada contra a ditadura. Muitos estudantes perderam a vida 'pegando em armas' ou sob tortura nos 'porões da ditadura'. Entre 1969 e 1974, a tortura foi praticamente "institucionalizada como método de interrogatório e controle político", não só dos presos, mas também da população, pois visava "intimidar os que têm conhecimento de sua existência e inibir a participação política", como ressaltou Alves (1985, p.166-168).

Em abril de 1969, ocorreu, no Rio de Janeiro, o derradeiro Congresso da UNE, uma continuação do 30º Congresso, interrompido devido a prisão de todos os delegados em Ibiúna. Esse congresso elegeu a última diretoria da UNE, sendo que os dois candidatos à presidência estavam presos: José Dirceu⁴⁹ – líder de uma frente de dissidentes da AP, era apoiado por Vladimir Palmeira – que recebeu 371 votos e Jean-Marc von der Weid⁵⁰ – apoiado por Luis Travassos – eleito com 378 votos. Honestino Guimarães, como 1º vice-presidente, assumiu a presidência da UNE em 1971. O destino dos integrantes dessa diretoria, composta por 6 militantes da AP e 4 do PCB, retratou a repressão política no país: Jean-Marc foi banido do país, José Genoíno e Ronald Rocha foram presos; Helenira Rezende, Gildo Lacerda e José Carlos Mata Machado foram mortos e Humberto Câmara e Honestino Guimarães dados como 'desaparecidos'⁵¹.

Com a destruição de "todas as possibilidades de funcionamento de uma oposição legal e democrática" ao regime militar, o "desespero provocado pela falta de perspectivas de participação política e o idealismo quase suicida de um punhado de jovens" permitiu que "a tese da luta armada" contra a ditadura encontrasse "terreno fértil e seguidores ardorosos entre os estudantes", como

⁴⁹ Preso em Ibiúna e banido para o México, em setembro de 1969, com Luís Travassos e Vladimir Palmeira e mais 12 presos políticos, em troca do embaixador norte-americano Charles B. Elbrick, seqüestrado pela ALN e MR-8, em setembro de 1969.

⁵⁰ Preso em Ibiúna e banido para o Chile, em janeiro de 71, com mais 69 presos políticos, em troca da libertação do embaixador suíço G.E. Bucher, seqüestrado pela VPR, em dezembro de 1970.

⁵¹ Os 'desaparecidos' foram os mortos pelo regime cujos corpos jamais foram encontrados.

analisa Poerner (Op.cit., p.297). O movimento estudantil foi paralisado até a extinção, as principais lideranças estavam mortas, presas ou exiladas, o que fez com que os estudantes não tivessem mais a menor condição de organização. Impedidos até mesmo de se reunirem nos colégios e universidades, a repressão e o idealismo os empurrou para a extrema radicalização, ingressando em organizações clandestinas e alimentando a guerrilha urbana com seus quadros.

A tese que só a luta armada poria fim à ditadura militar, à exemplo da Revolução Cubana, tomou corpo em 1967 com a criação da Aliança de Libertação Nacional (ALN), uma dissidência do PCB⁵² liderada por Carlos Marighella. Influenciados pelo surgimento de guerrilhas em vários países da América Latina, a AP – que já optara pela luta armada –, a ALN e os demais grupos⁵³ que despontam iniciam suas primeiras ações de guerrilha urbana, em 1968. O engajamento dos estudantes em organizações armadas custou inúmeras vidas, retirando do meio estudantil a possibilidade de uma participação política.

A eclosão das revoltas estudantis em 1968, foi um fenômeno mundial, capitaneado pela “geração enganada”, como a chamou Bourdieu, frustrada com o “caráter autoritário e elitista do sistema educacional e com o baixo retorno social e econômico auferido pelos certificados escolares no mercado de trabalho” (Nogueira & Nogueira, 2002, p.17). A crítica radical ao sistema educacional contribuiu assim para a eclosão do movimento de contestação social mais amplo, que ultrapassou a universidade e as meras reivindicações acadêmicas. A juventude, nos anos 60, tornou-se a protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado no terreno dos comportamentos éticos e culturais, daí a ampla repercussão que o movimento estudantil atingiu e o seu caráter contra-hegemônico (Spósito, 1997, p.38).

No entanto, o papel relevante desempenhado pela juventude estudantil na política do país, foi visto, por conservadores e progressistas, com relativa desconfiança e preconceito. Segundo Abramo (1997, p.27), a eficácia das ações

⁵² O PCB se opôs a luta armada, e seus dissidentes passaram a integrar novos grupamentos.

⁵³ Entre vários podemos citar a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), liderada por Carlos Lamarca, com forte presença de militares de esquerda e o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro). O PCdoB (Partido Comunista do Brasil), dissidência do PCB, concentrou suas atividades guerrilheiras no campo, na região do rio Araguaia, entre 1972 e 1974, último foco de resistência armada à ditadura.

políticas estudantis, na década de 60, foram alvo de ressalva e descrédito, ampliados pelo temor da “baderna” e do “radicalismo transgressor” que assustava inclusive alguns setores da esquerda que suspeitavam “de alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inconseqüente”.

O movimento estudantil – “brutalmente esmagado em 1968 com a prisão, perseguição, morte ou exílio da maior parte das lideranças”, muitas das quais ingressarem “em grupos clandestinos de resistência armada durante os anos 70” – foi reinterpretado *post-hoc* à luz da nostalgia dessa época, como relata Mische (1997, p.135) A geração de 68 foi perpetuada sob uma visão heróica e romântica desses acontecimentos, inspirando, posteriormente, a geração seguinte a retomar o movimento estudantil no final da década de 70. Idealizada pela *midia*⁵⁴, a geração de 68 influenciou os protagonistas do movimento ‘cara pintada’, em 1992.

Em 1969, mesmo com o DCE já extinto e enquanto ocorriam demissões e jubilamentos, um estudante integrou a comissão de redação do novo Estatuto da UFRuralRJ, informa Otranto (Op. cit., p.76-77). A fim de atender a Reforma Universitária, a Rural extinguiu as cátedras, criou Institutos e Departamentos⁵⁵, e começou a instituição do sistema de créditos. No entanto, as crescentes dificuldades ocasionadas pela falta de recursos financeiros abortaram a abertura de cursos⁵⁶ anteriormente propostos, o que não impediu a expansão da Universidade que abriu cursos⁵⁷ que requeriam menor investimento.

Nesse ínterim, o regime militar se consolidava com o Governo Médici (1970-74), enquanto extinguíam-se os últimos resquícios de resistência. Na Universidade, a presença do regime era evidente dada a série de medidas punitivas aplicadas a professores e funcionários - demitidos, aposentados ou cassados. As Reitorias⁵⁸ estavam determinadas a “seguir à risca as orientações governamentais para quaisquer atitudes” que se fizessem necessárias, “quer administrativas ou acadêmico científicas”, como denuncia Otranto (Id.,p.90).

⁵⁴ A série “Anos Rebeldes”, da Rede Globo, divulgou uma visão idealizada da geração de 68.

⁵⁵ Entre estes o Departamento de Ciências Sociais e o Departamento de Educação.

⁵⁶ Como Medicina, Engenharia Civil e Operacional, que exigiam recursos mais elevados.

⁵⁷ Em 1969, foram abertos os cursos de Licenciatura em Química e História Natural, e em 1970 os cursos de Economia, Administração e Ciências Contábeis, Zootecnia e Geologia.

⁵⁸ Gestões de Hélio Saul Ramos Barreto (1967-71), Fausto Aita Gai (1971-75 e 1981-84) e Artur Orlando Lopes da Costa (1975-80).

Até a segunda metade da década de 60, a Universidade Rural garantia alojamento a todos os alunos matriculados, sendo obrigatório o regime de internato e o horário integral, e o número de vagas disponíveis era limitado à capacidade de alojamento. Com a ampliação das vagas e a falta de recursos para a construção de novos Alojamentos, que não mais comportavam todo o corpo discente, foi criado o regime misto internato/externato⁵⁹. Com essa resolução, uma parcela considerável dos alunos passa a residir no Km 49⁶⁰, nas chamadas 'repúblicas', que tornaram-se uma opção cada vez mais procurada pelos estudantes com melhor situação financeira⁶¹. No início de 1973, esse fenômeno é alvo de discussão no Conselho Universitário, preocupado com a falta de infraestrutura de Seropédica para receber um número tão elevado estudantes. Nessa ocasião, a Rural construiu um prédio para abrigar a Sub-delegacia da região, objetivando a melhoria das condições de segurança no local (Ibid., p.91-92).

Os novos cursos implantados na virada da década de 60 promoveram a rápida ampliação do número de vagas, e os alunos que ingressaram em 1972 e 1973 já representavam 1/3 do total de alunos da Universidade e com eles chegam, ainda que clandestinamente, ares contestatórios e uma gradativa mudança de mentalidade, como relata um contemporâneo.

Em 74, 'o bicho 'tava pegando' em termos políticos, 'tava brabo', a barra 'tava pessadíssima'.... Mas já tinha uma turma de origem mais urbana e um pouco mais politizada. Não que a Rural fosse despolitizada, ela era muito politizada antes de 68, mas passaram um 'rodo'. E nessa época, a larga predominância era de pessoas despolitizadas ou daquele pessoal que não queria se meter. O estudante, aparentemente pelo menos, era totalmente alienado. Mas em 73 e 74 entrou um grupo muito grande, um grupo maior de pessoas da cidade, que não era uma coisa normal na Rural, e um pessoal um pouco mais politizado, com uma visão um pouco mais aberta. E eram pessoas que moravam quase todas no 49 e acabaram tendo um núcleo mais fora da Rural, e virou um grande grupo que se relacionava através das festas da Rural, do *rock'n roll*, das discussões, uma relação um pouco diferente do que se tinha dentro da Rural, na época. E a maioria era uma garotada da Zona Sul, Zona Norte do Rio que, gradativamente, começou a se politizar. Já existiam estudantes bem politizados, com histórico de movimento estudantil secundarista, com formação na família. (Luís Mauro)

⁵⁹ Conforme Ata do CONSU de 16/08/1968, que aprova o regime misto de internato (70% das vagas) e externato (30%), sendo a classificação no Vestibular o critério de seleção aos Alojamentos, e não, como atualmente, as condições econômicas da família e a localização da residência. Cf. : Otranto, 2003, p.71.

⁶⁰ Centro urbano de Seropédica, localizado no Km 49, da antiga Estrada Rio-São Paulo.

⁶¹ Visto que os aluguéis na cidade são elevados uma alternativa, para estudantes das camadas médias, é a reunião de um número grande de estudantes por residência, a fim de baratear o custo.

Esse depoimento retratou o cenário estudantil na Rural nos idos de 73/74, quando o crescimento do número de alunos, e uma certa diversidade no perfil destes, traz para a Universidade um alento novo depois da dura repressão que sobre ela se abatera. Em meados dos anos 70 já havia o prenúncio de uma distensão política com o governo de Ernesto Geisel (1975-79), e assim surgia uma ainda tímida retomada do movimento estudantil em nível local, antes praticamente inexistente.

A Universidade Rural, que havia enfrentado grave redução de verbas na década de 60, em 1974, ainda lutava para que seu Estatuto se adequasse às diretrizes da Reforma Universitária e às exigências do Conselho Federal de Educação⁶², que não admitia o termo 'rural' apensado ao nome da Universidade. Sempre subserviente à Brasília, o reitor chegou a propor duas alternativas ao nome da Universidade: Universidade Federal de Itaguaí ou Universidade Federal do Grande Rio. Mas, finalmente, quando o Estatuto da UFRRJ é aprovado pelo Parecer nº 3.716/74, do CFE, não há mudança na denominação – uma vitória da mobilização estudantil. A aprovação do estatuto da Rural abriu caminho para a homologação do seu Regimento Geral e do Plano Diretor, pré-requisitos do Plano Global de Desenvolvimento exigido pelo MEC para a liberação de recursos para o crescimento da Universidade. Cumpridas as exigências, ainda em 1974, a UFRRJ abriu novos cursos: Licenciatura em Educação Física, em Matemática e em Física.

No mesmo ano, dentro da série de modificações por que passa a UFRRJ, inclusive as sofridas pelo aumento significativo de estudantes, temos a instituição de um regimento do DCE, com o objetivo implícito de controlar as atividades discentes mediante a tutela da sua entidade representativa. O DCE, extinto em 1968, ressurgiu sob a tutela da Reitoria, que impôs rígidos critérios para a formação das chapas, e após a eleição a vencedora era referendada pelo CONSU, que a reconhecia como representante dos estudantes. A Reitoria se vangloriava da Rural ser a primeira Universidade a dispor de um Regimento do DCE como prescrevia a lei, demonstrando assim, “que nada receia com a presença dos estudantes nos seus órgãos deliberativos”, como consta em Ata de 8/02/1974.

⁶² O CFE (Resolução 29, de 28/10/1974) vetava o uso de qualificações restritivas (técnica, rural, etc.) no nome das universidades, mesmo às que se limitassem a uma área técnico-profissional

Esse DCE 'tutelado' pela reitoria seria 'deposto' em 1977 com as eleições para o DCE-Livre.

2.3

A reconstrução do M.E. na Rural e a 'Greve de 80'

A geração de 68, no Brasil e no mundo, foi representada como dotada de um estilo marcado pela inovação e radicalidade pertinente ao momento histórico social que vivenciou. Ela influenciou as gerações seguintes, principalmente a subsequente, que na Rural e no país, participou da reorganização do movimento estudantil, da reestruturação das entidades como os DAs, DCEs, UEEs e UNE.

Vimos que o movimento estudantil da UFRRJ foi aniquilado a partir de 68, com o fechamento das entidades, a vigilância e as punições de estudantes. Seguiu-se um período de aparente passividade e acomodação, ainda que os germes da rebelião permanecessem latentes. Esse comportamento passivo era reforçado pelo fato da maioria dos estudantes ser oriunda do meio rural, devido à Lei do Boi, com famílias mais conservadoras, fossem elas pobres ou abastadas.

No início dos anos 70, esse quadro começou a mudar, como um reflexo da criação de novos cursos e da ampliação das vagas. O regime deixou de ser exclusivamente de internato, favorecendo o ingresso de estudantes residentes nos municípios vizinhos. O alojamento, que não mais dispunha de vagas para todos, deixou de ser o endereço exclusivo dos estudantes, que se instalaram em 'repúblicas' no 49.

A entrada da UFRRJ no vestibular unificado ampliou ainda mais o número de alunos urbanos, provenientes da própria cidade do Rio de Janeiro, antes muito raro. Entre esses estudantes urbanos muitos já tem alguma experiência política e logo disseminaram o 'germe' da contestação na universidade. A partir de 1974 começaram a voltar as discussões políticas, ainda clandestinas, dada a existência de órgãos de vigilância, que 'monitoravam' as atividades estudantis fornecendo informações, tanto à reitoria como aos serviços de informação do Governo, como justifica um depoente:

Na época era uma discussão semi-clandestina, e tinha que ser clandestina pra semi-clandestina por que qualquer coisa que você colocasse já estava preso,

qualquer intenção, qualquer coisa mais clara de intenção política, você ia preso. Ainda estava na época dos presos políticos, tortura, DOI-CODI (Luís Mauro)

Desde 1974, a Rural possuía um DCE oficial, autorizado e reconhecido pela reitoria. Segundo um depoimento, na época, “tudo aquilo funcionava sob a batuta do 477 e do 225, atos de exceção da ditadura”, que vedavam a participação política dos estudantes, pelo menos de forma autônoma. O DCE tinha o papel de representar os estudantes em questões meramente acadêmicas, nunca políticas. O DCE era “totalmente tutorado pela reitoria, e seus integrantes, não podiam ter repetência, eram controlados”, deviam apresentar uma conduta irrepreensível, segundo os critérios da administração, o que excluía obviamente qualquer vinculação política. Cada chapa era submetida à reitoria que aprovava a realização das eleições e homologava o resultado permitindo o assento dos representantes dos estudantes nos órgãos superiores da Universidade.

Em 1976, os estudantes retomavam sua organização e reconstruíam o movimento estudantil local: na USP foi fundado o DCE-Livre Alexandre Vanucchi Leme⁶³, o primeiro DCE-Livre do país. Em nível nacional foram realizados o 1º e 2º Encontro Nacional de Estudantes, também em São Paulo. A discussão sobre a necessidade de Diretórios livres, desvinculados das reitorias, se espalhou pelas Universidades.

O movimento estudantil reorganizava-se em torna da reconstrução das entidades estudantis locais, sob a inspiração dos encontros nacionais de área, de fins acadêmicos e recreativos, mas que favoreciam a reunião de um grande grupo de estudantes provenientes de várias regiões, ainda que de um mesmo curso. Esses encontros impulsionaram a reorganização do movimento estudantil.

Entretanto, o regime continuava atento ao que se passava no interior das universidades. Em 1976, em ‘obediência’ às recomendações do MEC⁶⁴, como de praxe naquele período, a Rural prontamente elaborou e aprovou o Código Disciplinar da UFRRJ, em 2/04/76. Mesmo com um DCE tutelado e a instituição de um Código Disciplinar, os estudantes iniciaram o processo de rearticulação do

⁶³ Estudante de Geologia da USP, preso, torturado e assassinado, pela OBAN, o que gerou uma onda de manifestações, como a missa celebrada pelo Cardeal Arns, na Catedral da Sé, que reuniu 4 mil pessoas.

⁶⁴ O Aviso Circular nº 143/MEC, de 23/02/1976, sugere a elaboração de Código Disciplinar nas Universidades regulamentando sanções disciplinares aplicáveis a docentes, funcionários e alunos.

movimento estudantil, criando os Centros de Estudos por curso. Na Rural, esse movimento foi capitaneado pelo curso que possuía a discussão política mais avançada, a Geologia, considerado um '*celeiro de lideranças*'. Os estudantes de Geologia fundaram o CEGEUR - Centro de Estudos Geológicos dos Estudantes da Universidade Rural:

Na época a Geologia passou a ser o grupo mais politizado, devido ao contato com outros estudantes de Geologia no Brasil. Esse grupo trouxe uma posição política mais fechada, mais à esquerda, e... uma proposta concreta de ação política: criar uns centros de estudo fora da universidade..... O CEGEUR, localizado no 49, passaria a funcionar como o embrião do novo DA de Geologia. O CEGEUR foi o primeiro, logo depois veio o CAEF, da Floresta, depois veio CEA⁶⁵, de Agronomia, e depois mais na frente veio Zootecnia, a Biologia, a Veterinária... (Luís Mauro)

Logo a repressão atingiu essas primeiras manifestações organizativas dos estudantes, e numa estratégia de intimidação explícita a sede do CEGEUR, no 49, foi invadida e depredada. Mesmo assim o movimento se espalhava. Os Centros de Estudos aglutinaram os estudantes retomando a discussão política, interrompida em 68, e apontando para a necessidade da organização estudantil e do resgate de um DCE livre e autônomo em relação à Administração Superior. Centro de Estudos "era o nome laranja p'ra CA, um artifício p'ra burlar as restrições legais para criação dessas entidades", e disfarçar sua real atividade – a organização do movimento estudantil – já que "os Centros de Estudos não tinham nada de estudos, os estudos eram sobre a Revolução", como ilustra o depoimento de Elder de Paula, um dos entrevistados.

⁶⁵ CEA – Centro de Estudos Agronômicos – é o diretório acadêmico (DA) do curso de Agronomia, considerado um dos mais atuantes, nos anos 80 e 90.

2.3.1 A criação do DCE-Livre

A luta pela redemocratização política e pela Anistia, trouxe de volta os estudantes às ruas, a partir de 1977⁶⁶, o ano que marcou a retomada do movimento estudantil na Rural. Questões acadêmicas favoreceram a mobilização, pois o lento processo de implantação do Sistema de Créditos, aliado a dificuldades com a utilização do computador nas matrículas, provocou uma onda de insatisfação entre os estudantes. Uma greve é decretada em 23 agosto de 1977, 'Dia Nacional de Luta dos Estudantes Brasileiros', exigindo a anulação das matrículas. Na UFRRJ ecoam as 'palavras de ordem' que norteavam o renascido movimento estudantil: 'pelo ensino público e gratuito para todos', 'pelo fim às prisões, torturas e leis repressivas', 'pelas liberdades democráticas'. O movimento foi considerado uma "greve política" e as manifestações que se seguiram "subversivas" (Otranto, Op. cit., p.103-104). A greve terminou, mas os estudantes demonstraram seu poder de mobilização. Os estudantes voltavam à cena principal na Universidade e lá ficariam por muitos anos.

Nesse momento, os estudantes de Geologia tinham 'força política' suficiente para disseminar a discussão política na Rural e serem a 'base da retomada' do DCE, lançando a chama da criação do DCE-Livre. Esse debate tomou corpo no período de sucessão do DCE oficial, em 1977, utilizando as suas assembleias. Os integrantes do DCE oficial eram bem vistos pelos estudantes, – seu presidente, Robert, "era um cara mais progressista, mas não era de esquerda, nem de rompimento", – entretanto, posicionaram-se contra a ruptura com a instituição, permanecendo à parte do processo, segundo relato de contemporâneos. Para os estudantes, "participar nas condições impostas", submetendo-se a "uma série de critérios", não atingia os objetivos da representação estudantil, pois parecia que "era só alguém p'ra chegar lá e baixar a cabeça". E por isso, segundo José Elói ocorre o rompimento, e "a partir daí as eleições passam a ser organizadas livremente".

As eleições livres significaram a rejeição do aval da Reitoria aos nomes que integrariam as chapas para o DCE e a condução autônoma de todo o processo

⁶⁶ Em 30 de março de 1977, uma passeata em São Paulo aglutina cerca de 4000 estudantes.

eleitoral. Em 1977 a conjuntura de efervescência estudantil, na Universidade e no país, favorecia a mobilização:

Quase tudo aconteceu nesse ano, o DCE-Livre, a greve. Estávamos chegando próximos da eleição do DCE oficial, e propomos um DCE livre, que significava romper com o sistema de escolha tutorada pela reitoria, e organizar a nossa eleição... E nas assembleias do DCE regular, a gente levava essa proposta, só podíamos nos expor nas assembleias, todo o resto era clandestino ou semi-clandestino. E ao longo de algumas assembleias, decidiu-se que o DCE ia organizar a eleição, mas a Diretoria do DCE não concordava, não queria ter rompimento, a criação do DCE-Livre... Começou um tensionamento, e a Diretoria que não concordava foi ficando de lado, contra a proposta do DCE livre. Então organizamos uma comissão pró-DCE-Livre p'ra organizar as eleições. (Luís Mauro)

Em novembro de 1977 ocorreram eleições livres para o DCE, à revelia da reitoria. Os estudantes rejeitaram a tutela da Administração Superior, não submeteram os nomes dos estudantes que integram as chapas à aprovação do CONSU, e foram proibidos oficialmente de eleger seu Diretório⁶⁷. No entanto, as eleições foram realizadas desconsiderando a proibição, segundo o relato de um dos integrantes dessa primeira diretoria:

Foi uma tensão, uma das coisas mais tensas que já vivi aqui E o medo de todo mundo era deles reprimirem a organização da eleição, medo de boicote, da polícia e até a própria guarda da Universidade. Teve a eleição, a gente criou o DCE-Livre e a Reitoria, a policia, a repressão bateu de frente... E depois da eleição do DCE-Livre, quando a diretoria oficial saiu, fechou tudo e a gente arrombou a porta. Deve ter um processo até hoje arquivado sobre isso... E começou a gestão do DCE-Livre. (Luís Mauro)

A criação do DCE-Livre efetivou a ruptura com a reitoria, que em represália, impediu a participação dos estudantes organizados nos Conselhos Superiores, visto que a diretoria do recém eleito DCE-Livre não fora reconhecida, passando a confrontar abertamente as posições da reitoria.

Em 77, tem a ruptura do DCE com a administração da Universidade. E o DCE livre começa a atuar de forma independente da reitoria, o que lhe traz custos também, por que foram cassados todos os direitos de participação no CONSU, no CEPE. Em todas aquelas instâncias em que ele tinha participação a reitoria vedou por que o DCE não era reconhecido pela administração da Universidade... (Elder)

Em 1977, a UFRRJ participou do Vestibular Unificado 78 promovido pela Fundação Cesgranrio, buscando, “uma alternativa mais viável para a seleção de seus alunos e o preenchimento das vagas”, segundo Otranto (Op.cit.,p.106). As

⁶⁷ Conforme a Ata de 22/11/1977, a Reitoria procedia de acordo “com a linha filosófica do governo”, visando demover os estudantes de suas idéias (Cf.: Otranto, 2003, p.107).

vagas foram preenchidas, mas houve uma afluência maior do que a esperada devido a uma série de recursos pleiteando vagas impetrados por candidatos amparados pelas prerrogativas da Lei do Boi. Esse episódio aliado ao aumento das transferências externas e ao desequilíbrio entre ingresso e diplomação promoveu uma 'inflação' de estudantes. A reitoria, temendo perder as rédeas da situação política no *campus* com um número muito grande de alunos, fez com que o CONSU solicitasse ao MEC a suspensão das transferências e a redução de 50% das vagas no vestibular 79 (Ibid., p.106-107).

Realmente, as manifestações estudantis se multiplicam com o aumento do número de estudantes e a existência de uma entidade central. Em 78, durante uma greve de estudantes, representantes da Diretoria do DCE foram impedidos de participar de uma reunião do Conselho Universitário, quando explicariam as causas do movimento. O reitor alegou que como os estudantes se negaram a submeter seus nomes para aprovação da Administração Superior, ele não reconhecia os representantes dos estudantes como tais. Mas estes não se intimidaram, como confirma o relato de um militante:

O DCE livre já encampa essa luta toda e por isso a Reitoria manda fechar o DCE, passou um lacre e ninguém podia entrar. E numa dessas mobilizações, em meados de 78, teve uma passeata até o DCE e a gente botou a porta abaixo, entrou, tomou e ficou por isso mesmo. O DCE, é uma organização que desafia o poder dentro da Universidade. Em 78 a barra ainda está pesada, era o governo Geisel. (Luís Mauro)

Essa situação de não reconhecimento pela Administração Superior do DCE como representante oficial dos estudantes se arrastou até 1983. No entanto, em alguns momentos o diálogo se fazia necessário:

A reitoria não reconhecia o DCE, por que era DCE-livre, então quando tinha que fazer algum comunicado era 'ao universitário Elder Andrade de Paula, convoco p'ra reunião...' Então, numa dessas reuniões, com o novo reitor, o Fausto Aita Gai, o chamei de "professor Fausto" e ele retrucou 'Professor não, Magnifico Reitor' e respondi 'Se o senhor não me reconhece como presidente do DCE, também não o reconheço como reitor da Universidade'. Tínhamos esses arroubos de protesto, de radicalismo, mas a situação era 'braba' mesmo. (Elder)

2.3.2 O DCE e as correntes partidárias

No momento em que o DCE-livre é criado as correntes estudantis ligadas a tendências políticas dirigiam o Movimento Estudantil, mas de forma semi-clandestina. Essa vinculação não era percebida claramente nem por alguns militantes, que integravam a chapa, e que achavam que fosse 'por acaso' que as bandeiras e visões políticas de alguns grupos organizados coincidiam, ou que essas ligações fossem 'muito leves'.

Em 77, teve os presos políticos do MEP⁶⁸ aqui no Rio de Janeiro e o MEP tinha a mesma linha política desse grupo de São Paulo, e a gente nem sabia. Esses acasos: a gente acabou fazendo uma ponte política com São Paulo, e não tinha nenhuma ligação com o MEP, e só fomos criar alguma ligação com o MEP quando se viu essa identidade. E fizemos algumas ligações com o MEP, muito leves, com o pessoal que era estudante, entrando na atividade junto com o MEP em algumas coisas, como na luta pela libertação dos presos políticos. Chegamos a fazer contato com eles, tudo clandestino. A gente não era organicamente do MEP, a gente tinha uma identidade, que não foi nem foi construída com eles, foi uma identidade construída com o pessoal de São Paulo, da 'Resistência e Luta'.(Luís Mauro)

Entretanto a filiação era clara para as lideranças que de fato conduziam o movimento, consistia, até mesmo, em uma vinculação orgânica e clandestina a uma corrente determinada. Era o caso do presidente do DCE livre, na gestão '**Resistência e Luta**' (1977/78) e na gestão '**Organizando**' (1978/79):

Edilson de Paula Andrade era a principal referência do movimento estudantil, quando eu entrei lá, foi presidente do DCE por duas gestões, foi candidato depois a presidente da UEE... Ele era quadro do MEP, o nome da tendência era 'Organizando'. E eles começam a se estruturar na Rural aí, por 77, e em 77 p'ra 78 o MEP elege o presidente, Edilson, e em 78 p'ra 79 também, MEP na cabeça do DCE, tem a direção e a hegemonia no DCE.(Elder)

É interessante relatar como foi feito o contato do MEP, uma organização clandestina, com essas primeiras lideranças que surgiam na Geologia, e que já haviam fundado em agosto de 1976 o CEGEUR. Esses estudantes haviam participado em novembro de 1975, de um encontro de estudantes de geologia em Rio Claro, quando tiveram pela primeira vez contato com teatro de resistência, que falava da 'ditadura' e com estudantes da USP que já tinham criado seu

⁶⁸ O MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado) era um partido clandestino, com forte presença no movimento estudantil, com as correntes Organizando (RJ) e Resistência e Luta (SP). Em 1977, 11 de seus integrantes são presos, vários estudantes (como Frederico Falcão, atualmente professor do CTUR). O movimento estudantil se mobilizou pela libertação dos presos políticos.

'Centro de Estudos' e voltaram para a Rural com a idéia de também criar um centro de estudos, fora da Universidade, pois os Centros Acadêmicos estavam proibidos. A criação do CEGEUR projeta esses estudantes como lideranças reconhecidas na Rural e fora dela, visto que eram poucas as entidades estudantis na época. Em um encontro nacional de estudantes de Geologia, em 1976, um estudante da Rural, Geraldo Malafaya começou a namorar uma militante do MEP, estudante da USP, que faz sua cooptação para a entidade. Essa não foi a primeira vez que um estudante ingressa em uma organização mediante estratégias afetivas, intencionais ou não. Paralelamente, Edilson é contatado através de estudantes da PUC-Rio, ligados ao mesmo partido clandestino. Ele mesmo declarou que nunca soube se havia alguma estratégia do MEP para que dois estudantes de Geologia da Rural fossem cooptados no mesmo período, mas por vias diferentes:

Não sei se havia alguma estratégia do MEP, de articulação com o MEP de São Paulo e o do Rio. Nunca soube se a Cassandra teve autorização da organização para contatar o Geraldo, se foi através da ligação afetiva, já que foram namorados, mas o fato é que o Geraldo entra p'ro MEP, via São Paulo e eu via Rio. (Edilson)

A repressão ainda assustava e impunha a clandestinidade aos contatos e reuniões políticas. Vejam o relato da cooptação de Edilson para a organização, quando já era uma liderança na Rural, e participava de reuniões de entidades de base na PUC-Rio:

Freqüentávamos as plenárias dos CAs na PUC. Lá, em particular, me disseram que eu seria procurado por alguém que não conhecia, em um dia e horário determinado. No dia marcado, estava em frente a um cinema, na Tijuca, com a revista Veja em baixo do braço e fui abordado por alguém, também com uma Veja, que perguntou algo sobre um itinerário, e eu respondi com uma senha. Feito o contato, entramos em um ônibus, saltamos e entramos em outro, até chegar a uma praça que não sei onde era e sentamos p'ra conversar. E ela me fez a proposta de ser militante, fez as considerações gerais sobre a tática e a estratégia da revolução do ponto de vista do MEP, falou sobre a organização. Assim foi a minha entrada no MEP, e a partir daquele dia tive encontros freqüentes com essa pessoa, que era o meu 'contato', e de quem nunca, até hoje, soube o nome, pois usava um nome frio. Depois meu contato mudou p'ra uma mulher, de quem também nunca soube o nome, e que devia estar acima na hierarquia do MEP, e então já participávamos eu e o Geraldo também. (Edilson)

Edilson, torna-se assim um 'quadro' de uma organização clandestina, que passa a exercer a hegemonia no movimento estudantil da Rural, apesar de não ser a única. Uma outra organização clandestina com forte presença no movimento estudantil da Rural, na época, era a Convergência Socialista, mas que no entanto

nunca 'conquistou' um DCE. O PCdoB, que se organiza na Rural já na virada da década de 70/80, conquistará o DCE a partir de 1983.

Em 1979, a UNE voltou a atuar e realizou em maio, em Salvador, seu 31º Congresso, considerado o maior e talvez, o mais representativo da história da entidade, pois teve a participação de mais de 5 mil estudantes, sendo que 2304 eram delegados. Esse congresso elegeu uma diretoria provisória de entidades e decidiu pela realização da primeira eleição direta da entidade.

Em agosto desse mesmo ano o Congresso Nacional⁶⁹ revogou os Decretos 228 e 477 e os artigos da Lei 5540, que impediam a organização estudantil. No entanto, essa lei embora não proibisse a UNE e as UEEs, mantinha na ilegalidade a representação estudantil em nível nacional e estadual, e em outubro, um decreto presidencial prescreveu punições para os dirigentes dos diretórios estudantis que participassem ou representassem qualquer entidade fora da instituição de ensino superior, isto é que se vinculassem à UNE ou à UEE. Mesmo assim, nesse mesmo mês, mais de 360 mil universitários de 1099 diretórios filiados foram às urnas eleger o primeiro presidente da UNE, após a reconstrução da entidade, o estudante Rui César, que teve o apoio da esquerda católica, do PCdoB e do MR-8 (Poerner, Op. cit., p.310-312).

A fama de radicalidade da Rural, alimentada pelas histórias de 'resistência armada' à Ditadura, consolidada com o embate pela criação do DCE Livre e a greve de 108 dias, deve-se em parte à presença hegemônica das tendências mais à esquerda na direção do movimento estudantil. As chamadas 'correntes reformistas' tinham pouca penetração entre os estudantes da Rural, como pontua um militante:

A Rural era considerada, em termos políticos, uma das mais radicais no Rio de Janeiro. Tanto é que as correntes reformistas nunca tiveram, até 1983, expressão significativa na Rural. A 'Unidade', que era do Partidão, nunca conseguiu nada, a referência que eles tinham lá era muito apagado, o MR-8 nada, o PCdoB ... Mas tinha uma atuação muito forte da 'Organizando', da Convergência Socialista, que eram as principais que disputavam, e depois o PCdoBFora isso os independentes. (Elder)

⁶⁹ A Lei 6680, de 16/08/1979, regulamentou a representação estudantil nos órgãos colegiados das instituições de ensino superior, reconheceu os Diretórios Centrais das Universidades e os Diretórios Acadêmicos dos cursos.

Em 1979, os independentes abalaram a hegemonia do MEP no DCE, questionando o atrelamento do DCE à política externa e defendendo 'prioridade para os problemas internos', para os assuntos acadêmicos como o bandejão⁷⁰ e os alojamentos, a qualidade do ensino, a democratização interna da Universidade. As gestões anteriores vinculadas ao MEP priorizavam a 'grande luta política' o que vem a constituir um "erro fatal", segundo a avaliação de um militante. Era o reflexo da grande efervescência política, nacional e internacional⁷¹, vivida na época:

Em 78/79 você tinha uma conjuntura explosiva ... e essa grande política passou a dar o tom da atuação do DCE na Universidade. O olhar voltado p'ra fora: era reconstruir a UNE, lutar pela Anistia, chamar p'ras passeatas na Cinelândia. E essa chapa dos independentes fazia uma crítica a essa política do DCE dizendo que abandonara as questões que diziam respeito ao cotidiano: os alojamentos que estavam precários, o bandejão que 'tava ruim, as carências de biblioteca, e levantou esse arsenal de coisas e a massa foi atrás. Ganhou em nome desse discurso.(Elder)

Na Rural, temporariamente as correntes políticas foram afastadas da direção do DCE, com a vitória da chapa 'Opção', composta por estudantes independentes, que derrotou as três chapas concorrentes que representam as tendências:

O nosso discurso era de prioridade para as lutas internas. A nossa chapa ganha sob a condição de trazer o Walter Mota de volta, e isso é um problema interno O que adianta a democracia nacional, se aqui não existe, não adianta nada, vamos fazer essa funcionar. E começamos então a nossa movimentação. (J. Elói)

2.3.3 A Greve de 108 dias

Durante a gestão '**Opção**' (1979/80), que colocou estudantes independentes à frente do DCE, ocorreu, já em 1980, o movimento que marcou a década na Rural, a greve de 108 dias. Em plena ditadura, no governo do General Figueiredo (1979-85), autor da frase 'prendo e arrebento quem for contra a abertura política', começou uma greve estudantil, com repercussões nacionais.

O motivo da greve que se estendeu por 108 dias - o maior evento político dirigido pelo movimento estudantil da Rural - foi a morte de um estudante,

⁷⁰ Termo utilizado para designar o Restaurante Universitário (RU).

⁷¹ No plano internacional havia a Revolução Sandinista, a invasão do Afeganistão, a greve do 'Solidariedade' na Polônia, entre outros fatos políticos. No Brasil, as greves do ABC, a luta pela Anistia, pelo fim da censura, pelas liberdades democráticas mobilizavam a nação.

George Abdalla, e a demissão de um professor, Walter Motta. O DCE puxou o movimento, segundo um integrante do 'comando de greve', ao convocar "um ato de protesto contra a reitoria pela negligência no atendimento médico". No meio desse processo um professor é demitido, começa então uma greve geral exigindo a "readmissão do professor", pois "a reitoria interpretou como um ato de insubordinação" a atitude do professor, que simplesmente repassou um aviso dos estudantes.

Queríamos uma ciclovía, por que alguns alunos já haviam morrido atropelados. Um aluno foi atropelado, morreu, fazemos um protesto e o prof. Walter Mota permitiu que na sala de aula fosse anunciada a convocação... e foi exonerado. (J. Elói)

O reitor bateu pé, e não era pelo fato de readmitir ou não, mas a disputa com um movimento forte, dos estudantes. Queria derrotar aquele movimento, que era bastante vigoroso, na época. E isso durou 108 dias e teve inclusive a invasão do campus pela tropa da PM... (Elder)

O movimento que inicialmente era um protesto contra a negligência no atendimento médico a um estudante atropelado, contra a falta de recursos do Posto Médico da Universidade, muda de eixo e passa a ser uma greve contra a demissão arbitrária e injusta de um professor, que durou 108 dias e marcou o ano de 1980. Esse momento de clímax do movimento estudantil foi dirigido por um presidente, não vinculado a qualquer corrente estudantil, mas simpatizante do PT, ainda em discussão. Ele, inicialmente, era contrário à greve, e relata episódios de confronto interno e externo explícitos:

Lembro que nosso grupo não era a galera mais consciente politicamente, tinha poucas pessoas politizadas... e eu era contra a greve. Quando vamos p'ra assembléia defender a não entrada na greve, o pessoal que queria atropelar a gente, fala que somos de direita, pelegos. Mas não era isso, se a gente assumisse a greve tínhamos que ter uma postura política, e não voltar atrás por que está cansado da greve. Greve não é férias ou lazer, ou a gente enfrenta ou não enfrenta. Resisti, mantive a postura de não fazer greve e perdemos. A greve aconteceu... e durou 108 dias – a greve de 80. (J. Elói)

A greve se radicalizou, tomou as ruas do Rio de Janeiro, enfrentou invasões da PM ao *campus* e a proibição da realização de assembléias, ocupou o bandeirão, o P1, convocou mães e pais de estudantes, chegando a desestabilizar o Ministro da Educação. O movimento terminou sem atingir seu objetivo inicial, a readmissão do professor, todavia demonstrou a força do movimento estudantil e

que o DCE poderia conduzir os estudantes em luta contra o autoritarismo da reitoria, o que se repetiria em outros embates ao longo da década.

O movimento começou a tomar corpo, a sair da Universidade e ir p'ra ruas.... Paramos a Rio Branco várias vezes. Ocupamos o Maracanãzinho no primeiro show da Mercedes Sosa que veio pro Brasil, paralisamos o show com uma manifestação pela greve... Participávamos de todo e qualquer movimento, fizemos ato em todo lugar... Invadíamos as Olimpíadas do Exército, panfletando. Era só a Rural num movimento rigoroso de resistência que marcou um momento do M.E. no Rio de Janeiro... Era um confronto, foram várias idas à Brasília. Na época o Ministro da Educação era o Eduardo Portela., e o discurso do MEC era o da autonomia universitária, ' não podemos intervir, isso é com o reitor'. (J. Elói)

A repressão ao movimento começou com a proibição de utilizar os espaços, mas isso não arrefeceu os ânimos das lideranças e nem dos estudantes.

Por fim tropas da PM invadiram o *campus*, para impedir uma assembléia:

Normalmente as assembléias eram no Gustavão, depois a reitoria fechou o auditório, e fazíamos ou no P1 ou na sala de estudos. Mas proibiram a realização de assembléias dentro do *campus*, o DCE insistiu e a tropa de choque invadiu a sala de estudos, no alojamento. A PM jogou bomba de gás e dispersou todo mundo. E o padre liberou a Igreja⁷², para que a assembléia fosse realizada lá. (J. Elói)

Essas medidas repressivas ao invés de atemorizar incentivavam os estudantes à mobilização, tendo, nas palavras de um militante, um 'efeito contrário' ao esperado, pois

quando teve esse ato de represália da reitoria, da invasão do campus, na semana seguinte tinha muito mais gente na Universidade. A revolta com a reitoria aumentava, e fazia com que as pessoas participassem mais, tinha um efeito contrário. (Elder)

A peculiaridade da Rural, que possuía um grande contingente de alunos de fora, morando no alojamento e sem recursos para viagens, auxiliava a mobilização pois muitos permaneceram na Universidade durante toda a greve:

Numa greve muito longa, muitos voltavam p'ra suas casas, e ficava um núcleo menor de pessoas: o pessoal do Rio, que podia ir às assembléias e depois voltar, e a turma de muito longe,- de Manaus, Macapá ou da América Latina, tinha muita gente de outros países,- que não voltava p'ra casa por que não tinha condições, pois não sabia quando a greve iria acabar e então ficava por lá. (Elder)

E dentro da Universidade havia ainda a preocupação com a alimentação, o que provocou a ocupação do bandeirão que garantiu o oferecimento de 400 refeições para os estudantes que permaneceram na Universidade. O grupo de

⁷² Igreja do Cruzeiro, na Ecologia, a vila residencial dos professores e funcionários.

teatro auxiliava no movimento e contava a história da greve. A forte efervescência cultural da época refletia na mobilização e lotava as assembleias, que chegavam a ter mil estudantes, a lotar o Gustavão. Nesse movimento concreto de trazer o passado para o presente os depoentes, sujeitos da pesquisa e agentes da história, reconhecem e interpretam aquele vivido como um processo coletivo de construção. Os estudantes “vinham p’ra assembleia e tomavam decisão, e cada passo dado era construído”, como destacou J. Elói.

Esses relatos e interpretações reafirmam que a “memória está presente em tudo e em todos, e em cada passo que damos, idéias pensadas, ações realizadas”, como afirma Santos (2003, p.25). A autora prossegue afirmando que “somos tudo aquilo que lembramos”, assim como “somos a memória que temos”, pois ela “não é só pensamento, imaginação e construção social”, mas também, “uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências”.

A experiência da greve de 108 dias mais do que um marco do movimento estudantil da Rural, marcou os estudantes que dela participaram e até mesmo seus pais, pois o DCE mobilizou os pais dos alunos, algo incomum no nível superior:

E aconteceu a primeira reunião no país de pais de estudantes universitários. Os pais de Goiás, do Amapá, fazendeiros, militares, empresários, polícia federal, vieram aqui na Rural. ... Foi uma greve que mobilizou pais, tinha assembleias de pais de alunos... que procuravam fazer algum tipo de pressão... (J. Elói)

A greve ocupou as páginas dos jornais, pois no momento, não havia uma mobilização estudantil com aquela organização, “pipocava um ou outro movimento, mas depois desaparecia”, já que segundo um depoente, todas “as outras universidades estavam estagnadas”. A Rural era notícia, a greve resistia e se alongava, “o único movimento do país que tinha alguma coisa de interessante”.

A relação entre os estudantes e a imprensa é contraditória:

A imprensa começava a malhar a gente, “p’ra variar”, e a gente usava a imprensa. Por varias vezes trouxemos aqui o Jornal do Brasil, o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo. Nos dávamos ao luxo de convocar coletiva. A imprensa teve uma importância muito grande na greve, mas não deu o destaque que o movimento merecia, pois até a queda do ministro foi consequência da nossa resistência, da nossa organização. (J. Elói)

A radicalidade do movimento fez pairar sobre a Universidade a ameaça de fechamento e sobre os estudantes a acusação de que planejavam uma guerrilha. Note-se que a gestão do DCE era de estudantes ‘independentes’, isto é, não eram

ligados a nenhuma corrente político-partidária. A greve provoca uma crise política no MEC que desestabilizou o ministro, segundo a avaliação de um dos líderes do movimento:

Teve a queda do Eduardo Portela, que falou: “Eu não sou ministro, eu estou ministro, eu sou professor”. Ele cai e diz que não veio p’ra fechar universidades, mas para abrir universidades.... Por que havia a proposta do Golbery de fechar a Rural por dois anos. Começou o discurso de que iríamos usar a Rural como base guerrilheira...O reitor dizia que tinham guerrilheiros vindos de outros países para incentivar a gente A pressão era muito grande, pressão dos militares, pressão da democratização.... Um impasse: fecha a universidade, cai o ministro, aquele empurra... (J. Elói)

Os estudantes ocuparam espaços como o *hall* do Prédio principal (P1) e o auditório: “acampamos, comíamos, dormíamos ali na entrada, em colchonetes e diziam que usávamos o Gustavão para orgias”. Eles então se articulam internamente para enfrentar as acusações e contam com o apoio dos familiares, pois convocam “as mães para dormir com as filhas”. Entretanto, a longa duração do movimento fez com que a pressão para o seu término aumentasse, pois após dois meses, se instaurou um conflito, já que os estudantes queriam se formar e havia a possibilidade do semestre ser cancelado. Mesmo com essa pressão “foi uma greve que se manteve coesa até o fim”, segundo Elder, outra liderança do movimento.

A conjuntura nacional em 1980 teve como fato marcante a Greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em que Lula desponta como liderança reconhecida nacionalmente, e atrai o foco da imprensa. O DCE da Rural, como as demais entidades estudantis do País, apoiou o movimento, vendendo bônus da greve e enviando os recursos para São Paulo.

Em março do mesmo ano, a diretoria da UNE decidiu retomar sua antiga sede, na Praia do Flamengo, aproveitando a data de 2 de abril, quando 16 anos antes esta havia sido invadida e incendiada, em 1964. Entretanto, o poder simbólico do casarão ainda assustava o governo: o prédio foi interdito⁷³, ocupado por tropas militares e rapidamente decidida sua demolição. Em vão, uma série de recursos judiciais foram impetrados contra a demolição. Em junho, a UNE fez uma convocação nacional para um ato de protesto contra essa decisão,

⁷³ Em 1980, as Escolas de Música e de Teatro da FEFIERJ (atual UNIRIO) funcionavam no prédio, sendo desalojadas com a demolição.

do qual participaram cerca de 200 estudantes da Rural, que ainda se encontravam em greve, já em sua fase final. O relato do ex-presidente do DCE, avaliou como irresponsável a condução do movimento contra a derrubada do prédio da UNE, quando estudantes e parlamentares foram agredidos pelas tropas que o prédio:

A nossa greve já estava prestes a terminar e aproveitamos a convocação da UNE, para fazer o 'enterro do reitor': páramos na Cinelândia e viemos em passeata, só estudantes da Rural, com o caixão do reitor. Que trajeto! As avenidas bloqueadas pela polícia, tudo cercado. Chegamos na praia do Flamengo, – lá, tinha mais jornalista do que estudante, que não chegavam a duzentos – com mais de duzentos estudantes. Pensava que nessa convocação nacional tivesse gente do Brasil inteiro e, no entanto, mais da metade dos manifestantes eram da Rural. A cavalaria ficou em polvorosa, desesperada, parecia que estavam sendo encurralados pelos estudantes, pois nossa chegada inesperada agitou todo mundo. Mas, estávamos meio perdidos e procurei o pessoal da UNE: achava que sendo a maioria devíamos saber o que ia acontecer, qual era a orientação. Mas, eles disseram que não podiam repassar as informações, que eram secretas. Pressionei dizendo que iria retirar metade dos manifestantes dali, e que eles iam ficar sozinhos. O pessoal da Rural ficara afastado aguardando orientações: 'cheio de polícia, não vamos entrar ali até saber o que está acontecendo'. Senti que o clima não estava bom, que não valia a pena fazer um confronto desnecessário ali, sem saber se vai enfrentar, correr, parar. Vi os policiais desesperados, aquilo podia acabar mal: 'era melhor ficarmos mais distantes, podia complicar o movimento'. Mas o pessoal da UNE não ouviu, o Aldo Rebelo chamou os deputados – Raimundo de Oliveira, Heloneida Studart, José Eudes – e começou o discurso, de costas p'ra PM que estava ali atrás. O Aldo Rebelo foi responsável por aquela pancadaria: não consegui sentir a situação, foi provocativo. Os PMs estavam assustados, tudo cercado, nada acontecendo, e de repente, tem aquela invasão do povo da Rural chegando, e desarticulou eles. A impressão era de que viria gente de todos os lados e massacraria os caras ali dentro... e começou a chegar caminhão de polícia... Foi aquela pancadaria geral, bomba de gás lacrimogênico, 'porrada' comendo solta e eu correndo desesperado. O pessoal da Rural não tomou nenhuma, não deixei ninguém ir p'ra lá..... (J. Elói)

A greve chegava ao fim, depois de 108 dias, sem conseguir a readmissão do professor. Mas no bojo do movimento dos estudantes, os professores se organizam e criam a ADUR⁷⁴, que a partir daí contaria sempre com o apoio do DCE nas greves docentes, nas eleições para a reitoria e na luta pela democratização da Universidade.

A nossa greve foi extremamente importante p'ra dar um empurrão significativo na organização dos professores, antes totalmente desorganizados. E os professores se envolveram na greve, junto conosco. E surgiu a ADUR. (J. Elói)

Com o fim da greve, a gestão dos independentes também chegou ao seu término. A conquista do DCE por estudantes efetivamente independentes, isto é,

⁷⁴ Associação Docente da Universidade Rural, hoje uma sessão sindical do ANDES - Sindicato Nacional que congrega os docentes do ensino superior, principalmente, das universidades públicas.

não vinculados à tendências político-partidárias foi um episódio isolado e sem continuidade, pois “a única vez que um grupo de independentes se articulou lá, foi nessa eleição de 79”, que elege a chapa ‘Opção’, e “dali p’ra frente até 87, não teve mais nenhuma chapa de independentes que pudesse ter chegado ao DCE”, como declara Elder de Paula, que integrou as duas gestões subseqüentes.

Entretanto, o fenômeno independente – que reivindicava prioridade para os assuntos internos e criticava a adesão irrestrita à ‘grande política’ – voltaria a tomar corpo no final dos anos 80, já então se opondo ao predomínio do PCdoB na Rural. O repúdio ao aparelhamento do DCE por partidos políticos cresceria na década de 90, quando uma série de chapas independentes dirigiram o DCE.

Em setembro de 1980, a UNE promoveu uma greve nacional de três dias, por mais verbas para a educação e contra os aumentos das anuidades, que paralisou um milhão de estudantes, e no mês seguinte, em Piracicaba, realizou-se o 32º Congresso da UNE. Em novembro, ocorrem as últimas eleições diretas da entidade, quando 390 mil estudantes elegem Aldo Rabelo, presidente da UNE. É o início da preponderância do PCdoB à frente da entidade, onde permanecerá por mais cinco gestões⁷⁵.

Além da reconstrução da UNE, o último governo militar, do presidente João Figueiredo (1979-1984) presenciou ainda a volta dos exilados, a promulgação da Anistia⁷⁶, a lei do Divórcio, o multipartidarismo, a criação do PT⁷⁷ e findou com a campanha pelas ‘Diretas Já’.

Com a Anistia, a geração de 68 retornou do exílio ou foi libertada das prisões, contribuindo para a reconstrução de uma memória idealizada da sua militância. Essa juventude – que apareceu como possibilidade de profunda transformação social, representava, nos anos 60, ora temor ora esperança utópica, – décadas depois, teve sua imagem consolidada como de “uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social”, como destaca Abramo (1987, p.31). Essa imagem idealizada da geração de 60

⁷⁵ Com os presidentes Francisco Xavier Alfaya (1981-82), único estrangeiro a presidir a UNE; Clara Araújo (82-83), Acildon Pae (83-84); Renildo Calheiros (84-85) e Gisela Mendonça (85-86).

⁷⁶ A luta pela ‘Anistia ampla, geral e irrestrita’ tornou-se uma bandeira da sociedade brasileira, a que o movimento estudantil aderiu integralmente.

⁷⁷ Partido dos Trabalhadores, criado em 1980, conquistou a Presidência da República, em 2002.

influenciou o movimento estudantil que ainda se vê, freqüentemente, referido aos padrões de atuação e ideais daquela geração.

2.4 O M.E. na década de 80: consolidação e crise

Após a greve de 80, o movimento estudantil na Rural estava desgastado, e as correntes organizadas decidiram compor uma chapa de consenso para o DCE, visto que nenhuma tendência tinha força política suficiente para, naquele momento, sozinha dirigir a entidade. Segundo relatos, esse foi um processo difícil, e para viabilizar uma chapa única que agrupasse as lideranças do PCdoB, MEP, Convergência Socialista e independentes, o modelo presidencialista teve que ser abandonado.

Mudou, fez-se um colegiado com o discurso de que era mais democrático, mas era a única forma de achar um consenso, já que todo mundo queria indicar o presidente. Em 1981, isso implodiu: foram 3 chapas concorrendo ao DCE. (Elder)

A gestão '**Todo mundo no DCE**' (1980-81) marcou a mudança da correlação de forças entre as correntes políticas locais que mudavam refletindo os 'rachas' das organizações no plano nacional. O MEP perdeu a força na Rural, com a formatura de Edilson e Geraldo, e com o ingresso de Elder na 'Caminhando'. Na eleição seguinte, Elder foi eleito presidente, na gestão '**Palmares**' (1981-83). Essa gestão empreendeu uma série de lutas, entre as quais se destaca um bem sucedido 'blefe' sobre o abate dos bois da Universidade caso o bandeirão não fosse reaberto, durante um embate acerca de preço com a Reitoria.

Ao fim da gestão 'Palmares' começou a hegemonia do PCdoB na Rural, com a eleição da chapa '**Que vivan los estudiantes**' (1983-84), em que Elói Ferreira de Araujo, da Zootecnia, é o presidente. Essa gestão ocupou a reitoria pela primeira vez, em agosto de 1983, quando Fausto Aita Gai era reitor, como protesto pelo aumento do bandeirão. O DCE efetivamente liderava o movimento estudantil na Universidade, e assim conseguiu fazer frente às outras correntes políticas e propor outra forma de luta, além da greve, já desgastada e que conduzia à desmobilização.

Toda a estudantada era muito ligada com a gente, e se disséssemos que a greve tinha que acontecer, a greve aconteceria, e sem briga! Mas greve não é a única

forma de luta! E os 'trotskistas' queriam a greve enfurecidamente! Digo trotskistas, mas eram aquelas tendências todas do PT: Centelha, Libelu, Andança, Alicerce, Convergência. E nós éramos PCdoB, não éramos trotskistas. E havia a proposta de greve caso o reitor aumentasse o bandejão. Éramos contra a greve, perderíamos de novo, fica todo mundo fora, e nós aqui sozinhos. A proposta foi: Ninguém faz greve, vamos ocupar a reitoria até o atendimento das reivindicações! Foi a primeira vez que se ocupou a reitoria. Depois virou moda, virou o mesmo remédio para tudo. (Eloy)

A nova proposta pretendia manter os estudantes mobilizados até a resolução do impasse quanto ao aumento do bandejão. Cabe destacar que até a Reitoria reconhecia extra-oficialmente a liderança do presidente do DCE, como ilustra o diálogo abaixo:

E quando o reitor saiu, falei: 'Professor Fausto, o senhor vai entender, que não temos outra saída. Já que o senhor não nos atendeu, vamos ocupar a reitoria'. E ele me disse: 'Eloy, você tem certeza do que está fazendo?' Respondi: 'Professor, não é nem certeza, nem falta de certeza, é decisão da assembléia.' E ele retrucou: 'Está bem, depois a gente vai continuar conversando'. E eu: 'Tá bom professor, mas agora não tem jeito, vamos ocupar a reitoria!' Conversamos na porta, ele saindo com a *entourage* dele e a estudantada já entrando para dentro de chinelo, bermuda. E isso nunca aconteceu na reitoria. (Eloy)

Neste momento, cabe destacar que Eloy Ferreira era um estudante de origem humilde, filho de um trabalhador braçal, e que naquele momento, ocupava a presidência do DCE. Ele liderou os estudantes da Universidade à, pela primeira vez, invadir a Reitoria, o espaço do poder, um local a que pouquíssimos professores, funcionários e estudantes tinham acesso. O movimento estudantil propiciou a esse jovem a aquisição de um capital político, reconhecido inclusive pela autoridade máxima da Universidade, que se retirou da Reitoria para que os estudantes a ocupassem. Essa ocupação garantiu a mobilização dos estudantes, que a greve poderia esvaziar, e devido à ocupação "a Reitoria ficou cheia, durante uns 15 a 30 dias, sempre com estudante direto lá, ficando, dormindo", como relembrou Eloy Ferreira.

Entretanto, próximo "do final da ocupação, já começou a dar um problema", que exigiu uma postura firme das lideranças do movimento, pois constatavam os riscos que poderiam advir de 'infiltrações alheias ao meio estudantil' ou da própria inconseqüência juvenil:

Fizemos um comando, para evitar roubos ou qualquer outra coisa. Mas no final, perdemos um controlezinho, e entraram pessoas desconhecidas. A Rural era pequena, eu era presidente do DCE, sabia quem eram os estudantes, conhecia de vista ... De repente começamos a ver alguns provocadores ... E fizemos um

movimento de afastamento da reitoria, porque estava ficando preocupante. Um dia, tinha um cara fumando maconha, dentro da reitoria! (Eloy)

Há uma tentativa de repressão, quando o Decano de Assuntos Estudantis, em um ato qualificado como “uma grosseria incompreensível”, convocou a PM, que todavia não pôde intervir pois a Rural era um ‘próprio federal’. Naquele momento, o movimento foi vitorioso, coibiu o aumento, ampliou o número dos comensais, além de flexibilizar a gestão do Restaurante Universitário.

Após essa primeira, as invasões à reitoria se tornaram freqüentes e, posteriormente, uma “prática comum de pressão” sobre a Administração Superior. Em 88, um militante afirmava que essa atitude já causava pouco impacto: “fizemos isso várias vezes, já era rotineiro e não alterava nada, pois o reitor ia despachar na sua sala no Instituto de Biologia”. Eloy comenta que o desgaste de certas formas de luta como a ‘invasão da reitoria’ deve-se a uma falta de consciência do processo histórico, pois nenhuma forma de luta pode ser generalizada para todo o movimento social, independente da conjuntura: “Cada luta é uma luta, cada instante histórico, é um instante diferente”.

Um fato curioso ocorreu, ainda nessa gestão, durante uma greve de funcionários, que fecharam o bandeirão⁷⁸, e os estudantes, privados das refeições, aprisionaram e mataram uma cabra. Eloy, como presidente da entidade, sofreu um processo de responsabilização pelo ato. Ainda nesta gestão, o DCE obteve uma série de conquistas importantes como a participação estudantil nos órgãos colegiados da Universidade e a cessão das instalações da antiga CAUR⁷⁹. Além disso o reitor nomeou como Decano de Assuntos Estudantis, um professor respeitado pela comunidade universitária. O movimento estudantil na Rural obtivera mediante a luta organizada dos estudantes o reconhecimento da sua entidade central, o DCE, o retorno da representação estudantil nas instâncias de decisão da Universidade, sendo considerado um interlocutor de peso junto às outras entidades organizadas – como a associação docente (ADUR) e a de funcionários (ASUR, atual SINTUR) – e à Administração Superior.

⁷⁸ É uma prática comum, durante as greves de funcionários, fechar o bandeirão e a biblioteca, o que inviabiliza a permanência de estudantes no *campus*, mesmo quando a greve não é encampada por professores ou estudantes.

⁷⁹ Cooperativa dos Alunos da Universidade Rural, localizada nos Alojamentos, na época explorada por empresa privada. Hoje, sob a gestão do DCE, é um espaço destinado a eventos e reuniões.

Em 1983, as Universidades brasileiras atravessavam uma crise financeira devido à redução das verbas destinadas à educação superior. Na Rural, visando enfrentar essa crise de forma propositiva, o DCE e a ADUR uniram forças e promoveram um debate sobre o papel da Universidade no desenvolvimento e redemocratização do país, apontando para a necessidade de uma reestruturação ampla da instituição. Os “dois segmentos organizados, na época, no interior da Universidade, docentes e discentes,” propunham um debate sobre seus rumos, suas perspectivas, buscando “juntos, o caminho para a resolução dos problemas da Rural, instituição, ainda predominantemente agrária e, portanto, diferenciada da maioria”, segundo Otranto (Op.cit., p.146).

Nesse ínterim, confirmando a mudança de forças no quadro político das correntes estudantis, o PCdoB que chegara à direção do DCE, em 1983, passou a dominar o cenário político da Rural, – como ocorreu na UNE. As vitórias conquistadas favoreceram que o PCdoB permanecesse à frente do DCE por três gestões consecutivas, até o esvaziamento da entidade no período de 1986/87, quando este fica sem diretoria eleita, quando começaria o descenso do movimento estudantil da Rural, que entretanto teria dois *revivals* em 1987-88 e em 1992.

Finda a gestão ‘Que vivan los estudiantes’ duas chapas disputam o DCE, sendo que uma terceira, não inscrita, fez campanha pelo voto nulo. Nesse momento, as eleições para o DCE ainda produziam uma grande “empolgação”, e a chapa presidida por João Correia, obtém “o maior índice de votação na época”. O relato do presidente da gestão ‘**Coração de estudante**’ (1984-85), ainda vinculada ao PCdoB, ao se referir à pluralidade da composição da chapa, já aponta para uma mudança na correlação de forças e na falta de quadros partidários.

A chapa era extremamente ampla, pois conseguimos articular, com conhecimento pessoal e político, e juntar pessoas desde a extrema direita, - o pessoal que depois se tornou ruralista, da UDR - até o pessoal do PT, que ficou dividido, metade ficou na nossa chapa, e metade na outra chapa. (João)

Essa composição já refletia a desarticulação das tendências no interior do movimento estudantil da Rural, a ausência de lideranças e a conjuntura política do país, com o término do regime militar. Durante a década de 80, o DCE da Rural e suas lideranças empreenderam inúmeras lutas, principalmente referentes ao bandeirão, protestando contra os aumentos de preço e pela melhoria da qualidade

do serviço. A participação estudantil na greves de docentes e funcionários também foi significativa nesta década.

2.4.1 Sinais de crise na Rural: da Reitoria ao DCE

A década de 80 viu a consolidação do multipartidarismo com a criação de novos partidos políticos, a abertura política e a redemocratização do país, com o movimento estudantil participando, inicialmente de forma ativa desse processo, consolidado na campanha das “Diretas já!”, para posteriormente, apresentar sinais de enfraquecimento e desmobilização. A ditadura chegara ao fim, a Constituinte fora convocada e estava em andamento, confirmando que o processo de redemocratização do país teria continuidade, ao eliminar o aparato legal do regime autoritário. Contraditoriamente, junto com a democratização do país e da Universidade, duas de suas bandeiras de luta, parecia que começava o ocaso do movimento estudantil.

Ficar brigando só na questão política é complicado, porque já estávamos nas vésperas da Constituinte, e isso tudo mudou muito, era outra visão: “Agora a gente já está numa democracia!” E tinha que mudar a postura também, por que tem o aluno politizado, e tem aquele que detesta política, ou que não quer envolvimento com política partidária. E esse aluno chegaria mais junto ao movimento, por outros questionamentos. (João)

O presidente do DCE, contra inclusive a postura do seu partido, o PCdoB, já percebia que o movimento estudantil vivia uma crise e necessitava mudar sua forma de atuação junto à massa estudantil:

Eu achava que o movimento estudantil tinha que ter um posicionamento político, que naquela época era muito importante, mas também ter propostas específicas para a Universidade. E as outras chapas ficavam só na discussão política, e não conseguiam aglutinar os estudantes em geral. E tive discordâncias, pois achava que tinha que incentivar mais as lutas específicas, pois se partisse para a luta geral, questões políticas, não conseguiria manter a unidade da chapa, que ficou unida, quase até o final. E conseguimos fazer um chapa de sucessão. (João)

No comentário do estudante já aparece a divergência com o PCdoB, ainda velada, mas que viria provocar o rompimento deste com a tendência. O momento político, 1984, era o da luta pelas eleições diretas, e o DCE mobiliza, leva 6 ou 8 ônibus para os comícios das ‘Diretas Já’ no Rio. Entretanto, *já era um outro*

momento político e com a derrota das 'Diretas Já' o próprio movimento estudantil local e nacional perdeu o rumo, como avalia o depoimento seguinte:

Conseguimos uma vitória, na gestão do Eloy, o bandeirão deixou de ser uma concessão, e passou a ser administrado pela Universidade. E no início da minha gestão, brigamos um pouco, houve uma tentativa de retrocesso. Agora, aquela vitória acabou, e não tem outra expressão que tenha um significado, o que contribuiu para esvaziar. Porque brigávamos, conseguíamos algumas coisas, perdíamos outras, e depois ficamos sem proposta de continuidade. Na estrutura hierárquica da universidade, conquistamos Decanatos, assentos no Conselho Universitário, no CEPE, no Conselho de Curadores, mas isso, não chegava ao aluno comum. (João)

Em 1984, ano de sucessão à Reitoria, a luta pelas 'Diretas Já' adentrou a Universidade questionando a legitimidade da nomeação do reitor mediante uma lista sextupla indicada pelo Conselho Universitário. Nesse movimento os estudantes, juntamente com as associações de docentes e funcionários, exerceram o papel de protagonistas e a comunidade universitária, além de reivindicar, empenhou-se efetivamente em realizar eleições diretas para a reitoria.

A Universidade vivia, em 1984, um clima de otimismo e reivindicação demonstrando que a Abertura política chegava à Administração Superior, os estudantes haviam reconquistado o direito à representação estudantil nos órgãos colegiados, onde também os professores e funcionários, através de suas associações, tinham assegurada a representação. Nesse contexto, durante uma greve nacional de servidores públicos, a comunidade universitária da UFRRJ – representada pela associação docente, ADUR, pela associação dos funcionários, ASUR e pelo DCE, – deu início ao processo de escolha direta e paritária para a reitoria. Esse processo eleitoral aberto era na realidade uma consulta à comunidade universitária sobre prováveis candidatos à Reitoria. A consulta, realizada por meio de uma eleição direta, teve 11 candidatos, – entre os quais uma mulher e o ex-reitor, Artur Orlando, – votados individualmente por toda a comunidade. Os seis nomes mais votados integraram uma lista sextupla, que esperava-se fosse referendada pelos Conselhos Superiores da Universidade e encaminhada ao Ministro da Educação, que indicaria entre estes o novo reitor.

Dessa forma, os seis professores mais votados⁸⁰ integraram a chapa 'Primavera', que se opunha ao continuísmo das reitorias anteriores – desde 1971, um mesmo grupo se mantinha na Administração Superior, revezando reitores e vice-reitores⁸¹. O Colégio Eleitoral⁸², não atende à solicitação da comunidade universitária e ao invés de referendar os seis nomes que compunham a chapa 'Primavera', elaborou outra lista sextupla⁸³, sob o protesto dos representantes dos estudantes e das demais categorias. Note-se que o professor Jair Costa Leal, o mais votado na consulta direta, em protesto, recusou sua indicação para compor a lista sextupla 'oficial'.

Em um dos seus últimos atos como presidente do país, o General Figueiredo nomeia reitor da UFRRJ o professor Adriano Peracchi, vice-reitor da gestão anterior, e segundo nome da lista sextupla. O Colégio Eleitoral indicou para vice-reitor o professor Hugo Resende, ainda sob os protestos dos representantes dos estudantes e dos professores, que não concordavam “com a maneira como se processava a escolha de nomes para a composição da lista sextupla” e por julgarem que “a forma indireta seria antidemocrática”⁸⁴.

Perdemos a luta pela eleição direta. Acho que foi uma derrota, mas algumas pessoas acham que não foi, pois conquistamos Decanatos na estrutura hierárquica da Universidade. (João)

Entretanto, apesar do malogro desta primeira eleição direta na Rural, considerada ou não uma derrota, a Universidade encontrava-se em pleno processo de mudança. Estava instalada uma “crise de hegemonia” na instituição, visto que

o grupo que a dirigia, havia anos, já tinha perdido o consenso interno e deixado de ser 'dirigente', para ser somente 'dominante', detentor de pura força coerciva. Isso significava que os grandes grupos que formavam a comunidade universitária (professores, servidores e estudantes) estavam se separando da ideologia tradicional e passando, em sua grande maioria, a não crer mais naquilo que antes criam e que dava sustentabilidade ao poder constituído. (Otranto, 2003, p.157)

⁸⁰ Em ordem de votação: 1º Jair da Costa Leal, 2º Antônio Constantino de Campos, 3º Mânlio Silvestre Fernandes, 4º Raimundo Braz Filho, 5º Raul de Lucena Ribeiro, 6º Roberto José Moreira.

⁸¹ Fausto Aita Gai (71-74; 81-84) e Artur Orlando da Costa (75-80), candidato na eleição de 1984.

⁸² Composto pelo Conselho Universitário (CONSU), Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e Conselho de Curadores (CC).

⁸³ Em ordem de indicação: 1º Hugo Edson Barbosa de Resende, 2º Adriano Lúcio Peracchi, 3º Armando Salles, 4º João Francisco Neves, 5º **Jair Costa Leal**, 6º Olavo Divino Vieira. Com a saída do 5º nome da lista, este é substituído pela 6ª indicação, que passa a ser ocupada por Antonio da Silva Chaves.

⁸⁴ Ata da Reunião do Colégio Eleitoral de 15/02/1985. CONSU/CEPE/CC-UFRRJ).

Cabe destacar que a novidade entre 'os grandes grupos', que Otranto menciona, referem-se aos professores e funcionários, que tradicionalmente apoiavam as reitorias, visto que os estudantes, historicamente, sempre tiveram uma postura de confronto reivindicatório junto à Administração Superior. A "crise da UFRRJ, no ano de 1984", se centrava no fato de que "o velho estava morrendo, mas, o novo não podia nascer ainda", numa alusão ao caráter tradicional da Universidade, que apenas lentamente reconhecia o curso do processo de mudança, segundo Otranto (Ibid., p. 157).

O autoritarismo da Conselho Superior provocou uma crise de legitimidade a ser enfrentada pelo novo reitor, agravada por uma grave crise financeira⁸⁵ que ameaçava o funcionamento do Restaurante Universitário (RU), que atendia, na época 3500 alunos. Em vista do clima de insatisfação que pairava na Universidade, questionava-se a própria viabilidade da nova administração, e pairava a ameaça de uma 'intervenção externa'. Para solucionar a crise política, o novo reitor solicitou um 'voto de confiança' da comunidade universitária, se comprometendo com a adoção das reformas necessárias ao desenvolvimento da instituição.

Entre as reformas prometidas estavam as eleições diretas para direção de institutos e chefias de departamentos, a nomeação de decanos mediante a consulta à comunidade universitária, viabilizada pela participação na administração superior de professores que integravam a chapa 'Primavera', e a convocação de uma Assembléia Universitária Constituinte, só implementada na gestão de 1992-96. O novo reitor comprometeu-se ainda a, ao término de sua gestão, convocar eleições diretas para a Reitoria. Para os estudantes esse pacto de confiança em uma Reitoria sem legitimidade foi percebida como uma 'traição' dos outros segmentos à causa das eleições diretas, como relata o presidente do DCE:

Conseguimos fazer uma eleição direta p'ra reitor, e quando o Tancredo foi eleito e não tomou posse, fui para Brasília, já como presidente do DCE, negociar com o Sarney, ainda vice e com o Ministro da Educação. Acreditávamos que teríamos uma vitória, que a chapa "Primavera" seria aceita. Mas os funcionários, numa posição corporativista, observando apenas seus objetivos locais, deram um voto de confiança ao reitor Adriano Peracchi, indicado no final da gestão do Figueiredo. (João)

⁸⁵ Redução de 25% de um orçamento já deficitário, que tornara crítica a situação financeira da UFRRJ.

Entretanto, como a Rural, nesse momento, vivia a busca de soluções para seus problemas internos, os estudantes findam por se integrarem ao esforço de, a exemplo do que ocorria no país, democratizar a Universidade. Nesse processo a atuação dos sujeitos políticos coletivos e sua capacidade de organização foi fundamental. Professores e alunos apresentaram suas propostas para a crise da Universidade, uma responsabilidade assumida em conjunto pelos três segmentos. Em 1985, ainda na gestão 'Coração de estudante' o DCE elaborou um 'Plano de Emergência para a Salvação da Universidade' que foi submetido ao Conselho Universitário que nomeou uma comissão para estudar a sua viabilização.

O movimento estudantil da Rural, nesse momento, atingiu o máximo de reconhecimento na instituição, e o 'pacto interno' estabelecido entre a comunidade universitária, seus representantes e a administração superior, marcou esse período. Entretanto, à essa participação política propositiva, ao pacto institucional firmado entre a administração e as entidades, seguiu-se o esvaziamento da entidade. Segundo a análise do presidente do DCE na época, a mudança do quadro político do país retirou do movimento estudantil suas bandeiras principais:

Antes as propostas eram as brigas contra o regime militar, então se conseguia até unificar, do ponto de vista político, ampliar mais. Mas depois a coisa ficou meio sem ter por que brigar, pois as eleições diretas e a Constituinte já estavam garantidas. E o aluno também sente isso. Conquistamos assentos nos Conselhos Universitário, de Curadores, no CEPE, mas isso não importava muito ao aluno comum. (João)

A gestão do reitor Adriano Peracchi (1985-1989), paradoxalmente, pode ser considerada um marco para o movimento estudantil local, pois representou o auge, até então, da organização estudantil, e seu ocaso. O DCE, que reconquistara a participação nos órgãos colegiados na reitoria anterior, assumiu um papel responsável na busca de soluções para a crise da instituição, explicitado no 'plano de emergência' apresentado pelo DCE. A eleição direta para reitor já estava garantida e seria efetivada em 1988. O reitor não era uma figura autoritária como seus antecessores, o que minimizava, mas não impedia, o confronto direto. As questões locais específicas, como o bandeirão e os alojamentos, eram nesse período alvo de acordo entre a administração superior e as entidades,

principalmente graças à intervenção de alguns integrantes da Administração Superior que gozavam da confiança da comunidade universitária⁸⁶. Além disso, o movimento estudantil da Rural ainda se ressentia do malogro da 'eleição direta', sendo crescente o desgaste e o enfraquecimento das tendências políticas que por anos disputaram o DCE. Essa conjuntura interna acelerou o esvaziamento da entidade central dos estudantes, a par das mudanças advindas com a redemocratização do país.

Ao advento da 'Nova República' (1985-1989) seguiu-se a discussão e elaboração da nova Constituição do país (1988) e, finalmente, as eleições diretas, em 1989, quase 30 anos depois das eleições presidenciais de 1960. Esses eventos deram o tom ao processo de redemocratização do país, em curso nesse período, que consolidou inúmeros movimentos e formas organizativas populares surgidas no período conhecido como 'era da participação' (1978-89), devido ao aumento dessas práticas participativas populares. Era o despontar de novos atores políticos que enfatizavam "mais o aspecto das mudanças socioculturais ou as transformações políticas que os movimentos podiam gerar", inclusive incorporando "estratégias para a ocupação do poder", e se diferenciando dos movimentos sociais clássicos (Gohn, 2002, p.284).

Muitas foram as lutas, muitas foram as conquistas, e essas vitórias produziram uma euforia reivindicatória, a par da que ocorria no país: era possível construir um Brasil e uma Universidade que contemplasse os interesses da maioria da população. Entretanto, ao consenso e à generalização dessas práticas participativas nos diferentes setores da vida social adveio o desgaste, e os movimentos sociais no Brasil passaram de uma "fase do otimismo para a perplexidade", seguida da descrença, que provocou o refluxo da participação popular nas década de 90, como aponta Gohn (Op. cit., p. 284). Frustradas as expectativas adveio a desmobilização, cada vez mais patente nos anos seguintes.

O regime militar chegara ao fim em 1985, e apesar de tantos tropeços e retrocessos políticos daqueles anos conturbados por governos opressivos e repressivos, reproduzidos no interior da instituição, a UFRRJ continuou crescendo

⁸⁶ Como o prof. Antônio Constantino de Campos, segundo mais votado na 'eleição direta' de 1984, que foi nomeado Decano de Assuntos Estudantis e o prof. Manlio Silvestre, terceiro mais votado, que ocupou o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação.

com a ampliação das vagas, a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação. O crescimento da Rural refletiu a ampliação das vagas para o ensino superior em todo o país: os 500 mil estudantes universitários, em 1970, mais do que dobram seu quantitativo em cinco anos.

A massificação do ensino superior se deveu, principalmente, à proliferação de instituições privadas, que cresceram 983% nas matrículas, de 1966 a 1976, sendo que a maioria das vagas em cursos de baixa qualidade⁸⁷. Entretanto, ao crescimento do ensino superior privado correspondeu uma redução drástica dos investimentos nas instituições públicas. Esses problemas, como ressalta Poerner (Op. cit., p.305), ajudaram a engrossar os protestos, no final de década de 70, em torno de questões especificamente acadêmicas, como a luta por mais verbas para a educação e contra o aumento das anuidades e taxas, que se estenderão por toda a década de 80. A crise das universidades brasileiras continuaria como pano de fundo levando o movimento estudantil nacional a reivindicar mais verbas para a educação.

Em 1985, a UNE foi reconhecida⁸⁸ como a 'entidade representativa do conjunto dos estudantes das instituições de ensino superior' do país. Durante quase toda a década de 80, a diretoria da entidade foi composta por estudantes vinculados ao PCdoB, que organizou a tendência estudantil União da Juventude Socialista (UJS), majoritária no movimento estudantil nacional, na década de 90. Em 1987, uma chapa ligada ao PT, – apoiada pelo CGB⁸⁹, MR-8, setores do PMDB e estudantes independentes – venceu a eleição para a UNE, e durante três gestões consecutivas a mesma tendência esteve à frente da entidade⁹⁰.

Na Rural, o DCE tem sua primeira gestão (1985-86) em que as principais lideranças são femininas, a '**chapa das mulheres**', como ficou conhecida. Nesta gestão, além da presidente do DCE, Ligia da Biologia, destacavam-se Marta da Biologia e Mailta da Zootecnia. Essa gestão marca o fim do predomínio do PCdoB no movimento estudantil da Rural, que foi paulatinamente diminuindo,

⁸⁷ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Evolução do Ensino Superior 1980-1998. Brasília, INEP, 2000. 71 pág. Disponível no site do MEC/INEP.

⁸⁸ Lei 142, de 1985, do deputado Aldo Arantes (PCdoB), ex-presidente da UNE (1961-62).

⁸⁹ Coletivo Gregório Bezerra, dissidência prestista (ligada à Luiz Carlos Prestes) do PCB.

⁹⁰ Valmir Santos (1987-88), Juliano Corbelini (88-89) e Carlos Langoni (89-90), da tendência Nova Esquerda do PT, são os presidentes da UNE no período.

com a formatura das principais das lideranças. A força do PCdoB nos Centros Acadêmicos de Zootecnia e Biologia garantiu a renovação de quadros de liderança até 1986, pois os CAs eram a base da força das tendências.

Fui presidente do DA de Zootecnia por quase três anos, de 1982 a 85. A Zootecnia era um curso considerado de Direita, mas eu representava o PCdoB ali, recrutava pessoal, conseguia fazer um DA de esquerda fortalecido. (Mailta)

No DCE, a gestão feminina enfrentava uma crise interna e terminou sem que houvessem sido realizadas eleições. A maior visibilidade alcançada por um membro da Diretoria, provocou um conflito pessoal, entre as lideranças do DCE.

Começaram a se referir a mim como presidente do DCE. Eu realizava as atividades culturais, era mais comunicativa, mais acessível às pessoas, não tinha aquela postura de militante. Embora participasse de uma tendência, um partido, minha postura era diferente e os alunos aprovavam: nas assembléias meu discurso era de conciliação, não de pedrada; conseguia dialogar como representante no Conselho Universitário. Na 'falação' quase diária no bandejão, eu falava mais e aparecia mais – a Ligia tinha uma voz pequena e minha voz ampliava mais. E o pessoal me tomou como presidente sem que eu fosse... Foi um conflito, foi ruim, ruim... Fim do ano de gestão, a Ligia e a Marta se formaram. Não teve eleição, a gestão foi prolongada por 86 todo e eu assumi a presidência do DCE – não legitimada pelo voto, mas num acordo em reunião de Conselhinho. E nessa minha gestão, de 86, tomamos a reitoria, teve ocupação, por causa do bandejão. (Mailta)

Nesse momento Mailta se desvinculou do PCdoB, se aproximando do 'pessoal' do PT, menos por discordância política do que por questões afetivas, devido ao fim de um longo namoro com um colega do PCdoB e o início de uma relação amorosa que resultará em casamento e uma filha como outro colega do PT. Como no episódio do MEP, em que um namoro favorece a inserção de uma tendência no movimento estudantil da Rural, essa situação se repetiu, intencionalmente ou não. Vê-se que alguns dramas amorosos provocam atropelos nas entidades.

Eu tinha uma simpatia, me identificava com o PT, mas não tinha articulação nenhuma. E o pessoal do PCdoB me levava para reuniões de base, mas eu 'tava muito indecisa. Vou no Congresso da UNE, em 1983, e lá sou cooptada pelo PCdoB – escalaram um rapaz p'ra me namorar e me recrutar, o Walter. Comecei a namorar e entrei pro PCdoB. Depois de 3 anos, terminou o namoro e comecei a namorar o Éder, e ele me tirou do PCdoB e me colocou no PT. E o PCdoB começou a esfacular, o pessoal começou a formar, e não há continuidade. (Mailta)

A dificuldade de renovação das lideranças e o desgaste na condução da entidade nacional, aceleraram a perda de hegemonia do PCdoB na Rural. A ausência de eleições, deixa o DCE, pela primeira vez, sem uma gestão oficial: é o

prelúdio de uma crise de organização no movimento estudantil. Dessa forma, à euforia reivindicatória de 1984 e 85 na Rural, seguiu-se o esvaziamento do DCE.

Em 1987, Mailta se uniu ao grupo de estudantes que começava a discutir a reestruturação da entidade e que integram a chapa Lua Nova, com o apoio dos estudantes de pós-graduação da Universidade. Entre estes estava Luís Mauro, que cursava o doutorado, e fora um dos integrantes da primeira gestão do DCE-Livre.

Neste momento, faço um corte metodológico, na sucessão das gerações de estudantes que militavam no DCE: saíam os últimos integrantes de uma geração de estudantes que vinha conduzindo o movimento estudantil desde a sua reconstrução, e começava a despontar outra geração, que marcaria os anos seguintes. Mas do que a gestão Lua Nova, a invasão do MEC, em 1988, marcou a saída de uma geração⁹¹ e a crescente visibilidade de outra, que entrava na Rural.

2.4.2 1988: A ocupação do MEC

A gestão **Lua Nova** (1987-88) aglutinou os estudantes dispostos a reconstruir o DCE. A chapa se auto-intitulava 'independente', mas de fato era uma coalizção de forças políticas que se opunham ao PCdoB – que tentou rearticular-se compondo também uma chapa que perde em toda a Universidade. A derrota do PCdoB – que dirigira o DCE nos 4 anos anteriores – demonstrou que os estudantes estavam cansados da partidarização da entidade, da sua estrutura fechada, e ansiavam por algo novo, que a vitória da Lua Nova representava.

Fizemos uma campanha contra o centralismo do DCE, que o DCE era partidarizado pelo PCdoB, que era como uma correia de transmissão, de cima p'ra baixo, e internamente muito rígido, na figura do presidente, dos seus diretores, onde os estudantes tinham pouco espaço para intervir. Em cima dessa crítica geral, a gente obteve uma vitória esmagadora, ganhamos até nos redutos do PCdoB, em praticamente em todos os cursos...(Ricardo)

Frente a desarticulação do movimento estudantil da universidade e o esvaziamento do DCE, a Lua Nova foi considerada uma gestão memorável, de reconstrução, que apresentava uma proposta interessante. O DCE recuperou sua representatividade e enchia as assembléias, em um período de intensa

⁹¹ Mailta e Luis Mauro, que integram a gestão Lua Nova, representam essa 'primeira' geração que participou da reconstrução e consolidação da entidade no final da década de 70 e meados de 80, também constituída por Edilson, Elder, J. Elói, Eloy, João, Ricardo e Marco.

efervescência cultural e política, que seria o pano de fundo da campanha para a Reitoria e da invasão do MEC, os marcos de 1988. Essa gestão propôs

uma nova forma de organização no DCE, em comissões abertas. O DCE funcionaria como um espaço onde o estudante poderia se organizar e decidir dentro dessas comissões... e quaisquer outras comissões que se organizassem o DCE daria a infra-estrutura: recursos, imprensa, sala, e não interviria. Os alunos se organizariam junto ao DCE, da forma que quisessem, e o DCE daria a infra-estrutura. O DCE não tinha presidente, eram coordenadores, e as decisões funcionavam em colegiado. E nas comissões abertas a diretoria não intervinha e nem participa s, só apoiava.... (Ricardo)

Entretanto, as adesões à tendências políticas, não explicitadas durante a campanha, viriam a minar a unidade da gestão. O posicionamento político de algumas das principais lideranças, vinculadas ao CGB e a tendências ligadas ao PT, criavam um clima de disputa interna, percebida pelos estudantes.

A Lua Nova teve o apoio da gente, gostávamos muito deles. Mas, eles viviam em conflitos internos tremendos. Era um pessoal ligado ao CGB, que depois juntou com a Convergência. E dentro do DCE tinha uma crise forte, porque tinha gente mais moderada e gente mais de esquerda, e brigavam muito. (Leonardo)

A Lua Nova se esfacelou antes de um ano: claro que não iria dar certo, juntar CGB com PT, que era dividido entre a CS e a Articulação. Não tinha como dar certo, e a gestão se desintegrou, e antes do movimento do MEC, a gestão já tinha acabado, mas eles não convocaram nova eleição, porque nem tinham como, pois só sobraram o Élio, o Wilkie e o Fernando. Eles respondiam pelo DCE, mas já tinha acabado a gestão e a própria reitoria não os reconhecia mais como DCE. Os outros já tinham formado ou saído da Rural ou saído da chapa. E quando teve a ocupação do MEC, não tinha DCE na Rural. (Beth)

Em 88, a gestão participou, em meio a sua crise interna, da campanha pela eleição para a Reitoria, com a participação ativa de vários membros do DCE. A campanha eleitoral provocou uma grande efervescência política na Universidade.

A gestão foi atropelada pelo processo de eleição p'ra reitor... E o grupo mais progressista, à esquerda, – que em 92 virou o MUDE⁹², – fez uma pressão muito forte para o DCE entrar na campanha, por que as pessoas do DCE eram muito representativas, e realmente eram, na época. Mas achávamos que o DCE não podia participar.(Ricardo)

A campanha para a reitoria teve um grande envolvimento dos estudantes e acirrou a crise no DCE. Essa eleição opunha a 'ala progressista' – que em 1984 se aglutinou em torno da chapa 'Primavera' – à 'ala conservadora', que representava a continuidade administrativa. O primeiro grupo era liderado pelo professor

⁹² MUDE (Movimento Universidade Democrática) foi o nome da chapa vencedora nas eleições à Reitoria de 1992, encabeçada pelo mesmo candidato de 88, prof. Manlio Silvestre.

Manlio Silvestre, da chapa 'Alternativa', e o segundo pelo vice-reitor Hugo Resende, que foi eleito. Havia ainda uma terceira chapa, menos expressiva. Quando, pela primeira vez, a comunidade universitária escolheu, de forma direta e paritária, o reitor, paradoxalmente, este foi o representante do combatido continuísmo.

Após a eleição para a reitoria, e com o mandato da gestão Lua Nova já expirado, a morte de um estudante⁹³ sacode a Universidade Rural. A revolta provocada por essa morte ocasionou a invasão do Palácio da Cultura do MEC, no Rio de Janeiro, que permaneceu ocupado pelos estudantes por 30 dias. O movimento começa de forma espontânea, não dirigida, e o DCE não é o motor principal, apesar de conduzi-lo em seu momento inicial.

Foi um momento muito louco, inesperado, espontâneo. De repente morre um menino no *campus*, e um dia depois, numa assembléia no Gustavão, lotado de gente, vem a proposta... E se invadiu o MEC no dia seguinte, eles bloquearam, teve polícia, aquela confusão, 'quebra, invade?', E todo mundo 'a gente vai ficar aqui' e ficou. Foi um momento forte, tinha uma explosão ali latente, uma coisa aconteceu e a faísca pegou, numa dinâmica totalmente aleatória. O movimento do MEC foi muito forte, envolveu as outras universidades, colégios secundaristas, durou semanas.... (Luís Mauro)

O fato da Rural, tão afastada, não ter uma ambulância funcionando, em condições de socorrer o estudante e levá-lo ao hospital, naquela hora, fez com que todos os estudantes se revoltassem, foi como um rastilho de pólvora na Universidade. Todos se reuniram no Gustavão. O M.E. era muito forte na Rural. A força do DCE era tão grande, que carregava os diretores dos institutos para a mesa, o reitor, o vice-reitor. O pau quebrou feio. A invasão do MEC foi decidida na assembléia. Chega de invadir a reitoria, proponho a invasão do MEC, e vamos com os ônibus da Rural e o reitor tentou argumentar que não poderia entregar os ônibus aos estudantes, mas contra-argumentamos que se não liberasse tomaríamos os ônibus à força. A Rural toda naquela Assembléia no Gustavão e o reitor, teve que ceder...No dia seguinte os ônibus estavam à nossa disposição para irmos ao Rio...(Ricardo)

Nesse momento, os estudantes têm a percepção de que a Universidade nada pode fazer, pois sofre com os cortes de verbas. Não bastava invadir a reitoria se as verbas vinham do MEC, e era no Ministério da Educação que

estavam sendo elaboradas as políticas que geraram conseqüências como a morte do estudante, por falta de recursos. O que afligia a universidade era a falta de recursos, a questão orçamentária: queríamos uma alteração na política do MEC. Lutávamos e invadimos por mais verbas, e lá dentro, com estudantes de outras universidades, vimos que devíamos combater também a cobrança de taxas. A

⁹³ Iljânio Durães dos Santos, estudante de Química, morreu no Posto Médico, vítima de aneurisma cerebral, em 20 de setembro de 1988, após uma aula de musculação no Ginásio de Esportes.

força dos estudantes ainda era muito grande, éramos fortes, o M.E. era forte. (Ricardo)

A ocupação do MEC, na realidade só foi decidida no próprio Palácio da Cultura, quando os estudantes no auditório do Palácio da Cultura ouviram do representante do MEC que este nada poderia fazer, solicitando que estes se retirem. Os estudantes decidem acampar no local até que as reivindicações sejam atendidas. Nesse momento, os estudantes que integravam a gestão Lua Nova, deixam de ocupar o papel de liderança no movimento, já auto-gestionário, e que forjou outras lideranças, com que os estudantes se identificavam mais.

Lembro daquela multidão lá em baixo no Palácio Capanema e o Secretário mandando subir o DCE, mas não tinha mais DCE na Rural, e queríamos que ele descesse p'ra falar com todo mundo. Como ele não desceu a gente subiu um andar e ocupamos o auditório do MEC, por um mês. A ocupação do MEC foi um movimento auto-gestionário, e ali na hora formamos comissões de cultura, de cozinha, de negociação, de comunicação e ninguém indicava os membros do DCE p'ra essas comissões, mas quando era a votação p'ra comissão de banheiro, todo mundo gritava os nomes do DCE Lua Nova. (Beth)

Iniciado pelos estudantes da Rural, o movimento do MEC se ampliou com a adesão de estudantes de outras Universidades e o apoio do reitor da UFRJ, Horácio Macedo, que organizou uma frente de reitores do Sudeste, para exigir mais verbas do MEC. Quando ocorreu a ocupação do MEC, a Rural vivia uma situação delicada, sob o temor das repercussões negativas do episódio em Brasília, já que o reitor eleito, Hugo Resende, ainda não havia sido empossado pelo MEC. O reitor Adriano Peracchi, pressionado a encampar o movimento manifestou-se favoravelmente aos estudantes. Como relata um militante, “era um período de transição, na Rural, mudança de reitoria, a pressão violentíssima dos estudantes”, com o reitor ainda aguardando a nomeação do Ministro.

O Ministro da Educação, Jorge Bornhausen, estava desestabilizado pela mobilização estudantil e pelo movimento dos reitores, e atendeu as reivindicações:

Foi um semestre inteiro de luta contra as taxas e quando o Ministro da Educação quis negociar e chamou as lideranças para a mesa, reivindicamos mais verbas e o fim das taxas. Vitória: todas as taxas foram abolidas. O estudante não pagava mais nenhum centavo por nada, garantimos subsídios para o bandeirão e para outras coisas. Aquele foi um momento muito forte, dada a força que o DCE tinha naquele momento. (Ricardo)

O movimento de ocupação do MEC demonstrou que novos ventos sopravam sobre o movimento estudantil organizado da Rural, pois o DCE já não

representava os estudantes naquele momento. Com o fim do movimento, vitorioso, seguiu-se uma desarticulação do movimento estudantil, e na eleição pela sucessão do DCE, houve uma pulverização, com várias chapas concorrendo. Essa nova gestão, e as que a sucederam, não ficaram na memória dos entrevistados, demonstrando o desgaste da entidade e seu descrédito entre os estudantes. A representatividade e capacidade de mobilização estudantil atingiram o patamar mais baixo, entre os anos de 1989 e 1991. Parecia que o ciclo em que o DCE tinha uma forte presença entre os estudantes chegara ao fim, que o auge do movimento estudantil ficara no passado.

O M.E. sempre foi muito forte na Rural. O DCE, sempre foi uma presença muito forte, como organização. Nunca houve uma ausência do DCE, ele sempre existiu como uma referência, nunca deixou de ser forte e mesmo quando veio a partidarização, a influência dos partidos, do PCdoB, e outros. A invasão do MEC, foi o último grande suspiro do DCE e depois houve o racha, seguiu-se uma gestão muito fraca, o PCdoB já estava desarticulado, desacreditado, muito por causa da nossa atuação contra. E o DCE entra numa fase de desarticulação, desmobilização, que dura uns 5, 6 anos e hoje é o que se vê. (Ricardo)

Entretanto, enquanto o DCE era alvo de disputa entre tendências, principalmente entre o PCdoB e a Convergência Socialista (CS), as lideranças que despontaram no MEC se voltam para o trabalho nos Centros Acadêmicos.

O espaço do DCE não era mais atraente. Depois que acabou a gestão da Lua Nova, que se desmilingüiu, ficou aquele vazio, e largamos aquela disputa entre a CS e o PCdoB: “deixa eles p’ra lá, que se danem, que se matem entre eles”. Nos ausentamos da disputa e decidimos apoiar quem pegasse o DCE. E quem ganhou foi a CS, só que sem hegemonia, por que eles tinham a entidade, mas não tinham legitimidade, representatividade. E se falassem ‘vamos fazer um protesto contra a reitoria’, ninguém ia. Íamos p’ra reunião do Conselhinho, e ficava aquele bate-boca com as diretorias. E enquanto isso, o CEA estava cheio, mobilizávamos p’ras Assembléias. (Henrique e Leonardo)

O DCE não conseguia mais mobilizar o estudantado e enfrentou dificuldades até mesmo para aglutinar um grupo disposto a dirigir a entidade, que sobrevive graças à atuação dos Centros e Diretórios Acadêmicos (CAs e DAs) que compõem o Conselho de entidades.

Em 1990 não tinha DCE. Era uma onda baixa do movimento estudantil, e o contato com os outros DAs era precário também, todos estavam voltados para os seus cursos. Nos voltamos para organizar as bases, os cursos. (Tarci)

Essa ‘onda’ baixa se reflete inclusive no abandono da representação estudantil nos órgãos colegiados, conquistada em 1984. A gestão que dirige o

DCE, após esse período, defendia a participação paritária entre os representantes dos três segmentos, funcionários, professores e estudantes, na proporção de 1/3, e em protesto abstém-se de participar dos Conselhos Superiores, por acreditar que a representação estudantil vigente⁹⁴ servia apenas para legitimar o Conselho e os atos da Reitoria.

Em 1989, no 40º Congresso, realizado em Brasília, as diretorias da UNE passam a ser compostas pela proporcionalidade dos votos entre as várias tendências, representadas pelos delegados presentes ao Congresso. Essa gestão proporcional acirrou a crise da entidade ao invés de minimizá-la, imobilizando-a com as constantes brigas internas entre as diversas tendências presentes na diretoria da UNE. A crise interna se tornou permanente, dificultando a tomada de decisões e a mobilização do estudantado, capaz de detectar o divisionismo que imperou nas diretorias desde então. A partir de 1990, o PCdoB tornou-se novamente a tendência majoritária na entidade indicando os presidentes⁹⁵, enquanto o movimento estudantil nacional perdia progressivamente sua capacidade de mobilização e credibilidade na medida em que se tornava mais evidente a partidarização da UNE.

A história do movimento estudantil da Universidade Rural, teve na década de 80, seus dois maiores momentos, no que tange à mobilização e visibilidade: a greve de 108 dias, em 1980, e a ocupação do Palácio da Cultura, por 30 dias, em 1988. Esses movimentos foram desencadeados por duas tragédias fatais, a morte dos estudantes George Ricardo Abdala, em 20 de setembro de 1979, atropelado na Estrada Rio-São Paulo, e Iljânio Durães dos Santos, em 20 de setembro de 1988, vítima de aneurisma cerebral durante uma atividade desportiva. Essas tragédias pessoais despertaram a comunidade universitária para condições precárias no *campus* advinda da falta de verbas, um dos motores da crise da Universidade Pública Brasileira nas últimas décadas. Mortos, George e Iljânio levantaram bandeiras de luta, tornaram-se símbolos na luta por uma educação com qualidade, mobilizaram a opinião pública, ainda que quando vivos não tivessem qualquer participação política ou visibilidade: a maioria dos estudantes não os conheciam,

⁹⁴ Regimentalmente, é garantida a representação do corpo discente na proporção de 1/5 do total de membros do órgão colegiado do departamento, curso, instituto ou dos Conselhos Superiores.

⁹⁵ Patrícia de Angelis (1991-92), Lindenberg Farias (92-93), Fernando Gusmão (93-94), etc.

seus nomes foram esquecidos pelos depoentes. “No luto, a luta”: como Edson Luís, assassinado em 1968, George e Iljânio, involuntariamente, ativaram o movimento estudantil com o ímpeto juvenil contra o autoritarismo e a injustiça.

2.5

A década de 90: *revivals* e desmobilização

Nesse ínterim, em 1989, foi eleito Presidente da República, Fernando Collor, um político do Nordeste, semi-desconhecido, alvo de uma campanha de *marketing* que o apontava como o ‘caçador de marajás’ que tiraria o país do atraso e da corrupção. Ele derrotou, no segundo turno, Lula, presidente do PT, ex-metalúrgico e sindicalista, sem escolarização formal, considerado o representante das camadas populares⁹⁶. Era a primeira eleição direta após quase 30 anos, e concorriam ao cargo políticos de destaque no cenário nacional, como Leonel Brizolla, Ulysses Guimarães, Mario Covas, derrotados ainda no primeiro turno, numa demonstração de que o país desejava mudanças na política, representadas por Collor e Lula.

Menos de dois anos depois, o governo Collor estava imerso em escândalos financeiros e denúncias de corrupção. Em 1992, os jovens voltaram à cena política do país, travestidos de uma irreverência desconhecida pelo movimento estudantil, exigindo o *impeachment* de Collor. O movimento dos ‘caras pintadas’⁹⁷, dirigido pela UNE e pela UBES⁹⁸, transformou-se na principal locomotiva da campanha ‘Fora Collor’, mobilizando milhares⁹⁹ de estudantes que satirizam o ‘marketing’ político do presidente.

Num ‘carnaval cívico’, com suas músicas, palavras de ordem, gestos, alegorias, faixas e cartazes, os ‘caras-pintadas’ desfilam pelas avenidas do Brasil. Ante o cinismo dos que governam o Estado e dele se apropriam o protesto dos adolescentes veio no mesmo nível irônico e sarcástico, com críticas inteligentes e criativas. Movimento desencadeado pelo simbolismo das cores, usa a imagem

⁹⁶ Após mais duas eleições em que foi derrotado (1994 e 1998), foi eleito presidente em 2002.

⁹⁷ Os jovens pintavam os rostos de verde e amarelo, de preto (luto) e com palavras de ordem (Fora Collor), e entoavam ‘coros’ de protesto alegres e bem-humorados. Era uma ‘festa cívica’ juvenil.

⁹⁸ União Brasileira de Estudantes Secundaristas.

⁹⁹ As primeiras passeatas mobilizaram cerca de 10.000 jovens em São Paulo, e se estenderam à várias capitais, variando de 20 a 40 mil manifestantes, e atingindo 200 mil num grande ato em São Paulo.

como estratégia de protesto, e ao som de músicas executam coreografias combinadas e exibem suas alegorias. (Moraes, 1995, p.17)

Outros setores da sociedade civil, inicialmente aturdidos e descrentes com o movimento 'cara-pintada', engrossaram as fileiras de protesto contra a corrupção governamental, exigindo a deposição de Collor, e pleiteando ética na política. Desfazia-se assim a imagem alienada, consumista, individualista e apática da 'geração *shopping center*' (Mische, 1997, p.135). A surpresa da reação juvenil provocou interpretações e debates acalorados: analistas vinculados à esquerda e à direita atribuíam o movimento 'cara-pintada' apenas à manipulação da mídia e dos partidos políticos. As manifestações e passeatas pelo *impeachment* de Collor foram classificadas como espontaneístas e espetaculares, a que se atribuiu um caráter festivo que negava sua efetiva politização (Abramo, 1997, p.27).

Entretanto, não foi somente a questão política que impulsionou a juventude para as ruas, mas também a realidade do ensino no país, que os afetava diretamente, como afirmou Farias (1994, p.275), presidente da UNE na época e um dos líderes da "festa cívica" promovida pelos estudantes 'caras-pintadas':

É através das questões específicas e concretas que a juventude busca suas novas utopias, sem modelos preconcebidos. Queremos descobrir nosso caminho e é esse o dado que liga à geração da década de 60, que tinha um projeto político mais definido, uma outra geração que não tem esse projeto tão claro.

As manifestações estudantis que exigiram o *impeachment* de Fernando Collor, ocorreram durante a gestão do DCE "Camarão que não nada a onda leva". O movimento que surpreendeu o país, dando visibilidade nacional ao movimento estudantil, que vivia um momento de refluxo e desmobilização, no entanto não atingiu uma grande mobilização na Rural. A reação ao 'Fora Collor' foi contraditória, devido um descrédito das lideranças em relação ao movimento, associado à *mídia* e à UNE, desgastada na instituição:

Fomos para o 42º Congresso da UNE, que elegeu o Lindenberg. Mas tivemos problemas com o prazo da inscrição, a listagem atrasou e a Rural ficou sem delegado no Congresso. E numa plenária no Caio Martins, com 6000 pessoas, defendi o cadastramento das escolas que não se credenciaram como nós, mas que possuíam todos os documentos. Essas escolas, por coincidência, eram quase todas identificadas com o PT, e como no Congresso da UNE os votos são em bloco, e o bloco do PCdoB era maior e eles ganharam. E além da frustração, ficou uma

desconfiança em relação a UNE, não só no DCE mas entre a maioria dos estudantes da Rural que foram lá. E, de modo geral, a Rural ficou com dificuldade de admitir e legitimar a liderança da UNE. Ficou muito difícil mobilizar para uma passeata ou um evento puxado pela UNE, que tinha barrado o credenciamento do pessoal da Rural no congresso. Só no encontro de ciências, arte e cultura, o pessoal ia com facilidade, por que era em Ouro Preto, cheio de artistas. Mas para um Conselhinho da UNE (Conselho de Entidades de Base), era difícil levar alguém. O DCE ia, mas nos CAs ninguém se animava, era um mal estar geral. E o 'Fora Collor', refletiu isso, além de ser uma grande farsa, pois todo mundo sabia que ele ia cair...Mas chegamos a ir, umas duas ou três vezes, para passeatas do 'Fora Collor' no Rio, mas não conseguia volume, nem empolgar. (Leonardo)

Muitos estudantes ligados a partidos políticos usavam o movimento estudantil como trampolim, como Lindberg, que aproveitou o 'Fora Collor' p'ra se promover. Dentro da Rural tentamos afastar essa discussão política-partidária. Já víamos o "fora Collor" como uma manobra de *marketing* da UNE, e não participamos. Não fomos 'cara-pintada', mas queríamos o "fora Collor" e lutamos pelo "fora Collor". A Rural sempre conseguiu mobilizar muito, sempre foi forte em movimento de rua: em todas as passeatas no Rio a Rural puxava o movimento, palavra de ordem, era o carro-chefe de chegada. Mas conhecíamos o interesse, *marketing* da UNE, e não éramos favoráveis. Nem aceitávamos as carteirinhas da UNE, achávamos que ela atuava de uma forma que não favorecia o movimento estudantil, mas sim as outras instâncias político-partidárias, e que corria da sua responsabilidade. (Vera)

Apesar do *revival* do movimento estudantil proporcionado pelo "Fora Collor" a desmobilização continuou sendo a tônica, pois findas as passeatas, os 'caras pintadas' "voltaram para suas redes dispersas nas escolas, trabalhos e shopping centers", sendo ainda pequeno o número dos jovens que se juntaram aos movimentos organizados (Mische, 1997, p.148). Os jovens que foram às ruas são contra a partidarização do movimento estudantil, e o oportunismo de alguns de seus líderes.

A 're-construção' do movimento estudantil parece indicar uma homogeneidade no momento da crise da 'ética na política' com os 'caras-pintadas'. Contudo, num segundo momento, parece que esta homogeneidade perde-se na medida em que se instala uma espécie de luta pela definição da 'identidade' do movimento e as representações que dele fazem seus integrantes. As lutas pelo poder de 'di-visão' assumem o papel principal. (Moraes, 1995, p.22-23)

No entanto, se os anos 90 pareceram significar para os movimentos sociais sindicais, estudantis e de direitos civis um momento de refluxo e perda do poder de mobilização, não se pode esquecer que há uma reconfiguração emergente das

redes organizacionais juvenis, dispersas e distintas, que apontam para a “heterogeneidade e dispersão das várias *juventudes*”. (Ibid., p.134)

Anteriormente ao ‘Fora Collor’, o movimento estudantil da Rural vivera um momento de descrédito da sua entidade central, que inclusive deixara de ocupar os assentos destinados aos estudantes nos Orgãos Colegiados. Em contrapartida, vários CAs se fortaleciam e apontavam para o surgimento de uma nova mentalidade militante, que se concretizou com a eleição para o DCE da chapa ‘**Camarão que não nada a onda leva**’ (1992-93). Os integrantes dessa chapa, já eram lideranças reconhecidas desde a invasão do MEC, que com a ocupação das vagas de representantes estudantis nos Conselhos Superiores, viram confirmada oficialmente sua representatividade na Universidade.

A vitória esmagadora da chapa ‘Camarão’, após uma campanha alegre e irreverente, representou o repúdio à condução que era dada ao movimento estudantil pelo DCE vinculado à Convergência Socialista, como anteriormente ocorreu com o PCdoB em 1987, com a ‘Caminhando’ em 1983, e com o MEP, em 1979. A composição da chapa eleita refletia a hegemonia que a Agronomia, através do CEA, possuía no movimento estudantil daquela época. Ela era o ‘celeiro das lideranças’, como já o fora no passado a Geologia, e em escala menor a Zootecnia, a LiCA e a Biologia.

Em 1992, ocorrem as eleições para a Reitoria, e o prof. Manlio Silvestre, candidato derrotado em 1988, tornou-se o novo reitor, com o apoio dos estudantes. Durante sua gestão (1993-1996) o atendimento às reivindicações estudantis é um compromisso da administração superior, o que causará o esvaziamento das bandeiras do movimento estudantil, temporariamente sem antagonista interno. Posteriormente, destaco a atuação da gestão ‘camarão’, sua característica de exemplaridade em relação às demais com ênfase no vínculo estabelecido por seus integrantes e na sua postura política ‘independente’, embora não apartidária. Essa gestão representou um marco no movimento estudantil da Rural, como ressaltado em capítulo posterior, tanto devido à longa atividade política da maioria de seus integrantes, que remonta à sua atuação em vários CAs desde 1986, sua visibilidade nos episódios de 1988, como a campanha para a reitoria e a invasão do MEC, seu protagonismo na retomada da representação estudantil nos

orgãos colegiados até a gestão para o DCE, marcada pela parceria com a Administração Superior que ajudaram a eleger em 1992.

No DCE, seguiram as gestões '**Desiderata**' (1993-94) e '**Jatobá**' (1995-96), que mantiveram uma relação de cooperação amigável com a reitoria, ainda que também enfrentassem dificuldades. Seus integrantes destacam a abertura ao diálogo propiciada pela Administração Superior, o que favorecia a resolução de problemas referentes à assistência estudantil. O DCE se engajou, nesse período, no 'Movimento pela Estatuante' que discutiu a elaboração do novo Estatuto da Universidade, que no entanto não chegou a ser concluído. Essas duas gestões consolidaram uma postura 'independente' rejeitando o aparelhamento do DCE à uma tendência político-partidária.

Éramos independentes, como os Camarões, com muitos simpatizantes do PT, mas que não traziam essa simpatia aqui p'ra dentro, com palavras de ordem, etc. No DCE Desiderata, não discutíamos política partidária, o importante era o funcionamento educacional, e não o partido. Lidávamos com alunos, professores, técnicos-administrativos de forma independente. E o pessoal do Jatobá, também tinha essa postura. Embora o Luiz Cláudio fosse da corrente "Trabalho", também não discutia questões do PT aqui dentro. Devia ser algo bem complicado, por que ele era militante mesmo, filiado. (Vera)

Sempre fizemos questão de ajudar qualquer estudante que chegasse no DCE, independente do seu pensamento político, da sua tendência, da sua opção partidária ou ideológica. Ele é um estudante, procurou o DCE por algum motivo e vamos ajudá-lo. Na hora de viabilizar infra-estrutura para participar de um congresso nacional dos estudantes, por exemplo, lutávamos por um ônibus p'ra levar todo mundo da Rural, nunca optamos por conseguir só para os nossos, pois ali não é ônibus do grupo A, B ou C, mas de todos os estudantes. (Luiz Claudio)

Nesse momento se evidencia um descenso na participação dos estudantes que provoca um questionamento sobre a representatividade do DCE, sobre o papel das entidades estudantis e dos demais grupos. Havia uma crise de organização no movimento estudantil, as gestões se esvaziavam, as entidades tinham grandes dificuldades de realizar eleições e o vácuo no DCE tornava-se quase uma constante.

Um fato que sempre acontece nas gestões do DCE é que começa com um número determinado, 15, 20 e vai diminuindo. E tem que se fazer uma adaptação, reduzir ao máximo essa chama sem deixar que ela apague. Sempre tinha, pelo menos, uma reunião por semana, isso era obrigatório. E quando a dinâmica tava muito grande, chamávamos o Conselho de Centros Acadêmicos, pois se para o DCE sózinho tá difícil de impulsionar alguma campanha, algum movimento, recorríamos até a outras organizações dos estudantes que não eram tradicionais como os CAs. E ultrapassávamos um pouco o limite do que é movimento

estudantil, chamando o Erva-Doce¹⁰⁰, o GAE¹⁰¹, os grupos de capoeira, para participar do Conselho de Centros Acadêmicos. Hoje em dia não é todo o mundo que pensa em se organizar, e quem se organiza a gente tem que chamar. (Luiz Cláudio)

E de 96 p'ra cá a gente tem um decréscimo da mobilização dos estudantes, e conseqüência e causa disso ao mesmo tempo é o grave problema organizativo dos estudantes. Por que o DCE tem um peso importante, mas alguns acham que não, que p'ra fazer M.E. basta fazer uma reunião na sala do DCE, chamar assembléia, panfleto. São concepções de movimento diferentes. Na época tem esse processo de desmobilização, da hegemonia conservadora, que se reflete até no movimento estudantil, que passa, inclusive, a ter poucos quadros que façam um debate mais geral, que tenha apelo, que tenha absorção, e ficam num recuo político-ideológico enorme, nesse período, e de 96 p'ra cá isso vem num crescente. (Olavo)

Em 1996, iniciou-se a gestão '**Construção**'(1996-97), que trouxe novamente a questão partidária da entidade, pois o principal expoente da chapa era 'quadro' de uma corrente partidária, '*O Trabalho*', do PT. Essa diretoria sofreu um *impeachment*, por iniciativa do Conselho de DAs, entretanto a crise da gestão '**Construção**' não foi provocada por uma disputa de tendências, mas à repulsa que a maioria da diretoria apresentou em relação a atitudes anti-éticas do presidente da entidade e da sua namorada que "misturavam tudo, o pessoal com o político", envolvendo inclusive desvio de verbas. Esse episódio, causou um forte impacto negativo no movimento estudantil local, e merece ser relatado:

Ele era o único cara experiente, só que era centralizador, autoritário, carreirista... Dentro da Diretoria a relação era muito ruim, o clima já era tenso, não tinha mais confiança, fraternidade, solidariedade, companheirismo. O DCE estava rachado em dois pólos: um liderado por mim e pelo Levi, que tínhamos mais clareza política, entendimento e iniciativa que o resto da diretoria, e o outro do Carlos, que só contava com a namorada e uma amiga. Ele estava queimadíssimo na Diretoria e no Conselho de DAs Não havia mais diálogo ou possibilidade de trabalhar conjuntamente e resolvemos, numa reunião, afastá-los das funções que ocupavam. Não havia um consenso, propomos uma votação – todos sabíamos o resultado – mas, ele reivindicou a presidência, que tinha prerrogativa estatutária. Foi uma das maiores contradições que vi na vida, pois p'ra se manter no poder ele reivindicou algo que todos nós desprezamos – nos inscrevemos, na época, dentro do Estatuto de 1973, reconhecido pela reitoria, mas era só *pro forma*, pois negamos isso completamente depois. Ninguém concordou, a reunião implodiu, eles rasgaram o caderno de atas. Baixaria. E fomos pro Conselho de DAs p'ra destituir o Carlos e a Marlene, e o Conselhinho resolveu destituir toda a Diretoria. E virou aquela pasmaceira... (Olavo)

¹⁰⁰ Erva-Doce é uma cooperativa de estudantes, criada em 1994, que administra um restaurante de comida natural, sem fins lucrativos. Os estudantes associados, adeptos do movimento de agricultura orgânica, executam todas as tarefas do 'Erva-Doce'.

¹⁰¹ GAE – Grupo de Agricultura Ecológica, integra estudantes preocupados com a questão agrária, ambiental e com a agricultura familiar. Atuam na extensão universitária, em assentamentos rurais.

A gestão do Carlos, da Economia, do Levi, do Antonio, do Olavo tinha tanta disputa interna, que o Conselho de Centros Acadêmicos decidiu pelo *impeachment*, – meio naquela inspiração do Collor. A Diretoria foi impedida de continuar suas atividades, e depois teve uma recomposição, o próprio Conselhinho assumiu esse pedaço de gestão do DCE, fez uma recomposição da Diretoria, indicando alguns nomes dessa própria gestão, que não eram do grupo específico que estava realmente atrasando o movimento estudantil. (Luiz Cláudio)

Findo o mandato, após um período sem gestão, são convocadas novas eleições. Curiosamente, mesmo desgastado com o *impeachment* esse mesmo presidente concorre, perdendo a eleição para a chapa '**Madeira que cupim não rói**' (1998-99). Essa eleição parece uma tentativa de redefinição do papel do DCE, de recuperação de uma representatividade perdida:

Tínhamos ficado um período sem DCE, e depois veio essa gestão turbulenta, que acabou jogando um balde de água fria. Por que toda gestão de DCE, toda eleição, é um período de crescimento, os estudantes começam a perceber que tem um Diretório Central, dos estudantes, e não uma entidade que um grupinho toma conta e fica. (Luiz Cláudio)

Fiquei na dúvida nessa eleição, devido à experiência com a Rural, com os DAs, por saber do comodismo do estudante quando tem na direção uma pessoa que se confia, que se acredita. Com o Carlos teríamos uma unidade maior, pois os CAs forçariam o DCE a ser representativo, já que todos temiam o que Carlos pudesse fazer no DCE, e todo mundo ficaria alerta, ligado no DCE e ele não poderia fazer o que quisesse, mas o que a maioria queria, como representação. E, eu sabia que se o Luiz Cláudio, que era gente boa, entrasse todos iam relaxar, e ficaríamos na mesmice, ninguém ia fazer nada, deixariam ele sozinho fazendo tudo. E foi o que aconteceu, em pouquíssimo tempo tava só Jabá e Alice, e ninguém queria saber de nada, na inércia. E quando tinha alguma discussão muito necessária, um assunto muito importante, quem ia eram as mesmas pessoas de sempre, que já conheciam, já tinham as informações. (Vera)

A conjuntura política nacional também influencia a mobilização e as lutas a nível local, como analisa o militante.

Foi uma diretoria que começou e terminou, e depois de tanto tempo sem DCE, e com uma gestão conturbada, uma gestão que começa e termina é um ganho. E haviam os problemas do dia-a-dia, sistema de créditos, tempo integral, mas mantivemos a periodicidade de reuniões, algumas atividades, o apoio aos estudantes que tem que ser fundamental. E teve algumas mobilizações, lá no Rio, as passeatas, a greve de 98. Foi o período da reeleição do Fernando Henrique, um período bem adverso, mais ou menos igual a 95, novamente ele entrou no primeiro turno, e esse impacto se refletiu aqui, e diminuíram as mobilizações, as atividades do movimento estudantil. Mas sempre procurávamos partir do senso comum do estudante, que é lutar pelas suas questões imediatas – bolsas, professores, concurso público, bandeirão, alojamento - que ele tá vivendo agora e fazer uma ligação da precariedade que vivemos aqui com o governo federal, com

o FMI, Banco Mundial, pois não são políticas que saem só de Brasília, pois ali é um espelho, bateu, refletiu. (Luiz Cláudio)

Mas esse fenômeno é analisado de forma diversa pelas lideranças ligadas a correntes políticas, que atribuem a menor participação ao espontaneísmo que marcou o movimento estudantil da Rural na década de 90, junto com uma certa repulsa aos partidos que leva à despolitização dos estudantes.

Logo no início da greve de 96 enchemos 8 ou 9 ônibus p'ra uma passeata. A Rural tem muita capacidade de se mobilizar, mas é muito espontaneísta e voluntarista, fruto dessa geração que defende a política de fazer movimento mas não partido, e que não transforma a capacidade de mobilização em força orgânica. Isso é que dá o fluxo de continuidade, e é feito pelas correntes, por isso elas são tão positivas. Por que mobilizar a massa e não ganhar ninguém p'ra nenhuma organização com perspectiva de longo prazo, essas pessoas participam de um momento e depois se perdem. (Olavo)

Essa gestão encerrou seu mandato esvaziada, pois a participação estudantil se reduzira bastante e com ela veio a desestruturação da entidade. O movimento estudantil da Rural, durante cerca de três anos, foi dirigido pelo Conselho de Entidades, que entretanto não convoca eleições para o DCE.

O DCE passou a ser gerido pelo Conselho de DAs. Os DAs tinham uma boa organização naquela época, tinham atuação e tinham quadros, lideranças mais gerais, não só lideranças locais. Hoje, raros são os DAs que tem alguma liderança que seja referência para o conjunto da Universidade, e não só uma liderança do seu curso. (Olavo)

E nesse período o DCE ficou sem gestão, por um ou dois anos, e os Centros Acadêmicos acabaram assumindo o papel do DCE. E mesmo sem DCE, o movimento estudantil nunca parou, pois um ou outro C.A. mais combativo assumia o papel de chamar os estudantes para a luta. O CEA, da Agronomia, sempre teve essa visão. O D.A. da Física também fez o papel do DCE, tomava iniciativas em defesa do bandeirão, convocava o Conselhinho. Então, por mais que a gente tenha ficado sem DCE, os CAs, ou alguns deles, ocupavam esse espaço. (Luiz Cláudio)

O movimento estudantil, nesses últimos anos, refletia a desmobilização que atingiu os movimentos sociais como um todo, e uma certa fragmentação de propostas e linhas de ação. Após esse período, em 2002, foi convocada uma eleição que teve quatro chapas concorrentes, sendo vencedora a '**Compromisso com um novo tempo**' (2002-03), quando estudantes vinculados às tendências

estudantis voltam a exercer a direção do DCE. Este mesmo grupo foi reconduzido na eleição de 2003, na chapa '**O tempo não pára**'¹⁰² (2003-04).

Quanto à Administração Superior da UFRuralRJ, a eleição de 1996, trouxe de volta à reitoria o grupo¹⁰³ derrotado em 1992, que foi reeleito em 2000. Durante os dois mandatos do reitor José Antonio Veiga, que totalizam 8 anos, o DCE teve apenas 4 gestões. Entretanto, os estudantes dirigidos pelo DCE ou pelo Conselho de Entidades empreenderam uma série de lutas referentes ao bandeirão e à biblioteca, participaram ativamente das greves de funcionários e professores, mantendo acessa a chama do movimento estudantil.

Na análise de um estudante que participou nos últimos oito anos, do movimento estudantil, local e nacional, parece que já há um prenúncio positivo na conjuntura do país e da Universidade, que aponta para o crescimento da participação política.

De 96 p'ra cá até uns dois anos atrás, vimos o pensamento e a visão conservadora se tornando hegemônica, na Rural, a exemplo do que aconteceu no país. De 98 p'ra cá o neoliberalismo perdeu muito em capacidade de hegemonia, começou a se enfraquecer. Mas, nessa época, aqui, internamente, a concepção conservadora teve uma força muito grande, que se expressa na capacidade de hegemonia que o Zé Antônio construiu, no que ele representa politicamente, historicamente: ele é a expressão máxima do grau de hegemonia do conservadorismo, das concepções neoliberais, que se construiu na Rural. Não só foi eleito pelos três segmentos, como conseguiu algo que outras reitorias não sei se conseguiram tanto quanto ele, um pensamento único: é um dificuldade questioná-lo, ser oposição. Com o neoliberalismo vivemos uma fase em que quase somos apedrejados na rua só de falar do socialismo. E ele conseguiu construir uma lógica de consolidação de nome, de referência muito grande. E no contexto político, há um problema sério de construção de novas lideranças, no movimento estudantil. E isso se reverte quando a nossa chapa ganha, pois conseguimos construir uma base real. (Olavo)

Em 11 de fevereiro de 2004, o DCE realizou uma cerimônia comemorativa dos 41 anos da entidade que teve a presença de vários ex-dirigentes do DCE, como Edilson, J. Elói, Jorge, Eloy, Ricardo, Leonardo, Luiz Cláudio e a atual diretoria. O evento, no entanto, não despertou maior interesse dos estudantes, mas aglutinou vários ex-estudantes, hoje professores da instituição. Curiosamente as diferenças partidárias do passado pareciam diluídas nesse reencontro, que adquiriu

¹⁰² Ambas as chapas são compostas por estudantes vinculados à corrente "Reconquistar a UNE", da tendência 'Articulação de esquerda', do PT.

¹⁰³ O Professor José Antonio Veiga, eleito reitor em 1996 e reeleito em 2000, era vice-reitor na gestão 1988-1992, e o candidato derrotado em 1992.

ares de confraternização entre os outrora 'oponentes', mais interessados na rememoração de experiências comuns.

No plano nacional, a UNE sofreu, no final da década de 90, denúncias acerca da “forma obscura com que administra a venda das carteirinhas e suas finanças”¹⁰⁴. A carteira nacional de identificação estudantil foi criada pela UNE, com o objetivo de além de garantir a meia-entrada aos estudantes, significar “um vínculo com a entidade” e funcionar como “um instrumento de politização dos estudantes de todo o país”. A polêmica que se instaura faz com que a entidade perca o monopólio das carteiras de estudante, e hoje a posse de qualquer documento de comprovação franqueia ao estudante o direito à meia-entrada. A UNE perdeu assim sua principal forma de sustentação financeira, como assinalou seu presidente: “todas as entidades e movimentos populares precisam de recursos para se manter e manter sua luta”, sendo que “o instrumento de financiamento de todo o movimento estudantil”¹⁰⁵, nacional, regional e local, era a taxa cobrada pela UNE para a emissão da carteira de estudante, e o repasse de valores percentuais às entidades de base.

O panorama histórico e político da universidade apresentado neste capítulo permitiu caracterizar a Rural como distinta da maioria das Universidades Federais, tanto por sua tardia subordinação ao MEC, quanto por seu aspecto “rural”, que a tornou por muito tempo uma instituição limitada a um campo de saber específico, o das ciências agrárias, destacando a localização geográfica de seu *campus*. A característica rural está presente ainda hoje, e confirma a posição de destaque que cursos, pesquisas e professores das áreas agrárias detêm no interior da Universidade e nas esferas de poder. Esse quadro apresenta uma série de efeitos sobre a representação dos estudantes e sobre a constituição do movimento estudantil, como declara Elder, um dos ex-presidentes do DCE entrevistados, que afirma que “estudantes de alguns cursos, ao longo do tempo se consolidaram como lideranças de expressão na Universidade”, como os de Engenharia Florestal e Agronomia.

¹⁰⁴ Caros Amigos nº 50, maio de 2001. Direito pela metade: como a meia entrada se transformou num negócio lucrativo e alterou a reação entre estudantes e suas entidades nacionais”, p. 16-17. Sessão 'República'

¹⁰⁵ Caros Amigos, ano V, nº 51, junho 2001. Caros Leitores , Réplica da UNE. p. 6-7.

Além desse aspecto, a Rural possui uma série de peculiaridades que a diferenciam das demais universidades públicas e privadas do estado: como o seu relativo isolamento, a existência de um alojamento que abriga quase 1/3 de seus 6000 alunos de graduação, além das “repúblicas” na cidade de Seropédica. Acresça-se a isso vestibulares espalhados em vários estados da federação, o que propiciou a convivência de estudantes de diferentes regiões do país, engrossando o caldo de cultura em que o estudante se insere, favorecendo que estes usufruam de uma significativa experiência de convívio com pares procedentes das diferentes regiões do país e portadores de *habitus* culturais e lingüísticos diversificados.

A Universidade Rural possuiu ainda um histórico de ‘agitação’ estudantil nas décadas de 70 e 80 e, ainda hoje, apesar do enfraquecimento do movimento estudantil no país e na universidade, possui um número significativo de estudantes engajados em movimentos sociais, principalmente relacionados à questão agrária (MST) e ecológica (ONGs¹⁰⁶ de preservação ambiental e agricultura alternativa).

Essas características, para citar apenas algumas, concorrem na construção de um espaço rico em possibilidades de investigação, constituindo um material empírico bastante denso, que reflete a realidade política e cultural brasileira. É evidente que a associação desta Universidade peculiar com a convivência que esta favorece e a atuação no movimento estudantil propicia uma formação diferenciada e a construção de uma representação e atividade política única.

Confirmando a redução quantitativa e simbólica do movimento estudantil, vemos que as universidades já não são mais os centros da vida cultural e política da juventude, como nos anos 60 e 70, dada a ampliação da cultura jovem que agora possui novos padrões de lazer e consumo ligados à indústria cultural. As redes de estudo, trabalho e sociabilidade também se diversificaram para atender à crescente complexificação da vida moderna. Hoje, já existe um variado leque de opções de espaço e organização que podem atrair os “jovens com algum interesse político”, que

agora podem escolher entre muitas formas alternativas de militância, incluindo partidos políticos, movimentos populares, sindicais e anti-discriminatórios, organizações não-governamentais e associações profissionais (Mische, 1997, p.44).

¹⁰⁶ ONGs, organizações não-governamentais, entidades de caráter privado, sem fins lucrativos, que prestam serviços à comunidade ou defendem causas sociais.

Juntem-se a essas alternativas, os movimentos de negros, homossexuais, as associações comunitárias, o voluntariado, as associações de área e as empresas juniores dos cursos superiores, os movimentos religiosos, e até mesmo a emergência das sub-culturas juvenis associadas a consumos, estilos e práticas culturais específicas. No interior das Universidades os estudantes também se associam a grupos e movimentos variados, de cunho profissional, acadêmico, cultural ou social, o que evidencia a mudança no perfil do movimento estudantil, reflexo das transformações sofridas pela sociedade brasileira nas últimas décadas.

O Movimento Estudantil reflete essa crise, pois parece não compreender ou conseguir abarcar esse panorama da juventude ou das várias 'juventudes', marcado pela complexidade e heterogeneidade. O próprio estudante percebe o movimento estudantil como distanciado de seus interesses e aspirações, o que reforça a "tendência ao auto-isolamento do movimento" e à falta de ressonância à essas múltiplas identidades juvenis, pontua Mische (Op. cit., p.143-5). Além disso, hoje, como no passado, tem-se o embate entre a adoção dos grandes temas políticos, personificados na atuação da UNE, e as lutas internas de cada universidade ou ligadas à política educacional implementada pelo MEC com reflexos na política acadêmica.

Canção do novo mundo

Beto Guedes / Ronaldo Bastos

*Quem sonhou só vale se já sonhou demais
Vertente de muitas gerações
Gravado em nosso corações
Um nome se escreve fundo.*

*As canções em nossa memória vão ficar
Profundas raízes vão crescer
A luz das pessoas me faz crer
E eu sinto que vamos juntos...*

*Oh! Nem o tempo amigo
Nem a força bruta pode um sonho apagar.*

*Quem perdeu o trem da história por querer
Saiu do juízo sem saber
Foi mais um covarde a se esconder
Diante de um novo mundo.*

*Quem souber dizer a exata explicação
Me diz como pode acontecer
Um simples canalha mata um rei
Em menos de um segundo.*

*Oh! Minha estrela amiga
Porque você não fez a bala parar.*

*Oh! Nem o tempo amigo
Nem a força bruta pode um sonho apagar.*

*Quem perdeu o trem da história por querer
Saiu do juízo sem saber
Foi mais um covarde a se esconder
Diante de um novo mundo.*

3

Movimento estudantil: jovens, gerações e trajetórias

A crescente produção acadêmica sobre o tema da juventude tem demonstrado que já se delineou no país uma área específica de estudos sobre os jovens, a exemplo do que vem ocorrendo com a infância e a terceira idade (Sposito, 1997). Atualmente, já encontra-se disponível, em língua portuguesa, uma série de trabalhos que trazem contribuições importantes ao estudo das 'juventudes'. Entretanto, embora não seja o objetivo do presente trabalho recuperar aqui essa discussão na sua totalidade, é interessante enumerar alguns trabalhos, publicados nos últimos anos, que contribuíram com suas análises para a presente reflexão.

Entre esses podemos destacar as publicações da ANPED¹, principalmente uma edição especial² dedicada à juventude que apresenta trabalhos interessantes de Abramo, Melucci, Mische, Müxel, Peralva e Spósito (1997), e em edições mais recentes os artigos de Dayrell (2003), Reguillo (2003) e Garbin (2003). Cabe citar os trabalhos de Carrano (2000), Groppo (2000) e Pais (1990), além das coletâneas organizadas por Abramo et alii (2000) e Vianna (2003). Essa produção teórica, se origina, em grande parte, de pesquisas desenvolvidas no âmbito da Pós-Graduação em Educação, Antropologia e Sociologia no país, apenas para citar três campos de conhecimento, entre os vários que se debruçam sobre o tema 'juventudes'.

Destaco ainda duas obras consideradas clássicas sobre o tema, a coletânea de Brito (1968) sobre a *Sociologia da Juventude* e a tese de Foracchi (1977) sobre o estudante universitário. A primeira é composta por 4 volumes, e foi publicada no auge do debate sobre a juventude, apresentando trabalhos de épocas e autores diversos, dentre os quais os trabalhos sobre juventude e política estudantil, entre outros temas, da autoria de Mannhein, Habermas, Lipset,

¹ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, que edita, junto com a Autores Associados, a *Revista Brasileira de Educação* (RBE).

² Revista Brasileira de Educação, nº 5/6, 'Juventude e contemporaneidade', 1997.

Valitutti, Bourdieu e Passeron, Ianni e Soares (1968). Cabe citar ainda a coletânea *História dos Jovens* organizada por Levi e Schmitt (1996).

Essa ampla produção sobre o tema aponta para a heterogeneidade das várias ‘juventudes’, caracterizadas distintamente segundo critérios históricos e culturais que as constituem como sujeitos sociais, não sendo possível nos referirmos a uma única categoria ‘juventude’. Entre os vários trabalhos no campo das Ciências Sociais, mais especificamente, vinculados à Sociologia da Educação e à Sociologia da Juventude, privilegiei a interlocução com a obra de Karl Mannheim e Pierre Bourdieu, mais especificamente à que se refere ao problema das gerações, no primeiro, e à constituição e transformações do *habitus*³ e ao acúmulo e transmissão de capitais, entre outras questões, no segundo. Contribuíram ainda para a elaboração desta reflexão as leituras realizadas sobre os trabalhos de Norbert Elias (1994a, 1994b, 2000) que estudam a relação entre indivíduo e sociedade, a constituição da singularidade do indivíduo dentro da pluralidade de pessoas que constituem os grupos sociais, bem como a composição social dos indivíduos, da força das determinações do grupo sobre as condutas individuais. Estudos referentes à mobilidade social e sua relação com a educação são também alvo de atenção nesta investigação.

3.1. Jovens, gerações e representações

Cotidianamente, tanto na *midia* quanto nas instituições educativas, e mesmo em trabalhos acadêmicos, encontram-se uma gama de imagens e representações acerca dos jovens. que muitas vezes dificultam uma compreensão mais rigorosa destes como problemas de pesquisa. A juventude, ora é vista como um momento de crise ora como um tempo de liberdade, mas sempre como transitória, negando o presente vivido em nome de um futuro ‘vir a ser’ (Dayrell, 2003). Muitas dessas representações partem da percepção da juventude como

³ *Habitus* são conjuntos socialmente construídos de disposições incorporadas que atuam como princípios geradores de práticas sociais e que funcionam como uma matriz geradora de práticas coerentes e adaptadas ao ambiente social engendrando as disposições que o constituem. O *habitus*, adquirido e acumulado pelo sujeito ao longo de sua socialização, configura-se como um potencial para agir, pensar, sentir, ver, perceber e significar a ação social, produzindo ‘esquemas classificatórios’ que definem ‘o quê’ e o ‘como’ se vê e se faz. (Bourdieu, 1979, 1983b, 1998)

uma fase de vida marcada por certa instabilidade, muitas vezes associada a determinados problemas sociais. É importante diferenciar as definições de juventude como ‘problema social’ daquelas que a vêem como ‘problema para a análise sociológica’, objeto de estudos nas mais diversas abordagens.

No caso da educação no Brasil, a pesquisa sobre o movimento estudantil é escassa, sendo que a presente abordagem investigativa situa-se numa área temática menos explorada. Spósito (1997) em levantamento da produção acadêmica sobre a juventude no campo da educação⁴ apontou que apenas 4,9% dos trabalhos são dedicados ao tema movimento estudantil e participação política, sendo que 44,8% das pesquisas sobre os jovens abordam as relações destes com as formas institucionais do processo educativo, 21,7% tratam dos temas relativos aos aspectos psico-sociais dos jovens e suas representações, e 17,3% analisam a relação trabalho e educação.

A juventude é vista como uma categoria que simboliza os dilemas da contemporaneidade, quase um retrato projetivo da sociedade, pois substituirá a geração adulta. Ela condensa as angústias, medos e também esperanças dessa sociedade, e prenuncia os rumos já apontados no presente pelas tendências sociais que imprimirão a conformação social do futuro (Abramo, 1997:29).

Diante do enfraquecimento dos atores estudantis, nos anos 80 e 90, e após seu breve renascimento no episódio ‘cara pintada’, surgiram inevitáveis comparações com a geração de 68, que assemelhavam-se a um lamento sobre o desaparecimento da juventude universitária da cena política. Nesse momento de “refluxo dos movimentos juvenis” se reelaborou a imagem da geração de 60 como positiva, cunhando “um modelo ideal de juventude”, reinterpretando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia, como características essenciais e desejáveis, quase arquetípicas, da juventude como um todo (Ibid.:31). Dessa forma, instituía-se uma oposição à imagem, disseminada pela *midia*, da juventude dos anos 80 e 90, representada como apática, individualista, consumista, conservadora e indiferente às questões políticas e sociais.

O refluxo e a crise do movimento estudantil, acirrou a tendência a não reconhecer o jovem como um interlocutor político e social, reduzindo sua

⁴ Dissertações e teses defendidas (1980-1995), em Pós-graduação do país. (Sposito, 1997)

participação social a mero consumidor. Contrariamente à força que outrora possuíam as organizações estudantis e as juventudes partidárias, atualmente, há uma queixa de que os jovens estão ausentes dos espaços e canais de participação política. Esse fenômeno decorreria, provavelmente, da ‘inexistência ou fraqueza de atores juvenis nas esferas políticas’, personificadas na ‘baixa adesão’ dos jovens aos movimentos e organizações políticas, como aponta Abramo (1997, p.27). Entretanto, esse discurso acerca do desinteresse juvenil pelas questões sociais, vem acompanhado, segundo a autora, de um diagnóstico que aponta para o crescimento de tendências sociais que ultravalorizam o individualismo e o pragmatismo, induzindo os jovens a tornarem-se pré-políticos e quase apolíticos.

Essas representações e diagnósticos, no entanto, não deveriam incidir sobre a juventude como se esta fosse uma categoria homogênea e, principalmente, dissociada da sociedade que a forma e informa. Afinal, elas não abarcam as várias redes e movimentos juvenis, dispersos e heterogêneos, que despontaram na última década. Por isso a necessidade de se considerar a emergência de novos padrões de sociabilidade juvenil e a complexa composição das diversas redes sociais em que os jovens encontram-se inseridos e que apontam para uma multiplicidade de identidades, as ‘juventudes’ (Carrano, 2000; Groppo, 2000; Mische, 1997).

Segundo Vianna (2003, p.12-14), atribuímos à juventude certas características, que não lhe são exclusivas, mas que estão no bojo da própria dinâmica social, como os conceitos de mudança e flexibilidade. Esquecemos, entretanto, que a mudança e a flexibilidade são inerentes à diversidade da vida social contemporânea, com seu emaranhado de redes e sua crescente velocidade, e com Bourdieu (1996), de que o social, como o real, é sempre relacional.

Sabemos que, em relação ao movimento estudantil, foi a produção tardia de uma visão romântica que categorizou como ideais as formas de atuação política dos militantes estudantis dos anos 60, atribuindo à essa juventude um caráter heróico e revolucionário. Esse mesmo processo de idealização acabou por desqualificar politicamente outras manifestações juvenis, como, por exemplo, as dos ‘caras pintadas’. As gerações subsequentes foram alvo de uma comparação depreciativa em relação a essa ‘geração radical’. Todavia, o

contexto histórico e a conjuntura política do período, favoreceram as mudanças sócio-estruturais em curso na década de 60.

Como rememora Brandão (1994, p.271), foi essa ‘nostalgia dos *anos dourados* que domina razoável parcela da nossa sociedade’, inclusive de ‘gerações que não os experimentaram’, que jogou uma falsa aura de ‘geração exemplar’ sobre a juventude da década de 60. A construção desse mito não favoreceu o questionamento das causas do ‘desencanto e desmobilização’, segundo a autora, herdados pelos jovens da atualidade e nem as características próprias dessa juventude. As representações sociais da juventude sugeriam, assim, um certo maniqueísmo ao opor duas gerações, a da década de 60 e a atual, como dotadas de atributos diametralmente opostos.

Nos anos 60, podia-se identificar, um ‘idioma comum’ forjado sobre idéias e ideais de liberdade e justiça social que, segundo Brandão (Op.cit., p.272), mobilizava os segmentos juvenis e possibilitou a montagem de ‘diferentes retóricas e diferentes projetos’, como o ativismo político e a contracultura, por exemplo. Hoje, a juventude universitária, também elabora retóricas e projetos distintos, com destaque para a parcela disposta a construir novas formas de atuação política, menos românticas mas também menos dogmáticas, como ilustra este relato sobre a experiência da gestão ‘camarão’ na Rural, que

experimentou um jeito diferente de fazer movimento estudantil, no início dos anos 90, canalizando atividades culturais e a espontaneidade e a irreverência do jovem para um processo de mobilização e conscientização. (Beto).

3.1.1 Mannheim e as Gerações

Ao falar de gerações, tem-se a necessidade didática de recorrer a critérios etários, com o devido cuidado em sua utilização, visto que estes são geralmente arbitrários. Como alerta Bourdieu (1983a, p.112), os critérios etários, entre outros, têm a função de, impondo limites, produzir uma ordem que coloca os sujeitos em lugares predeterminados, como se este fosse o seu lugar definitivo. Entretanto, ao representar a juventude, associada, de fato, a uma faixa etária baseada no ritmo biológico da vida humana, sabemos que tais critérios servem apenas a ordenamentos classificatórios.

CrITÉRIOS etÁRIOS bem amplos contemplam os estudantes universitÁrios, que hoje ingressam no ensino superior recÉm saÍdos da adolescÉncia, alguns a partir de 16 anos, e muitos permanecem no ensino superior atÉ cerca de 30 anos, todavia uma maioria situa-se na faixa situada entre 18 e 24 anos. O alongamento etÁrio da categoria ‘estudante’ relaciona-se a aspectos sÓcio-econÔmico-culturais, e não, necessariamente, deve confundir-se com o de ‘juventude’, sendo que a categoria ‘estudante’ não apresenta mais a mesma uniformidade do passado, visto que os fatores sÓcio-econÔmicos modificaram a ‘condição’ do estudante⁵.

Entretanto, percebe-se ainda uma predominância do jovem-estudante, principalmente nos cursos de horÁrio integral, que sustentado pela famÍlia não desfruta ainda da autonomia completa do adulto, permanecendo num ‘perÍodo de latÉncia’ ou de ‘moratÓria social’, como caracteriza Sposito (1997, p.39). Nossos entrevistados, mesmo os que anteriormente exerciam atividades remuneradas, durante a graduação, viveram integralmente a ‘condição’ de estudante, sendo que vÁrios necessitaram recorrer à assistÉncia estudantil oficial.

Esta pesquisa, acerca do movimento estudantil na UFRRJ, ao abarcar um perÍodo de tempo mais extenso, os Últimos 25 anos, tornou necessÁria a referÉncia ao problema das gerações, principalmente por pretender analisar as influÉncias que os militantes receberam da experiÉncia e do sentimento de pertenca a uma determinada geração. Dito de outra forma, esta investigação se detém sobre as representações desses estudantes acerca das influÉncias atribuídas à sua pertenca a determinada geração em aspectos de sua vida social. A questão das gerações como tema de estudo reveste-se, neste estudo, de importância capital, permitindo ‘a compreensão da estrutura dos movimentos sociais e intelectuais’, principalmente em meio ao ‘acelerado ritmo de mudança social caracterÍstico de nossa época’, como já constatara Mannheim (1982, p.67).

O fenômeno social da ‘geração’, como esclarece Mannheim (Id., p.73), representa “um tipo particular de identidade de situação, abrangendo ‘grupos etÁrios’ relacionados, incrustados em um processo histÓrico-social”. Os

⁵ Como o estudante-trabalhador, as mães e os chefes-de-famÍlia, categorias difíceis de serem encontradas no meio estudantil universitÁrio de dÉcadas atrás.

indivíduos que pertencem à uma mesma geração ou grupo etário possuem uma ‘situação comum’ na dimensão histórica do processo social, que os predispõe a “um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo de ação historicamente relevante”. (Ibid., p.72).

Na Universidade há uma constante renovação do estudantado, garantida pelos vestibulares que alimentam o fluxo de novos estudantes a cada semestre, permitindo uma troca de experiência entre grupos mais e menos maduros, que vivenciaram situações e ações diferenciadas, de forma mais ou menos intensa. Esse processo contínuo, que impede um corte abrupto⁶ na transição de uma geração para outra, é sentido pelos próprios estudantes:

Temos que situar as gerações de estudantes que, aqui na Rural, vão se alternando, ainda, que sem, necessariamente, um fio de continuidade. A minha geração, que entrou em 94, foi transitória entre aquele grupo da década de 80, início de 90, que pegou o ‘Fora Collor’...Com os cursos são de 4 ou 5 anos, quem entra em 90 vai sair em 94, e naquele momento específico havia um fio de continuidade, pois os estudantes do 6º e 7º período se preocupavam com quem estava entrando, e mostravam a eles que a Universidade não era só ensino/pesquisa/extensão, mas que ia além disso...(Luiz Cláudio)

Para Mannheim (Op.cit., p.73), o fenômeno social da geração é um tipo específico de ‘identidade de situação’ que abrange grupos etários relacionados, inseridos em um mesmo processo histórico-social. Nesse ponto, faz-se necessário distinguir as diferentes categorias geracionais, apresentadas por Mannheim, como ‘*status* de geração’, ‘geração enquanto realidade’ e ‘unidade de geração’.

Situações sociais, como a situação de classe e a situação de geração, são comuns a vários indivíduos numa estrutura social e, portanto, a mera coexistência no tempo, pelo nascimento na mesma época, não é suficiente para produzir uma ‘situação comum de geração’, que exige também a mesma origem em determinada região. Jovens japoneses, iranianos, angolanos e brasileiros, mesmo nascidos no mesmo ano, são bastante diferentes pois não vivenciam a mesma situação social, nem os mesmos acontecimentos e experiências.

⁶ Esse corte, na realidade, é apenas conceitual, visto que a transição de uma para outra geração ocorre continuamente, com as gerações interagindo constantemente na sociedade, como por exemplo, na família (avós-pais-filho), escola (mestres-alunos), e demais situações sociais.

Dessa forma, os nascidos na mesma região histórica e cultural, – por exemplo, o Brasil da segunda metade do século XX – podem ser classificados como membros de uma geração e participantes de uma mesma ‘**situação de geração**’, situados, de modo similar, em uma mesma fase do processo coletivo, e potencialmente expostos a viver e experimentar os mesmos acontecimentos. Tal potencialidade de experimentação pode se materializar ou ser suprimida, sendo que não podemos incluir na mesma categoria geracional jovens residentes na zona rural e jovens urbanos, com acesso desigual a diferentes experiências, inclusive de escolarização, ainda que tenham a mesma idade ou nascido na mesma região do país. Cabe ressaltar que, na década de 50 e 60, eram notáveis as diferenças entre bairros, como, por exemplo, entre os jovens da Tijuca e de Copacabana. E mesmo hoje, são evidentes as diferenças de valores e comportamentos entre os jovens da Zona Oeste, da Zona Sul ou da Baixada Fluminense.

Segundo Mannheim (Id., p.86), para classificar uma ‘**geração enquanto realidade**’ é necessário que haja um nexos maior entre os membros de uma geração, “um vínculo concreto através da exposição aos mesmos sintomas sociais e intelectuais”, que assegure uma participação no “destino comum dessa unidade histórica e social”. Os estudantes universitários, por exemplo, se diferenciam dos demais jovens brasileiros, nascidos na mesma época, que não tiveram acesso à escolarização. Esse acesso favorece certa mobilidade social, e pode aproximar jovens camponeses e urbanos, integrando-os em uma mesma ‘geração real’, mediante o ingresso no nível superior. Esse é um fenômeno comum na Rural, que recebe jovens das mais diferentes regiões do país, com origens sociais diversas, os expondo as mesmas influências sócio-culturais, propiciando a construção de um vínculo entre eles, durante a convivência nesta etapa da sua formação acadêmica.

Na Rural a gente se nivelava sim, ficava meio que igual. Ficávamos lá todo dia, e aquela convivência aproxima muito as pessoas, nos igualava de modo geral. Havia os ricos, os que tinham origem muito humilde, os outros tinham origem de classe média, mas não tinha problema, a gente se tratava igual, ninguém esnobava ninguém. (Eloy)

A Rural é um *campus* universitário, tem aquela vivência de reunir e discutir coisas, e esse ambiente de várias variáveis que te fazem crescer gera um resultado. O *campus* faz a diferença. A Rural é distante, e o alojamento

cumpria a finalidade de reunir os estudantes, de estar todo mundo junto vivendo a Universidade como um todo, e estando dentro dela pode-se viver esse universo que é a Rural, morando lá a vida estudantil tem outro pique, e é uma coisa que não necessariamente acontece com todos. O alojamento era o centro da efervescência, da discussão e de uma série de coisas. Quem não estava ali perdia coisas fundamentais, passávamos as noites em discussões. Havia esse diferencial de fato. (Emília e Vera)

A convivência no *campus*, principalmente devido ao sistema de internato dos alojamentos, aproximava os estudantes e favorecia a constituição de uma ‘geração real’. Da mesma forma, hoje, as sub-culturas juvenis como o ‘hip-hop’ e o ‘funk’ têm aproximado jovens de origens sociais distintas, superando fronteiras sócio-territoriais até bem pouco tempo impensáveis (Vianna, 2003).

A geração real, portanto, é aquela que participa das “correntes sociais e intelectuais características de sua sociedade e período”, experimentando as “interações das forças constituintes dessa nova situação”, como esclarece Mannheim (Op.cit.,p.86). Exemplifico com um depoimento que destaca, de forma clara, a identificação como ‘unidade de geração’ diferenciada das que a antecederam, o grupo que participou da gestão ‘Camarão’ no DCE:

Foi muito marcante na nossa geração, ter saído da ditadura militar e saber que agora podíamos falar. Nossos irmãos mais velhos, nossos pais e tios não puderam se manifestar no nível que a gente se manifestava, não podiam fechar as estradas, não podiam ocupar o MEC, não podiam invadir reitoria e a gente podia. E, não só na Rural, mas nas outras universidades também. Só que na Rural, aquele ambiente em que as pessoas conviviam, moravam juntas, dormiam juntas e comiam juntas, e viam os problemas e tinham a possibilidade de mudar aquele ambiente em que viviam: ‘Não é essa universidade que a gente quer. E agora podemos falar, e quem entrou na Universidade 10 anos antes não podia’. E cada um veio com uma história diferente, mas houve um encontro comum, e naquele ambiente, naquele momento juntou todo mundo. (Beth)

Os estudantes da Universidade Rural, vivenciam assim uma similaridade de situação na sociedade brasileira, participando dos mesmos sintomas e correntes sócio-culturais da época, sujeitos às mesmas experiências, de forma ativa ou passiva, o que os caracteriza como pertencentes a uma mesma ‘geração real’. Visando categorizar o diferencial entre os militantes estudantis investigados e os demais estudantes da própria Rural, distinguimos entre essa mesma ‘geração real’ uma ‘unidade de geração’. Esses estudantes, pertencentes a uma mesma geração real, vivenciam “os mesmos problemas históricos concretos”, elaboram “o material de suas experiências comuns de diferentes

modos específicos”, mas ainda assim pode-se estabelecer uma distinção entre eles: **unidades de geração** distintas. (Ibid., p.87)

A constituição de ‘unidades de geração’ se origina de uma maior intensidade de vínculo que faz com que os indivíduos de uma mesma ‘geração’ venham a formar um grupo distinto dos demais jovens. Esse vínculo social que une alguns indivíduos de uma geração é produzido por “forças formativas que amoldam os dados, dando-lhes caráter e formação” (Loc. cit.) Esses princípios formativos e atitudes integradoras estão presentes no movimento estudantil, no grupo religioso, no movimento ‘hip hop’, para citar algumas ‘configurações’ que fazem com que esses jovens signifiquem diferentemente suas experiências comuns. Dessa forma,

as atitudes integradoras fundamentais e os princípios formativos são as forças socializantes primárias da história da sociedade, e é necessário vivê-los de modo completo para se participar realmente da vida coletiva. (Mannheim, 1982, p.88)

Entretanto, essa experiência geracional – que faz com que vários indivíduos vivenciem uma mesma ‘similaridade de situação’ num mesmo espaço social – favorece, mas não necessariamente obriga a uma associação desses estudantes em ‘grupos concretos’. Visto que o ‘grupo concreto’ se caracteriza pela “união de um número de indivíduos através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados”, como, por exemplo, a família, um grupo religioso ou um time de futebol. (Ibid.,p.70)

Os jovens que pertencem a uma mesma ‘unidade de geração’ podem vir a constituir ou se inserir em vários ‘grupos concretos’ na Universidade, como os que integraram as várias gestões das entidades estudantis, o grupo de teatro, ou capoeira, ou os integrantes da Pastoral Universitária. Esses grupos concretos na Rural são tantos que é quase impossível enumerá-los. Cabe destacar, entretanto, que o grupo concreto exige o reconhecimento de seus membros entre si, um contato próximo durante o período de participação.

Os estudantes da Rural que integram uma ‘unidade de geração’ compartilham de uma relativa ‘identidade de situação’, visto que sujeitos a um mesmo contexto experimentam a vida acadêmica num mesmo espaço físico e dentro de um mesmo campo de atuação social, podendo integrar, ou não, um ou mais ‘grupos concretos’ ao mesmo tempo. A ‘turma’ que ingressou no mesmo

período, em um mesmo curso e que tem possibilidade de, em grande parte, se formar na mesma solenidade é um exemplo de grupo concreto, no qual todos se conhecem e se reconhecem como integrantes, ainda que com graus de envolvimento diferenciados.

Nossos investigados pertencem a ‘grupos concretos’, são militantes do movimento estudantil de uma universidade peculiar, se agruparam em chapas, diretorias e correntes políticas, enquanto seus contemporâneos inseriam-se em outros grupos. Muitos desses grupos apresentaram interseções, como por exemplo um estudante que integrou o grupo de teatro e ao mesmo tempo a diretoria do DCE, ou ainda pertenceu à turma de Agronomia que se formou em 1993 e também morou, por anos, em determinado quarto do Alojamento masculino que abrigava estudantes de cursos e períodos distintos.

No fluxo constante de jovens que ingressam na Universidade, estudantes inseridos numa mesma ‘situação de geração’, que interrelacionam-se e integram uma série de grupos concretos, recortamos, para fins metodológicos, duas ‘unidades de geração’ distintas, doravante denominadas de ‘Primeira e Segunda Geração’, que serão especificadas posteriormente. Esta pesquisa, portanto, tem como sujeitos, estudantes que fizeram parte de vários ‘grupos concretos’, sejam de tendências políticas similares ou antagônicas, que se sucederam à frente do DCE, em dois períodos de tempo determinados. O episódio da invasão do MEC foi considerado um ‘divisor de águas’ entre as duas gerações, marcando a saída dos últimos integrantes da **primeira geração**, e representando uma ‘atitude integradora fundamental’ para a **segunda geração**.

Ressalto que essa divisão em ‘duas gerações’ – como qualquer outra é arbitrária, – se deu, exclusivamente, por necessidades metodológicas requeridas pelo rumo da investigação, e empreendida *a posteriori*, com base no material empírico trabalhado (entrevistas, trocas de *emails*, etc). De fato, apesar do recorte em duas gerações, há um *continuum* de militantes que se sucedem no DCE, mas que não necessariamente pertencem à gerações distintas quanto à faixa etária⁷.

⁷ A passagem de uma geração, geralmente, é dividida em intervalos de tempo que correspondem há 20 ou 30 anos, mas este não foi o critério classificatório utilizado na presente investigação.

A investigação sobre essas duas gerações, no contexto de uma mesma ‘situação de geração’, apontou para as mudanças ocorridas no movimento estudantil, fruto do impacto das transformações sociais das últimas décadas. Assim pode-se traçar um panorama das representações desses sujeitos sobre o movimento estudantil, a universidade e a sociedade brasileira. As visões de mundo e concepções de vida desses sujeitos refletem, além do ritmo acelerado dessas mudanças, a forma como percebem e relacionam-se no espaço social e a a significação do movimento estudantil em suas trajetórias.

Dessa forma, foi possível instituir uma distinção no interior de uma mesma geração de acordo com a intensidade e a forma com que seus membros participaram da realidade circundante, visto que os

jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas. (Mannheim, 1982, p.87)

Desse modo, cabe assinalar que a geração de 68, representada como a geração que introduziu um estilo inovador e radical, não representou a totalidade da juventude ‘urbana’ e ‘escolarizada’ da década de 60. A representação idealizada da geração de 68, desenvolveu-se sobre uma ‘unidade de geração’ particular, que apresentou uma especificidade diante de uma ‘situação de geração’ determinada. Sabemos que, se alguns optaram pela radicalização, seja através da luta armada seja através do movimento *hippie*, uma grande maioria dos jovens dos anos 60 ainda estava alienada da revolução cultural que invadia os centros urbanos, e da qual só bem mais tarde sentiriam os efeitos. A juventude revolucionária que, em 68, tinha como projeto a introdução de “mudanças radicais na sociedade capitalista”, visando o socialismo, e que propunha “uma revolução dos costumes, dos valores, das relações sociais, afetivas e sexuais”, era composta, majoritariamente, por jovens da classe média urbana, que freqüentavam “os colégios de maior prestígio ou as melhores universidades do país”, logo que constituíam um unidade de geração específica (Abreu, 2003, p.181)

Entretanto, não há uma exigência de cada geração desenvolver ‘um padrão próprio e distinto de interpretação e de influência sobre o mundo’, já que

isso depende do ritmo de transformação social e cultural que pode propiciar a determinados grupos particulares, dentro de um mesmo contexto sócio-histórico reações de engajamento específicas. (Mannheim, op.cit., p.93) Dentro de uma mesma geração de estudantes, alguns grupos, como as lideranças do movimento estudantil, podem apresentar reações diferenciadas da maioria, quanto à visão de mundo e atuação política, e exercerem uma maior influência sobre essa geração.

Ilustrando a reflexão de Mannheim, sobre as diferenças intrageracionais, temos o depoimento de um ex-militante, que compara os sub-grupos geracionais, – que ingressam a cada ano na Rural, e que atuavam de forma mais ou menos engajada, – à semelhança das ‘safras’ da lavoura, percebendo entre elas um diferencial palpável, embora não saiba explicar as razões:

A gente dizia que tinha ‘safra’ que entrava com um pessoal mais atuante. E ‘safra’, é papo de gente da Rural, e uma ‘safra boa’ era um pessoal que tem potencial. E aí vinha uma turma do ano seguinte ou de um segundo semestre, com uma ‘safra ruim’, em que o pessoal não queria participar de nada. Todo o pessoal que estava no DCE em 80 e depois disputou a eleição de 80 p’ra 81 e de 81 p’ra 82, a maioria entrou em 78. O papo corrente era de que tinha uma ‘safra’ que atuava mais e outra que atuava menos. Por quê ? Não tenho idéia. (Elder)

Hipóteses acerca desse diferencial de participação dentro de uma mesma geração de estudantes, o que configura uma distinção intrageracional, serão apresentadas posteriormente, quando forem analisadas as representações dos sujeitos sobre seu engajamento social e participação política no movimento estudantil.

3.2

Universitários: entre o ‘racismo da inteligência’ e o desprestígio dos diplomas

No Brasil, que possui cerca de 20 milhões de analfabetos⁸ e onde a grande maioria dos jovens sequer concluiu o ensino fundamental, ingressar no ensino superior, principalmente em uma Universidade pública, ainda constitui um privilégio. Portanto, o jovem universitário é integrante de uma parcela da população que tem acesso a um bem cultural do qual está excluída a maioria dos brasileiros. Os recentes debates sobre a questão das ‘cotas’ no nível superior e a polêmica sobre a gratuidade do ensino superior, confirma que a percepção de privilégio do estudante universitário é mais do que nunca atual. Foracchi (1977), na década de 60, afirmava que

o estudante universitário se considera a si próprio um privilegiado, usufruidor exclusivo de oportunidades inexistentes para a maioria dos jovens. Tais representações o incitam, no entanto, a desenvolver uma modalidade de atuação social que busca ultrapassar os fatores responsáveis pela natureza privilegiada do ensino superior (Ibid., p.6)

O modo como o estudante percebe sua inserção no ensino superior, em relação à maioria dos jovens dele excluídos, depende entretanto de como ele vivenciou sua exposição aos sintomas sociais e intelectuais de sua geração e que influenciam sua visão político-social. Foi visto no capítulo anterior que os estudantes exerceram um papel importante na vida política nacional, assim como, destaca Brandão (2000, p.8), outros estratos de elites (políticas, acadêmicas, artísticas, religiosas,...) que se destacaram “na luta contra os regimes autoritários e a exploração social das camadas populares”.

Entre os estudantes universitários identificamos um grupo - cada vez menos significativo numericamente, dado o contexto e a conjuntura diferentes de 68 – que insiste que este privilégio exige um compromisso social corporificado em uma participação política. Esta percepção é própria de uma unidade de geração específica que se insere no movimento estudantil e em outros movimentos sociais.

⁸ Segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2000) existem no país 16.294.889 analfabetos, mas o Governo Federal ‘trabalha com uma estimativa de 20 milhões de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de freqüentar uma sala de aula’. (MEC, Revista *O Professor*, nº 1. Brasília, MEC, 2003, p. 41)

Eu tinha uma certa intuição de que defender uma universidade pública gratuita, de qualidade, era a única maneira, inclusive individualmente, de garantir o acesso ao nível superior das classes populares. Apesar da família que tive, de vir de onde venho, eu tive essa oportunidade, caso contrário, não teria essa chance. Fui orador da turma, e no discurso na formatura falei que as lutas do movimento estudantil, as Assembléias, eram um reflexo, quase intuitivo, não tinha uma elaboração, de que devíamos lutar por uma educação melhor para todos. (Beto)

A militância igualava as pessoas, por que você estava lutando por um ideal diferente. Virava tudo igual, tanto o mais rico, quanto o mais pobre. Era como se fizesse voto de simplicidade quando se entrava pro movimento estudantil. Se você lutava contra a desigualdade, não queria ostentar riqueza, externalizar uma coisa que seria contraditória. Ninguém usava roupa de marca, todos vestiam as roupas mais simples, perdiam a vaidade, virava tudo igual. Eu não percebia diferença de engajamento, era igual. (Mailta)

O usufruto de um bem cultural inacessível à maioria dos jovens, parece favorecer, que parcelas do estudantado, venham a integrar frações de elites – profissional, intelectual ou acadêmica, legitimando o acesso ou ‘pertença’ a outras modalidades de elite, social e econômica, – dentro de um projeto de ascensão pessoal. A percepção de privilégio favoreceria, segundo certo senso comum, aspirações individualistas e meritocráticas dos estudantes, reforçadas, muitas vezes, por um projeto familiar de mobilidade social. Esse senso comum sobre o individualismo da juventude está presente no cotidiano da Universidade e reflete uma opinião disseminada pela *midia*:

Hoje em dia o que mais se ouve entre os alunos, é que querem se formar. Não querem saber se alguém tem dificuldades por que o bandejão está muito caro, pois podem comer no Erva-doce ou em um restaurante no 49. Não se pensa mais no outro que não tem recursos, mas no que seja bom p’ra si próprio. E a própria *midia* trabalha contra, pois divulga que as pessoas que tem direito de estar aqui são as que tem maior poder aquisitivo. Ouvi de uma professora que “Pobre é erva-daninha, não tinha que estar aqui”, e que quem vem do Nordeste tem dificuldade de aprender, por que é subnutrido. O perfil do estudante mudou muito, desde quando entrei aqui, quanto aos valores, ao que vem buscar e de que forma veio buscar, e está totalmente diferente. Estudávamos muito em grupo, e hoje em dia, menos, talvez por que quem tem IA (Índice de Aproveitamento) maior consegue bolsa de pesquisa. Hoje, as pessoas já entram com essas informações, e querem manter o IA alto. Antigamente, ninguém usava salto alto na Rural, por que só se andava a pé ou de bicicleta; quando tinha algum carro era um ‘fusquinha’, que levava oito lá dentro. Hoje, o número de carros aumentou, o salto também, e já não se caminha tanto como antes. Nas noites de lua cheia na Rural, tinham sempre pontos de fogueiras aqui e ali, o pessoal tocava violão, era o maior barato, todo mundo curtia pra caramba. Hoje, não se encontra mais isso, pois tem os barzinhos no 49. (Vera)

Entretanto, mesmo com mudanças na representação do perfil do estudante que aponta para o aumento do consumo e do individualismo, encontramos aqueles estudantes que se envolvem em lutas coletivas e não por interesses pessoais:

Observei que entre os que lutavam para o bandejão não aumentar, a maioria eram de bolsistas, que individualmente nem teriam que estar ali, pois já têm a bolsa, não vão pagar. Mas eles entendem a dificuldade, sabem que com o aumento outros não vão poder comer. Mas quem está nessa situação, de pode ficar sem comer se o bandejão aumentar, fica com vergonha de ir, não tem coragem de dizer que não tem dinheiro e não faz nada p'ra mudar isso, se cala, não milita. Eles têm medo do que pode acontecer nesse enfrentamento, de ser expulso da universidade, então não correm risco nenhum, não enfrentam nada. São conformistas. Abaixam a cabeça por que não tem dinheiro p'ra xerox. E quem já tirou essa xerox no período passado pode dar p'ra outro, é um jeito de se virar, é assim e sempre busquei isso. (Vera)

A Universidade ainda é, por excelência e definição, uma das principais instituições que mantém e legitima os privilégios sociais; no entanto a democratização do acesso ao ensino superior favoreceu uma relativa mobilidade ascendente de parcelas das camadas populares, colocando na pauta do dia a questão das 'cotas'. A título de ilustração, o ex-Ministro da Educação, Cristovão Buarque, declarou recentemente que a “elite brasileira estuda apenas para ficar mais rica com o diploma”, e que portanto o Estado não deveria arcar com os custos da formação desse segmento, que estuda nas Universidades Públicas, já que “hoje a universidade não tem preocupação social”, segundo ele⁹.

Entretanto, devido à ampliação da oferta de ensino superior no país, os títulos universitários se desvalorizaram, não mais garantindo *per si* o acesso à cargos e funções de prestígio e poder. Isso faz com que alguns grupos, principalmente provenientes das camadas médias, utilizem como estratégia de distinção no atual mercado acadêmico a escolha de cursos e escolas de prestígio.

Contraditoriamente, com o expressivo aumento do número de matrículas que parece indicar uma certa democratização do acesso, acentuou-se o caráter seletivo do sistema, expresso na diversificação e segmentação entre as diferentes carreiras, cursos, instituições, turnos de funcionamento e perfil do estudantado. Essa expansão complexa e variada tornou ainda mais aguda a

⁹ Jornal do Brasil, 10 de setembro de 2003, p. A4.

hierarquização entre as escolas, cursos e carreiras, conforme o prestígio social a elas atribuído (Furlani, 1998, p.52).

Esses diferentes padrões de qualidade entre as instituições, a crescente e desigual privatização do ensino superior no país, o desinvestimento nas instituições federais, a oferta de cursos noturnos e a ampliação indiscriminada de vagas – principalmente nos cursos de baixo custo, como as licenciaturas – começam a apontar para a diminuição da legitimidade do diploma superior como título característico de uma elite intelectual e profissional.

Esse quadro já não permite mais considerar indiscriminadamente o estudante universitário como integrante de uma categoria de elite, pois entre a população universitária existem enormes disparidades de volume e estrutura de capital (cultural, social, econômico etc.). Isso permitiu que os cursos ainda prestigiosos¹⁰ – medicina, odontologia e engenharias, informática e comunicação, direito, psicologia, administração e economia, oferecidos pelas PUCs e Universidades Públicas, devido à alta concorrência, se transformassem em redutos de uma elite estudantil. Para chegar a essas escolas e cursos os estudantes precisavam possuir capital cultural em volume suficiente para conquistar sua vaga em concorridos concursos Vestibulares (Carvalho, 2004).

As políticas educacionais implementadas no país nas últimas décadas, de inspiração neoliberal, utilizando-se do discurso democratizante de ampliação do acesso ao nível superior, tem estimulado o crescimento da iniciativa privada e a criação de novas modalidades de cursos superiores de curta duração. Isso tem promovido uma inflação de títulos universitários sem o esperado retorno social e econômico. No Brasil, o fenômeno da privatização acentua-se, a partir dos anos 60, quando a expansão do ensino secundário provocou o aumento do número de ‘excedentes’ – estudantes aprovados nos concursos vestibulares que não obtinham vagas no ensino superior – pressionando essa ampliação do acesso.

¹⁰ Na UFRRJ, são considerados de prestígio os cursos de Medicina Veterinária e Biologia (alta relação candidato/vaga, grande procura e alunos com maior poder aquisitivo) e Agronomia. As Engenharias Química, Florestal e de Alimentos também ocupam uma posição de destaque. Os cursos de Educação Física e Administração de Empresas são os cursos mais procurados, depois de Veterinária, apesar de não gozarem de tradição na Universidade.

Hoje, a Universidade não é mais um reduto exclusivo das elites e camadas médias superiores como no passado; em contrapartida há um crescente desprestígio dos diplomas e mudanças nos padrões de qualidade acadêmica. A atual crise da universidade brasileira, mais especificamente na rede pública, se acentua diante do seu acelerado processo de desmonte e privatização. A Universidade enceta estratégias de resistência à crise, em meio às constantes greves e aos discursos de democratização do acesso ao ensino superior por camadas sociais excluídas. No entanto, se o diagnóstico de crise é evidente, são polêmicas as soluções: para uns é a hora de efetivamente democratizar a Universidade para que esta cumpra seu papel social, enquanto que para outros ela deve assumir sua vocação histórica de formadora da elite intelectual, científica e política.

Para esses últimos, a crise por que passa o sistema universitário se relaciona ao ingresso em massa de estudantes desprovidos das predisposições socialmente constituídas, que comporiam o *habitus* necessário à manutenção de padrões elevados de desempenho intelectual.

Os recentes levantamentos de dados referentes ao ensino superior confirmam a forte relação entre desempenho acadêmico e origem social, – já amplamente analisada quando a referência é a educação básica, – e demonstram que a Universidade é uma instância que reproduz o *status quo* mas também permite certa mobilidade social. Em meio à essa discussão, sobre o papel legitimador de privilégios e *status* sócio-econômico ainda desempenhado pela Universidade, o movimento estudantil, que historicamente, se constituiu como uma instância de luta contra os privilégios e em prol da democratização do acesso ao ensino superior, se opõe a um emergente “racismo da inteligência” (Bourdieu, 1983a).

O ‘racismo da inteligência’ é uma atitude própria das elites, pois vinculada a uma classe dominante que se legitima pelas classificações escolares, – ‘uma classificação social eufemizada, portanto naturalizada, absolutizada’ (Bourdieu, 1983a, p.206-7). Essas classificações transformam “as diferenças de classe em diferenças de *inteligência*, de *dom*”, – e assim entendidas como “diferenças de natureza”–, constituindo-as numa “discriminação social

legitimada e que recebe a sanção da ciência”, segundo o autor. Elas são adequadas à legitimação antecipada dos ‘vereditos escolares’ que legitimam diferenças, atendendo aos interesses de frações de elite que dominam uma sociedade fundada numa “discriminação baseada na *inteligência*”, isto é, no que o sistema escolar “mede sob o nome de *inteligência*”. As classificações escolares persistem na Universidade desde o Vestibular, medindo a predisposição social¹¹ exigida aos estudantes (Loc. cit.).

Pode-se distinguir dentro da população estudantil unidades de geração que se destacaram, em nosso caso específico, devido à participação no movimento estudantil, sendo que o grau de visibilidade que o movimento estudantil desfrutou na universidade, nos diferentes períodos estudados, é um dos objetos de interesse deste estudo. Os desdobramentos em termos de estrutura e volume de capital, no sentido empregado por Bourdieu, no caso desses militantes parece ter um dos importantes subprodutos da militância estudantil como veremos adiante.

Esta investigação partiu do pressuposto que os movimentos sociais, e mais especificamente o movimento estudantil, são formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades. Para Mannheim (1982, p. 88), esses movimentos podem “ser os veículos de tendências formativas e atitudes integradoras fundamentais” identificadas “como um conjunto de esforços coletivos”.

A obra de Bourdieu tentou uma “mediação entre o agente social e a sociedade”, visto que “o homem é ao mesmo tempo produto e produtor da história”, sem desprezar os condicionamentos do meio social (Ortiz, 1983: 8-9). A tensão indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura não pode deixar de estar presente neste estudo, se pretendemos buscar respostas para as muitas questões que nos ocorrem quando selecionamos, entre a totalidade dos estudantes da Rural, um grupo que se distingue da maioria.

Ao destacar essa ‘unidade de geração’ que apresenta características distintas, nos perguntamos sobre o que propiciou essa diferenciação. Continuamos intrigados com o fato de tão poucos jovens se engajarem em

¹¹ Dotados pelo seu ambiente familiar – *habitus* primário – ou escolar anterior – *habitus* secundário – do capital cultural e uma boa vontade em relação às sanções escolares.

atividades e movimentos de cunho sócio-político, como o movimento estudantil. Quais seriam então os motivos dessa inserção, ou melhor, poderíamos identificar as influências para que essa inserção ocorra ? O que levaria esse estudante a sacrificar o usufruto de certos bens e consumos próprios à sua geração, e contra a corrente engajar-se em um movimento que exige, muitas vezes, o abandono ou limitações nos estudos, namoro, lazer, enfim das atividades mais comuns do universitário ? Dito de outro modo, quais seriam os aspectos da sua vida social que provocaram a sua pertença a determinada unidade de geração ?

Pela análise do material empírico da investigação pode-se inferir que existem uma série de habilidades e capacidades que são forjadas no processo de participação do movimento estudantil, sendo que para que se possa projetar uma liderança esta deve possuir alguns pré-requisitos. Os militantes estudantis que tornaram-se lideranças apresentam como características a boa articulação de idéias, pensamento crítico, fluência verbal, capacidade de liderança, aliados ao ‘carisma’ e à popularidade. No aspecto ideológico, pressupõe ainda uma forte vinculação com ideais coletivos, com a justiça social e a transformação da sociedade, que se chocam com os valores da sociedade capitalista. Pode-se inquirir em que instâncias de formação essas competências sociais foram adquiridas ou desenvolvidas ? Quais as influências apontadas por esses jovens na sua opção pelo engajamento político ? Como eles percebem sua socialização política ?

Para viabilizar essa investigação, utilizamos critérios de diferenciação socialmente construídos e valorizados, recorrendo especialmente aos estudos de Bourdieu sobre a reprodução das desigualdades sociais através das práticas escolares (universitárias, neste caso). Os sujeitos da pesquisa discorreram nas entrevistas sobre a origem familiar e trajetória escolar, a inserção e atuação no movimento estudantil, assim como sobre a influência dessa formação/construção no conjunto da sua vida. Esses foram alguns dos elementos a partir dos quais pode-se inferir a construção do *habitus* que marcaram sua socialização política.

3.2.1 Bourdieu: *habitus*, campo e capital

Bourdieu se destacou como interlocutor preferencial desta investigação, inspirando a definição do campo, o recorte do objeto de pesquisa e o problema, assim como fundamentando a análise e interpretação dos dados. Para Nogueira & Nogueira (2002, p.16) a Sociologia da Educação de Bourdieu, tornou-se um marco histórico, quando, a partir dos anos 60, de forma original e abrangente, debruçou-se sobre o problema das desigualdades escolares, aliando teoria e empiria, estudando os conflitos que têm como lugar e objeto o sistema de ensino.

São poucos os estudantes que se distinguem na massa anônima das passeatas, assembleias, aulas e atividades. A cada ano, são poucas as vagas disponíveis para atividades remuneradas ou de destaque, como a monitoria, as bolsas de pesquisa, os projetos de extensão, sendo que apenas uma parcela reduzida integra os vários grupos que se congregam em torno de atividades acadêmicas, culturais e políticas. Desse modo, parti da premissa de que seria possível identificar estratégias de distinção – ainda que não intencionais, nem de forma estudada ou consciente – utilizadas pelos estudantes durante o curso de graduação, a par das instituídas e valoradas pelo movimento ou pela instituição. Segundo o depoimento de um desses ex-militantes, é “uma porcentagem muito pequena” de estudantes que, devido a uma consciência diferenciada, se envolve com as ‘coisas da Universidade’:

Eram poucas pessoas que faziam muitas coisas diferentes, não era um conjunto muito grande de alunos que trabalhavam em várias coisas. E todo mundo fazia tudo, as pessoas saíam da capoeira, e iam para o Erva Doce, e depois ainda tinham uma reunião do CEA, e ainda iam p’ro Teatro ou tinham que fazer outra coisa. Eram praticamente as mesmas ‘figurinhas carimbadas’. (Rafael)

As ‘figurinhas carimbadas’ eram os estudantes que se inseriam tanto no movimento estudantil como em outras atividades políticas, culturais, sociais que funcionavam como instâncias de formação e socialização. Dessa forma eles ampliavam seu capital cultural, político e profissional, e graças à visibilidade proporcionada por estas atividades, apresentavam maiores condições de acumular capital social e simbólico. Para Brandão (2000), os capitais sociais e simbólicos funcionam como espécies de *coringas* que ampliam os trunfos dos agentes nas lutas concorrenciais travadas no espaço social.

A sociedade, ou espaço social para Bourdieu, permite a existência de vários ‘campos’, estruturados de forma autônoma e diferencial, e definidos por uma lógica particular de funcionamento. Essa lógica estrutura as diversas interações ocorridas no ‘campo’, que definem os modos como os agentes podem manter ou incrementar suas posições relativas na luta concorrencial naquele espaço específico. Dessa forma, o ‘campo’ é um espaço de possibilidades, de correlações de forças e conflitos, como um jogo em os participantes se enfrentam de acordo com sua posição relativa na estrutura, se valendo de recursos diferenciados e segundo leis específicas (Bourdieu, 1979, 1998)

Esses recursos diferenciados – e desigualmente distribuídos entre os agentes que disputam posições no campo, – Bourdieu denomina de *capital*¹². A analogia semântica com o conceito marxista refere-se às propriedades similares do ‘capital’: pode ser acumulado mediante operações de investimento, transmitido por herança e permite ao seu possuidor extrair lucros segundo aplicações mais rentáveis.

O conceito de ‘capital’, ocupa lugar central na obra de Bourdieu, que o classifica em quatro tipos: o econômico – referente à posse de bens materiais –, o social¹³, o cultural e o simbólico. O capital cultural refere-se à posse (e ao modo como ela foi obtida) de bens culturais, entre os quais os títulos escolares, e proporciona lucros diretos, tanto no mercado escolar como em outros lugares, além de lucros de distinção, desigualmente distribuídos.

Os capitais adquiridos pelas ‘figurinhas carimbadas’ durante o período universitário, não estão diretamente relacionados à educação formal, institucionalizada nos currículos disciplinares e nas atividades acadêmicas. No entanto, esses capitais constituem uma formação diferenciada daquela obtida pelos alunos ‘comuns’ da Universidade, como explicita um ex-militante:

É importante o conceito de formação acadêmica que a gente incorporou na formação profissional, e que é diferente do conceito de formação acadêmica das pessoas que entram na Universidade e acham que se formar é estudar, tirar nota

¹² Os capitais são bens simbólicos valorizados pelos agentes de cada campo específico, cujo acúmulo favorece seus possuidores na disputa de posições no campo. O capital é a forma dominante referente a cada campo, e que se consolida segundo sua estrutura e volume, que hierarquizam as posições e práticas dos agentes, de acordo com princípios de diferenciação ou de valoração das diferenças em relação ao campo onde estes interagem. (Bourdieu, 1979, p.128-29).

¹³ O capital social é baseado no patrimônio de relações sociais capazes de propiciar vantagens estratégicas ou apoios que favoreçam a ação e as aspirações dos agentes no campo específico.

alta, e se dedicar à sala de aula. Percebemos rapidamente que a formação profissional e pessoal de cada um de nós passava sobretudo pelo conjunto das ações que estávamos desenvolvendo. E que a sala de aula era uma parte disso, mas dimensionada em função do que entendíamos que era mais importante para a vida pessoal e profissional. (Luciano)

Esse conjunto de atividades que propicia um acúmulo de capitais, desigualmente distribuídos entre o corpo discente, influenciam a visão de mundo desses estudantes, assim como sua análise da sociedade e da profissão. Muitas das concepções sociais, políticas e culturais dos ex-militantes têm como referência significados que emergem das relações construídas entre eles, nas suas relações com o movimento estudantil, suas lutas e embates, ao longo de sua trajetória universitária e militante.

Há “toda uma análise a ser feita a respeito das maneiras de um grupo se constituir como grupo, de constituir sua identidade e simbolizar a si mesmo”, como destaca Bourdieu (1983a, p.193). Como exemplo, pode-se pensar no modo como um sujeito sai do anonimato da massa estudantil e se destaca, de como se integra em um grupo distinto que detém a liderança de determinado campo de poder. Em relação, especificamente, aos militantes estudantis, há a passagem de ‘tipos de disposições profundas, corporais, dos modos de expressão verbais e não-verbais’, que constituem uma aparência peculiar cujos indícios corporais, como o modo de usar os cabelos e o estilo de roupa desempenham um papel muito importante (Ibid., p.192-193). O sentido de grupo está profundamente associado ao corpo, e a relação com o corpo é uma relação com o movimento, com a representação de uma tomada de consciência política.

Dentre os conceitos desenvolvidos por Bourdieu, destaca-se o de *habitus*, que se apresenta como social e individual e representa a mediação entre indivíduo e estrutura, entre o sujeito e a história. Para Bourdieu (1983b:61), o *habitus* é um

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem serem o produto da ação organizadora de um regente.

O *habitus*, enquanto disposições incorporadas durante o processo de socialização, se manifesta através dos comportamentos, gostos e atitudes que favorecem o desenvolvimento dessas disposições, ajustadas à posição social ocupada pelo agente no campo ou almejada por ele. O *habitus* pode ser objetivado através da posse de certos *capitais*, e pela atribuição e reconhecimento de seu valor no campo (Bourdieu, 1989, p.226). Assim, o peso relativo de cada tipo de *capital* na bagagem trazida pelo estudante ao ingressar na Universidade, – o volume e a estrutura dos *capitais* adquiridos ao longo da socialização familiar e escolar – é capaz de orientá-lo em suas escolhas éticas, estéticas e políticas promovendo uma diferenciação entre os agentes de acordo com essa bagagem também diferenciada.

O *habitus* funciona, portanto, como um *modus operandi*, como uma disposição estável que faz com que o agente aja numa determinada direção, que conforma e orienta a ação. Esse mecanismo faz com cada agente seja – ao mesmo tempo, e de forma não consciente e involuntária, – produtor e reproduzidor das relações sociais objetivas que construíram o *habitus*. Assim sendo, o *habitus* é uma forma de interiorização da estrutura que vai acionar o próprio processo de inculcação das categorias e guiar a interpretação do real. E essa é a função do trabalho pedagógico, da família, da escola e da sociedade: a inculcação de um *habitus* que traz em si “o próprio modo de apreender o mundo enquanto conhecimento”, e que portanto é considerado uma objetividade interiorizada (Ortiz,1983, p.16).

É essa internalização da objetividade, segundo a posição social que o indivíduo desfruta no espaço social, que garante uma certa homogeneidade do *habitus* dos grupos ou classes sociais, internalizados subjetivamente desde a socialização primária que se dá no seio familiar, mediante a ação pedagógica empreendida pela família. Daí a importância do mundo natal, para Bourdieu, pois a socialização familiar é responsável pela internalização das primeiras categorias e valores que orientam as práticas futuras, É o *habitus* primário, com as suas marcas características do grupo ou classe social, que precede a posterior constituição das demais disposições, *habitus* secundários, construídos pela

circulação dos agentes pelas demais instituições e campos, dentre os quais se destaca o sistema escolar.

O *habitus* primário é transformado pela escola, pelo ambiente social, e pelas demais agências pedagógicas; sua importância estaria em ser a matriz de estruturação das experiências posteriores: acadêmicas, religiosas, profissionais, políticas, afetivas. A ação empreendida pelo agente, a sua prática social é produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – matriz de percepção, de apreciação e de ação desenvolvida em determinadas condições sociais, em que se consideram tanto a objetividade da sociedade quanto a necessidade do sujeito. A prática social ocorre nos campos - espaços relativamente autônomos, no interior da sociedade -, onde as posições dos agentes estão relacionadas e funcionam como pontos de referência para as lutas por transformação ou conservação das mesmas posições¹⁴.

Nesse momento, em que as estatísticas oficiais continuam a destacar a estreita relação entre nível de escolaridade e renda, cabe retomar os estudos sobre a diferenciação social e seu papel na manutenção das desigualdades entre os grupos sociais. Estes estudos sobre a relação escolaridade/renda e desigualdade social, desde a década de 50, – quando se consolidou o campo das Ciências Sociais no país – vêm discutindo e interrogando a situação nacional, ampliando o conhecimento sobre a realidade brasileira numa tentativa de superação do sub-desenvolvimento, um tema caro na virada dos anos 50/60, hoje mais caracterizada como situação periférica em relação aos países e economias centrais.

A obra de Bourdieu efetua uma espécie de síntese entre as abordagens marxistas que dividem a sociedade em classes antagônicas, segundo critérios econômicos, e as análises weberianas dos estratos sociais hierarquizados segundo critérios de poder, prestígio e riqueza, introduzindo a dimensão relacional das posições sociais. Bourdieu propôs uma abordagem em termos de ‘espaço social’ e ‘campos sociais’, analisando não só a posição dos grupos e

¹⁴ Os dominantes em um campo lutam para manter as suas posições, enquanto os dominados tendem a desenvolver estratégias de mobilidade ascendente no mesmo campo. Denominamos esse embate de ‘lutas concorrenciais no campo’, e são elas que impedem que a reprodução se dê sempre igual a si mesma, como pretendeu uma equivocada leitura “reprodutivista” de Bourdieu.

suas relações, mas procurando, através desta dinâmica, compreender a tendência à reprodução da ordem social. (Bonewitch, 2003, p. 51-52)

Os entrevistados são analisados nesta investigação como agentes no campo universitário, que atuavam no movimento estudantil da Rural, estabelecendo relações de interesse e pertinência que caracterizavam a competência com que se autorizavam a falar e representar os estudantes daquela instituição. Hoje, esses agentes se sentem autorizados a relatar suas experiências como parte da história daquele movimento.

Bourdieu (1983a, p.186), relata que ao fazer uma análise das pesquisas de opinião sobre o sistema de ensino, deparou com ‘pessoas que se sentiam legitimadas a responder porque eram os que tinham direito ao sistema escolar’, e que decidiram responder à *enquete*, por que aliado ao seu interesse no sistema escolar se auto-imputavam opiniões válidas e interessantes sobre o sistema.

Da mesma forma, ao iniciar a investigação pude deparar-me com estudantes e ex-estudantes, que devido à sua participação política na Universidade, demonstraram grande interesse pela pesquisa, e se julgaram com competência para integrá-la como sujeitos. Obviamente, como pesquisadora reconheci a ‘legitimidade’ e ‘competência’ dos sujeitos relacionados para discorrerem acerca do movimento estudantil da Universidade Rural. Como observado por Bourdieu (Op.cit., p.186), assim se estabeleceu com o tema da pesquisa uma relação de legitimidade e interesse. O interesse dos agentes foi despertado por terem sido participantes do movimento estudado, e da mesma forma, se julgam também ‘interessantes’ como informantes da pesquisa, – e assim são julgados pelo pesquisador – pois possuem uma atribuída competência no assunto.

Sobre esse tema, Bourdieu (Loc. cit.) define que ‘ter competência é ter o direito e o dever de se ocupar de qualquer coisa’, devendo esta auto-imputação ser reconhecida pelo campo. Os agentes da pesquisa são estudantes de nível superior que através da militância estudantil adquiriram uma competência política, que como a competência técnica é uma competência social. Aqueles que são socialmente designados como competentes, como tendo o ‘direito-dever’ da política, têm maiores chances de se tornarem aquilo que são, e também

de se tornarem aquilo que os outros dizem que eles são, isto é, competentes em política, e assim por diante.

Quanto mais competente socialmente for um indivíduo, tanto mais reconhecido socialmente como ‘digno de’ adquirir essa determinada competência e ‘obrigado à’, mais esse agente verá aumentada a sua propensão a essa aquisição. Instaura-se um círculo vicioso que aparece sob a forma de uma ‘magia social’, em que a ‘excelência da ação propriamente social, consiste em produzir diferenças onde não havia diferenças’ (Id., *ibidem*).

Nesta investigação percebemos que a representação social da competência é socialmente designada, e manifesta-se como uma facilidade de transitar no ambiente, uma inclinação, um gosto. Essa inclinação se evidencia, por exemplo,

no gosto pela política, na facilidade de proferir discursos em público, no prazer de ficar em evidência, disposições essenciais para os que exercem o papel de liderança, e distintas “em função das variáveis que definem a competência social”, como explicita Bourdieu (Op.cit., p.190). Essa designação social de competência torna-se uma distinção, confirmando que os que

são tecnicamente competentes são os socialmente designados como competentes e que basta designar alguém como competente para lhe impor uma propensão a adquirir a competência técnica que fundamenta sua competência social. (Ibid., p.187)

Podemos, desse modo, perceber a força do capital escolar ou acadêmico acumulado – medido pelos títulos escolares e competências em domínios que a universidade absolutamente não ensina, ou apenas aparenta ensinar – que permite, e também obriga, que seus possuidores possam agir com competência em determinados campos.

É interessante observar que após a solenidade de formatura e colação de grau, o antes acadêmico se transmuta em profissional graduado, habilitado e licenciado a exercer determinada função, legitimado pelo título que a Universidade lhe concede. A instituição universitária tem o poder de distinguir as pessoas, mediante a autoridade que possui de as nomear como diferentes e produzir nelas diferenças permanentes, sejam essas exteriores e separáveis da pessoa, como o diploma, ou inscritas na própria pessoa, como o *habitus*.

No caso específico dos militantes estudantis, é a aquisição da competência política, de um certo *habitus*, que lhes permite opinar e agir com legitimidade diante do fato político. Nossa hipótese é a de que aqueles estudantes que participaram do movimento estudantil, principalmente como lideranças, adquiriram uma estrutura e volume de capital que os distingue e diferencia dos demais alunos, o que os tornaria mais competentes socialmente que seus pares que cursaram a mesma Universidade. Esses capitais, político, profissional e simbólico, podem ser reconvertidos em capital social e econômico com efeitos sobre as condições de luta no mercado de trabalho.

Sabe-se que dentre os possuidores dos diplomas universitários, de uma mesma instituição, coexistem indivíduos com diferentes estruturas e volumes de capital. Apesar de possuírem igual capital cultural do tipo institucionalizado – isto é, o diploma de graduação, – esses estudantes recém-formados são dotados de graus diferenciados de competências sociais, – como por exemplo, a utilização da norma culta, hábitos culturais e de consumo e competência política, – que funcionam como elemento de distinção no espaço social.

A designação social de competência favorece o ‘vir-a-ser’ competente, assim como a amplitude e volume de capital permite uma diferenciação na utilização das oportunidades sociais. Aqueles que não possuem determinadas competências sociais, os menos providos em estrutura (no sentido de variedade) de capitais, são mais suscetíveis ao insucesso no campo. Esse mecanismo de diferenciação faz com que algumas pessoas se auto-eliminam do jogo social (político, acadêmico ou profissional), pois apesar do diploma – capital cultural institucionalizado – este não é suficiente, no confronto das lutas concorrenciais que se travam no espaço social.

Aqueles sujeitos que “espontaneamente”¹⁵ se eliminam seriam aqueles que os dominantes do campo eliminariam se tivessem o poder de fazê-lo¹⁶. Essa ‘auto-eliminação’ funciona como uma confirmação para que os sujeitos

¹⁵ A auto-eliminação, longe de ser ‘espontânea’, ocorre por determinações sociais do campo, como critérios e práticas acadêmicas, e fora dele, por aspectos sócio-econômicos e culturais.

¹⁶ Na Universidade são altos os índices de reprovação em disciplinas básicas como, por exemplo, cálculo, bioquímica ou química orgânica. Para alguns professores, esses índices confirmam a ‘incompetência’ desses alunos, e os representam como únicos culpados pelo seu próprio fracasso.

excluídos ou auto-excluídos não se reconhecem com competência no campo, legitimando assim sua eliminação. Note-se que uma parte considerável dessa auto-eliminação ocorre anteriormente à formatura, evidente na alta evasão em alguns cursos superiores e que parece atingir, principalmente, estudantes oriundos de camadas populares. Devemos nesse ponto recordar que o fenômeno da exclusão escolar já eliminou do ‘jogo’ a maioria das crianças e jovens ainda no ensino fundamental, assim como muitos dos que alcançaram o ensino médio e não obtiveram sucesso no vestibular, ou por saber que suas chances seriam mínimas, sequer tentaram ingressar no nível superior. Essa percepção aparece no depoimento de uma militante, acerca desse processo de ‘auto-eliminação’:

Por que um conseguiu e o outro não conseguiu ? Será que ele não buscou, será que não tentou, ou será que as portas foram fechadas p’ra ele ? E as portas foram fechadas por que ele era negro ou veio de família humilde. E ele se conformou ou acabaram convencendo-o de que não era capaz, como as universidades fazem com a gente. Só permanece na Universidade quem tem muito peito. Não é fácil, principalmente pra quem tem dificuldades financeiras. Por mais estrutura que a Universidade tenha, como é o caso da Rural, se não tiver amigos próximos te incentivando, você desiste. Por que tudo é armado, estruturado pra que o pobre faça o trabalho secundário. Não é p’ra ser liderança ou estar à frente de nada. (Vera)

A pergunta de Vera – ‘por que um conseguiu e o outro não ?’ – apresenta um desafio que requer uma abordagem sociológica. Questionamento similar acerca do fenômeno da desigualdade de desempenho escolar, alimentou pesquisa sobre trajetórias escolares de sucesso em meios populares:

Como se explica a chegada de diversas pessoas dos setores populares à universidade, enquanto tantas outras com características sociais, econômicas e culturais aparentemente análogas têm uma trajetória bem mais curta ? (Souza e Silva, 2003, p.17).

Muitas das trajetórias dos militantes entrevistados, posteriormente descritas, apresentam coincidências com as analisadas por Souza e Silva, ainda que este aponte que ‘a identidade política com partidos de esquerda, não se expressou em um maior engajamento’ (Ibid., p.131), como o ocorrido entre os sujeitos da presente pesquisa, no movimento estudantil. Entretanto, é comum nas trajetórias descritas em ambas as pesquisas, a importância do sistema escolar, em especial da Universidade, configurado como “um dos principais instrumentos de ascensão social individual e de inserção qualificada no mercado de trabalho”,

quando nos referimos a jovens oriundos de “grupos sociais menos providos de capitais”, como os estudados por Souza e Silva (Op.cit., p.158).

Na sociedade há uma luta concorrencial pela apropriação de diferentes capitais, no sentido de manter ou transformar a ordem social estabelecida. A sociologia de Bourdieu tem um indisfarçável caráter político, visto que pensa a sociedade por meio do conceito de dominação e de luta concorrencial entre as classes, manifesta pelas estratégias mobilizadas pelos agentes sociais nos diferentes campos em que ocupam posições desiguais.

Bourdieu procura explicitar o caráter autoritário dessas relações de dominação, expondo seus mecanismos e contestando sua legitimidade¹⁷. Para o autor, há uma estreita relação entre a cultura e a política, visto que ‘o trabalho de politização é freqüentemente acompanhado de um esforço de aquisição cultural’, que em algumas instâncias toma a forma “de reconhecimento incondicional, porque inconsciente, da cultura legítima e daqueles que a detêm”, e é em nome dessa cultura que “se exercem numerosos efeitos de dominação” (Bourdieu, 1983a, p.13). Por isso a importância estratégica atribuída a “todos os movimentos de contestação da ordem simbólica”, que “questionam o que parece evidente, inquestionável, indiscutível” (Ibid., p.11). Foram esses movimentos, como o da contracultura, o estudantil de 1968 e o movimento feminista, que subverteram as evidências, visando “politizar o doméstico, o consumo, o trabalho da mulher”, segundo o autor (Loc.cit) que com sua carga contra-cultural possibilitaram a disseminação das armas de defesa contra a dominação simbólica, a exercida pela cultura, os usos políticos da ciência etc.

Confirmando o potencial de dominação do movimento estudantil ex-militantes o acusam de ser um trampolim para a política profissional, partidária, utilizando como exemplos figuras da política nacional atual.

Acho fundamental a bagagem que o movimento estudantil dá. E ela serve pro Bem e p’ro Mal. Se você quiser fazer uso dela p’ra permanecer buscando o seu sentido crítico de transformação da sociedade é extremamente útil, mas se você quiser usar p’ro outro lado também é extremamente perverso. Acho que o movimento estudantil acende uma vela p’ra Deus e outra p’ro Diabo, pode dar qualquer coisa, mas é sempre útil, e pode ser usado por uma mão ou pela outra. E vemos que tem sido usado pelas duas de forma bastante cabal: Presidente do

¹⁷ Uma referência à arbitrariedade do poder que atribui legitimidade a uma esfera política ou acadêmica que confirma as desigualdades sociais sob um discurso ilusório acerca da igualdade de oportunidades.

DCE hoje e Ministro ou Presidente da Petrobrás daqui há 20 anos. É um passaporte, e sempre foi, vê o José Serra, toda uma geração de estudantes que participaram da UNE e hoje estão no poder. Os estudantes chegaram ao poder, estão todos lá: O Aldo Rebelo, presidente da UNE, e hoje líder do Governo. É muito interessante mesmo. (Elder)

Como o movimento estudantil está inserido numa sociedade e numa universidade desigual, não é improvável que permita, em seus quadros, uma certa reprodução dessa desigualdade, legitimando trajetórias de distinção. Bourdieu é um autor fundamental para essa discussão teórica e empírica, dada a sua enorme contribuição para a renovação do questionamento científico e seu interesse pela questão política.

Sabemos que os fenômenos sociais são sempre relacionais, e que o processo de constituição dos sujeitos históricos deriva-se da tensão entre estrutura e sujeito. A própria constituição de uma memória coletiva é uma forma de romper com dicotomias entre indivíduo e sociedade, passado e presente, através da reconstrução das representações e dos processos de construção de identidades coletivas.

A partir de entrevistas com lideranças de diferentes gestões do DCE da Rural, procuramos reconstruir as características do movimento estudantil, e tendo por hipótese que a participação no movimento também pode ser vista como estratégia de distinção na medida em que traz possibilidades de ampliação do capital cultural, social e outros. O material empírico analisado demonstrou que o peso da herança familiar na aquisição do *habitus universitário* se expressa de forma mais evidente nas condições de subsistência no *campus*, na relação mais ansiosa com a conclusão do curso, com a inserção no mercado de trabalho, com as expectativas familiares de melhoria da qualidade de vida a par da atividade profissional. Entretanto, o adiamento na conclusão do curso, atribuída jocosamente à ‘síndrome da *Terra do Nunca*’ é mais evidente na Segunda Geração denunciando uma adaptação mais ‘*blasé*’ ao ambiente universitário e ao próprio conteúdo de sua formação profissional, sem se ater à origem social.

Essas entrevistas, nesse sentido ofereceram condições de perceber a rede extensa e intensa de aprendizados que se deram ao longo da vida acadêmica e não acadêmica dos sujeitos.

3.3 Considerações metodológicas: a seleção dos entrevistados

Esta investigação utilizou como material empírico entrevistas com ex-estudantes da Universidade Rural, que rememoram e interpretam sua experiência no movimento estudantil. Esses militantes atuaram como lideranças no DCE da Universidade Rural, e como tais foram protagonistas da história da instituição e do movimento estudantil. O material empírico analisado forneceu um panorama das trajetórias desses sujeitos, sua origem sócio-familiar, investimento escolar, o ingresso na Universidade, sua inserção no movimento estudantil, destacando suas representações sobre seu processo de socialização.

Estes estudantes, provenientes de regiões diferentes do país, e de estratos diferenciados da população, têm em comum, como já assinalamos, o pertencimento a uma situação de geração personificada em uma universidade com perfil diferenciado das demais. Antes de apresentá-los e discorrer sobre suas trajetórias cabe destacar algumas considerações metodológicas referentes à seleção desses sujeitos.

Já discorreremos sobre a história da Universidade Rural, cenário e palco onde transcorre a representação dos atores dessa peça. Entre tantos personagens desse épico, — professores, administradores, funcionários — destacam-se os jovens estudantes. Agentes e sujeitos, atores e personagens, uma multidão que atuou e representou inúmeros papéis e uma diversidade de cenas: um corpo discente que, apenas á distância, aparenta ser homogêneo. De perto, vemos jovens muito diferentes, em sua origem e procedência, trazendo *habitus* e capitais diversificados, da mesma forma que, são diversas as condições de ingresso e permanência na Universidade. Essas trajetórias diversas se cruzam no *campus*, onde a juventude e a convivência os aproxima, favorecendo a constituição de um sentimento de pertença que vincula os estudantes da Rural.

Muitos viveram esse período de formação juvenil de modo inconseqüente e festivo, outros trouxeram mágoas da infância, enquanto vários encararam sua formação universitária como um árduo período de privações e dificuldades. A individualidade que parecia minimizada nesse processo, foi mascarada pela

necessidade premente de pertencer a um grupo, quase uma estratégia de sobrevivência, uma alternativa à solidão no *campus*.

Ontem e hoje, esses jovens, alguns ainda adolescentes, são gregários: formam grupos, alguns esporádicos, outros permanentes. Esses grupos atendem a interesses diversos da comunidade estudantil, com o fim de lazer ou de estudo, por afinidades acadêmicas, desportivas, regionais, ideológicas, culturais ou religiosas. Os estudantes se inserem nos grupos existentes ou formam novos agrupamentos, deles participam de forma mais ou menos ativa, e a par das novas formações outros grupos se dissolvem, os interesses mudam.. Se a maioria dos grupos é aberta a novos membros, alguns são mais restritos. A associação ocorre devido a múltiplos interesses, habilidades, origens, disponibilidades ou oportunidades: mero acaso ou intencionalidade, campo de diversas possibilidades.

As atividades físicas atraem muitos estudantes, multiplicando os grupos de capoeira, judô ou dança, os times e escolinhas de futebol, vôlei, tênis e handebol. A demanda religiosa também agrega muitos jovens nas reuniões da Pastoral Universitária, da ABU¹⁸ ou dos grupos espíritas. Outros estudantes ainda afirmam sua identidade regional ou amenizam as saudades de casa, integrando os vários grupos de tradições regionais. Estar em um grupo não impede a participação em outro, e assim formam-se grupos organizados ou não para estudar ou tomar cerveja, paquerar ou ir às festas, nadar ou caminhar, rezar ou debater.

O sentimento de pertença ou identificação com um grupo específico fornece o apoio sócio-afetivo necessário. Alguns estudantes associam-se ao GAE ou ao Erva-Doce, e muitos ainda participaram do *Viver Melhor*¹⁹. Para outros a referência pode ser à Atlética ou o Coral, uma das várias Empresas Júnior, um grupo de pesquisa, uma atividade de extensão, o quarto do alojamento. Ser, pertencer, participar, fazer parte, estar dentro são os motores ou os atrativos da inserção nos mais variados grupos. É muito sofrido ser

¹⁸ A ABU – Aliança Bíblica Universitária – que congrega estudantes evangélicos. Atualmente a ABU coordena um Vestibular Comunitário (Didaquê), em parceria com a Universidade.

¹⁹ Projeto de extensão, ainda em funcionamento, que desenvolve atividades corporais a partir de uma visão holística, do qual muitos integrantes da Segunda Geração participaram (Coordenado pela Profª Ana Dantas, Decana de Extensão da gestão MUDE).

identificado como um ‘alienígena’, um ‘desenturmado’, pois ‘ficar de fora’ é sempre depreciativo e pode dificultar a vida no *campus*, social e academicamente.

Outros estudantes, – por curiosidade ou determinação prévia, influenciados por experiências pregressas ou pela efervescência política do momento, – participam dos Centros ou Diretórios Acadêmicos (CAs e DAs) dos seus cursos, integram correntes ou tendências políticas, filiam-se a partidos, formam chapas que vencedoras dirigem o DCE. Sobre estes incidu o foco dessa investigação.

Mas quem são esses personagens militantes, as ‘lideranças’ nos 25 anos analisados ? Entre as várias gestões que se sucedem no DCE, com diretorias amplas o suficiente para representar os vários cursos e forças políticas, quem são os líderes, quais os que se destacam e atraem o foco da pesquisa ? Quem são os militantes entrevistados e porque a escolha desses nomes ?

Inicialmente, foram 16 os estudantes entrevistados individualmente²⁰. Todos exerceram cargos de direção no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFRJ, a partir da instituição deste como entidade autônoma em relação à Administração Superior (DCE-Livre). Nossos entrevistados têm hoje entre 28 e 48 anos, e quando do ingresso na Universidade possuíam cerca de 19 anos, nela permanecendo em média 6 anos. Todos residiam na Universidade ou no seu entorno, – nos Alojamentos ou em Repúblicas no 49 – sendo esta uma primeira pré-condição à inserção no movimento estudantil, pois permite uma participação mais próxima e ativa na vida universitária. Além disso, a moradia comum favoreceu o estabelecimento de vínculos pessoais que a vida comunitária consolidou.

Respondendo à questão da razão da escolha de uns e não de outros, destes e não dos demais militantes que atuaram na mesma gestão, informo que o critério utilizado foi o de que se tratasse de uma liderança reconhecida, não só à época da graduação, como também posteriormente. Os nomes surgiram apontados por ex-estudantes, hoje professores da instituição, que os reconheciam como as principais lideranças de cada período. Cabe destacar que, curiosamente,

²⁰ Posteriormente, o desenvolvimento da pesquisa favoreceu a troca de *e-mails* e a realização de uma entrevista coletiva com o grupo dos ‘Camarões’, descritos com maiores detalhes adiante.

nem sempre aquele cujo nome constava oficialmente como presidente, quando da eleição da chapa, era o que efetivamente exerceu a liderança durante a gestão, – como no caso de J. Elói, Mailta, Leonardo e Luiz Cláudio –, e da mesma forma, as gestões colegiadas não impediram que lideranças despontassem – como Olavo e Elder. Em ambas as situações os entrevistados eram reconhecidos como presidentes ‘de fato’ dessas gestões. A efervescência política de determinados períodos – greves e mobilizações específicas – exigia ‘quadros’ competentes, e muitas vezes carismáticos. O dinamismo do movimento foi capaz de alavancar ou enterrar lideranças no meio estudantil.

O marco inicial do período estudado foi a eleição do DCE-Livre, em 1977, quando uma diretoria escolhida autonomamente pelos estudantes assume a gestão do Diretório Central. As eleições para a entidade central dos estudantes passam, a partir desse momento, a ser realizadas de forma autônoma, por voto universal direto e secreto, e organizadas pelos próprios estudantes que constituem comissões eleitorais para coordenar o processo.

As gestões do DCE tem a duração de 1 ano, sendo que algumas diretorias tem o mandato estendido por um período maior, geralmente devido dificuldades de realizar o processo eleitoral no prazo regulamentar, como, por exemplo, durante as greves. Em vários momentos o DCE ficou sem uma gestão oficial, e nesses ‘vácuos’ o Conselhinho (Conselho de Entidades de Base), composto pelos DAs e CAs, geralmente assumiu a gestão do DCE, até a convocação de novas eleições e posse de uma nova diretoria.

Esse fenômeno ocorreu algumas vezes ao longo do período estudado: entre 1986-87 e 1995-96; forma intermitente entre 1988 e 1992²¹, e por mais de 3 anos consecutivos no período de 1998 a 2002. Nos últimos 25 anos cerca de dezoito gestões²² se sucedem, ou não, à frente do DCE. Os estudantes entrevistados participaram de 16 dessas gestões integrando a sua Diretoria.

Reitero que dada a necessidade de conhecer as experiências de vida desses estudantes, sua “herança” e trajetória, efetuei um recorte temporal, sub-

²¹ Nesse período que vai do fim da gestão Lua Nova (87-88) até a ‘Camarão’ (92-93), vácuos e gestões se sucederam, sem registro escrito. Os relatos sobre a época apontam para um momento confuso.

²² Número aproximado, visto que em relação ao período de 1989-92 não há um relato preciso do número de gestões.

dividindo o período estudado em dois segmentos. O primeiro período vai da criação do DCE-Livre, em 1977, até as eleições diretas para a Reitoria, em 1988, e o segundo período se entende de 1988 a 2002, com a eleição do DCE após 3 anos sem gestão. Com esse recorte, devido unicamente a necessidades metodológicas, pode-se designar duas ‘unidades de geração’ distintas, denominadas **primeira geração** e **segunda geração**.

Para fins metodológicos, utilizamos como critério distintivo entre as gerações o regime político do país, sendo a **primeira geração** constituída por aqueles entrevistados que, hoje encontram-se por volta dos 38-48 anos e que participaram do movimento estudantil da segunda metade da década de 70 até meados da década de 80, ainda no regime militar, e a **segunda geração**, daqueles que, possuindo em média 27-37 anos, militaram do final da década de 80 até a virada da década seguinte, com o país sob o regime democrático.

A Nova República (1985-89) foi o governo de transição que caracterizou a mudança de regime político no país, concluído com as eleições diretas para presidente, sendo ainda o período em que essas duas gerações se encontram na Rural, pois os últimos integrantes da **primeira geração** concluem seus cursos e os primeiros componentes da **segunda geração** ingressam na graduação²³. Por um breve período, alguns estudantes, de gerações aqui consideradas distintas, são contemporâneos e participam de movimentos comuns, como a ocupação do MEC e as eleições para a reitoria, em 1988

A **primeira geração** militou no movimento estudantil, na fase de sua reconstrução, ainda durante a ditadura militar, durante os governos do Presidente Geisel e do Presidente Figueiredo. Nesse momento ocorreu a reconstrução da UNE e do movimento estudantil, as campanhas pelas Diretas Já, em 1984, e já no período denominado de Nova República, a Assembléia Constituinte e o Governo do Presidente Sarney. Na UFRRJ, esta **primeira geração** participou do DCE-livre, da greve de 108 dias, das primeiras ocupações do bandeirão e da reitoria, e do malogro das eleições diretas em 1984. Seus últimos integrantes testemunharam as eleições para a reitoria e a ocupação do MEC, em 1988.

²³ Como João, Mailta, Marco, Ricardo e Luís Mauro, da **primeira geração** e Leonardo, Beto e Tarci, Beth e os demais ‘camarões’ da **segunda geração**.

A **segunda geração** debuta no movimento estudantil em 1988, durante a campanha à Reitoria. No episódio da ocupação do MEC, ainda em 88, alguns dos integrantes dessa geração já são reconhecidos como lideranças. A **segunda geração** vivenciou as eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002, o *impeachment* de Collor, que marcou o ressurgimento das passeatas estudantis, e os dois governos do presidente Fernando Henrique Cardoso. Na Rural, participou ativamente das eleições para a Reitoria de 1992, vivenciando a inédita experiência de dirigir o DCE sob uma gestão “progressista” (1993-1997). Essa geração presenciou as eleições para a Reitoria, de 1996 e 2000, em que foi eleita e reeleita uma reitoria com perfil conservador; participou ainda, intensamente das inúmeras greves de professores ao longo da década de 90. Neste período evidenciou-se o refluxo do movimento estudantil a par da crise de mobilização e organização, em nível local e nacional. O período finaliza com a gestão do DCE (2002/2003), que reconstruiu a entidade após um vácuo de três anos.

Dentre esses militantes entrevistados, das muitas gestões do DCE analisadas, destaco, como grupo exemplar²⁴, os componentes da chapa “**Camarão que não nada a onda leva**”, gestora do DCE no período de 1992/93 e que marcaram o movimento estudantil local de 1987 a 1995. Este grupo caracteriza-se por um relacionamento duradouro que, extrapolando o período acadêmico, permitiu que este seja identificado como um ‘grupo concreto’ peculiar, ainda lembrado na Universidade. Com os integrantes desse grupo além das entrevistas individuais, realizadas com 4 membros (Beto, Leonardo, Tarci e Denise) foram coletados dados utilizando a ‘lista de mensagens dos camarões’²⁵. O material divulgado na ‘lista’ constituiu um acervo documental de relatos que permitiram ampliar e aprofundar o escopo da pesquisa sobre a participação acadêmica, política e profissional, viabilizada pela participação no movimento estudantil, bem como nos laços de amizade que os unem. Foi

²⁴ Definido como ‘grupo exemplar’ por caracterizar o aspecto de ampliação da estrutura e volume de capitais a partir da militância estudantil, hipótese central nesta pesquisa.

²⁵ Lista dos “camarões” no “*yahogroups*” da qual participam cerca de 30 pessoas; os que integraram a chapa/gestão do DCE, outros estudantes que os apoiavam, denominados “tatuís” e colegas da época que atuavam no teatro, no GAE, no CEA e que constituíram uma rede social vinculada pela amizade. Destes responderam ao questionário enviado: Amauri, Kael, Heitor, Felipe, Maria Tereza, Martin, Denise, Beth, Lucia e Beto. Os quatro últimos participaram ainda da entrevista coletiva.

realizada também uma entrevista coletiva da qual participaram 13 integrantes dos ‘camarões’²⁶.

As características desta investigação demandaram uma aproximação maior entre a pesquisadora e os sujeitos, muitos dos quais seus colegas de trabalho, outros ainda recentemente alunos da Universidade. As entrevistas foram o instrumento de pesquisa privilegiado, por facilitar à apreensão dos discursos dos sujeitos frente à reconstituição de suas trajetórias. As transcrições constituíram-se no principal material empírico utilizado, acrescido do material obtido por via eletrônica, e a consulta a material impresso sobre o movimento estudantil local.

3.3.1 Os bastidores da pesquisa: ‘ensaios’ no campo

O trabalho de pesquisa foi iniciado com a realização de contatos informais com antigas lideranças procurando fazer um levantamento inicial da história do movimento estudantil da UFRRJ, avaliando a procedência da proposta de investigação e delineando o problema e o campo. A partir de algumas entrevistas exploratórias pude definir quais seriam os sujeitos entrevistados, a fim de delinear um panorama do movimento estudantil da Universidade Rural, no período recortado. No decorrer das entrevistas foi possível detectar quais os aspectos da experiência do entrevistado apresentavam maior relevância, segundo a percepção e representações dos próprios entrevistados. Esse modo de adentrar no campo permitiu a testagem de “alternativas de tratamento do problema” assim como ofereceu a percepção das “vantagens e desvantagens dos diferentes ângulos de observação” (Brandão, 2000, p. 175)

A autora citada costuma referir-se aos bastidores da pesquisa como uma cozinha onde os ingredientes que serão utilizados na confecção de um prato são escolhidos, pesados, processados e sob diversas combinações compõem o produto final que será servido à mesa. Do mesmo modo, uma peça teatral antes de ser apresentada ao público é aprimorada em inúmeros ensaios onde as falas e

²⁶ Participaram da entrevista coletiva, realizada em 13/01/2004, no IBIO, Luciano, Marcinho, Henrique, André, Rafael, Emília, Claudia, Maria Paula, Beth, Lucia, Denise, Leonardo e Beto, os três últimos também deram depoimentos em entrevistas individuais.

as marcações, as entoações e os ritmos, as luzes e os adereços do cenário são discutidas buscando um conjunto mais harmoniosos segundo os objetivos da montagem. O trabalho de construção do objeto de pesquisa, a entrada no campo, o levantamento das hipóteses, as categorizações, a seleção dos instrumentos e a análise do material empírico, também exigem um cuidadoso processo de elaboração, não vislumbrado na versão final apresentada.

Este trabalho de bastidor, a exemplo dos ensaios teatrais envolve idas e vindas, movimentos empíricos e teóricos, avanços e recuos, que permitem uma aproximação do objeto de pesquisa, um mergulho no material empírico, sucessivos confrontos com a teoria até a elaboração de um produto final, ainda assim provisório, apontando para novas questões de estudo.

Esta investigação decorreu segundo o movimento teoria-empíria-teoria e exigiu sucessivas aproximações da temática, do campo empírico e de referenciais teóricos, no campo da sociologia da educação, necessários ao longo do processo (Minayo, 1996). A consolidação das disposições exigidas pela prática da pesquisa, enquanto um modo de apreensão específico do mundo social, apontou para a necessária interlocução com autores, teorias e metodologias, trazendo o benefício de várias abordagens, mas priorizando o diálogo com o material empírico (Champagne, 1998, p.9-12). O caráter relacional do objeto, explicitado nos diferentes níveis de abordagem da realidade, suas dimensões estruturais e políticas, histórico e culturais, exigiram ainda uma construção teórica integrada à historicidade do processo social, daí o mergulho inicial na história do movimento estudantil e da Universidade. Procurei assim desfrutar das vantagens advindas do trabalho ‘artesanal’, recorrendo a teorias e métodos mais adequados à especificidade da investigação, sem ater-me apenas “as maneiras convencionalmente rigorosas”, o que propiciou o enfrentamento de problemas metodológicos advindo do trabalho de campo, que apontaram para trajetórias possíveis e prováveis do processo investigativo. (Becker, 1999, p.12-13;46), fugindo de dicotomias entre teoria/empíria, subjetividade/objetividade, material/simbólico.

A seleção dos ex-estudantes foi se ampliando com base na indicação que cada entrevistado fazia, sugerindo nomes de outros estudantes, que compunham

a mesma gestão ou a subsequente. Tais indicações²⁷ pareciam sugerir que a rede social que havia se estabelecido, no tempo da graduação, não se rompera totalmente, permanecendo, em muitos casos, com maior ou menor proximidade. Limitei o número de entrevistados a 16 ex-militantes, pois detectei como momento da “saturação”, quando as referências de cada período/gestão começaram a se tornar repetitivas, indicando sinais de estar alcançando um mapeamento relativamente completo do período analisado. Cabe destacar que não foi possível contatar componentes de determinadas gestões do DCE, como as situadas no período de 88 a 92. Esse espaço de tempo, suportaria até 3 gestões, mas possivelmente teve apenas uma ou no máximo duas gestões à frente do DCE, das quais não ficou memória de lideranças específicas.

O roteiro básico detonador da “entrevista” foi estruturado na rememoração da trajetória dos agentes, através de questões bastante genéricas, que solicitavam o relato sobre a trajetória anterior à entrada para a UFRRJ; sua experiência como aluno da Rural; sua inserção e atuação no movimento estudantil e a contribuição do movimento estudantil na sua vida. Os entrevistados tiveram a liberdade de estruturarem seus depoimentos a partir de sua própria percepção, destacando os episódios e aspectos que consideravam mais relevantes. Uma série de sub-temas foi listada, e ocasionalmente os entrevistados eram solicitados a explicitarem alguns deles durante a ‘conversa’. Uma parte do material empírico foi obtido mediante respostas a questões encaminhadas posteriormente por correio eletrônico. As questões versavam sobre aspectos pontuais como ocupação e escolaridade dos pais, religião, residências na infância, escolarização, confirmação de nomes e datas referentes às chapas e gestões do DCE.

Além das entrevistas, pude utilizar o relato de alguns ‘camarões’, em resposta a um pequeno questionário enviado e recebido por ‘correio eletrônico’. Uma parcela significativa do grupo dos ‘camarões’ se dispôs a, nas ‘férias de janeiro’, fornecer uma entrevista coletiva, como já assinalamos, sobre suas experiências na Rural e a participação no movimento estudantil.

²⁷ Acompanhadas de *e-mails* ou números telefônicos, e até contatos prévios.

Trabalhando dialeticamente com os limites impostos pelo material empírico obtido pude traçar um panorama sobre a experiência anterior ao curso universitário, (origem social e trajetória familiar), favorecendo uma interpretação sobre o capital cultural, social e político que estes estudantes teriam trazido como “herança” ao ingressar na Universidade, assim como, de que forma estes capitais poderiam ter influenciado sua atuação acadêmica e política. Também foram relevantes informações sobre a escolarização básica do estudante, seu perfil como aluno, que permitiram interpretar o grau de investimento escolar empreendido desde o ambiente familiar. Outro aspecto focalizado referia-se à influência religiosa, apontada como importante, na trajetórias de parcela significativa dos sujeitos, no que tange à socialização política.

Quanto à experiência durante a Universidade, procuramos identificar as representações sobre os motivos da escolha do curso e da instituição, as condições em que fizeram a graduação, com destaque para a especificidade da Universidade no que tange à assistência estudantil, mais especificamente os Alojamentos e o bandeirão, apontado como um aspecto fundamental. Muitos entrevistados apresentaram ainda uma avaliação do próprio curso e da Universidade. Merece destaque a ênfase dos entrevistados sobre a peculiaridade da Rural, devido ao sistema de ‘quase internato’, que favorece o desenvolvimento de amizades e relacionamentos mais profundos.

A militância estudantil, tema e objeto da pesquisa, ocupa lugar central nas entrevistas, onde os motivos da inserção, experiências e impressões, o histórico das lutas, as expectativas pessoais, as adesões e revisões ideológicas estão presentes. Em relação à experiência posterior à graduação, foi tratada a questão da empregabilidade, da atuação profissional, da formação continuada, suas experiências associativas e partidárias, a vida familiar e o comportamento eleitoral. Muitos entrevistados discutiram acerca da sua visão da sociedade e do atual governo, fazendo análises de conjuntura. Entretanto abandonei a pretensão inicial de obter dados sobre as práticas culturais e de lazer dos sujeitos, seus hábitos de consumo e investimento, numa renúncia consciente sobre a limitação do tempo que mais esta análise requereria.

O fato do *locus* da pesquisa ser o campo de atuação profissional da pesquisadora, não trouxe maiores problemas à realização da pesquisa, sendo que em muitos momentos até facilitou às fontes e informações. Certamente ocorrem interferências na objetivação, não necessariamente negativas, quando o universo pesquisado é familiar ao pesquisador. Entretanto, fazer parte do mundo social descrito na investigação, *a priori*, não atrapalha a compreensão do mesmo, desde que se considere a relação que este mantém com seu objeto de estudo, pensando-a “como uma relação social que permite revelar determinadas dimensões do objeto a ser conhecido” (Pinto, 1996, p.56). Tal proximidade pode, até mesmo, favorecer o desenvolvimento da pesquisa apontando questões, relativizando depoimentos, problematizando relações.

Como alerta Pinto (Id., p.13), ao mesmo tempo, essa proximidade exige cuidado dobrado para que se possa estabelecer a crítica argumentada dos limites inerentes ao ponto de vista do investigador. Becker (Op. cit., p.99) ressalta que estudar sujeitos que atuam com base nas mesmas restrições sociais que o investigador, longe de favorecer distorções devido aos *biases*, permite dispor de numerosos itens de informação e procedimentos flexíveis que facilitam testar repetidamente e de maneiras diversas as hipóteses e conclusões.

As entrevistas com os militantes forneceu, como venho descrevendo, um material muito rico e amplo, composto de mais de 400 páginas de transcrição, além do material eletrônico e do diário de campo. As entrevistas, posteriormente editadas, virão a integrar o acervo do DCE. Não tive o cuidado de omitir ou substituir os nomes dos entrevistados, pois são personagens públicos, conhecidos no Movimento Estudantil e na Universidade Rural. Além do que, não houve da parte dos entrevistados qualquer solicitação para que seus nomes reais não fossem mantidos, apenas que as alusões a terceiros – não dirigentes do DCE fossem omitidas.

Agrupamos o material empírico em duas gerações especificadas anteriormente: a Primeira e Segunda Geração. Integram a **primeira geração** nove ex-estudantes: Edilson, da Geologia, Luís Mauro, da Engenharia Florestal, Ricardo e João, da Agronomia, José Elói, da Física, Elder, da Licenciatura em Ciência Agrárias, Eloy e Mailta da Zootecnia e Marco, da Biologia. Eles

ingressaram na Rural entre 1974 a 1984, sendo que seus últimos integrantes se formaram em 1988.

A **segunda geração** ingressou na Rural a partir de 1986, sendo que seu último integrante ingressou em 1996, e está se formando em 2004. Integram a **segunda geração** os sete estudantes entrevistados individualmente: Leonardo, Vera e Luiz Claudio, da Agronomia, Denise, de Biologia, Beto, da Engenharia Florestal, Tarci, da Licenciatura em Ciências Agrícolas e Olavo da Veterinária. Esta geração ainda contempla os componentes da chapa ‘Camarão que não nada a onda leva’ que participaram de entrevista coletiva e enviaram relatos pela internet, com destaque para Beth, Lucia, Luciano, Henrique e Rafael.

Apresento, a seguir, uma breve síntese acerca de cada um dos entrevistados visando fornecer um panorama sobre as trajetórias dos mesmos, que poderá servir de referência ao leitor ao longo do texto.

As trajetórias desses estudantes trazem as marcas da Rural e do movimento estudantil. Eles são os protagonistas que, emergindo da massa composta por milhares de estudantes anônimos, escreveram a história do DCE e da própria Rural, que se confundem com sua própria biografia.

Levantado o pano que vislumbra o cenário, apresento os atores e/ou personagens que desencadearam a ação, a trama, e encheram de vida e movimento o *campus* da Universidade Rural. Eles relataram a história e as estórias da Rural e do movimento estudantil, pano de fundo dessa pesquisa, representando e interpretando sua experiência no movimento estudantil ao qual atribuíram importância capital em suas trajetórias

A história da Rural continua, seus personagens tornam-se militantes....

3.4 Os militantes entrevistados e suas trajetórias

A síntese das trajetórias dos estudantes entrevistados, que se segue, subdividida em **primeira geração** e **segunda geração**, serve de base à análise posterior de alguns aspectos relativos à origem social dos entrevistados, numa tentativa de identificar as influências que estes trouxeram ao entrar na Rural, portanto antes de engajarem-se no movimento estudantil. Elaborei também um

quadro síntese que sistematiza informações sobre os entrevistados, fornecendo alguns dados sócio-econômicos, e referências ao movimento estudantil.

O modo como ocorreu a inserção no movimento estudantil, o peso da origem social na trajetória política, acadêmica e profissional, será visto posteriormente. Entretanto, está claro na maioria dos depoimentos que, entre outras relações, o ambiente de efervescência política e cultural da Universidade, propiciando a influência inter-pares, foi fundamental na socialização política dos militantes, como veremos em suas representações.

Um pequeno quadro sintetiza alguns dados referentes aos sujeitos da pesquisa, indicando seu ano de nascimento, o período em que cursaram a graduação na Rural (ano de ingresso/ano de conclusão), o curso de graduação realizado, a ocupação atual, e se esta se insere no setor público ou privado e a mais alta titulação acadêmica.

Note-se que na primeira geração a maioria realizou cursos de pós-graduação *strictu senso*, atuam no setor público, com destaque para a atividade docente. Na segunda geração apenas dois entrevistados trabalham no setor público, e o terceiro setor ocupa lugar de destaque no mercado de trabalho.

O relato das trajetórias de cada geração vem precedido por uma canção que identifico como afinada ao ‘clima’ vivenciado por cada geração, refletindo representações dos anseios da juventude.

3.4.1 Primeira geração

Os integrantes dessa primeira geração analisada nasceram entre 1955 e 1966 e ingressaram na Rural entre 1974 e 1984. Participaram do movimento estudantil ainda no período da ditadura militar, atuando na reestruturação do DCE-Livre até a consolidação do movimento estudantil na instituição. Seus últimos integrantes já vivenciam o início do descenso do movimento estudantil na Universidade e no país. Os que possuem alguma experiência política anterior esta refere-se à atividades comunitárias, ligadas à Igreja, esporte ou estudo, sendo que a participação da escola se além a atividades culturais, como os jornais.

Quadro 3: **Os integrantes da Primeira Geração**

	Nasc.	Curso	Período	Movimento estudantil	Antecedentes
Edilson	1955	Geologia	75/80	CEGEUR, DCE (77-78,78-79)	Ativ. desportiva
L. Mauro	1956	Eng. Florestal	74/79	DCE (77-78),APG,DCE(87-88)	
Ricardo*	1957	Agronomia	81/85	APG, ANPG, DCE (87-88)	Jornal, ME PUC
J.Elói	1957	Física	77/81	DAFis , DCE (79-80)	Liderança Igreja
Elder	1957	LiCA	78/84	DARF, DCE (80-81,81-83)	
Eloy	1958	Zootecnia	79/85	DAZ, DCE (83-84)	
João	1960	Agronomia	80/86	CEA, DCE (84-85)	Jornal, pesquisa
Mailta	1964	Zootecnia	82/88	DAZ, DCE (85-86, 87, 87-88)	Repres. de turma
Marco	1966	Biologia	85/89	DABio , Conselhinho (86-87)	Liderança Igreja

*Anteriormente cursou Engenharia na PUC (1976-79), e iniciou os cursos de Biologia (UFRJ) e Oceanografia (UERJ), ambos em 1980.

Geração 70

Taiguara

*Nós estamos inventando a vida
como se antes nada existisse,
por que nascemos hoje do nada,
porque nascemos hoje p'ro amor.
Nós estamos descobrindo os corpos
como a manhã descobre as imagens,
como o amor descobre a verdade,
como a canção descobre uma flor.*

*Nós precisamos desvendar a tempo
esse mistério azul de oxigênio,
esse desejo imenso de sexo,
essa fusão de angústias iguais,
E nós vamos resistir sem medo
à solidão de um tempo de guerras.
E nossos sonhos loucos e livres
vão descobrir e celebrar a paz.*

1. Edilson²⁸

²⁸ Edilson de Paula Andrade foi entrevistado em 09/12/2003, na Quinta da Boa Vista.

Nasceu em 1955, em Muriaé, Zona da Mata de Minas Gerais. Seus pais eram médios proprietários rurais, que na década de 60 abandonaram o campo e, juntamente com outros parentes, ingressaram no comércio de panificadoras. Eles migraram para a cidade de São Gonçalo, RJ, em 1971, onde continuaram no ramo de padarias, devido à proximidade da Universidade em que o filho mais velho estudava medicina, a UFF. Essa foi uma estratégia declarada para diminuir os custos com a educação da prole e favorecer o ingresso dos outros filhos no nível superior, um projeto da mãe, não compartilhado pelo pai, desejoso de que os filhos atuassem no comércio. Edilson tem 3 irmãos mais velhos e uma irmã mais nova. Ele e seus irmãos trabalharam na panificadora da família, desde a infância, enquanto prosseguiam nos estudos.

Junto com os irmãos e primos, Edilson fundou e administrou um time de futebol com os jovens da localidade, no período de 1971 a 1976. Essa atuação sócio-comunitária-desportiva foi destacada como importante na sua socialização, tanto em seu depoimento como no de Elder, seu primo, outra liderança entrevistada. Sofreu a influência política de um irmão mais velho, Antônio Carlos, estudante de psicologia na UERJ, na época, e que se tornou quadro do MEP. Esse irmão fez carreira política, foi o presidente da Fundação Nacional de Saúde, demitido pelo Governo Lula, em retaliação à postura de oposição da esposa, Deputada Maninha. Edilson estudou o Primário e o Ginásial (Ensino Fundamental) em escolas públicas, em São Gonçalo, fazendo o Curso Científico (Ensino Médio) em escola particular de pouco prestígio em Niterói. Fez curso pré-vestibular.

Ingressou na Rural, sua segunda opção no vestibular unificado, em 1975, para cursar Geologia. Residiu no Alojamento, e sua manutenção era assegurada pela família, que lhe dava uma pequena mesada. Logo no primeiro ano participou de um Encontro de Estudantes de Geologia, em Rio Claro, SP, que incentivou a organização dos estudantes em nível local. Fez um estágio profissional, ao fim do primeiro ano, que ampliou sua visibilidade no curso, fornecendo-lhe respeitabilidade entre veteranos e calouros. Foi um dos fundadores do CEGEUR (Centro de Estudos Geológicos da Universidade Rural) e o primeiro presidente do DCE-Livre da Rural. Concorreu à presidência da

União Estadual dos Estudantes (UEE) em 1979, não sendo eleito. Era quadro do MEP durante o tempo de graduação (1975-81), mas afasta-se da organização após a saída da Universidade.

Quando se formou em 1981, já residia com a atual esposa, estudante de agronomia, no 49, tinha um filho e esperava o nascimento de outro. Foi para São Paulo, Taubaté, a cidade de origem da mulher, e após alguns meses sub-empregado, foi contratado pela DAE (Departamento de Águas e Energia) do Estado de São Paulo, onde permanece até hoje. A oportunidade do emprego foi oferecida por um ex-colega de curso e militância no CEGEUR. Teve uma atuação militante no PT até meados da década de 90: foi presidente do diretório municipal, concorreu aos cargos de vereador e deputado estadual, não sendo eleito. Atualmente, atua como profissional e militante no campo da preservação de recursos hídricos. Tem 5 filhos entre 12 e 22 anos. Manteve o vínculo com a sua turma de graduação, encontrando-se periodicamente em eventos da área de Geologia, muitos deles na Rural. Feito o primeiro contato telefônico, se dispôs a vir ao Rio para a entrevista. Seguiu-se uma freqüente troca de *e-mails*. Sua capacidade de liderança é destacada pelos seus contemporâneos.

2. Luís Mauro ²⁹

Nasceu em 1956. Estudou em escolas públicas, na época, consideradas muito boas, como a Paulo de Frontin (Tijuca) e a André Maurois (Gávea). Seu pai era funcionário do Banco do Brasil, seu avô materno era general (reformado no AI-1) e o avô paterno funcionário da CTB (Companhia Telefônica Brasileira). Sua família, pai e avô materno tinham atuação política antes de 1964. Foi criado na Tijuca, na infância, e na Zona Sul, na adolescência, quando ocorreu a separação dos pais. Junto com Ricardo e João, possui um perfil, origem sócio-cultural de alta classe média urbana, que o distingue dos entrevistados da mesma geração e da média dos alunos da época, de origem rural. Tem duas irmãs biológicas, e mais três irmãos, filhos da madrasta, e uma irmã adotada. Desses 7 'filhos' apenas 4 fizeram o curso superior, mas ele é o

²⁹ Luís Mauro Sampaio Magalhães, foi entrevistado em 23/06/2003, na sua sala no Departamento de Ciências Ambientais do Instituto de Florestas da UFRRJ.

único que exerce a profissão. Atuou no cinema, antes de ingressar na Rural, como assistente de direção.

Fez graduação em Engenharia Florestal na UFRRJ, no período de 1974-79. Integrou a gestão do DCE-Livre, em 1977/78, quando participou de eventos nacionais pela reconstrução da UNE. Durante a graduação residiu em república no 49. Era mantido pelo pai, inclusive após o casamento, aos 20 anos, com uma colega, estudante de Agronomia. Participou de atividades de pesquisa durante a graduação sendo convidado para trabalhar na Universidade após a Graduação, mas recusou pois pretendia ir para a Amazônia.

Foi trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus, onde permaneceu de 79 a 86. Nesse período, fez o curso de Mestrado na Universidade do Amazonas onde também lecionou. Junto com a esposa, pretendia cursar o doutorado nos EUA, dada uma impossibilidade, retornaram à Rural, em 1984, para cursar o Doutorado, em Ciências do Solo, no Instituto de Agronomia, orientado pelo prof. Manlio Silvestre, reitor de 1993-96. Em 1987-88 participou da gestão Lua Nova no DCE, como representante do alunos de pós-graduação junto com Ricardo, outro entrevistado, com quem compartilha grande afinidade política.

Tem uma visão crítica do M.E., principalmente da atuação das tendências políticas, que considera de forma geral negativa. Na época da militância estudantil se opunha aos 'reformistas', principalmente aos ligados ao PCdoB. Na entrevista teceu comentários sobre a militância, destacando a necessidade do jovem hoje ter uma atividade coletiva, que traga uma referência em termo de valores, de associação coletiva, de construção de identidade. É filiado ao PT, mas não exerce militância partidária.

É professor da Rural desde 1989. Foi presidente da ADUR, e atualmente participa novamente da Diretoria da entidade. É um professor engajado no movimento docente local, participa ativamente da Assembléias da ADUR. Coordena o curso de pós-graduação em Ciências Ambientais. Mora em Jacarepaguá, com a segunda esposa, e filhos. Sua filha mais velha fez Biologia na Rural, outra filha foi militante estudantil, na UFF.

3. Ricardo³⁰

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1957, filho de mãe argentina, que trabalhava com dança e artes cênicas, e de pai brasileiro, formado em direito, empresário do ramo de espetáculos. O avô paterno é libanês. Todos os 3 irmãos tem nível superior, e residem no Rio, menos uma irmã, PhD em História da Arte, que reside na Holanda. Mora em Santa Teresa desde a infância. Estudou unicamente no Col. São Vicente de Paula, colégio confessional católico progressista, no Cosme Velho, ao qual atribui a consciência crítica e a excelente formação acadêmica, que o levou à militância estudantil e, posteriormente, à atuação sindical no movimento docente. Não fez curso pré-vestibular. Do colégio, mantém contato com apenas um colega, amigo desde o Ginásio. Sua família é católica, e ele participa de atividades da Igreja ocasionalmente.

Foi aluno de Engenharia na PUC (74-78). Abandonou o curso no último ano, já estagiando, devido à percepção de que sua futura profissão exigiria atitudes não compatíveis com seu ideário político. Participou do DA de Engenharia na PUC. Iniciou os cursos de Oceanografia, na UERJ, e Biologia, na UFRJ, em 1979, logo abandonados, por insatisfação com a qualidade do ensino oferecido pelas instituições.

Ingressou na Rural, em 1981, para cursar Agronomia. Durante a graduação, optou por ser um estudante comum, pois desejava concluir o curso rapidamente devido à idade, e por isso não atuou no movimento estudantil. Tornou-se monitor, e descobriu a ‘vocação’ para o magistério superior. Residiu no 49 durante a graduação, mantido pela família. Na opção pela Rural influenciou a possibilidade de ‘sair de casa’.

Ao cursar o Mestrado em Agronomia - Ciências dos Solos, teve o mesmo orientador que Luís Mauro. Durante o curso se destacou como líder estudantil na Rural, foi representante do alunos de pós-graduação e um dos fundadores da APG local. Participou de eventos nacionais pela construção da ANPG³¹, da qual foi Secretário Geral. No período de 1987-88 participou da gestão Lua Nova do

³⁰ Ricardo Luiz Louro Berbara, foi entrevistado em 15/05/2002, na ADUR. Estabeleceu uma ativa correspondência via correio eletrônico, complementando os dados da entrevista, o que também ocorreu através de contatos telefônicos e pessoais informais.

³¹ APG é a Associação dos Pós-Graduandos e a ANPG é a Associação Nacional dos Pós-Graduandos.

DCE, quando se tornou uma referência política no M.E. Em novembro de 1988, ocorreu a invasão do MEC, movimento em que foi uma das lideranças.

Após a conclusão do mestrado, tornou-se professor do Instituto de Agronomia da Rural. cursou o Doutorado, na Escócia. Ao retornar, em 1995, integrou a diretoria da ADUR, e como 1º vice-presidente, com a saída do presidente, assumiu a função (1996-97). Participa ativamente do movimento docente, é um dos conselheiros da ADUR, editor do jornal 'ADUR Informa'.

Destacou a importância do apoio institucional e familiar na sua formação e realização profissional. É eleitor do PT desde a sua criação, e antes disso votava nulo, e não no MDB.

4. J. Elói³²

Nasceu em 1957, na zona rural do norte do Espírito Santo, em São Gabriel da Palha. Sua família vivia na roça, eram pequenos agricultores, antes de residirem em São Gabriel da Palha. Seu pai, semi-analfabeto, era protético, mas tem dois irmãos muito ricos e influentes na região, empresários e cafeicultores, a quem ajudou tornando-se sócio em uma movelaria. Um dos motores da sua atuação política adveio da percepção da injustiça e da desigualdade na própria história familiar, de desavenças entre seu pai e seus tios, que o excluíram da sociedade quando iniciaram o processo de ascensão econômica. Iniciou atividade política organizativa na Igreja, em grupo jovem. Em sua cidade conviveu com José Rainha, líder do MST, e filho de uma família vizinha, que iniciou a militância política no sindicato rural que J. Elói ajudou a organizar.

Sempre estudou em escola pública. Precisou trabalhar desde a infância para poder estudar. Sua cidade não possuía luz elétrica, estudava à luz de lamparina. Foi para Vitória, cursar o nível médio, e para se manter trabalhava no comércio. É o filho mais velho, seus dois irmãos também fizeram o Ensino Médio em Vitória. Todos têm nível superior.

Fez graduação de Licenciatura em Física, na primeira turma, no período de 76-80, e se tornou uma liderança, pois reivindicava melhores condições de ensino, e um currículo mais apropriado ao curso. Sua opção pela Rural ocorreu

³² José Elói de Martins foi entrevistado em 23/04/2003, no Instituto de Educação da UFRRJ.

devido à assistência ao estudante, entretanto precisou fazer uma forte pressão para receber os tíquetes que garantiriam a alimentação gratuita. Residiu no Alojamento, tinha ‘crédito educativo’ e bolsa alimentação. O seu quarto do Alojamento abrigou Edilson, o primeiro presidente do DCE e seu primo Elder, que o sucederá. Essa coincidência favoreceu a inserção na militância. Organizou uma chapa, OPÇÃO para o DCE de oposição à de Edilson, composta por estudantes independentes, não vinculados a tendências sob a bandeira de ‘prioridade para as questões internas’. Eleito, tornou-se a principal liderança do DCE, na gestão 1979/80, com papel de destaque na Greve de 108 dias, ocorrida em 1980, um marco no movimento estudantil da Rural, que atingiu repercussão nacional.

A família não forneceu qualquer ajuda, nem quando a namorada engravidou e ele se casou. Começou a trabalhar, em colégios particulares, ainda na graduação. Destacou as marcas e mágoas que traz das humilhações passadas na infância, e na própria Universidade.

Atualmente tem 46 anos e é professor de Física da rede estadual, em Paracambi. Reside em Seropédica. É separado, tem 3 filhos, o mais velho cursa Física na Unicamp. Tem uma intensa atividade política local, como militante do SEPE³³ e do PT. Foi candidato à deputado estadual, em 1994, não sendo eleito, e atualmente é presidente do PT de Seropédica, e candidato à vice-prefeito na chapa do atual Reitor da Rural, em coligação PSB/PT.

Declarou que gostaria de fazer uma pós-graduação em Física, mas devido à falta de tempo e à ausência do curso na Rural, encontra-se impedido. Dos integrantes desta geração é o que apresenta padrão econômico mais baixo, inclusive devido à separação conjugal, aos gastos com a pensão dos filhos.

5. Elder³⁴

Nasceu em 1958, em Barão do Monte Alto, Minas Gerais. Seus pais eram médios produtores rurais, descendentes de família tradicional na região. Sua família é espírita kardecista. É o mais novo de 5 irmãos. Seus pais mudaram-se

³³ Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE) da Rede Pública do Rio de Janeiro.

³⁴ Elder Andrade de Paula, foi entrevistado em 02/2003, pelo professor Edmundo do DLCS/ICHS, que cede a entrevista para transcrição. E novamente em 12/09/2003, no Paço imperial, pela pesquisadora.

no início da década de 70 para o centro urbano, onde instalaram uma panificadora, para que os filhos pudessem estudar. Faliram e foram obrigados a retornar ao campo. Os filhos foram morar em casas de parentes para estudar. Suas duas irmãos também fizeram nível superior, mas os irmãos apenas o segundo grau.

Elder veio para São Gonçalo, para a casa dos tios, pais de Edilson. Durante o segundo grau, estudou de noite e ajudava na panificadora de dia, posteriormente, já no cursinho trabalhava em escritório. Estudou em escolas públicas e privadas. Não tinha qualquer participação política anterior à Universidade, mas já lia alguns jornais alternativos, por influência dos primos militantes.

Optou por fazer LiCA (Licenciatura em Ciências Agrícolas), após um assalto, quando decidiu morar no interior e não em cidade grande. Chegou na Rural em 1978, e foi residir no Alojamento, no quarto do primo Edilson, presidente do DCE na época. Por influência desse primo ingressou no MEP. Foi um dos fundadores do DARF, Diretório Acadêmico Raimundo Ferreira, dos estudantes de LICA. Participou do Comando da Greve de 108 dias. Após a greve integrou uma chapa do DCE (1980-81) que agrupava várias tendências. No ano seguinte, presidiu a gestão Palmares no DCE (1981-83), ligada à tendência 'Caminhando', pois já havia saído do MEP.

Depois de formado, permaneceu 6 meses no Rio de Janeiro, e foi para o Acre, trabalhar na profissão, onde tornou-se professor do Colégio Agrícola. Nessa época já integrava o PRC³⁵ e participava do sindicato de seringueiros. Foi um dos fundadores da CUT, junto com Marina da Silva e Chico Mendes, de quem foi suplente na primeira direção nacional da entidade. Trabalhou na Escola Agrotécnica Estadual de Rio Branco, que chegou a dirigir. Atualmente é professor na Universidade Federal do Acre.

Cursou mestrado e doutorado no CPDA, da Rural. Nunca teve uma militância no diretório do PT, e hoje está afastado do partido. Mantém uma atitude radical em relação à política, se posicionando como um revolucionário. Está na quarta união consensual, e por opção não teve filhos. Afirma que política

³⁵ Partido Revolucionário Comunista, uma tendência ligada ao PT, composta por várias correntes políticas que se fundem, como a "Caminhando", dissidências do MEP, da Ala Vermelha.

e academicamente se posiciona na contra-corrente hegemônica vigente no país, no PT e na Universidade.

6. Eloy ³⁶

Nasceu em 1958. Seus pais eram trabalhadores rurais sem posses, em Itaperuna. A família migrou para Petrópolis, em 1960, e o pai foi trabalhar como pedreiro no Clube Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até a aposentadoria. Eloy estudou em escolas públicas e cursou o SENAI. Fez o segundo grau à noite e trabalhava em uma fábrica como torneiro mecânico durante o dia. Declarou que não era um bom aluno, devido à fome que sentia. Foi o único da família que fez curso superior. Sua única irmã não concluiu o segundo grau. Morava em região favelizada de Petrópolis, e relatou que vários colegas de infância envolveram-se na criminalidade.

Serviu o Exército, e no período parou de trabalhar, mas fez curso pré-vestibular. Retornou à fábrica, já aprovado na Rural, para juntar um ‘dinheirinho’ pois ingressaria só no segundo semestre. Frequentava a Igreja Metodista em Petrópolis, e lá recebia doação de roupas. Sempre gostou de ler. Tinha certa curiosidade política mas nenhuma atuação antes de entrar na Rural.

Cursou Zootecnia na UFRRJ (79-83). Foi presidente do DAZ (Diretório Acadêmico de Zootecnia), e tornou-se uma liderança nos Alojamentos. Foi presidente do DCE (82-83), na gestão “Que vivan los estudantes”. Militante do PCdoB, consolidou a hegemonia do partido no movimento estudantil da Rural, que conseguiu eleger as duas gestões seguintes do DCE. Na Rural se mantinha com o crédito educativo, tinha bolsa alimentação, e enfrentava muitas dificuldades financeiras. Dividia bandeja com um amigo, e muitas vezes não retornava para casa por falta de dinheiro para a passagem. Na sua gestão, liderou a primeira invasão à reitoria que conquistou o direito à representação estudantil nos Órgãos Colegiados. Respondeu a um processo pelo abate de uma cabra durante uma greve de funcionários, em que o bandejão estava fechado.

Após formado foi trabalhar em uma fábrica de rações, a Guabi. Abandonou a profissão quando o PCdoB o convocou a organizar a tendência

³⁶ Eloy Ferreira de Araújo, foi entrevistado em 07/07/2003, na Câmara Municipal, Rio de Janeiro.

estudantil União da Juventude Socialista (UJS) no estado. Mudou-se para Brasília para atuar como assessor parlamentar de Edmilson Valentin, eleito deputado federal na Constituinte, pelo PCdoB. Retornou ao Rio de Janeiro para assessorar o vereador do PCdoB Edson Santos. Atualmente é assessor parlamentar concursado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, atuando no gabinete de Edson Santos, agora no PT. Hoje Eloy é filiado ao PT e se declara do grupo majoritário que apóia Lula. Posteriormente cursou Direito (SUESC) e o mestrado na COPPE, concluído em 2003. É casado com uma professora da rede municipal, tem uma filha que estuda no Pedro II e reside na Tijuca.

7. João Guerra ³⁷

Nasceu em 1960, no Rio de Janeiro. Seus pais eram arquitetos, e se separaram quando ele tinha dois anos. Declarou conviver muito pouco com o pai, que viajava muito e residiu algum tempo fora do país. Tem um casal de irmãos dessa união e um outro irmão do segundo casamento do pai. O avô paterno foi uma referência forte, inclusive ajudava financeiramente no sustento dos netos. Era fazendeiro, e provavelmente foi uma influência na opção por Agronomia.

Estudou no Colégio Andrews. Editava um jornal na escola. Afirmou sempre ter tido interesses ecléticos, em relação aos estudos e às artes. Participou ainda no Segundo Grau de uma pesquisa de campo, na área de sociologia, em uma comunidade de Petrópolis.

Ao ingressar na Rural, pra cursar Agronomia (1980-1986) não quis ficar no Alojamento, que achava uma bagunça. Começou a participar do CEA, e mudou-se para uma república em que residiam vários de seus integrantes, que o aproximam do PCdoB. Participou de várias gestões do CEA, foi um ativo colaborador do DCE durante a gestão de Eloy.

Foi presidente do DCE na gestão ‘Coração de Estudante’ (1984-85), mas declara sua desilusão com o movimento estudantil a partir desse momento, pois no final da gestão estava isolado. Em 1984, participou ativamente da campanha da chapa ‘Primavera’ para a Reitoria. Vai a Brasília reivindicar que Sarney

³⁷ João Guerra Menna Duval Kobler Correia, entrevistado em 27/08/2003, na Fundação Getúlio Vargas, em Botafogo.

nomeie o reitor eleito pela comunidade da Rural e não o indicado pelo Colégio Eleitoral. Durante sua gestão o DCE apresentou um ‘Plano de Emergência’ para salvar a Universidade, devido à grave crise financeira e política. Afastou-se, primeiramente do PCdoB, e depois do movimento estudantil.

Tem uma visão bastante ácida da Universidade Rural, do seu provincianismo, da divisão em ‘feudos’, que a impede de crescer e que prejudica enormemente os alunos. Foi monitor no Dep. de Matemática. Fez concurso para professor mas foi preterido, segundo sua percepção, por critérios políticos, ligados ao M.E. Guardou uma grande mágoa desse episódio, e durante vários anos evitou voltar ao *campus*.

Após formado empregou-se rapidamente em uma grande firma de engenharia, atuando na área de informática. Após essa experiência optou por trabalhar por conta própria, e montou uma empresa de consultoria, inicialmente em sociedade e hoje sozinho. Presta serviços a prefeituras na área de planejamento e orçamento público, atuando em Seropédica, Itaguaí, e outros municípios vizinhos.

É separado e tem um filho. Iniciou o Mestrado na Fundação Getúlio Vargas, que abandonou por excesso de trabalho na firma. Antes havia cursado Informática na PUC, também abandonada por incompatibilidade de horários. Atualmente pensa em retornar à atividade política, por incentivo de Eloy, com quem ainda mantém contato.

8. Mailta³⁸

Nascida em 1964, filha única de um soldado da PM, falecido quando tinha um ano e de uma dona de casa, analfabeta. Sua mãe constitui nova união com outro PM, que chegou a cabo, hoje falecido, com quem teve mais dois filhos. O lar era conflituoso por causa do alcoolismo do padrasto. Foi criada de forma humilde no Complexo do Alemão, área favelizada do Rio de Janeiro. Na adolescência residiu por um tempo no interior de Alagoas, com o avô paterno, também policial. No último ano do 2º Grau, teve uma participação política na escola, como representante de turma.

³⁸ Mailta Brandão dos Anjos foi entrevistada em 16/09/2003, na residência em Campo Grande.

Ingressou na Rural, no 2º período de 1983, para cursar Zootecnia. A opção pela instituição deveu-se ao anseio de sair de casa. Ingressou imediatamente no DA de Zootecnia, e foi logo eleita presidente por duas gestões consecutivas. Foi recrutada para o PCdoB por um militante, que foi seu namorado por cerca de três anos. Em 1985, integrou uma chapa do DCE, composta majoritariamente por mulheres. Seu cargo era o de Diretora cultural, mas acabou exercendo de fato a presidência, com a formatura da presidente e da vice. Findo o mandato, como não foram convocadas eleições permaneceu na liderança da entidade, por mais um ano, apoiada pelo Conselho de DAs. Atribui ao aspecto afetivo o principal motivo de sua inserção em correntes políticas, pois abandonou o PCdoB com o fim do primeiro relacionamento e ingressou no PT através do próximo namorado, que veio a ser seu marido e pai de sua filha.

Integrou a chapa Lua Nova, uma fusão de tendências ligadas ao PT, que reconstruiu o DCE, e constituiu um marco no M.E. local. Declara que o movimento estudantil levantou sua auto-estima, dado o reconhecimento que obteve na Universidade.

Após a formatura trabalhou no sítio de um professor, como zootecnista, praticamente sem remuneração. Passando privações, já com uma filha, ingressou na Polícia Militar de Alagoas, atitude apontada como a maior contradição de sua vida. Após o curso de três anos, abandonou o cargo, alegando não conseguir trabalhar numa força repressora, retornando para o Rio de Janeiro. Nesse momento separou-se do marido, que foi para São Paulo e não participa de nenhuma forma da criação da filha, hoje com 14 anos.

Cursou o Mestrado e o Doutorado no CPDA, UFRRJ, sobrevivendo com o aluguel de imóveis comprados quando era militar, e participando de projetos sociais ligados à Universidade, como o PAS (Programa Alfabetização Solidária) e o PRONERA (Programa Nacional de Alfabetização para a Reforma Agrária). Atualmente reside em Campo Grande e é professora de um Centro Universitário privado, em São Gonçalo.

8. Marco ³⁹

³⁹ Marco Antonio Leandro Barzano, foi entrevistado em 02/01/2004, em Vila Isabel.

Nasceu em 1966, em Seropédica. Seus pais migraram da zona rural, da Bahia e Espírito Santo, para o Rio de Janeiro na década de 50. Se conheceram e casaram na década de 60, mudando-se para Seropédica, pois o pai já era funcionário da Rural, onde mais tarde sua mãe veio a trabalhar. Ambos exerceram funções humildes, auxiliares de serviços gerais, mas o pai estudou, concluindo o 1º grau, o que produziu certa melhoria na carreira. Seu pai era um funcionário muito conhecido na Universidade, onde conquistou certo capital social, sempre ligado à administração superior: um ex-reitor foi padrinho de batismo de Marco. Seus pais são residentes até hoje em uma casa da Universidade, na vila residencial, pois sua mãe ainda é funcionária da instituição.

Marco é o mais velho de 3 irmãos, e o único que ingressou no nível superior. Coursou o 'primário' na 'Escolinha do IZ', cooperativa em que estudavam os filhos de professores da Universidade, mas a partir da 5ª série vai para a escola pública, pois o pai não podia mais pagar a escola, já que os outros irmãos iniciavam sua escolaridade. No 2º grau Marco tentou ingressar no CTUR mas não passou na prova, muito concorrida. Ao fim do 2º grau, passou no vestibular da RURAL, para Biologia, em 1984. Para os pais, foi a realização de um sonho.

Marco foi advertido pelo pai que não deveria envolver-se com o movimento estudantil, o que incluía a participação em assembleias, a assinatura de abaixo-assinados e a ida à passeatas. Apesar das recomendações paternas, Marco timidamente começou a participar do movimento estudantil. Quando sua foto saiu na primeira página dos jornais segurando uma faixa durante uma passeata, ele assumiu integralmente sua militância. Foi presidente do DA de Biologia, por duas gestões, quando participou da gestão do DCE, entre 1986/87, quando este era dirigido pelo Conselho de DAs. Participou ativamente da campanha à reitoria de 1988, e da ocupação do MEC, no mesmo ano. Foi monitor e teve bolsa de Iniciação Científica. Residiu no Alojamento, apesar dos pais morarem dentro da Universidade.

Após a Formatura participou de projetos de pesquisa com professores da UFF. Posteriormente fez concurso para professor do Estado e do Município do Rio de Janeiro, fez ainda curso de especialização em docência. Foi professor

substituto da UFRRJ no período de 1998-2000, quando atuou na greve de 1998, um mês após a sua contratação. Fez o Mestrado em Educação na UFF, e sua dissertação foi sobre o curso de Biologia da Rural. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na Bahia, e cursa o Doutorado em Educação da Unicamp.

Antes da Universidade foi liderança no movimento jovem da Igreja Católica. Na Rural era área de influência do PCdoB quando ingressou, devido à hegemonia que este tinha no DA de Biologia, mas com o tempo tornou-se simpatizante do PT, apesar de não se vincular a qualquer tendência interna do partido.

3.4.2 Segunda Geração

Os integrantes desta geração, nascidos entre 1965 e 1976, ingressaram na Universidade Rural entre 1986 e 1996. Sua participação no movimento estudantil marcou um momento de intenso repúdio ao atrelamento das entidades estudantis à correntes partidárias.

Pertencem a esta geração o grupo identificado com a gestão ‘camarão que não nada a onda leva’ que é destacada como ‘exemplar’ no capítulo IV.

Os dois últimos integrantes desta geração atuaram no movimento estudantil local até 2003. Nesta geração o movimento secundarista teve destaque em sua experiência política anterior.

Quadro 4: **Integrantes da Segunda Geração**

	Nasc	Curso	Período	Movimento estudantil	Antecedentes
Leonardo	1968	Agronomia	86/95	CEA, DCE (92-93), FEAB	Grêmio, Lider. Igreja
Beth	1968	Agronomia	86/95	CEA, DCE (92-93)	Grêmio
Beto	1970	E.Florestal	86/94	CAEF, ABEEF, DCE (92-93)	Grêmio, Assoc. bairro
Tarci	1968	LiCA	89/94	DARF, DCE (92-93)	Representante de turma
Denise	1970	Biologia	90/95	DABio, DCE (92-93)	Grêmio
Vera	1965	Agron./LiCA	92/98	DCE (93-94)	Grêmio
L. Cláudio	1974	Agronomia	94/02	DCE (95-96, 98-99)	
Olavo	1976	Veterinária	96/04	DCE (96-97, 02-03), ExNEV	Grêmio

Comida

Titãs

Bebida é água, comida é pasto.

Você tem sede de que? Você tem fome de que?

A gente não quer só comida,

A gente comida, diversão e arte

A gente não quer só comida,

A gente quer saída para qualquer parte...

A gente não quer só comida,

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida,

A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água, comida é pasto.

Você tem sede de que? Você tem fome de que?

A gente não quer só comer,

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer,

A gente quer prazer p'ra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro,

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro,

A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água, comida é pasto.

Você tem sede de que? Você tem fome de que?

Desejo, necessidade e vontade

Necessidade e desejo, necessidade e vontade.

10. Leonardo ⁴⁰

Nasceu em 1968. Morou no centro do Rio e depois em São João de Meriti. Seu pai era pedreiro e sua mãe doméstica, que posteriormente foi aprovada em concurso para merendeira. Foi criado em condições muito humildes, mas sempre se destacou na escola. Exerceu liderança na Igreja Metodista, chegando a coordenador estadual e nacional da Juventude Metodista, antes de ingressar na Rural. No ensino médio foi liderança do Grêmio estudantil.

Cursou Agronomia na UFRRJ (86-93), por influência de um amigo da Igreja. Filiado ao PT, mas sem tendência. Logo começou a participar do CEA, onde integrou várias gestões, e do movimento nacional de estudantes de Agronomia, como liderança na FEAB. Aglutinou um grupo de amigos da Agronomia que se destacam no curso e posteriormente na Universidade. Participou ativamente da Ocupação do MEC e da campanha para a reitoria em 1988. Em 1989, as derrotas eleitorais sofridas pela chapa Alternativa para a Reitoria, pelo PT para a Presidência da República e por sua chapa para o CEA, produziram um certo desânimo quanto à questão política.

No início de 90, já tendo retornado à direção do CEA, implementou campanha pelo retorno da participação nos órgãos colegiados. A popularidade na Universidade de seu grupo de amigos aumentou e eles decidiram concorrer ao DCE, numa chapa com 18 membros em que 14 são da Agronomia, que derrotou as outras 2 chapas, com ampla maioria. A gestão 92/93 do DCE foi ocupada pelo ‘Camarão que não nada a onda leva’. Nesse mesmo ano participaram ativamente da campanha para a reitoria, ajudando a eleger a chapa MUDE. Na gestão, era figura mais popular da chapa, que se destacou pela irreverência, leveza e alegria durante a campanha e a gestão, e pela forte presença cultural. A gestão, após a eleição da reitoria, inaugurou um novo tempo para o movimento estudantil da Rural, pois a Administração Superior não era mais vista como inimiga, o que acarretou uma desmobilização e esvaziamento das bandeiras de luta, sentida também pelas duas gestões seguintes.

Após a formatura trabalhou um período na Rural, como assessor de imprensa da Reitoria, editando o jornal ‘Rural Semanal’. Iniciou o mestrado na

⁴⁰ Leonardo José da Silva Viana foi entrevistado em 14/08/2003, no Centro do Rio.

USP mas abandonou em seguida, por falta de bolsa. Rejeitou várias ofertas de trabalho no interior, pois se define como 'radicalmente urbano'. Após um período atuando em ONGs em trabalhos temporários, foi aprovado em concurso para a Prefeitura do Rio, onde atualmente trabalha como agrônomo, na Secretaria de Meio Ambiente. Iniciou curso de Comunicação Social na UERJ, sua primeira opção, antes da Rural, e uma especialização em meio ambiente, mas abandona ambos com o nascimento da filha, atribuindo falta de tempo, mas pretende retomar os cursos em outro momento.

É casado com uma agrônoma gaúcha, que trabalha em ONG, tem uma filha, e reside em Santa Teresa. Mantêm um contato muito próximo com os amigos 'camarões', com quem passa sempre os *Reveillons*, fazem programas, comemoram aniversários e casamentos, o que gera algum conflito com a esposa que não é do grupo.

11. Beth⁴¹

Nasceu em 1967, no Rio de Janeiro. Seu pai era bancário, possuía o curso técnico em contabilidade (2º Grau) e a mãe era professora, e tinha o curso Normal. Foi criada no Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Ingressou na Rural em 1986, para cursar Agronomia. Foi da mesma turma de Leonardo, com quem formou-se em 1995, na solenidade em que Lula foi o paraninfo. Ela e Leonardo tiveram uma trajetória acadêmica longa, pois participavam de muitas atividades na Universidade e demonstravam pouco interesse em cursar as disciplinas. Achava o modelo acadêmico pouco criativo. Quando decide concluir o curso, temendo o jubramento é considerada boa aluna, pois tirava notas altas. Integrou a chapa do "Camarão..", onde era, junto com Leonardo, Catita, Beto e Denise, uma das principais lideranças. Anteriormente participou de gestões no CEA, com destaque para a chapa Ânima. Participou ativamente do GAE, onde permanece até a formatura.

Morou no Alojamento, mas durante 1 ano e meio residiu em República no 49. Se mantinha na Rural com a ajuda dos pais, e posteriormente com a

⁴¹ Elizabeth Maria Cardoso participou de entrevista coletiva em 13/01/2003, sendo uma das integrantes que mais colaborou. Enviou relato por e-mail e participou de outros encontros informais.

remuneração dos vários estágios realizados e dos projetos de extensão em que atuou, muitos em assentamentos rurais.

Atualmente é técnica da ONG CTA/ZM (Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata), em Viçosa, Minas Gerais. No CTA, espalhados em vários estados do país, atuam vários ‘camarões’. Atribui à Rural, principalmente às atividades do movimento estudantil e do movimento agroecológico, a formação profissional e política, que favoreceu seu rápido ingresso no mercado de trabalho. Anteriormente trabalhou em várias ONGs, em Mato Grosso, como Assessora Técnica do PT, em Brasília, no MST. Milita em entidades feministas, coordena um Grupo de Trabalho sobre Relações Sociais de Gênero do Fórum Sudeste da Rede PTA, integra a Rede Economia e Feminismo. Mantém um contato bem próximo com os outros ‘camarões’, mesmo residindo fora do Rio.

12. Beto ⁴²

Nasceu em 1970, filho de uma dona de casa e de um servidor público, civil, do Exército. É o caçula de 3 irmãos, sendo que todos fizeram curso superior em universidades públicas e trabalham na área profissional em que se formaram. Foi criado em Realengo, na Zona Oeste da cidade, em conjunto habitacional, próximo à região militar. Estudou em escolas privadas e públicas. Seu pai participava da Associação de Moradores, e ele desde a infância auxiliava em tarefas dessa Associação e do PT local. Coursou o Segundo Grau em uma escola estadual na Vila Militar, onde se tornou uma liderança mobilizando os alunos em benefício da instituição e em auxílio à direção, mas não associado a uma política partidária.

Entrou para o a UFRRJ com 16 anos, para cursar Engenharia Florestal (1987-93). Logo ao iniciar o curso entra no Centro Acadêmico de Engenharia Florestal (CAEF), onde participou de várias gestões. Inicialmente, pretendeu dividir uma casa no 49 com um amigo, mas optou pelo Alojamento, por influência de membros do CAEF. Participou da organização do seu andar, no alojamento, o primeiro a ter uma linha telefônica, portão. Logo, participando de Encontros Nacionais de Estudantes de Engenharia Florestal, foi eleito presidente

⁴² Carlos Alberto Bernardo Mesquita foi entrevistado em 05/08/2003, no IBIO, Jardim Botânico.

da ABEEF (Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Florestal). Participou ativamente das campanhas para a eleição da reitoria de 1988 e 1992, a última com a vitória da Chapa MUDE (1992-1996), junto com os demais ‘camarões’. Ainda em 1988, participou da invasão do MEC. No DCE integrou a chapa ‘Camarão...’ (92-93), com quem mantém forte vínculo afetivo. Era filiado ao PT, mas não participava de nenhuma tendência interna do Partido.

Após a formatura trabalhou por 6 meses em Projeto da Prefeitura do Rio, mudando-se a seguir para o litoral da Bahia, onde permaneceu por 9 anos, atuando em ONGs de preservação ambiental. Retornou ao Rio de Janeiro, para trabalhar em outra ONG de defesa ambiental. Está no segundo casamento, sem filhos. Atualmente trabalha em ONGs, é presidente da APEFRJ (Associação dos Profissionais de Engenharia Florestal do Rio de Janeiro) e tem uma empresa de turismo ecológico. Coursou o Mestrado no exterior (Costa Rica).

Destaca como muito importante na sua trajetória profissional e de seus companheiros de DCE, a participação no movimento estudantil. Soube da pesquisa e ofereceu-se para a entrevista, sendo o promotor da aproximação com os ‘camarões’. É o administrador da lista dos camarões na Internet.

13. Tarci⁴³

Nasceu em 1968, no Rio de Janeiro. Seus pais migraram do Espírito Santo: sua mãe vem de família de trabalhadores rurais e seu pai de pequenos proprietários. No Rio, o pai trabalhou com almoxarife e a mãe foi dona de casa, ambos são falecidos. Era o filho mais novo de 5 irmãos, sendo que os dois mais velhos tinham mais 20 e 18 anos que ele, e um casal de gêmeos, 2 anos mais velhos. Ele é o único dos irmãos que fez curso superior.

Estudou sempre em escola pública e foi criado em Guadalupe, numa área favelizada. A família empenhava-se em que os filhos concluíssem o 1º grau. Sempre foi um aluno estudioso e estimado pelos professores. Seu desejo era fazer um curso técnico em agropecuária, no CTUR, mas o pai não tinha condições financeiras de arcar com as despesas diárias de passagem e alimentação. Iniciou o 2º grau em Contabilidade, em escola pública do bairro, no

⁴³ Tarci Gomes Parajara foi entrevistado em 05/12/2003, no Instituto de Educação, UFRuralRJ.

período noturno. Após o segundo ano, ingressou na Escola de Aprendizes Marinheiros, em Vitória, Espírito Santo, um curso que correspondia à 8ª série do 1º grau. Lá teve conhecimento, através de um ex-aluno que a UFRRJ oferecia assistência estudantil, extensiva aos alunos do CTUR. Abandonou a escola e como não poderia ingressar no CTUR naquele ano, pois já haviam se encerrado as inscrições, optou por concluir o 2º grau em Contabilidade.

Em 1988, aprovado no concurso, ingressou no CTUR para iniciar o curso técnico. Lá se destacou como aluno representante, participando do Grêmio estudantil e da greve durante a ocupação do MEC. No período do CTUR e da graduação possuía bolsa de alimentação. Nos finais de semana fazia serviços de estofador para garantir algum recurso financeiro. A mãe vendia 'sacolê' para ajudá-lo.

Após um ano de curso no CTUR, e com a abolição das taxas, fruto da ocupação do MEC, fez o vestibular para o curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas (LiCA) na Rural sendo aprovado. Em 1989, abandonou o CTUR, e iniciou o curso superior (1989-1993). Integrou a gestão do DARF (1989-90), o Diretório Acadêmico do seu curso e, posteriormente, a gestão 'camarões' do DCE (1992-93). Durante a graduação residia nos Alojamentos.

Participou ativamente do processo de Estatuinte e de um projeto de co-gestão dos Alojamentos que, no entanto, não foi implementado pela Administração Superior.

Após a formatura trabalhou como professor em Minas Gerais, na cidade natal da futura esposa, ex-colega da Rural, formada em Economia Doméstica. Retornou ao Rio para ser professor substituto na Rural, função que desempenhou por mais de 2 anos. Seus pais faleceram nesse período.

Em 1997, foi aprovado em concurso para o quadro permanente, no Instituto de Educação. Fez curso de especialização no próprio departamento, e atualmente é coordenador do curso de LICA, assessor do Decanato de Assuntos Estudantis e membro do CEPE. É casado, não tem filhos, e reside em Campo Grande.

14. Denise (Potô)⁴⁴

Nasceu em 1970, foi criada em Ipanema, Zona Sul do Rio de Janeiro. Seu pai era professor da UFRJ e sua mãe da rede municipal, ambos possuem o nível superior. Recorda-se de participar das passeatas pela Anistia nos ombros do pai, que era militantes estudantil antes de 68. Seus pais eram militantes, um do PT outra do PDT. Tem um histórico de militância política desde a infância. Foi presidente da Associação de Bairro Mirim e do Grêmio do CAP-UFRJ, onde estudou o primeiro e segundo grau. Fez teatro no Tablado dos 11 aos 20 anos. Em 1988 como presidente do Grêmio do CAP-UFRJ participou da ocupação do MEC. Sua família sempre teve sítio em Nova Friburgo e uma preocupação ecológica que também a influenciou.

Fez intercâmbio cultural na Califórnia, EUA, por um semestre, durante o 2º Grau. Devido à sua atuação no Grêmio e ao intercâmbio descuidou dos estudos e foi reprovada duas vezes na 2ª série do 2º grau, tendo que sair do CAP, concluindo o curso no CEL. Essa reprovação a fez desistir de cursar sociologia, psicologia ou teatro, suas opções anteriores, e optar por um curso superior voltado para a vida rural, no caso Engenharia Florestal. Por temor à Física, que a reprovava no 2º Grau, optou por Biologia, na Rural (1991-1994).

Participou do grupo de Teatro ‘Varal de caras’, sendo uma das responsáveis por sua reestruturação. Foi presidente do DA de Biologia e a presidente oficial dos ‘camarões’. Participava ainda do GAE, Grupo de Agricultura Ecológica, da capoeira e de Projetos de Extensão sobre agroecologia em que utilizava a linguagem teatral.

Casou-se com um colega da Universidade, que reencontrou anos depois, quando cursava o mestrado em Agro-Floresta na ESALQ, da USP. Tem uma filha e está grávida do segundo filho. Mora no interior de São Paulo, na região de Ribeirão Preto, na fazenda do marido, que é agrônomo, e onde desenvolve projetos de agrofloresta. É professora no curso de agronomia, em uma faculdade particular. Tem uma micro-empresa de educação ambiental e formou uma ONG ‘Mutirão Florestal’, com amigos, alguns ex-ruralinos. Mantém contato com os outros ‘camarões’, encontrando-os regularmente.

⁴⁴ Denise Bittencourt Amador foi entrevistada em 13/01/2004, no IBIO, Jardim Botânico.

15. Vera⁴⁵

Nasceu em 1965, em Feira de Santana, Bahia. De família humilde, o pai era lavrador, ficou cego, vendeu as terras, e hoje é aposentado pelo FUNRURAL. Os pais são separados e por isso foi criada em casa de vários parentes, em vários lugares diferentes, e a isso atribui a percepção da injustiça social desde a infância. Tem 5 irmãos, sendo a mais nova dos três filhos do primeiro casamento. Foi a única a concluir o nível superior, mas atualmente uma irmã do segundo casamento do pai está cursando biblioteconomia.

Participou de grupos de teatro e dança, ainda na Bahia. Durante o 2º Grau participou do Grêmio Escolar e de encontros nacionais da UBES. Ficou muito tempo sem estudar, apenas trabalhando, principalmente como radialista, em Feira de Santana.

Sua opção pela Rural deveu-se ao conhecimento acerca da assistência estudantil, e ao fato de já ter primas que cursaram a universidade, sendo que uma delas era funcionária da instituição. Foi residente dos Alojamentos, participava do GTN e do Teatro. Cursou Agronomia na UFRRJ (92-97) e pediu reingresso para LiCA (99-2000). Participou como tatuí da gestão 'Camarão' (91-92) do DCE. Integrou a gestão Desiderata (1993-94) do DCE, tendo ainda participado das gestões do Conselho de Entidade no período sem diretoria do DCE.

Participou da primeira turma de Residência em Agronomia da Rural, e logo após a Formatura foi atuar em Campos, por dois anos (1997-98). Após a conclusão da residência retornou à Rural, para cursar LiCA e participar de Projeto de Extensão da Embrapa.

Posteriormente, foi contratada pela PESAGRO, órgão público estadual, para desenvolver projetos de agricultura familiar sob a coordenação de sua orientadora na Embrapa, que exercia um cargo político no órgão. Com o início do Governo Rosinha, foi demitida, após mudanças na direção do órgão. Atualmente atua em projetos ambientais, sem vínculo empregatício, e reside em Seropédica. Foi indicada por Luiz Claudio, e o seu telefone fornecido por uma professora.

⁴⁵ Vera Lucia da Silva Santos foi entrevista em 21/05/2003, no IE/UFRRJ.

16. Luiz Cláudio⁴⁶ (Jabá)

Nasceu em 1974, residente de Campo Grande. Seu pai é bancário, da rede privada, e sua mãe dona de casa. Tem um irmão, mais velho, militar, formado em Ciências Sociais pela USP. Estudou sempre em escolas privadas de relativo prestígio em Campo Grande. Atribui à escola e à família um papel importante na sua formação, pois não cerceavam sua idéias. Já demonstrava um grande interesse pela questão política antes de ingressar na Rural, tendo inclusive se filiado ao PT, nessa época.

Cursou Agronomia na UFRRJ (1994-2002) mas nunca se envolveu com o movimento estudantil do curso, no CEA ou na FEAB, mas sim no DCE. Atribuiu à gestão Desiderata (1993-94) do DCE, muito atuante, a sua entrada no movimento. Foi vice- presidente da gestão seguinte, ‘Jatobá’ (1994-95), e tornou-se sua principal liderança. Na gestão ‘Madeira que cupim não róí’ (1997-98) exerceu a presidência. Suas gestões enfrentaram a desmobilização e o esvaziamento. Concorreu em outras eleições (1996 e 2002) mas sua chapa não foi eleita.

É filiado ao PT e membro da corrente ‘O trabalho’, no entanto defende a não-partidarização do DCE. Acha que o estudante participa de acordo com seu grau de conscientização, e que mesmo sem DCE, no período de 1998-2002 o movimento estudantil persistia através dos CAs. Para ele o movimento estudantil não se resume às entidades mas também está presente nos vários grupos organizados pelos estudantes, que devem ser ouvidos pelo DCE. Tem uma postura contrária à partidarização das entidades estudantis, e defende uma maior participação do estudante.

Foi jubilado em 2003, por haver estourado o prazo de permanência na UFRRJ – 8 anos – sem concluir os créditos. Aceitou o fato como um evento normal. Continua militando no PT, vende o jornal ‘O Trabalho’, e participa das atividades políticas da Universidade, agora como ele mesmo diz ‘sem amarras’ pois já não é mais estudante.

⁴⁶ Luiz Cláudio Antas Moreira foi entrevistado em 05/05/2003, no IE/UFRRJ.

17. Olavo ⁴⁷

Nasceu em 1976, é o mais jovem dos entrevistados. Filho de uma bancária e de um comissário de bordo. A mãe posteriormente abandonou o banco e montou uma bar. Foi criado em Botafogo, Zona Sul do Rio. Teve uma adolescência típica de jovem de classe média. Atleta, pratica polo aquático, e o clube na sua adolescência teve um papel importante. Seus pais se separaram quando ele ainda era criança. Ficou 8 anos sem ver o pai, mas residiu com ele um ano, em Nova Iguaçu, ao brigar com a mãe, no período em que fez o pré-vestibular. O pai faleceu em 2003, assassinado, durante um assalto.

A mãe queria que ele fosse militar, da Marinha, mas respeitou seu desejo de ser veterinário, procurando um segundo grau voltado para a área agrária. Estudou no CTUR onde iniciou uma participação política no Grêmio, onde adquire um capital social, acionado quando de seu ingresso na Universidade. Na época do CTUR morou dois anos em república e no último ano no próprio CTUR, onde desempenhou atividade de trabalho. Atribui à sua conversão ao espiritismo o motor de sua atuação política, a mudança de valores e o compromisso com o social e o coletivo.

Já na Rural, residiu no Alojamento, em quarto obtido graças ao capital social adquirido no CTUR, e para onde o irmão se muda ao ingressar na Rural, em 2002. cursou veterinária na UFRRJ (1996-04), numa trajetória longa. Teve atuação no MST, e na época chegou a abandonar o curso, afirmando ser um ‘sem-terra’. Hoje acha que pode trabalhar no MST mas como técnico.

Pertence à tendência “Reconquistar a UNE” da corrente “Articulação de Esquerda” do PT. Foi o principal líder da chapa ‘Compromisso com um novo tempo’ (2002-03), e da gestão seguinte, ‘O tempo não para’, um colegiado em que seu irmão mais novo foi uma das lideranças. Consolidou a hegemonia da sua tendência na Rural. Destaca a importância de se participar a uma tendência política, pois se não o M.E. fica com uma postura muito anarquista. Se destacou no M.E. da UFRRJ, mesmo sem ter base política, pois seu curso é marcadamente de direita. Após 9 anos de curso se formará no segundo período de 2004. Espera seu primeiro filho, fruto de sua união com uma professora da Rural.

⁴⁷ Olavo Brandão Carneiro foi entrevistado em 21/07/2003, no Alojamento da UFRuralRJ.

Além dos entrevistados citados anteriormente, integram o leque dos sujeitos da pesquisa, ex-estudantes identificados com a gestão ‘Camarão que não nada a onda leva’, que prestaram seus depoimentos em entrevista coletiva e/ou por meio eletrônico. Segue-se um quadro sintético da atuação desse grupo no movimento estudantil na Universidade Rural.

Quadro 5: Os ‘camarões’ e sua atuação na UFRuralRJ

Informantes	Camarão	CA/DA	Atividades na Rural	Curso	Período
1. Leonardo ¹	Sim	CEA	Monitoria, NOAR	Agronomia	86- 94
2. Beto ^{1 2}	Sim	CAEF	Estágio, Grupo de pesquisa	E.Florestal	86-93
3. Tarcis	Sim	DARF	Monitoria, PIBIC	LiCA	89-93
4. Amaury ²	Sim	CEA	NOAR, PIBIC	Agronomia	87-92
5. Kael ²	Sim	DARF	GTN	LiCA	89-94
6. Beth ^{1 2}	Sim	CEA	GAE, Grupo de Pesquisa, Estágios	Agronomia	86-95
7. Lucia ^{1 2}	tatui	DAZ/CEA	GAE, Coral, Bolsa Mokiti Ukada	Agronomia	89-95
8. Heitor ²	Não		Teatro; PIBIC; Grupo de Pesquisa	Agronomia	85-90
9. Denise ^{1 2}	Sim	DABio	GAE, Teatro, capoeira	Biologia	90-94
10. Teresa ²	tatui	CEA	Estágio, Grupo Pesquisa	Agronomia	88-93
11. Felipe ²	Não	CEA	GAE. ABU, Teatro; PIBIC	Agronomia	84-88
12. Martim ²	tatui	-	GAE, Teatro, Capoeira, Monitoria, estágio	Agronomia	88-92
13. Henrique ¹	Sim	CEA	NOAR, FEAB Reg.; Estágios	Agronomia	88-93
14. Luciano ¹	Não	CEA	GAE, NOAR; Bolsa CNPq	Agronomia	84-89
15. Marcinho ¹	Não	CEA	GAE, Capoeira, ErvaDoce; Bolsa, Monitoria	Agronomia	91-96
16. André ¹	Sim	CEA	GAE, Gr. Anarquista; Bolsa FAPERJ, CNPq	Agronomia	86-92
17. Rafael ¹	tatui		Erva Doce, Capoeira	Agronomia	88-94
18. Emilia ¹	Não		Teatro, NOAR	Economia	87-90
19. Paula ¹	Não	CEA	GAE, NOAR, PIBIC, MST, extensão	Agronomia	86-91
20. Claudia ¹	Não		GAE; Estágio, Grupo Pesquisa	Agronomia	88-93

¹ - Participaram de entrevista coletiva .

² - Enviaram depoimento por escrito via e-mail, respondendo a questionário enviado pela Internet.

Obs: ‘Tatui’ era o estudante que atuava na gestão ‘camarão’, mas não integrava a chapa eleita.

O Sal da Terra

Beto Guedes / Ronaldo Bastos

*Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão, da nossa casa,
Vem que tá na hora de arrumar.
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante,
Nem por isso quero me ferir.*

*Vamos precisar de todo mundo
P'ra banir do mundo a opressão,
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor.
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor, o pé na terra
A paz na Terra, amor, o sal da ...*

*Terra, és o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro,
Tu que és a nave nossa irmã.
Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com teus frutos,
Tu que és do homem a maçã.*

*Vamos precisar de todo mundo,
Um mais um é sempre mais que dois,
Prá melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão.
Recriar o paraíso agora
para merecer quem vem depois,
Deixa nascer o amor,
Deixa fluir o amor,
Deixa crescer o amor,
Deixa viver o amor...*

4

As lideranças estudantis da Rural: trajetórias e lutas

A UFRRJ, como visto nos capítulos anteriores, apresenta uma série de peculiaridades que a distinguem das demais Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado do Rio de Janeiro. Segundo o depoimento dos sujeitos da pesquisa, a Universidade Rural representou mais do que apenas um espaço de educação formal, pois além do título acadêmico, lhes forneceu uma experiência de vida única – principalmente para os que nela residiram durante os anos de graduação – que os marcou por toda a vida.

Muitos dramas, histórias, lutas tiveram o *campus* da Rural como cenário, alguns de tensão e tragédia, outros de alegria e confraternização. Um espaço de formação e convivência, de competição e colaboração. As trajetórias anteriores dessas estudantes são diversas, as origens são distintas, a bagagem trazida apresenta enorme variedade. Entretanto, como visto anteriormente, essa imensa heterogeneidade do corpo discente se dilui no *campus* : todos são estudantes da mesma Universidade, onde adquirem uma série de disposições comuns que favorecem a transformação do *habitus* primário. No processo de formação acadêmica, submetidos a uma convivência longa e intensa no *campus*, esses estudantes incorporam um *habitus* universitário, e mais do que isso, um sentimento de pertença à instituição, à sua geração, a grupos específicos, que muitos identificam como o seu grupo.

O período de graduação pode ser comparado a um jogo. Alguns estudantes demonstram ter o ‘senso do jogo’¹ mais apurado, aparentemente parecem saber jogar melhor que os demais. Será que já traziam habilidades ou saberes, ‘capitais’, que lhes permitiram adentrar no campo e no *campus* de forma mais relaxada e tranquila ? Será que esses ‘capitais’ favoreceram sua inserção, com relativa competência ou sucesso, em novas redes sociais no interior da Universidade ?

¹ Expressão utilizada por Bourdieu para referir-se à desenvoltura com que alguns agentes transitam em determinado campo social, como o jogador no campo de futebol.

Percebe-se, entre esses jovens uma autonomia quase total em relação à célula familiar, alimentada pelo ‘regime de internato’ que a distância de casa muitas vezes obriga. Os pais nunca sabem o que os filhos fazem: militam, estudam, namoram, divertem-se. Entretanto esta autonomia é relativa, pois se os estudantes desfrutam de certa ‘liberdade’ no *campus*, longe da vigilância paterna, a maioria continua dependente da família no que refere-se à manutenção. A maioria dos jovens recebe mesada, outros têm crédito educativo, alguns tentam conciliar trabalho e estudo. E, se no passado todos os estudantes moravam no Alojamento, no final dos anos 60 começaram a surgir as repúblicas de estudantes, principalmente no 49, que tornou-se o endereço preferencial dos que possuem maior poder aquisitivo, pois amplia a liberdade e o conforto. O 49 tornou-se, assim mais um cenário de atuação desses jovens e lá ressurgiu, em meados dos anos 70, o movimento estudantil, que havia sido aniquilado nos ‘anos de chumbo’ da ditadura militar.

Entretanto, se a vida no *campus* iguala os estudantes, as diferenças de bagagens denunciam sua origem. De onde vieram esses estudantes e o que trouxeram na bagagem ?

4.1.

A origem social: herança e mobilidade

Analisando a origem social dos entrevistados, vemos que a chegada à Universidade significou, para muitos deles, a confirmação de uma mobilidade social ascendente já iniciada pela família, que vivia na zona rural há poucas décadas, segundo os estudos de Pastore & Silva (2001). Nessa análise, recorro também aos trabalhos de Bourdieu (1983, 1999) sobre a constituição diferenciada dos atores segundo a sua origem social e familiar e as influências dessa formação distinta no modo de vivenciar a condição estudantil e militante.

A obra de Pastore & Silva (2000, p.1,3) aponta para o aparente paradoxo de que apesar da grande mobilidade social no Brasil, na última metade do século XX, configura-se ainda uma enorme desigualdade, caracterizada por pequenos deslocamentos e muita circularidade, já que a maioria subiu pouco e a minoria subiu muito na escala social. Isso posto, pode-se afirmar com o autor ser esta uma sociedade de contrastes, que mantêm as dificuldades de acesso às novas e

melhores posições sociais, a par do intenso movimento ascendente e descendente (perdem uns, ganham outros) na estrutura social. Apesar deste não ser o foco principal de interesse da presente pesquisa, ela captou essa dinâmica ao registrar mudanças na trajetória social entre gerações e dentro de uma mesma geração.

Como assinalai anteriormente, no Brasil, ingressar no ensino superior, principalmente em uma Universidade Pública, ainda constitui um privilégio, levando-se em conta os milhões de analfabetos e os altos índices de fracasso escolar². Foi visto que, na Rural, as marcas da origem social (*habitus* familiar e escolar) aparentemente se dissolvem na vida acadêmica que parece unir ou igualar estudantes com bagagens sócio-culturais-familiares diversas. Esses estudantes ingressaram em uma Universidade com características peculiares, afastada do centro urbano, que por isso propicia uma vida comunitária intensa, favorecendo a transformação do *habitus*. A cultura jovem, que traz uma forma mais despojada no trajar, uniformiza os estudantes com *jeans* e camisetas mascarando de certo modo sua origem de classe.

Entretanto, na Universidade se produzem distinções, primeiramente entre cursos mais e menos prestigiosos, com relações diferenciadas quanto à proporção candidato/vaga, procurados preferencialmente por estudantes com volume de capitais também diferenciado. Entre esses capitais diferenciados quanto ao seu volume e estrutura destacamos o econômico, o social e o cultural.

O capital econômico, por exemplo, permite o acesso a bens e serviços que são valorizados na Universidade e, mais do que isso, a padrões e práticas (sociais, culturais,...) que inclusive garantirão o acesso do jovem a cursos mais conceituados, assim como sua condição de permanência até a formatura. Esse capital compra bons colégios, professores particulares, cursos de línguas e informática, computadores, livros e revistas, além de bens culturais mais caros, como as viagens de estudo, por exemplo. Graças ao capital econômico as desigualdades sociais e as diferenças de estrutura e volume do capital cultural, longe de serem disfarçadas, ficam mais evidentes.

O capital cultural, transmitido pela herança familiar e pela trajetória escolar, manifesta-se nos estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O

² Segundo Klein (1997:52) prevê-se que de cada 100 alunos que entraram na 1ª série do Ensino Fundamental em 1993, apenas 57 deverão terminar a 8ª série, caso a tendência de queda nas taxas de evasão e repetência se mantenha estável.

capital cultural em seu estado incorporado é fruto de um trabalho de inculcação e assimilação efetivado ao longo dos anos de formação da criança e do adolescente, (*habitus* primário). O estado objetivado do capital cultural refere-se à posse e utilização de bens culturais materiais. E em seu aspecto institucionalizado, o capital cultural é assegurado pelos certificados escolares obtidos nos bons colégios e o ingresso em boas universidades, uma decorrência da estrutura e volume de capital dos agentes sociais.

O capital social, enquanto um aparato de redes sociais influentes mantidas pela família, muitas vezes propicia ao estudante o reconhecimento e a diferenciação dos colegas com menor grau de capital social. A Universidade Rural favorece a construção de um capital social, – mesmo entre aqueles que carecem dele ao ingressarem nos cursos – que poderá ser acionado no futuro como evidenciam várias das trajetórias analisadas.

A Sociologia da Educação ampliou seus esforços de investigação acerca da influência da origem socio-econômica-cultural das famílias no desempenho dos filhos³, fundamentada pela divulgação das estatísticas oficiais, que colocam essa questão como problema da pesquisa educacional. Essa relação já foi francamente admitida em trabalhos que analisam a mobilidade social e a escolarização no Brasil. Mesmo sem centrar o foco do presente estudo na origem social e sucesso acadêmico não podemos nos furtar a uma breve análise sobre essa relação nos jovens investigados. Ao analisar as trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa, considero, da mesma forma que Paes de Carvalho (2004, p.27), que

o ambiente escolar e o próprio processo de escolarização, além do contexto familiar, ocupam um lugar privilegiado nas biografias individuais, constituindo os agentes sociais que participam dos diversos espaços e redes sociais.

Entretanto, entre os entrevistados que procediam de meios populares, se o fato da família não dispor dos capitais que favorecem o sucesso escolar não foi impeditivo do ingresso na universidade, foi no mínimo um elemento dificultador, da mesma forma que Souza e Silva (2003) identificou nas trajetórias dos sujeitos de sua pesquisa. Segundo o relato dos próprios entrevistados, a origem familiar influenciou na maneira de vivenciar a condição estudantil, pois os sujeitos a uma série

³ Inúmeras pesquisas, desde a década de 60, se voltaram para a prevalência da origem social no desempenho escolar dos alunos, investigando seus fatores determinantes, e assim contribuindo para o desenvolvimento de uma sociologia das desigualdades educacionais. (Cf. Forquin, 1995; Brandão, 1985; Freitag, 1978; Cunha, 1977)

de entraves, demandando maior esforço para sua superação. Em contrapartida, os estudantes oriundos das camadas médias e altas já possuíam um perfil favorável ao sucesso escolar, semelhante ao descrito na tese de Paes de Carvalho (2004).

Na estrutura social brasileira, há várias décadas, a mobilidade e a desigualdade convivem, pois se “a maioria subiu pouco e a minoria subiu muito na escala social” (Pastore e Silva, 2000, p.3). Dessa forma, é nos estratos sociais mais baixos, de origem rural, que a mobilidade ascendente se processa em escala maior, sendo que, segundo os autores (Loc.cit.) é lá que “toda e qualquer movimentação social dos filhos representaria ascensão social”, atingindo uma grande parcela da população. Essa mobilidade ascendente marcou a redução da base rural da pirâmide social, decorrente do aumento das oportunidades de trabalho nas zonas urbanas e conseqüente ‘esvaziamento’ das zonas rurais, na segunda metade do século XX⁴.

Os entrevistados da ‘**primeira geração**’ de militantes, nasceram entre a segunda metade da década de 50 até o início da década seguinte. Seus pais provavelmente nasceram nas décadas de 20 e 30, ingressando no mercado de trabalho em pleno período de aceleração da urbanização e industrialização no país, de expansão do comércio, dos meios de transporte, pós-Revolução de 30. Esse fenômeno acelerou-se na década de 40, após o fim da 2ª Guerra Mundial, quando a economia foi aquecida com a entrada do capital estrangeiro na industrialização. O crescimento do aparelho estatal e do setor de serviços, iniciado na década de 30, se intensificou ampliando as camadas médias, cujos filhos ingressariam na Universidade a partir dos anos 60. Dessa forma, atendiam-se as demandas do mercado que exigia mais trabalhadores qualificados para atividades de controle da produção e administração de empresas públicas e privadas, bem como para o magistério médio e profissões liberais, que requeriam formação em nível superior.

O processo de urbanização do país estava associado a uma mudança favorável de *status*, que viera acompanhada de uma melhoria no padrão de vida, aumento da renda e do consumo, ampliação das oportunidades de escolarização e trabalho. Esse quadro se acentuou, progressivamente, com as gerações, que,

⁴ Em 1950, 2/3 da população brasileira vivia na zona rural, sendo que hoje mais de 2/3 vivem nas cidades, sendo constante o crescimento das periferias das metrópoles.

ingressaram no nível superior nas décadas de 70 e 80. Nessa época, a Universidade Rural expandiu suas vagas e criou novos cursos.

Os pais de cinco dos nove entrevistados da **primeira geração** eram originários da zona rural. Entre eles pode-se distinguir dois estratos: um composto por lavradores, semi-alfabetizados (J. Elói, Eloy e Marco) e outro por pequenos e médios proprietários rurais com uma escolarização maior (Edilson e Elder), embora nenhum desses pais alcançou o ensino médio. Entre as décadas de 50 e 60, todos eles procuraram atividades em centros urbanos, de pequeno ou grande porte. Entre os de origem mais humilde, um tornou-se protético, em um distrito rural do Espírito Santo, que possui apenas escolas de ensino fundamental, outro tornou-se pedreiro no Rio de Janeiro, residindo na periferia de uma cidade serrana do Rio de Janeiro, e o último migrou do Espírito Santo para o Rio de Janeiro, onde tornou-se servidor público na Universidade. Os que eram proprietários rurais, membros da mesma família, mudaram-se para cidades onde tornaram-se comerciantes: um obteve sucesso no ramo de panificadoras, na região metropolitana do Rio de Janeiro, enquanto o outro, malsucedido, retornou ao campo. Este último entretanto, demonstrando uma efetiva preocupação com a escolaridade dos filhos, enviou-os para residências de parentes para que continuassem os estudos.

Ainda compondo os estratos inferiores da população, apesar da origem urbana, e da atividade policial do pai e, posteriormente do padrasto, incluo a única mulher entrevistada dessa geração (Mailta). Seu pai migrou do interior de Pernambuco, para o Rio de Janeiro, e a família residia em bairros favelizados.

Os outros três entrevistados da mesma geração, vêm de famílias de origem urbana, situam-se no ápice da pirâmide social, classes médias altas e altas (Ricardo, Luis Mauro e João). Seus pais eram empresário, funcionário público e profissional liberal, com escolaridade de nível médio ou superior. Sem maiores dificuldades financeiras estas famílias propiciaram aos filhos uma escolarização de qualidade e uma condição de vida que lhes permitiu desfrutar da juventude sem preocupações com a subsistência, adequado ao que pode-se chamar de padrão entre os universitários da época. Entre estes jovens, um se destaca pela origem estrangeira, neto por parte de pai de um imigrante libanês e filho de mãe argentina.

Os entrevistados da **segunda geração** possuem um perfil mais urbano. Destes, apenas 2 entrevistados (Tarci e Vera) têm família com origem rural: um cujos pais migraram para o Rio de Janeiro, provenientes do Espírito Santo, ainda na década de 50, e outra que o pai permaneceu na atividade agrícola, na Bahia, até a aposentadoria por invalidez. Da mesma forma que seus pares de origem rural da ‘primeira geração’, os pais tem baixa escolaridade.

Os demais entrevistados dessa segunda geração já viviam há pelo menos duas gerações no Rio de Janeiro, sendo que apenas 1 família pode ser considerada como pertencente aos estratos inferiores: o pai é trabalhador braçal (pedreiro), reside na Baixada Fluminense e tem baixa escolaridade (Leonardo). Outros quatro estudantes da ‘segunda geração’ já integravam estratos médios, (Beto, Beth, Luiz Cláudio e Olavo), com pais funcionários públicos ou bancários, dois residentes na Zona Oeste, um na Zona Norte e outro na Zona Sul. Este último tem pais separados, que cursaram o nível superior, a mãe exerce função fora do lar, é bancária e comerciante, e ocupou o papel de chefe de família. Uma estudante, pode ser classificada como pertencente aos estratos médios superiores, devido ao local da residência, Ipanema, ocupação dos pais, professores de ensino médio e superior (UFRJ), além de ter estudado em colégios de prestígio (Denise).

Entre esses jovens, cujas famílias migraram para o centro urbano buscando a melhoria da qualidade de vida, identificou-se como traço comum, as dificuldades de acesso à escolarização e o trabalho árduo:

Meu pai era lavrador, plantava arroz em Itaperuna, e ainda tinha muita dificuldade no campo... Meu pai e minha mãe, não tinham nenhuma posse, nenhum bem por lá, e em um processo de migração, vieram para a cidade, na década de sessenta. Foram morar em um morro em Petrópolis, que tem uma capa bonita, mas também uma certa miséria....(Eloy)

Nasci no interior de Minas Gerais, em Muriaé, de família de pequeno agricultor, que no comecinho da década de 60 foi p’ra atividade comercial, padaria. Muita dificuldade, uma vida de muito trabalho. (Edilson)

Nasci em São Gonçalo, passei a infância em subúrbio do Rio, aos quatro anos fui morar no Morro do Juramento. Meu pai era PM, morreu quando eu tinha um ano. A família inteira era militar, meu pai e meu avô eram de Garanhuns, em Pernambuco, e na década de 40, 50, meu avô era delegado lá. Na adolescência fui morar com esse avô, no interior de Alagoas, em Lagoa da Canoa. (Mailta)

Fui criada em vários lugares, mas a minha raiz familiar é na Bahia, em Feira de Santana. Meu pai é cego, aposentado pelo Funrural. Por causa da cegueira, ele

teve que vender as terras, e morar só na cidade, e a casa na roça, aonde ele plantava, nem tem mais. (Vera)

Apesar dos pais desses estudantes terem pouca ou nenhuma escolaridade, eles conseguiram ingressar na Universidade Pública. Dessa forma, a prole continuou o processo de mobilidade social ascendente dessas famílias, que deixaram a zona rural e o trabalho na roça, procurando no meio urbano outra atividade econômica :

A primeira profissão do meu pai depois que saiu lá do interior, com as mãos calejadas, foi dentista prático ... Ele era um sujeito autodidata, um referencial, um personagem da época, o 'dentista', o sujeito que tinha um trabalho que não era um trabalho forçado. Depois passou a ser ourives, a fazer algumas jóias, dentaduras, até hoje ele ainda trabalha fazendo dentaduras. (J. Elói)

Meu pai de lavrador, foi ser servente no Vasco, e depois pedreiro. Ganhou uma carteira, e trabalhou como pedreiro, durante mais vinte anos no Vasco. (Eloy)

Meu pai era médio proprietário rural, dedicava-se a uma produção mista (pecuária e culturas temporárias: arroz e milho) e minha mãe cuidava da "administração" da casa. Eles descendiam de "famílias tradicionais" da região e sempre preocuparam-se com a formação dos cinco filhos, tanto que em 1971, mudaram de lugar e atividade. Em cidades na Zona da Mata mineira, tentaram estabelecer-se no ramo das panificadoras e faliram "rapidamente". Em meados de 70, retornaram para suas terras, onde minha mãe vive até hoje, meu pai é falecido. (Elder)

Minha mãe era semi-alfabetizada, doméstica, alienada dos problemas políticos. E meu padrasto, era cabo da Polícia Militar na época, não tinha estudo, devia ter ido até 2ª ou 3ª série do fundamental. E ele e minha mãe foram morar juntos, quando eu tinha 3 ou 4 anos de idade. (Mailta)

Meus pais vieram da roça, do interior do Espírito Santo, meu irmão mais velho nasceu lá. E vieram pro Rio de Janeiro, pra tentar vida na cidade, pra região de Marechal Hermes. A família era de classe baixa, meu pai trabalhava numa metalúrgica, mas no almoxarifado. Minha mãe era dona-de-casa. Eles não tinham escolaridade, mas sabiam ler e escrever. (Tarci)

Foi pequena a ajuda que essas famílias disponibilizaram para os filhos na relação com a escola, devido à privação de capitais. Entretanto, eles 'fizeram a sua parte', segundo os entrevistados, garantindo o acesso à escolarização. Os jovens continuaram seus estudos empreendendo um grande esforço: trabalharam e estudaram concomitantemente, cursaram o ensino médio noturno em escolas públicas, muitos em outras cidades, recebiam favores (as roupas doadas para um, moradia em cidade maior para outros, o trabalho em negócios da família). Finalmente, ingressaram na Universidade, apesar da baixa expectativa familiar.

4.1.1. A escolarização: investimentos e estratégias

Bourdieu (1999) ao analisar as diferentes disposições e estratégias de investimento escolar adotadas pelas diferentes classes, afirma a tendência a um investimento moderado em relação ao sistema de ensino pelas classes populares, pobres em capital econômico e cultural,. Os jovens dessas famílias tem um histórico de trabalho e privação desde a infância. Eles foram estudantes-trabalhadores diferentemente de seus colegas das classes médias.

Era o mais velho, de três irmãos e praticamente não tive infância....Lembro que trabalhava numa loja comercial, varejo, cortando fumo.... Sempre estudei, em escola pública e não fiz o segundo grau na cidade por que lá não tinha. Tive que me submeter à parentes, em situação humilhante ... em uma delas tive que trabalhar, quebrando pedra, carregando caminhão...a família era bem pobre. Depois, passei para outra casa, de outro parente. Meu pai não contribuía com nada nesta casa e eu trabalhava ali, numa loja comercial e estudava na escola pública... Eu me sentia bastante humilhado, mas nem por isso desanimado ... (J.Elói)

E dos 8 aos 13 anos de idade eu vendia pão na rua, saía de madrugada, no escuro ainda e vendia pão, todo dia. Foi uma infância de trabalho, mas também uma infância como de outra criança qualquer que se divertia muito também.(Edilson)

Quando cursei o segundo grau, fiquei em casa de tios em Niterói e trabalhava como balconista nas suas panificadoras. Quando comecei o Pré Vestibular, trabalhei como auxiliar de escritório em uma empresa de bebidas em Niterói.(Elder)

Estudei sempre em escola pública., e quando prestava Serviço Militar fazia o cursinho pré-vestibular à noite. Antes de entrar para o quartel, eu trabalhava como torneiro mecânico, como operário na fábrica, e fazia o Segundo Grau à noite. Era difícil fazer as duas coisas, dava um cansaço! Tinha noites que não conseguia prestar atenção na aula, dormia na sala. (Eloy)

Seus irmãos viveram a mesma situação, de estudo e trabalho, e vários chegaram a cursar o nível superior, ainda que, em alguns casos, sem o mesmo sucesso. Três entrevistados foram os únicos entre os irmãos que concluíram o nível superior.

Minha irmã não concluiu o segundo grau. Ela não valorizava estudar. Hoje, lamenta não ter estudado e não encontra forma de recuperar o tempo perdido. Durante muito tempo trabalhou como costureira. (Eloy)

Meu irmão mais velho fez o ensino médio, no Pedro II, mas não prosseguiu. Morreu precocemente. Dos 4 irmãos restantes fui o primeiro a concluir o segundo grau, e o único a fazer nível superior.(Tarci)

Tenho 6 irmãos, de dois casamentos e fui a primeira a fazer faculdade. Meu irmão mais velho, tentou o vestibular umas três vezes e não passou, só tem o ensino médio. Minha irmã mais velha não chegou a terminar nem o ensino

médio. Dos três irmãos mais novos, só uma irmã está fazendo biblioteconomia, no Espírito Santo. Tive um prima que fez Biologia e a irmã dela fez Educação Física, e um primo que formou em Direito, eram os que estavam aqui no Rio. Na família, só os que migraram p'ra cá conseguiram ... No Nordeste, dos que ficaram na Bahia, não teve ninguém que estudou além de mim.... (Vera)

Os dois irmãos concluíram o segundo grau, dedicam-se ao comércio e pecuária na região. Mas as duas irmãs, uma graduou-se em Direito pela UFF, é Auditora Fiscal do Ministério do Trabalho, e a outra, também graduada e pós graduada na UFF, é Doutora em História e professora da Universidade Federal de Uberlândia. (Elder)

É comum nas camadas populares que as aspirações escolares sejam moderadas, pois o investimento no mercado escolar geralmente oferece um retorno baixo, incerto e a longo prazo. Devido a isso esses estratos sociais tendem a priorizar carreiras escolares mais curtas, que favoreçam a rápida inserção no mercado de trabalho, como os cursos profissionalizantes de nível elementar e médio (Nogueira e Nogueira, 2002). Essa inclusive é a orientação padrão das instituições escolares, apenas alterada quando a criança apresenta, precocemente, habilidades e capacidades intelectuais.

Dado o grande esforço despendido pelos integrantes dos estratos inferiores dessa Primeira Geração, estes ingressaram na Universidade, com a idade média de 19 anos, o que também ocorreu entre os estudantes da Segunda Geração⁵. A maioria ingressou na Universidade imediatamente após o término do 2º grau, ou do curso pré-vestibular, exceto dois que adiam o ingresso devido à inserção no mercado de trabalho ou a uma trajetória escolar peculiar, como é o caso de Tarcí⁶. Eles são filhos de pais que não possuem aspirações de escolarização mais elevadas para a prole, e por isso não fazem uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar, mesmo por que não possuem os capitais – cultural, escolar, informacional – necessários para isso. Como o ensino médio, e até o fundamental, foi visto como o limite pela família esses jovens tiveram que empreender estratégias próprias para superar essa limitação.

Meus pais não cobravam o estudo, mas minha mãe ameaçava: 'Se não estudar, vai ser pior, vai ficar igual a gente!' Era ameaçador. Sempre fui muito preguiçoso para o trabalho braçal, e desde cedo, arrumava a casa, limpava, mas a contra

⁵ Destoam dessa média, um estudante que ingressa com 16 anos e outra com 27 anos.

⁶ Faz o vestibular, apenas após cursar um ano de Técnico em Agropecuária, no CTUR, quando já tinha concluído o Segundo Grau, interrompido durante um ano em que frequenta a 'Escola de Aprendizes Marinheiros', um trajeto mais alongado visando superar a falta de recursos financeiros.

gosto. Ela ameaçava e não deu outra, eu e meu irmão entramos para universidade pública logo. Arrumamos um jeito, de não fazer aquilo. (Leonardo)

A preocupação lá em casa era a de concluir o primeiro grau, a formação mínima necessária, mas sem nenhuma preocupação com a qualidade da formação. (Tarci)

Sempre estudei, em escola pública, sob o incentivo da minha mãe, pois meu pai achava que estudar, tocar violão e jogar bola eram coisas pra vagabundo... A oitava série era o limite. Meu pai não incentivava mas também não se opôs a que eu fizesse o segundo grau... Eu fui o segundo ou terceiro do lugar, da região a estudar até o segundo grau e a fazer um curso superior. (J. Elói)

Essas trajetórias se assemelham às descritas por Souza e Silva (2003), em seu estudo acerca dos jovens do Complexo da Maré que alcançaram o nível superior. Eles empreenderam, segundo o autor, ‘trajetórias improváveis’, visto que não dispunham de condições favoráveis ao sucesso mas, no entanto, conseguiram se sair bem em suas trajetórias escolares. Nas trajetórias analisadas por Souza e Silva encontramos muitos pontos em comum com as apresentadas na presente pesquisa.

As ‘disposições para a ação’ (*habitus*) incorporadas pelos sujeitos são sempre referentes à realidade social concreta, condicionando o grau de investimentos escolares feito pelas famílias, de acordo com a sua posição na estrutura social. Esse investimento está relacionado ao retorno provável em termos de rentabilidade do título escolar e as chances de sucesso ou fracasso de determinado segmento social na carreira acadêmica. Isto é, aos riscos que um investimento de retorno incerto ofereceria ou não, bem como ao tempo disponível para esse retorno: a formação universitária exige um longo prazo para seu término, retardando a entrada do jovem no mercado de trabalho, representando um peso para as famílias mais pobres.

Já nas camadas médias, devido às chances de sucesso escolar serem objetivamente mais elevadas, o investimento na escolarização é sistematicamente superior e acentuado. Tal investimento decorre principalmente das aspirações de ascensão social em direção às elites, através do sucesso escolar dos filhos. Por outro lado, as elites investem pesadamente na escolarização dos filhos, mas de forma menos tensa, pois não dependem do sucesso destes para ascender socialmente, pois já se encontram no ápice da pirâmide social. Entretanto, estudos

recentes⁷ constatam uma diferenciação quanto às atitudes frente à escolarização dos filhos por parte das elites culturais – que atribuem um valor maior à escolarização visando carreiras de prestígio – ao contrário das econômicas, em que a certificação escolar dos filhos apenas “legitimaria o acesso às posições de controle já garantidas pelo capital econômico”, como destacam Nogueira e Nogueira (2002, p.26). Este fenômeno está presente nas estratégias familiares dos três estudantes da ‘primeira geração’ que integram os estratos médios e superiores, tanto no que se refere à escolha das escolas quanto ao apoio financeiro dado aos filhos durante o curso superior.

Em algumas trajetórias aparece o ingresso precoce na Rural, para cursar o ensino médio, como ocorreu com Olavo, Tarci e Lucia, entre tantos outros estudantes da Universidade. Muitos fizeram a opção pela CTUR como uma estratégia para chegar mais facilmente à Universidade Rural. Lá adquirem um capital informacional e social que pode favorecer o ingresso e a permanência no *campus*. Como exemplo, destaco a atuação de uma mãe, chefe de família, em relação ao investimento na escolarização do filho:

Minha mãe queria que eu entrasse na Escola Naval, e por isso me botou no Tamandaré, um colégio preparatório p’ras Forças Armadas. E quando disse a ela que queria ser veterinário, minha mãe ela chorou p’ra caramba. Só que ela sempre teve uma visão de preparar os filhos p’ra ter profissão o mais rápido possível, encaminhando-os p’ra já terem um profissão ao término do Segundo Grau. Quando falei que queria ser veterinário, ela achou um curso técnico nessa área, o CTUR da Rural, e vim p’ra cá. (Olavo)

Se os jovens das camadas médias e superiores já possuem capital cultural e social suficiente para favorecer o ingresso em carreiras de prestígio, os estudantes dos estratos inferiores – que neste aspecto não podem contar com os pais – recorrem a outras instâncias para adquirirem o capital social e/ou cultural que lhes falta. Apesar da situação de pobreza, aparece como referencial para esses jovens certo capital social familiar, propiciado por parentes que estudaram ou tinham melhor padrão social, e que, de forma direta ou indireta, influenciam sua opção pelo estudo:

Na família, tenho um primo que é padre, e que também era professor. E sempre que ele vinha para o interior a gente discutia bastante, por que eu não tinha ninguém como referência, e ele era a minha referência.... (J.Elói)

⁷ Nogueira (1995, 1998, 2000, 2002), Brandão (2000, 2001, 2003), Paes de Carvalho (2004), entre outros.

Tenho uma prima que trabalhava na Universidade, morava aqui, se formou em Biologia, e ela foi uma inspiração p'ra mim, sempre me mirei muito nela. Até na escolha musical, ela gostava de Chico Buarque.... (Vera)

Uma coisa importante na família foi o fato de meu irmão mais velho ter estudado. Pelo meu pai, seriam todos comerciantes, iriam ganhar a vida no comércio, mas pela minha mãe não. Ela se esforçou p'ra que todo mundo estudasse e esse irmão deu essa puxada, entrou p'ra Medicina, na UFF, em 1968, quando eu tinha 13 anos de idade. E ele assimilou e levou p'ra dentro da nossa casa, da nossa família, o movimento Tropicalista, Caetano, e isso teve uma influência na vida da gente. Passamos a tomar contato com outro tipo de vida, diferente daquela vida pacata do interior, trazida por esse irmão. (Edilson)

Em algumas trajetórias, de ambas as gerações estudadas, pode-se destacar a presença da Igreja ou da religião, como uma variável importante, favorecendo a socialização política e propiciando o acesso a um capital cultural e social que a família não podia oferecer. A Igreja também fornece auxílio e funciona como uma opção de lazer.

Fui criado na Igreja Metodista e lá fui liderança dos adolescentes da Igreja. Fui presidente da associação local dos juvenis, depois fui coordenador distrital e presidente da federação do estado dos juvenis metodistas. Cheguei a presidente da confederação nacional, entre 84 e 86, quando ainda estava no segundo grau. E conheci, em um encontro nacional de estudantes cristãos, uns três estudantes da Rural, e um já era meu amigo, o Felipe, que foi o grande responsável, da minha ida para a Rural. (Leonardo)

Freqüentava Igreja Metodista, que era mais conservadora. Lá me aproximei de pessoas, que não estavam vocacionadas a roubar, nem a drogas, porque muitos de meus amigos de infância, caíram na criminalidade e hoje estão mortos. Morar no morro tem sempre aquele convívio, não dá nenhuma expectativa.... Tinha uma amizade de escola na igreja, gostava da igreja, e lá jogava bola e criança gosta de brincar. A Igreja Metodista em Petrópolis, em 60 e 70, era uma elitizinha, mais aristocrata, e eu ganhava camisa, roupa usada dos mais abastados, isso permitia que me vestisse um pouquinho melhor e jogasse bola... (Eloy)

Eu atuava na Igreja, por que a Igreja era o lugar, era o palco, o teatro do lugar, onde fazia o desfile e a comunidade mais pobre não tinha vestimenta adequada e se sentia humilhada, por não ter a roupa da missa ... Na Igreja tinha o Grupo Jovem, e eu tinha uma leitura da Igreja, da Bíblia, um tanto avançada, na época, colocava Cristo como um revolucionário, um ser atuante... e começamos a inserir a comunidade da periferia na Igreja, e por minha iniciativa construímos uma Igreja p'ra eles, no morro... (J.Eloi)

Sempre freqüentei a Igreja: com 9 anos fiz primeira comunhão, era muito precoce, e já queria participar de Grupo Jovem, e não podia, tinha que ter mais de 15 anos. E com 12 anos, abriram uma exceção p'ra mim e entrei no Grupo Jovem: eu tinha condições, tinha a cabeça boa, conseguia levar as discussões, e fazia muita atividade. Comecei a dar palestras p'ra Batismo, com 14 anos me crismei e passei a dar curso p'ra Crisma e continuava com o Grupo Jovem. Fundei o Grupo Juvenil, com os garotos que saíam da Primeira Comunhão, era

professor de catecismo. E lembro que um aluno da Rural fazia leituras sobre a teologia da libertação, Leonardo Boff. E eu ficava meio assustado com essas questões sociais. E quando entrei p'ra Universidade, rompi com a Igreja... (Marco)

Nos anos 50 e 60, a Igreja, através da ação da JEC e da JUC, e posteriormente da AP, teve um papel de destaque na formação de lideranças do movimento estudantil. Esses estudantes católicos dominaram a direção da UNE, na década de 60. A trajetória de uma parcela significativa dos sujeitos da pesquisa parece indicar que hoje a influência da religião se detêm na socialização política dos jovens, não se articulando mais a um projeto institucional, como no passado, apesar da presença da Pastoral Universitária no *campus*. Inclusive, muitos desses estudantes abandonaram ou se distanciaram da prática religiosa quando, ao ingressar na Rural, inseriram-se no movimento estudantil. Entretanto, muito declaram, que com a maturidade, desenvolveram alguma forma de espiritualidade e reviram sua crenças:

Quando entrei p'ra Universidade rompi com a Igreja. Eu era muito católico, mas não entendia, realmente, esse negócio de tantas pessoas sofrendo, tanta miséria no país, e cadê Deus? Me envolvi com o movimento estudantil, passei a questionar mais, e comecei a desacreditar em Deus. Fazia biologia, e a crença na evolução e na ciência pegou forte. Passei a universidade inteira nesse pensamento, meio ateu. Era uma fase de desacreditar em Deus mesmo, e não só em relação a Igreja. Depois que me formei, fiz terapia, e voltei a sentir falta de Deus. Voltei a acreditar em Deus, e hoje acredito cada vez mais. Mas não voltei pra Igreja Católica, porque ela reprime, em vários aspectos, na moral-sexual. Como já tinha mais maturidade, sabia que podia encontrar Deus em outros lugares. Naquela época, o Daime⁸ tava em alta, me convidaram mas não fui, por que tinha esse negócio de droga, e isso eu não curtia, não era uma energia que eu queria. Passei a graduação sem nunca fumar maconha, o cheiro me incomodava. Nas festas rolava maconha direto, mas nunca coloquei na boca. Me interessei pela filosofia oriental, auto-conhecimento, e lia os livros da Tradição Sufi, assistia reuniões, participava. Só sai da Tradição Sufi quando entrei p'ro mestrado. Agora, busco um outro olhar, tenho muito interesse pelo candomblé, a questão da ancestralidade, moro na Bahia... (Marco)

Antes de entrar para a Rural, eu era mórmon⁹. Na Igreja, podia trabalhar minha aproximação com Deus e a convivência com as pessoas, eu era muito complexada. Mas a religião me limitou muito pelo lado sexual: fui virgem até os 22 anos. A Rural é que me liberou sexualmente. Entrei no PCdoB, ainda mormón e virgem, comecei a namorar. Tinha feito voto de castidade na Igreja, não queria ser falsa, contei pro bispo da Igreja, disse que não me arrependia e preferi me afastar a ser excomungada: sai da Igreja, mas nunca virei atéia. Discutia isso com

⁸ Grupo religioso, originário da Amazônia, que faz uso em suas cerimônias de uma chá com propriedades alucinógenas. Era muito popular entre a juventude universitária na década de 80.

⁹ Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Igreja Mórmon, é uma denominação de origem norte-americana.

o pessoal do PCdoB, e hoje, com o pessoal do MST: não vou deixar de acreditar na evolução e na luta do homem, pois dá pra acreditar em Deus e lutar. Não tenho nenhum problema quanto a ter a minha fé em Jesus, minha tradição é judaico-cristã, não quero outra coisa diferente disso, gosto de acreditar, me faz bem. Vejo a religião com um sentido ético, a religião unifica com seu sentido ético do amor ao próximo, é a grande sabedoria da vida mesmo. A religião não teve nada a ver com o movimento estudantil, mas sempre acreditei muito em Deus, como hoje. Sou religiosa, mas não tenho religião. (Mailta)

Quem é de esquerda sempre teve muito conflito com a espiritualidade. Naquela época, você tinha que se despojar da espiritualidade. Vivi muito isso, por que espiritualidade, religiosidade e Igreja p'ra mim eram sinônimos. E depois vi que não era, comecei a perceber e aceitar mais a coisa espiritual, que antes eu negava, não existia p'ra mim, Acho que em consequência da associação entre Igreja Católica e religiosidade. Algumas religiões orientais, encaixam de uma forma bem razoável em algumas ideologias políticas que teoricamente seriam totalmente despojadas de religiosidade. Nos textos dos anarquistas e dos marxistas tem, o tempo todo, uma crítica em cima da Igreja, e quando eles falam em Deus, falam no Deus que a Igreja católica divulga, um Deus repressor, castigador. Mas o Deus budista ou o Deus induísta são totalmente diferentes. Se esses pensadores tivessem avançado um pouco mais, iriam acabar reconhecendo isso, por que na verdade a crítica que eles faziam era à Igreja. Mas os marxistas e os anarquistas, raramente faziam essa separação. Tem um texto do Bakunim, que parece falar do reconhecimento da espiritualidade. A minha impressão foi que ele falava do espírito, da espiritualidade e da religiosidade, sem falar em religiosidade e tentando separar isso da Igreja. Hoje, acho que precisamos viver nossa espiritualidade e não a religião. Eu não tenho uma religião, a minha religiosidade está ligada à espiritualidade. Acho que as religiões vivas, não as muito engessadas, são muito parecidas na forma como tratam as pessoas. Fui a algumas sessões de Umbanda, e gostei, acho alguns ritos católicos interessantes, fui em algumas sessões kardecistas, muito interessantes: não sinto diferença, entre esses ritos vivos, que trabalham realmente a espiritualidade. Acho que temos uma coisa espiritual que precisa ser trabalhada, e abandonar isso é uma coisa complicada. (Luiz Mauro)

Esses depoimentos demonstram que a experiência religiosa, anterior ou posterior ao período acadêmico e de militância, foi considerada um fator importante por alguns desses militantes tanto na sua socialização política quanto na construção de sua visão de mundo. Entretanto, apenas um entrevistado faz uma associação direta entre sua religiosidade e a militância, apontando quase uma relação de causa-efeito. Ele descreve sua opção política como uma determinação de sua crença religiosa:

No 3º ano, saí da república e fui morar dentro do CTUR¹⁰, quando passei por uma mudança qualitativa, no modo de encarar a vida como um todo. Minha mãe me deu um livro psicografado, da Zilda Gasparetto, chamado 'Laços Eternos', e essa

¹⁰ O CTUR possui 3 galpões para a criação de coelhos, galinhas de corte e galinhas de postura. Cada um deles tem um quarto destinado a dois estudantes do sexo masculino e maiores de 18 anos, que cuidam das criações (alimentação e limpeza). Nos fins de semana, há um rodízio entre os 6 estudantes, em escalas de 1 por 5, que garante as folgas sem prejuízo das 3 criações.

leitura mudou completamente meu modo de se relacionar com as coisas. Me identifiquei tanto com a lógica espírita que repensei minha relação com o mundo, e através do espiritismo, comecei a fazer política de fato, pois não conseguia conceber o amor ao próximo sem uma atuação coletiva de transformação da realidade desigual que existe. Li mais dois ou três livros espíritas, e um sobre sexo após a morte mudou completamente minha visão sobre o homossexualismo. Faço esse parêntese porque muitos militantes se dizem socialistas, revolucionários, e têm visões extremamente conservadoras, como a discriminação racial, de gênero, de sexo. Fiquei mais aberto, consegui desconstruir isso, ainda que não totalmente, e hoje encaro o homossexualismo com muito mais tranquilidade, sem problema de contato e de relacionamento. A doutrina espírita foi fundamental no processo político, pois mudei, completamente, minha maneira de ver e me relacionar com o mundo. (Olavo)

Entretanto para outros a questão religiosa não suscitou maiores elaborações, seja por influência do marxismo ou por uma postura mais crítica em relação à religião.

Na militância política você tem mais contato com o marxismo, e minha tentativa de mudar o mundo é pelo materialismo, nunca me rendi às religiões. Sou materialista, mas não me considero ateu. Minha família é espírita, e quando era garoto, meus pais me levavam, mas quando cresci não quis mais saber. Nunca me interessei por religião, e se já não tinha antes, depois da política, passei a ter uma justificativa, uma referência teórica para não ter religião. (Elder)

Não tive nenhuma formação religiosa. Meu pai era católico, mas não era praticante, minha mãe era espírita, de vez em quando ia nas reuniões. Mas na Rural não tive nenhuma ligação com religião, ao contrário, tinha uma posição contrária à religião, devido à literatura socialista que fazia uma crítica da religião como instrumento de dominação das classes dominantes. E ainda hoje, jamais tive qualquer contato com movimento religioso. (Edilson)

Minha mãe nos batizou, mas nunca nos obrigou a seguir qualquer orientação religiosa. Na adolescência, tive vários colegas do Grupo Jovem, e na Rural, tinha alguns colegas protestantes, me dava bem com todos, mas nunca tive vontade de ir. Acho que algumas religiões, enganam o povo descaradamente, manipulam essa massa de desesperados sem perspectivas. Já tinha essa posição antes até de entrar na Universidade. Mas, em relação a Deus, acho que existe uma força maior, que nesse universo todo o homem é muito insignificante. Acredito um pouquinho que existe alguma coisa acima do homem, mas não pratico nenhuma religião. (João).

4.1.2. O ingresso na Universidade e as contradições da herança

As dificuldades econômicas são uma constante entre os estudantes de origem humilde que ao ingressarem na Universidade não podem contar com o auxílio da família para o seu sustento. Na Universidade, os três estudantes mais pobres da primeira geração recorrem à assistência estudantil, requerendo auxílios como bolsa-alimentação e crédito educativo, como J. Elói, Elder e Eloy. Já Edilson se mantinha com uma mesada modesta e Mailta com a pensão do pai falecido. Muitos trabalharam antes de ingressar na Universidade para juntar algum dinheiro até o crédito educativo ser liberado, garantindo assim, o sustento durante o curso. O crédito educativo foi a opção de muitos alunos na virada dos anos 70/80.

Eu tinha o crédito educativo de manutenção, e tinha uma bolsa de alimentação, na Universidade, então essas coisas é que me mantinham. Só que o crédito educativo, ao final do curso, já não dava para nada, então eu ficava na Rural, não só porque gostava, mas por que não tinha dinheiro para sair. Era um processo meio de internato forçado, direto lá. E ainda para poder me manter dividia a bandeja... (Eloy)

Esta geração parece compartilhar, de forma mais presente, valores de solidariedade, como o demonstrado na atitude de ‘dividir a bandeja’, isto é, repartir a alimentação com outro colega, também desfavorecido, e assim reduzir os custos. Dois entrevistados declararam manter essa prática, comum entre os estudantes da época, durante todo o período da graduação. Essas dificuldades de sustento reforçaram os vínculos estreitando ainda mais os laços de amizade:

Eu tinha um companheiro, que fez zootecnia, o Celso, que não tinha, nem bolsa de alimentação e nem crédito de manutenção, porque não precisava, mas também não era rico, e a gente dividia a bandeja. Durante quatro anos, nós dividimos a bandeja assim, e depois de dividir bandeja com alguém por tanto tempo, você é mais do que irmão, pois nem com um irmão, se divide a refeição assim. A gente se gosta muito, nos chamamos de irmão, passamos o fim de semana juntos. Outro dia, na casa dele, as crianças dele perguntaram, se éramos irmãos mesmo, pois somos tão diferentes, porque ele é louro, olhos azuis, e eu negro. (Eloy)

Era muito comum rachar a bandeja e eu rachava a bandeja com a Daniela, da Engenharia Química. A Daniela era a excluída do quarto, que eu peguei p’ra mim, ninguém gostava dela e eu gostava, e rachava a bandeja com ela. O bandejão era muito barato na época, não é como hoje. Eu não tinha bolsa-alimentação, por que não precisava, gastava pouco com a minha alimentação, e o dinheiro que meus pais me davam era suficiente. (Mailta)

Na segunda geração, todos os estudantes entrevistados, residiam no Alojamento, seja por critérios econômicos, seja para ficar mais próximo das atividades políticas e culturais, desfrutando com mais intensidade a vida no *campus*. Pelo menos dois deles apontam uma queda no padrão aquisitivo familiar na década de 90, que os aproxima de seus pares de origem mais humilde.

Eu fiz um vestibular só, aqui p'ra Rural, em 1994, devido à questão financeira. A inscrição de vestibular já era muito cara p'ra uma família que na década de 70 era considerada de classe média, com pai bancário e mãe dona de casa. Naquela época podia ter uma pessoa só na família trabalhando que conseguia sustentar perfeitamente a esposa e os dois filhos, manter uma casa. Depois isso ficou bem mais difícil. (Luiz Claudio)

Entrei e não tinha a mínima condição, já tava 'independentão', e só tinha a pensão do meu pai, uns trezentos reais por mês, que era dinheiro considerando a época, mas que não dava p'ra pagar aluguel. Tinha que morar no alojamento, não teria outra opção, pois não tinha condições de estudar aqui sem alojamento, sem dinheiro p'ra morar em República. Minha mãe não tinha dinheiro, era só aquela pensão que meu pai me dava. (Olavo)

Percebe-se uma maior desigualdade nos recursos de manutenção entre os estudantes da primeira geração do que os da segunda, que além de residirem no alojamento, comem no bandeirão. Essa disparidade de recursos, é visível na Rural, não só entre os que residem em repúblicas ou alojamento, mas no interior do próprio alojamento, pela 'equipagem' dos quartos¹¹. No que se refere ao transporte e locomoção, enquanto alguns estudantes têm carro, outros têm bicicleta, mas a maioria transita no *campus* a pé.

Nem sempre a igualdade de condições (equidade) será assegurada com o ingresso na Universidade, mesmo sendo esta uma instituição que favorece a permanência do aluno mais pobre, oferecendo alojamento e alimentação gratuitos. Os estudantes mais pobres enfrentam maiores dificuldades, tanto de cunho financeiro quanto acadêmico, que seus colegas de classe média.

A Universidade Rural, que é **mais uma opção** para os alunos abastados que desejam cursar Agronomia, Veterinária ou Engenharia Florestal, surge como **a única opção** viável para os alunos que vindo de fora recebem aqui o apoio institucional necessário mediante a assistência estudantil. Muitos declararam que

¹¹ Alguns quartos assemelham-se a um apartamento bem equipado, com aparelhos de TV, vídeo e som, geladeira, fogão e microondas, enquanto outros são mobiliados de forma precária.

só puderam ingressar na Universidade por que a Rural oferecia alojamento e alimentação gratuita para estudantes de baixa renda.

Acabei vindo p'ra Rural por eliminação. Vim fazer Física e nem sabia que existia um curso específico de Física. Eu vim p'ra cá, porque do meu lugar tinha o filho de um poderoso desses, estudando aqui na Universidade. Foi ele que me passou a idéia do que era a Universidade – teria alojamento, comida, tudo gratuito. Vi que era o meu lugar, não queria saber muito bem o que era. Então vim p'ra cá, sózinho, com 17, 18 anos, enfrentando as condições. Fiz o vestibular em 75, entrei em 1976 e em 1977 eu já tive que dar aula p'ra sobreviver... (J. Elói)

Quería fazer Agronomia, e como dependia, por falta de recursos financeiros próprios, de encontrar uma estrutura p'ra conseguir estudar, preferi vir p'ra cá, prá Rural, a tentar qualquer outro lugar, por que aqui sabia que não estaria desassistida de tudo, já conhecia essa estrutura do bandeirão, dos alojamentos. (Vera)

Os alojamentos da Rural são uma opção inclusive para quem mora no Rio, como a maioria dos 'camarões', e até mesmo para quem reside na própria cidade de Seropédica, como é o caso de Marco, cujos pais eram funcionários e residentes da Universidade, e que, entretanto, residiu no Alojamento para experimentar a vida no *campus* mais de perto e aproveitar uma maior liberdade e autonomia.

No nível superior, e na Universidade Rural, a reprovação é mais elevada nas disciplinas básicas cursadas nos primeiros períodos, que requerem o domínio dos conteúdos das disciplinas do ensino médio, mais especificamente de Física, Química, Matemática e Biologia. A evasão em alguns cursos é alarmante, pois devido à dificuldade de acompanhamento das disciplinas e às conseqüentes reprovações muitos estudantes desistem, trancam ou simplesmente abandonam o curso. Para os alunos que, além das dificuldades acadêmicas, também “têm dificuldades financeiras, principalmente, não é fácil”, pois estas parecem, às vezes, intransponíveis, e “por mais estrutura que uma Universidade como a Rural tenha, você desiste”, como relatou Vera, que no entanto concluiu dois cursos de graduação na Universidade.

Sabe-se que o sucesso ou o fracasso escolar nas instituições de ensino, inclusive na Universidade, mantêm estreita relação com o 'capital cultural' acumulado nas experiências familiares, escolares e sociais do estudante. Esse capital cultural, para Bourdieu, seria o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do sucesso ou fracasso do jovem em sua carreira acadêmica. A posse do capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos

institucionais, funcionando como um elo de ligação, “uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar”, visto que para as crianças e jovens provenientes de meios favorecidos culturalmente a educação formal funciona como uma continuação da educação obtida no lar (Nogueira & Nogueira, op.cit., p.21).

Os sujeitos, a partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar, que por sua vez correspondia a uma posição específica na estrutura social, podiam incorporar um conjunto de disposições para a ação (*habitus*), típico dessa posição, e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes. O universitário age, assim, de forma mais ou menos adequada, de acordo com as características do sistema de disposições (*habitus*) que possui e que funciona como princípios de orientação mais ou menos adaptáveis às várias circunstâncias de ação na vida acadêmica. Desse modo, se fazem presentes as diferenças entre os grupos familiares de acordo com o nível educacional, meio rural ou urbano, religião, ideologias subjacentes, trajetória ascendente ou descendente, assim como a forma como cada estudante reinterpreta sua relação com a família, através da identificação ou do afastamento.

Bourdieu (1999), em seu estudo sobre as *Contradições da herança*, destaca como questão fundamental em toda a sociedade a ordem de sucessões, isto é a gestão da relação entre pais e filhos. Suas considerações esclarecem algumas contradições do mundo social e familiar dos entrevistados. A perpetuação da herança, – tendência a perseverar a posição social do pai – envolve um dilema, pois para continuar o pai “é preciso, muitas vezes, distinguir-se dele, superá-lo, e em certo sentido, negá-lo” (Ibid., p. 231). Por sua vez, o pai deseja e não deseja esta superação, da mesma forma que o filho também deseja e não deseja perpetuar-se no pai.

Entre os entrevistados vemos que o acesso ao nível superior significou para muitos a negação e superação da herança paterna. Exemplificando temos na trajetória de Edilson e seus irmãos, filhos de comerciantes, que o pai desejava ver assumindo o negócio familiar: eles se formaram em medicina, psicologia, engenharia, geologia e biblioteconomia, e empreenderam carreiras no serviço público, sendo que três enveredaram pelo campo político, disputando ou exercendo cargos públicos. Na família de Elder, enquanto ele e as irmãs seguiram a mesma trajetória dos primos, – formação superior e carreiras no serviço público

– seus dois irmãos se dedicaram ao comércio e à produção agropecuária, permanecendo na região, sem cursar o nível superior, e dessa forma preservando a ‘herança’.

Entre alguns dos entrevistados mais pobres, as trajetórias ascendentes só foram possíveis graças à escolarização, viável após o abandono da atividade rural e a ida para a cidade, empreendida pelos pais. Nestes casos o sucesso dos filhos superou as expectativas familiares, significando a realização de um projeto de ascensão, como nos casos de Eloy e Marco, ascensão essa que não ocorreu com os irmãos. Nesses casos, em que o filho supera o pai, ele pode estar realizando um desejo não realizado do pai. Dessa forma, a rejeição do ‘modelo paterno’ pode significar aceitar o ‘ideal paterno’, ajudando-o, de certa forma, a ir mais longe em sua trajetória, através do filho (Ibid., p.232). O caso específico de Marco, que chegou a professor na Universidade da qual os pais eram funcionários humildes, é exemplar. Mesmo assumindo o projeto paterno como seu, identificando-se com o desejo do pai de ser continuado no filho, isso não impediu-o de traçar um caminho próprio, optando por trabalhar em outra Universidade Pública, mediante concurso, no estado de origem da mãe, a Bahia. Lá começou o resgate de sua ancestralidade, personificada numa busca espiritual (candomblé) e interesse acadêmico pelo multiculturalismo. Atualmente, ele cursa doutorado na Unicamp.

Na trajetória daqueles que “erraram o objetivo que lhes fora socialmente atribuído pelo *projeto* inscrito na trajetória dos pais e no futuro que ela implicava”, são visíveis os conflitos familiares, certa revolta contra a escola e a família, e a presença de um sentimento de fracasso, que manifesta a “decepção de que eles são a causa e o objeto”, como destaca Bourdieu (Op. cit., p.233).

Me formei e cai num vazio, deixei de ser tudo. A minha referência era a Rural, me formei e acabou, fiquei num vazio tremendo. Passei por uma crise, uma crise de tudo, me achava sem perspectiva, já estava formada, e sem ‘um puto’ no bolso. Passei por necessidades financeiras, limitações de dinheiro, quase perco minha filha por causa disso. Sofri muitas humilhações dentro da família: ‘estudou tanto e olha só, não tem nada’. Via as pessoas ascendendo financeiramente, enquanto eu dependia de 1 real, 2 reais para uma passagem, não indo aos lugares por falta de dinheiro para passagem, não comprando creme pro cabelo, por que não tinha 1 real. Essas situações de humilhação me deixaram muito entristecida. Demorei um tempo p’ra perceber que a raiz disso foi a política. (Mailta)

Quando me formei começaram um monte de conflitos. Sai da Rural, sem dinheiro, meu pai possuía uma quantidade de dinheiro que podia me sustentar, mas não liberou. Surgiu o problema pessoal, eu não tinha estrutura financeira:

sem dinheiro, sem absolutamente nada, com a mulher grávida, o que eu faço, abandono ? Quais as conseqüências disso pro meu filho. Fui trabalhar nesses cursinhos pré-vestibulares p'ra tentar sobreviver. Fiquei cuidando do meu filho, p'ra que ele não pudesse se desviar: hoje com 19 anos ele foi pra Unicamp. Depois vem mais dois, tenho três filhos. Por um tempo, parei praticamente de atuar, de militar. Queria fazer pós-graduação: não consegui, sem dinheiro, sem tempo, nessa área aqui não tem e não consigo mais fazer. Fiquei um tempo, relativamente, afastado, protegendo meus filhos. Até hoje, tenho um problema seríssimo com meu pai, que acha que eu devia retornar pro interior do Espírito Santo. Ele não consegue entender muito bem, e por um lado ele milita, gosta da esquerda, apostou que Lula chegaria à presidência, mas ele não consegue ver que eu faço parte dessa história, desse momento, que é importante... Tenho agitado sempre, fundei o PT de Itaguaí, o PT de Seropédica, o único prefeito do PT eleito no Rio de Janeiro foi meu aluno, o André de Paracambi. Venho atuando sempre, em 90, cheguei a me candidatar a deputado estadual. Sou militante, professor do Estado, mas meu pai acha que eu deveria ganhar dinheiro. Por que meus tios, meus primos são os mega-representantes do capital financeiro, eles tem muito dinheiro, p'ra caramba, eu não consigo ter..... Parei por um período, de 90 p'ra cá, praticamente tive que ficar parado, mas, agora começo a retornar, devagarinho... (J.Elói)

Essas narrativas de sofrimentos pessoais, são fruto de tensões e contradições da herança, quando esta significa o atendimento a desejos paternos desmesurados, além do que pode o filho, encarregado de realizar projetos paternos impossíveis, como de ser rico como os tios, no caso de J. Elói. Entretanto, o material empírico da pesquisa não permite uma compreensão mais aprofundada sobre como operam as tensões e contradições da 'herança' deste grupo social e em que medida elas se refletiriam também em seu '*habitus* universitário' e em seu ingresso no mundo profissional. (Paes de Carvalho, 2004)

Destaque-se, no entanto que em todas as trajetórias analisadas não foi percebida uma aceitação passiva da herança, que poderia tornar esses jovens um instrumento dócil do projeto familiar. Isso ocorreria mediante a interiorização do projeto paterno através da apropriação de seu desejo pelo filho, da identificação total do filho com o desejo desse pai de ser continuado no filho, que os transformaria em 'herdeiros sem história', porque sem caminho próprio. Assim, não encontramos exemplos em que o pai se reconhece no filho, mediante a reprodução de sua própria identidade social, que ocorre quando o filho herda o pai, sem superá-lo, e assim encarnaria um limite que não deveria ser ultrapassado, e que ao ser interiorizado representaria uma proibição de "distinguir-se, negar, romper" (Bourdieu, op. cit., p.232).

Os jovens provenientes das camadas baixas e médias, que integram a ‘primeira geração’ de entrevistados, continuaram a mobilidade ascendente empreendida por seus pais, concluindo o nível superior que lhes facilitaria o acesso às camadas médias. Destes cinco estudantes, três fizeram pós-graduação *strictu sensu* (um mestrado e dois doutorado), exercem funções de relativo prestígio e autonomia, como assessor parlamentar, professor universitário da rede federal ou alto funcionário, outra como professora universitária da rede privada. O menos afortunado do ponto de vista econômico-social é professor de ensino médio da rede pública e cursou apenas a graduação. Reside em Seropédica, é militante do PT, considerado uma referência política local, e atualmente integra chapa que concorre à Prefeitura da cidade, como vice-prefeito do atual reitor da Rural.

Os três estudantes da ‘primeira geração’, provenientes de camadas médias altas, ao contrário de seus contemporâneos de estratos inferiores e médios, cursaram escolas públicas de 1º e 2º graus de qualidade ou colégios privados de prestígio, e durante a graduação foram sustentados pelos pais. Eles residiam em repúblicas, podiam desfrutar integralmente das benesses de ser “jovem” e “estudante”, sem maiores preocupações com questões materiais. Possuíam, ainda uma relativa autonomia apesar de dependerem economicamente dos pais, à semelhança do perfil do estudante descrito por Forracchi (1977). Dois deles, Luís Mauro e Ricardo, ingressaram no corpo docente da Universidade, na época ainda uma carreira de prestígio, e demonstram capacidade para agregar ao salário outros rendimentos provenientes de pesquisas e consultorias. Se não empreenderam uma mobilidade social ascendente, do ponto de vista econômico, o fizeram, intelectual e simbolicamente, concluindo o doutorado. O terceiro, João, é empresário do ramo de consultoria de orçamento e planejamento público, e sua firma presta serviços às prefeituras. Filho de arquitetos, iniciou mas não concluiu o curso de mestrado, e se também não efetivou uma mobilidade ascendente, luta para não perder a posição conquistada. Na época da graduação, ele representava o que seus colegas militantes identificavam como ‘burguês’: residia em ‘um apartamento de um andar inteiro’ na Zona Sul, o avô era fazendeiro.

A representação social e a análise do material empírico permite inferir que os sujeitos da pesquisa empreenderam trajetórias escolares de sucesso, algumas delas improváveis, devido à carência de capitais decorrente da origem social

desfavorecida. Essa constatação vem ao encontro da concepção predominante nos estudos da ‘sociologia das trajetórias escolares’ de que o ‘*pertencimento a uma classe social*’ não é mais o fator determinante e exclusivo dessas trajetórias. Cabe, também, considerar a dinâmica interna das famílias e as características ‘pessoais’ dos sujeitos, que apresentam relativa autonomia em relação à classe social, ainda que não totalmente independentes, quando analisamos a ‘dialética complexa’ das trajetórias escolares (Nogueira, 2002, p.58). Nas trajetórias analisadas detectamos essa complexidade, principalmente em relação às referidas trajetórias improváveis, quando o fator classe social desfavorecida não foi um elemento impeditivo de trajetórias de sucesso, que aliaram o esforço pessoal dos estudantes, à cumplicidade da escola e o apoio, ainda que não integral, da família.

Refletindo a desaceleração econômica, ocorrida nas duas últimas décadas, o mercado de trabalho tornou-se mais competitivo, aumentando o peso da qualificação, competência e educação. Cresceu o desemprego e a informalidade, que passa a atingir profissionais de nível superior. A deteriorização do emprego formal, a partir dos anos 90, afetou também o setor público que apresenta forte declínio e acentuada redução salarial.

Isso pode ser exemplificado na trajetória de duas entrevistadas nascidas em meados da década de 60 (64/65), ponto de corte das duas gerações, mas que ingressaram na Rural em períodos distintos (intervalo de 10 anos). Mailta concluiu o curso superior em 1987, tendo ingressado em 82, e Vera, que ingressou tardiamente na Universidade, em 1992, graduando-se em 1997. Ambas, até recentemente, encontravam-se desempregadas ou sub-empregadas, atuando em ONGs e Projetos sociais, ligados a professores da Rural. O vínculo mantido com esses professores possibilitou-lhes a inserção no mercado de trabalho, ainda que sem vínculo empregatício, assegurando-lhes a subsistência – um indício dos rendimentos advindos com a ampliação do capital social. Ambas as entrevistadas, entretanto, apresentaram mobilidade social ascendente, dado o *status* ocupacional dos pais – trabalhador rural aposentado por invalidez e analfabeto, e pai e padrasto policiais militares, com baixa instrução. Essa mobilidade se caracterizou pela instrução de nível superior (uma concluiu o doutorado) e pela migração do meio rural para o centro urbano.

Entre todos os entrevistados, apenas um militante, da segunda geração, não concluiu o curso superior, pois foi ‘jubilado’¹² da Universidade. Dois são funcionários públicos – Tarci, possui especialização e é professor da Rural e Leonardo é agrônomo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente –, sendo que Olavo, recém formado em Veterinária, já trabalha na Secretaria Estadual de Agricultura. Beto atua como engenheiro florestal em uma ONG, cursou o mestrado no exterior e é sócio de uma empresa de eco-turismo, Denise cursou o Mestrado na USP, também atua em ONG e é professora de uma instituição privada no interior de São Paulo. Beth também atua em ONG, em Minas Gerais. Em relação aos seus pais, podemos afirmar que Vera, Beto, Leonardo, Tarci e Beth empreenderam uma mobilidade social ascendente e Olavo, que inicia sua carreira profissional apresenta possibilidades de ascensão. Denise optou por abandonar o meio urbano em que foi criada, indo residir e trabalhar no meio rural, em projetos agroflorestais e de educação ambiental desenvolvidos na propriedade do marido. Ela exerce, entretanto, a mesma atividade dos pais, pois ainda é professora em faculdade privada, almejando ingressar em uma IES pública.

Estudos nos informam que, diante do quadro econômico das duas últimas décadas, ocorreu um pequeno aumento da mobilidade social (5%) no país, quando comparamos os dados da década de 70: cerca de 90% dos filhos chegaram a uma posição igual (42%) ou melhor (47%) do que a de seus pais (Pastore & Silva, 2000, p.2). Essa pequena mobilidade social, no entanto, foi compensada pela expansão da escolarização entre a população jovem, comprovada pelo crescimento das matrículas em todos os níveis de ensino e pela redução do analfabetismo entre os menores de 24 anos.

A grande expansão do ensino médio ocorrida nos anos 90, estimulou essa mobilidade social ascendente, atendendo às demandas por maior qualificação para a ocupação de postos de trabalho pós-revolução tecnológica. Para os estudantes, provenientes da zona rural ou das áreas periféricas à Universidade, como a Baixada Fluminense e a Zona Oeste do Rio de Janeiro, o curso superior é a grande oportunidade de ascensão econômica e mobilidade social.

A expansão do ensino superior, também, apresentou um aumento

¹² Luiz Cláudio não integralizou os créditos exigidos pelo curso no tempo máximo permitido.

significativo no ingresso de estudantes com renda mais baixa. Segundo dados do INEP¹³, a participação dos graduados com renda familiar entre três e dez salários mínimos cresceu de 32,9% para 41,7%, entre 2000 e 2003. Entre os formandos com renda familiar inferior a três salários mínimos, as taxas foram, respectivamente, de 7,1% para 12,9%, no mesmo período.

Em contrapartida os alunos com famílias que possuem renda superior a dez salários mínimos diminuíram sua presença nos cursos de graduação, de forma mais acentuada entre aqueles na faixa de renda mais alta, acima de 20 salários mínimos. Esse dado corrobora a pesquisa de Nogueira (2002), sobre as estratégias escolares de famílias de empresários, que constatou que esse segmento social não está convencido do valor do diploma para o sucesso material. Entretanto, essas famílias reconhecem o valor simbólico do certificado escolar, seu “poder de legitimação da prosperidade econômica e de transmissão de propriedades” de distinção, que transcende “sua utilidade meramente econômica” (Ibidem, p.151,153). A redução do quantitativo de alunos oriundos dos estratos de maior renda, no ensino superior, confirma a hipótese da autora, de que, nesse segmento, o diploma universitário é prescindível à ascensão econômica. Para esses pais, não é premente “instalar socialmente o filho na vida e, sobretudo de fazê-lo via diploma”, inclusive devido ao seu ceticismo “quanto à capacidade da escola de garantir, ao filho, uma boa situação social”, em termos econômicos (Ibid., p.73,145) .

Nas instituições públicas, o aumento mais expressivo ocorreu justamente entre alunos com renda de até três salários mínimos, cuja participação passou de 11,5% para 20% no número total de formandos. Nas instituições particulares, o maior crescimento foi registrado na faixa de renda familiar de três a dez salários mínimos, que passou de 30,8% para 41,5%, cabendo o destaque que estas detêm 60% das vagas no ensino superior. Por outro lado, uma boa parte dos estudantes de renda mais baixa concilia estudo e trabalho, em cursos noturnos de instituições privadas. Note-se que esses dados se referem aos concluintes dos cursos de graduação, e não sobre os ingressantes no ensino superior. Dada a evasão durante o curso superior, o acesso dos estudantes com faixas de renda mais baixas nas universidades seria maior do que esses percentuais expressam.

¹³ Dados referentes ao Exame Nacional de Cursos, de 2000. Informativo INEP, de 3/02/2004.

O estudo de Pastore e Silva (2000), com base em dados oficiais, forneceu uma base teórico-empírica para algumas das hipóteses que desenvolvemos a partir do material empírico disponível. Os autores destacam que a distância entre os vários estratos é crescente, o que minimiza a possibilidade de ocorrer ascensão social de grandes distâncias. Confirmando o papel da escolarização na mobilidade social, “novas e boas oportunidades de trabalho surgiram para uma minoria”, predominantemente urbana e mais educada, “e não para a maioria das pessoas”, principalmente na década de 70, com o ‘milagre econômico brasileiro’ (Ibid., p.4).

O expressivo progresso educacional das últimas décadas, é um elemento importante na manutenção e elevação da mobilidade social no país. Pastore & Silva (Idem, p.12) apresentam dados que apresentam a educação como o mais importante determinante das trajetórias sociais futuras dos brasileiros e o determinante central e decisivo do posicionamento socio-econômico das pessoas na hierarquia social.

Sabe-se que o nível de educação e “o status ocupacional do pai continuam como fatores importantes na determinação do status ocupacional do filho” (Ibid., p.13), entretanto entre os estudantes investigados, embora alguns fossem filhos de pais com pouca escolaridade e *status* ocupacional mais humilde, ainda assim obtiveram sucesso em sua carreira escolar, dadas as características já assinaladas anteriormente. Destaco ainda, que o movimento estudantil contribuiu para a aquisição de uma estrutura e volume de capital que diminuiu essa desvantagem socio-cultural e se configurou em um fator diferencial importante para o processo de mobilidade social.

Que fatores, na história desses estudantes explicam seu nível de realização socio-econômica atual, isto é, seu nível educacional, ocupacional ou econômico? Jovens, como Eloy, Tarci, J. Elói, Vera, Marco, Edilson e Elder foram as exceções que validam a regra, visto que as chances de um filho de trabalhador rural¹⁴ alcançar estratos superiores são limitadas. Destaca-se como um determinante importante nessa mobilidade o fato da maioria dessas famílias terem abandonado a atividade rural e migrado para o meio urbano onde exerceram outras atividades ocupacionais (Ibid., p.57). Essa migração é sempre parte de um projeto de ascensão social, de ultrapassar os limites, de crescer, como o declarado por J. Elói,

¹⁴ Caso de Eloy, pois os pais dos demais eram, anteriormente, pequenos proprietários rurais.

que “achava que ali estava limitado”, e por isso “quis sair sozinho, por conta própria e enfrentar qualquer que fosse a situação”, primeiramente na capital, Vitória, para cursar o segundo grau, e depois para a Rural. Entretanto pode-se constatar, entre os entrevistados oriundos dos estratos sociais inferiores, como é o caso de Mailta, Marco, Vera e Tarci, que economicamente eles ainda se encontram em um *status* inferior¹⁵ aos de seus colegas provenientes de estratos sociais mais elevados, que possuíam maiores chances de sucesso escolar e social, comprovando o peso da herança social.

Pastore e Silva (Op.cit., p.42) registraram a tendência à reprodução educacional, apesar dos filhos apresentarem ligeira superioridade em relação aos seus pais, indicando, em termos absolutos, uma pequena mobilidade ascendente, o que não necessariamente implica em que a situação dos filhos seja melhor do que a de seus pais, isso em termos relativos às suas respectivas gerações. Da mesma forma destacamos os diferenciais entre os estudantes provenientes do meio rural, em relação ao do meio urbano, bem como os diferenciais dos estudantes filhos de pais de estratos inferiores, médios ou altos. As zonas urbanas contrastam nitidamente com as rurais, pois a mobilidade ascendente é muito mais intensa na cidade que no campo.

A própria inserção no movimento estudantil parece ser maior entre as camadas médias, mais engajadas politicamente, e que possuem um respaldo familiar que lhes permite viver a condição de estudante de forma mais relaxada e intensa. É mais comum que os extremos sociais passem ao largo do movimento, pois os alunos mais pobres querem terminar o curso logo e inserir-se no mercado de trabalho e os filhos da elite dificilmente se inserem nas mobilizações por se sentirem distantes das reivindicações da maioria das campanhas. No entanto, algumas exceções foram detectadas, e entre os entrevistados existem jovens das camadas inferiores e superiores, que aventuraram-se na política estudantil, alguns pela própria percepção e vivência da desigualdade social, dentro e fora da Universidade:

Acho que a gente tem essa coisa ligada a defender, a se organizar dentro de um estrutura, de liderança, de representatividade, dentro da Universidade, por ter

¹⁵ Visto o local de moradia ou a ausência de bens ou o tipo de vínculo que possui com a sua atividade ocupacional.

vivido em algum momento ou em todos os momentos a questão da desigualdade, e querer justiça social. (Vera)

A Universidade, por ser pública, é percebida, tanto pelos estratos inferiores quanto pelas camadas médias baixas, como a grande oportunidade de mobilidade social. E para alguns essa universidade deve ser defendida, por esse mesmo motivo, para propiciar a outros no futuro a mesma oportunidade.

Quando me formei, fui orador da turma, e no discurso, uma coisa importante foi a noção, lá no final do curso, de onde venho, da família que tive, e que as brigas que a gente teve, dentro desse mesmo Gustavão, as Assembléias, eram um reflexo, quase que intuitivo, de defender uma universidade pública gratuita, de qualidade, que surgiu como nossa única oportunidade, nossa chance. E foi com a Universidade que aprendi isso, e dá para diferenciar o que a Rural me deu do que o M.E. me deu. (Beto)

O ingresso na Universidade evidencia os díspares processos de escolarização vivenciados por esses jovens oriundos de meios diversos, rural e urbano, e com famílias de diversos estratos sociais. Essa disparidade também ajuda a ver que estes estudantes são iguais apenas quando vistos à distância, pois trazem diferenças significativas de estrutura e volume de capital. Tais diferenças influenciam na forma como vivenciam a condição estudantil, principalmente, a forma de encarar o estudo e a necessidade, ou não, de dedicar muitas horas a ele, numa tentativa de superar os limites da sua própria escolarização. Os estudantes ‘esforçados’ e ‘estudiosos’ lutam para obter notas elevadas, pois as dificuldades de manutenção durante o período universitário muitas vezes interferem negativamente no seu desempenho.

Entretanto, para que não incorramos na armadilha do subjetivismo, numa “concepção ilusória do mundo social que atribuiria aos sujeitos excessiva autonomia e consciência na condução de suas ações e interações”, podemos com Bourdieu apontar os riscos e limitações das abordagens que tudo reduzem “ao universo das representações, preferências, escolhas e ações individuais” (Nogueira & Nogueira, Op. cit., p.20). O ‘esforço individual’ que esses estudantes utilizam como estratégia, não é, de fato, uma opção ‘individual’, mas traz as marcas do *habitus*. Bourdieu “nega o caráter autônomo do sujeito individual”, afirmando que o ator “não é nem o indivíduo isolado, consciente, reflexivo, nem o sujeito determinado, mecanicamente submetido às condições objetivas em que ele age” (Loc.cit.)

As estratégias, no sentido atribuído por Bourdieu, – derivadas do *habitus* – aliadas à riqueza do caldo cultural existente na Universidade, minimizaram e relativizaram as determinações da ‘bagagem socialmente herdada’, assim como, em alguns casos, as estratégias significaram investimentos conscientes, no sentido de superar a ‘herança’.

Alguns estudantes entrevistados, provenientes dos estratos sociais inferiores, realizaram seu projeto de estudo apesar do reduzido apoio familiar. Entretanto, cabe ressaltar que estas famílias de fato realizaram um investimento, ainda que modesto, na educação dos filhos, pois não requereram seu auxílio no sustento familiar, como é o caso de Leonardo e Tarci. Alguns desses jovens tiveram que arcar com os custos de sua própria educação, pois na verdade essas famílias não tinham condições para desenvolver estratégias de escolarização longa para a prole, como no caso de Eloy, J, Eloy, Vera e Tarci. Dessa forma, a ascensão social, via ensino superior, não era um projeto familiar e sim individual, consolidado no empenho desses estudantes em cursar o nível superior em uma Universidade Pública. Mesmo assim, para essas famílias “a educação do filho transformou-se”, como para uma grande parcela da população, “no capital mais fundamental para a realização de ascensão social”, como afirmaram Pastore e Silva, (Op. cit., p.42).

Em contrapartida, os entrevistados filhos de camadas médias e altas receberam o incentivo necessário ao ingresso no nível superior, tendo suas famílias desenvolvido estratégias de investimento escolar, desde os primeiros anos de sua escolarização, evidentes nos casos de Ricardo, João, Luiz Mauro, Denise, Olavo e Luiz Cláudio. Estes ingressam em cursos de prestígio na Universidade - Agronomia, Engenharia Florestal, Biologia e Veterinária -, e durante a graduação foram sustentados pelos pais, viveram em “repúblicas” no 49 ou, por opção, no Alojamento. Sua inserção no mercado de trabalho foi rápida e fruto de uma escolha.

No desenvolvimento das entrevistas foi possível aproveitar as possibilidades, apontadas por Schnapper (2000, p.28), de reinterpretar o sentido com que os indivíduos ‘jogam o jogo’ com o sistema e mobilizam os seus recursos sociais. Esse modo de “jogar o jogo” social, presente nos depoimentos,

forneceu pistas sobre a incorporação do *habitus* no mundo natal, e as suas transformações ao longo da trajetória social.

Na Universidade, foi possível detectar a influência na transformação do *habitus* na atuação acadêmica, social e política do estudante, ao mesmo tempo em que esse mesmo *habitus* se modificava pela influência do novo meio, consolidando um *habitus* universitário. Constituído no processo de “socialização universitária”, o *habitus* universitário engendra “certa homogeneização das práticas relacionadas ao conhecimento e à formação profissional”, e articula “comportamentos, percepções, expectativas e escolhas”, como sinaliza Paes de Carvalho (2004, p.200). Para a autora, a entrada na vida universitária, configura-se como uma passagem que exige a substituição do ‘*estatuto de aluno*’ pelo ‘*estatuto de estudante*’, e onde o *habitus* escolar seria sobreposto progressivamente pelo novo *habitus* universitário, sendo que alguns estudantes já trariam na bagagem, de sua trajetória escolar anterior, uma ‘plataforma’ inicial mais ou menos adequada. A autora declara, citando Alain Coulon (Apud Paes de Carvalho, loc. cit.), que essa passagem, – marcada pela “adaptação e persistência no curso superior” – exige um “trabalho de iniciação” – o “aprendizado do ofício de estudante” – que consiste em “descobrir e se apropriar das evidências e rotinas dissimuladas nas práticas” universitárias que implicam a adaptação aos códigos e a assimilação das rotinas, próprias da instituição. Dessa forma o *habitus* universitário atualizaria as “inúmeras interações entre as disposições e os capitais engendrados desde o *mundo natal*”, bem como o “percurso através dos diversos campos e redes sociais” até o ingresso na Universidade. A Universidade assim processa a passagem para uma futura atuação no “espaço socioprofissional” já iniciada com a escolha do curso de graduação.

A efetiva incorporação desse novo *habitus* escolar se manifesta no ‘senso do jogo’ que alguns estudantes apresentam no cumprimento das exigências acadêmicas, na naturalidade com que emitem juízos sobre a instituição, o curso e seus professores, e em uma evidente desenvoltura nas atitudes e comportamentos, acionando um leque variado de recursos disponíveis demonstrando o domínio de ‘receitas’ ou ‘esquemas facilitadores’ (Bourdieu, 1989, Nogueira, 2002, Paes de Carvalho, 2004). Na Rural, devido à maior permanência do estudante no *campus*, a aquisição do *habitus* universitário pode ser mais rápida do que nas outras

Universidades. Do mesmo modo, a inserção no movimento estudantil, também sob a influência da peculiaridade da instituição, tenderia a ser mais forte.

4.2.

A inserção no movimento estudantil

Os relatos das lideranças estudantis da Rural, base do material analisado, são marcados pelos processos de construção social do passado, ressaltando o caráter social da memória. Santos (2003, p. 50-51), referindo-se às teorizações de Halbwachs acerca da memória, afirma que “os indivíduos não se lembram por si mesmos”, pois “necessitam da memória coletiva”, para lembrarem-se, isto é, “da memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos” que “reconstroem suas lembranças a partir de fragmentos de imagens coletivas já existentes”. A memória, individual e coletiva, faz parte de um processo social, – interação dos indivíduos uns com os outros, ao longo da vida, e a partir de estruturas sociais determinadas – não sendo, portanto, fruto exclusivo de um indivíduo ou de um processo mental autônomo, já que mesmo as construções individuais são socialmente estruturadas.

Na análise das entrevistas encontrei pistas acerca das representações dos investigados sobre sua inserção no movimento estudantil e acerca das influências deste nas suas trajetórias profissionais, opções políticas, atuação social. A significação cultural e política do movimento estudantil mudou se compararmos o final dos anos 70 com os dias atuais. O movimento estudantil hoje não possui mais a mesma representação para o estudante e para a sociedade civil e política que possuía nas décadas de 50, 60 e 70. Esta é uma das razões por que não mais desempenha um papel destacado na vida política e social do país, como representou no passado. Essa mudança refletiu as transformações que atingiram a sociedade brasileira nas últimas décadas, e que marcaram a juventude de modo geral, e a juventude universitária em particular. Hoje, o movimento estudantil é um espaço de atuação social menos valorizado e cada vez menos capaz de agregar os jovens universitários.

Os motivos e circunstâncias que atraem jovens de diferentes gerações para o movimento estudantil e as representações que os estudantes constroem acerca da militância política é um problema que exigiria maior aprofundamento, do que o

alcançado por esta investigação, que tão somente encontrou aqui e ali algumas pistas sobre a questão. Ainda assim, foi possível identificar algumas das influências dessas transformações no sentido que as diferentes gerações de militantes deram às suas condutas, às experiências vividas, às práticas sociais.

Essas práticas, como as interações sociais, “não tem o mesmo sentido nos diferentes meios sociais, nas diversas sociedades” ou ainda “nas mesmas sociedades em épocas diferentes”, e é isto que, necessariamente, torna a sociologia tributária da forma histórica do seu objeto, como afirma Schnapper (2000, p. 21). A constatação do caráter relacional dessas interações sociais deve ser destacada como central nesta investigação.

A socialização, ocorrida no âmbito da comunidade familiar, escolar ou religiosa, deixou marcas que influenciaram, segundo a própria percepção dos entrevistados, sua inserção no movimento estudantil, mediante uma sensibilidade à injustiça social manifesta em certa predisposição à discussão de temas sociais, à atuação coletiva, à participação política e ao engajamento em movimentos sociais.

Os motivos de inserção no movimento estudantil são representados diferentemente, e se alguns entrevistados remetem a questões individuais, relativas à vivência familiar e escolar, como motivações para a sua atuação social, outros apontam a conjuntura política e o momento histórico que sua geração atravessava como elemento propulsor dessa inserção, fruto da influência nas relações sociais e políticas estabelecidas em seu grupo de pertencimento. Sabendo que me refiro a diferentes trajetórias de vida e a uma pluralidade de influências sobre os militantes entrevistados, atribuo essa pluralidade ao leque diversificado e desigual de oportunidades de socialização na família, escola e comunidade, dadas as condições da realidade social de cada um dos sujeitos, antes do ingresso na Universidade Rural. Alguns atribuem à família a predisposição para ‘gostar de política’, mesmo entre os que afirmaram que os conflitos familiares provocaram a percepção da injustiça, os obrigando a uma posição de confronto e reivindicação. Para estes foi essa ‘infância injustiçada’ e o inconformismo que motivou sua futura atuação social na comunidade e na Universidade.

Meu pai convidou os irmãos para montar uma empresa, e meus tios, mais dinâmicos, ao se projetaram financeira e socialmente, fizeram com que ele saísse da sociedade. E eu sempre os confrontava, na tentativa de defender meu pai. E

meus tios foram os responsáveis por alguma iniciativa minha, e esses confrontos acabaram sendo muito produtivos. (J. Elói)

Minha base familiar sempre foi muito desestruturada, com muito problema de relacionamento. Meus pais se separaram muito cedo e fui criada por várias pessoas. E a partir daí começou a minha reivindicação por direitos. Morei com uma tia que tinha um filho da minha idade, e todas as coisas, como doces, eram compradas p'ra ele e eu não tinha direito a nada. A minha aspiração por justiça nasceu desde muito pequena, eu reclamava e reivindicava esse tipo de coisa. A desorganização familiar fez com que eu quisesse organizar as coisas a que tivesse acesso. (Vera)

A família é apontada por alguns deles como a responsável pela aquisição do 'gosto' pela política, e o fato de algumas famílias terem um histórico de participação política, ou mesmo uma simpatia pela esquerda, é uma referência forte para eles:

Minha família era muito atuante politicamente. Meu pai principalmente, teve uma atividade política forte, foi do Sindicato dos Bancários e alguns tios meus, tinham atividade política também. Lembro que fui, bem criança, naquelas passeatas de bancários de 61, 62. E meu avô materno era general ligado a uns grupos mais de esquerda do Exército, da época do *tenentismo*, nacionalista, entrou no Ato Institucional nº 1. E o clima na casa dos meus avós maternos era de discussão política, minha avó participava também de movimentos feministas, foi a Cuba quando da Revolução, e entre um sarau e outro, tocava piano e conversava sobre Cuba. (Luís Mauro)

Na época do Golpe, e em 69-70, a gente não sabia bem o que estava acontecendo, não tinha idéia, mas meu pai apoiava sempre a posição de esquerda, era do MDB. (J.Elói)

A família está vivenciando o que acontecia no Brasil naquele período, Abertura política, e acaba refletindo na própria educação, no direito que a criança tem em casa, de falar. Na minha família nunca tive barreiras em relação a poder me expressar, sempre tinha debate em casa, assistia a televisão junto e era estimulado a falar, livremente, sobre o que está acontecendo no país, sem repressão ideológica - tem que respeitar os pais – ou física. A família contribuiu muito para deixar fluir o livre pensar e falar. (Luiz Claudio)

Outros militantes referem-se à importância da formação fornecida pelo ambiente familiar e à possibilidade de diálogo em casa como elementos incentivadores ou facilitadores de uma postura mais crítica, que futuramente tornaria-se uma predisposição para inserir-se em movimentos sociais. Merece destaque o apoio dos pais, ou a falta deste, tanto em decisões pessoais quanto profissionais, sendo que à família foi representada ora como instância facilitadora ora como dificultadora da realização pessoal e profissional desses jovens. Ao sustentar uma trajetória escolar mais longa algumas famílias interferem

positivamente na futura carreira dos filhos enquanto outros jovens enfrentam maiores dificuldades por não poderem contar com o apoio familiar .

Meus pais apoiaram todas as decisões que tomei, compreenderam todas elas. Esse apoio foi fundamental senão eu não estaria aqui. Tem uma série de conjugações, a vida parece que vai montando um quebra-cabeças, que se encaixa certinho, pequenas decisões que no todo permitem que você se realize: a família apoiou, você teve a chance de ter uma formação, um colégio, teve determinação, fez um esforço, sabia onde você queria chegar...(Ricardo)

Surgiu um problema pessoal, minha namorada ficou grávida, e eu sem estrutura financeira, sem absolutamente nada. Meu pai possuía algum dinheiro que podia me sustentar, mas não libera... (J. Elói)

Eu casei cedo. Tinha uma bolsa do CNPq, que não me bancava, meu pai me bancava. Só fui me bancar efetivamente quando fui trabalhar em Manaus. Casei no papel, e meu pai criticou o fato de me casar, ‘você tem que acabar de estudar’, aquelas coisas que aconteciam na época. Mas ele tinha que autorizar, eu só tinha com 20 anos. O casamento era em dezembro, eu fazia 21 anos em janeiro. E ameacei meu pai, que se não me autoriza-se, eu me casaria em janeiro de qualquer jeito. Ele autorizou, mas não queria não. Mas, eu já tinha resolvido, estava tranquilo assim. (Luiz Mauro)

Foi visto no capítulo anterior que para alguns entrevistados a existência de certo capital familiar auxiliou na escolha do curso de graduação e na opção pela Universidade Rural. Para outros a família mais extensa, a rede de primos, foi apontada como uma influência determinante na inserção no movimento estudantil, na militância partidária, em organizações clandestinas, como entre os primos Elder e Edilson, este estimulado pelo irmão mais velho, Antônio. Esse fenômeno novamente se repetiu entre os irmãos Olavo e João¹⁶, nas gestões 2002-03 e 2003-04 do DCE.

A influência maior da minha entrada no M.E foi pelo Edilson, meu primo também, morei na casa dele e o irmão dele, o Antônio Carlos, um dos militantes do MEP, estudante de psicologia na UERJ, de 74 a 79. Tem essa ponte de família por dentro da organização. Essa relação: família, morar no mesmo alojamento, tem aquilo de puxar ‘vamos p’ra assembléia’, e eu entro e depois começo a gostar, a me envolver mais e tudo. Ainda tinha o Rômulo, meu primo, hoje professor na Rural, que na época era vinculado ao PCdoB. (Elder.)

É interessante destacar que nenhum dos entrevistados, mesmos os provenientes das camadas populares, aludiu a uma experiência escolar conflituosa, desastrosa ou traumática. O material empírico disponível também não forneceu evidências de veredictos desfavoráveis, emitidos pela escola, que poderiam

¹⁶ Olavo foi o principal dirigente do DCE nessas gestões colegiadas, ex-diretor da UNE e um dos líderes da sua tendência no Estado do Rio de Janeiro. Graças a essas ‘capital social’, João, ‘herdeiro’ do irmão, ingressou na Diretoria do DCE ainda em seu primeiro período na Rural.

conduzir ao fracasso. Muito ao contrário, os julgamentos da escola, algumas vezes opondo-se e contrariando expectativas familiares, ampliaram os horizontes desses jovens, incentivando uma trajetória escolar mais longa que a anteriormente pretendida pela família, como no caso de Tarci.

Quando a escola e a família não concordam com um veredicto comum de sucesso, as dificuldades tendem a se amplificar, pois geralmente a família não investe em uma carreira escolar mais longa, obrigando o jovem a trabalhar para manter seus estudos, por exemplo, como J. Elói, Eloy e Vera. Dessa forma os julgamentos da escola podem confirmar os da família, no caso dos estudantes das camadas médias ou altas, mas também podem contrariá-los. Entretanto, quando escola e família concordam com um veredicto de fracasso, geralmente este é confirmado (Bourdieu, 1999; Lahire, 1997).

Os depoimentos abaixo ilustram a influência atribuída à escola, que se contrapõem ao ambiente doméstico e às baixas expectativas da família.

Lá em casa nunca houve um clima muito favorável mas, de certa forma, eu e meu irmão fomos separados disso na escola. Vivíamos até uma certa contradição, pois tivemos a oportunidade de estudar em escolas que privilegiavam o convívio, as discussões. (Leonardo)

Gostava muito de estudar e era muito 'quietinho'. Eram característica minhas, que destoavam do irmão mais velho, que pintava e bordava, fazia e acontecia. Como eu era estudioso uma professora se interessou por mim, me falou para tentar uma Escola Militar, que era uma carreira de futuro, que dava estabilidade. Foi a primeira vez que parei e pensei no que queria fazer do futuro. Respondi que não queria ser militar, ainda não sabia o que queria, mas gostava de trabalhar com a terra. Ela trouxe o endereço do CTUR, onde poderia estudar agricultura. (Tarci)

A ausência de uma representação negativa da escola certamente favoreceu a continuação da trajetória escolar até o ingresso na Universidade. O papel positivo da instituição escolar é evidente nos casos estudados: trajetórias de sucesso escolar, geralmente, requerem veredicto favorável da escola e, pelo menos, a adesão familiar. Muitos afirmaram que gostavam de estudar, ler, eram estimados entre colegas e professores. Essa mesma representação está presente nas trajetórias de sucesso descritas por Souza e Silva (2003).

Para alguns dos entrevistados a escola é um espaço de atuação política, principalmente durante o segundo grau, quando participaram dos grêmios estudantis, de atividades culturais, foram representantes de turma ou reconhecidos por colegas e mesmo pela direção da escola como lideranças. Este fenômeno no

entanto foi raro na primeira geração, reduzido às atividades culturais, sendo mais presente entre os integrantes da segunda geração.

Para os estudantes da primeira geração, que passaram parte de sua infância e adolescência no período da ditadura, o ingresso na Universidade significou a possibilidade de uma inserção política desconhecida fora do *campus*. Eles viveram o período da distensão política durante a graduação e participaram ativamente da conjuntura explosiva da época, marcada pelo despontar de vários movimentos sociais urbanos e pela reconstrução das entidades estudantis. A conjuntura política só os influenciou quando estes já integram a comunidade universitária, mais informada que o restante da população. Muitos descreveram que anteriormente ao seu ingresso na Rural, não tinham conhecimento do que se passava no país, com exceção de Ricardo que estudava em uma escola que enfatizava a formação socio-política. A maioria dos integrantes dessa Primeira geração, dada a conjuntura da época, não tiveram uma participação ativa no movimento secundarista, apenas Mailta foi representante de turma. A redação de jornais escolares, apoiados ou não pela instituição, está presente nas trajetórias de Ricardo e João, que também atuava com fotografia, e na experiência com o cinema, relatada por Luiz Mauro.

Não tinha Grêmios na escola, mas nas discussões na sala de aula, eu aparecia muito, fazia discurso, tava sempre contestando, e comecei a aparecer na escola, me tinham como referência política na escola, uma escola particular em Madureira... (Mailta)

Os estudantes da segunda geração, que nasceram após 1964, foram adolescentes já no período da Abertura Política, quando o movimento secundarista ressurgiu, e desse modo sofreram mais diretamente a influência de uma conjuntura política mais aberta e participativa. Vários integrantes dessa geração militaram nos Grêmios como Vera, Leonardo, Lucia, Denise e Olavo, ou se tornaram lideranças nos seus colégios, como Tarci e Beto. A atuação em atividades culturais, como os grupos teatrais importantes nas trajetórias de Denise e Vera antes do ingresso na Universidade, também tiveram influência na sua inserção no movimento estudantil, e continuaram dentro da Rural.

No ensino médio já ingressei no Grêmios, por causa do funcionamento da própria escola, que tinha espaços mas não eram ocupados, sempre tinha problemas de quem eram os donos da quadra, coisas assim. E ingressei no Grêmios e fui pra congressos de UBES. (Vera)

Ainda no primeiro grau, disputei umas duas vezes a eleição para o Centro Cívico.. No segundo grau, começa uma história de militância mais séria, tanto eu como meu irmão, em outra escola, idades diferentes, entramos para os grêmios da escola: fui vice-presidente do grêmio e o meu irmão, foi presidente do grêmio onde ele estudava. (Leonardo)

No 2º grau, estudei em um colégio estadual, que não tinha um grêmio estudantil, mas tinha uma certa militância. E conseguíamos juntar um grupo de estudantes e negociar coisas, cobrar posicionamento ou colaborar com a própria direção do colégio. Era um tipo de movimento estudantil muito espontâneo, tranquilo, não existia uma disputa ideológica. Era uma agitação muito mais pró-ativa, junto com a direção do colégio, em um esquema de participação dos alunos, até de responsabilidade dos alunos de preservar aquele prédio público... E o movimento estudantil secundarista na época, já era forte no Rio de Janeiro, mas eu nunca tinha ouvido falar em nada disso, não tínhamos vinculação ideológica, embora fora do colégio, havia uma preferência pelos candidatos do PT. (Beto)

O CAP era uma escola muito tradicional, entrei em 80, na 5ª série, e participei da desconstrução desse formalismo total. Conseguimos passe livre, para entrar e sair a qualquer hora, uniforme liberado, só a camiseta com o nome do CAP: conquistas revolucionárias. Fui presidente do Grêmio, um grupo muito legal, dormíamos na escola, reconstruímos a sala, pintamos e fomos reconquistando tudo o que tinha sido perdido, em 68, 70. A parte cultural era muito forte, fazíamos muitos eventos. A política era forte também, pegamos muitas greves, e desde a 5ª série, fazíamos passeatas, fechávamos a Jardim Botânico. Fiquei muito envolvida na AMES, também, uma entidade que estava muito forte, em 88, um *boom* do movimento estudantil. E participei da invasão do MEC, no segundo ano do 2º grau, mas fiquei muito ligada ao movimento universitário, estava bem inserida, falava em nome do CAP. Foi muito interessante essa experiência, também. (Denise)

O processo de socialização iniciado na família é complementado na escola e na comunidade, muitas vezes personificada na Igreja, que para alguns surge como uma instância de socialização, algumas vezes de assistência, sendo uma referência de atuação política para outros. Merece destaque ainda a relação com a leitura, que facilita o desempenho escolar, o gosto pela literatura e pela leitura de jornais.

Fui privilegiado pelo ambiente fora de casa, na Igreja, principalmente. Vivia em um ambiente extremamente pobre, mas lia loucamente. E no meio da 'molecada' da rua, era 'meio ruim de bola', 'meio ruim de pipa', mas gostava de ler, e isso se refletiu na escola. Desde cedo lia em outras línguas, aprendi inglês quando era garoto, porque era bom aluno e ganhei a bolsa para fazer o curso de inglês. Minha formação na Igreja privilegiou também, eu lia em espanhol, porque tinha sempre documentos da Igreja. Na minha turma de 80 da escola pública, só eu passei direto no primeiro vestibular, p'ra Universidade pública. (Leonardo)

Meu padraço achava que eu era muito inteligente, por que lia muito. Comecei a fazer uma biblioteca, a ler Dostoyevsky, *Crime e castigo*, a comprar livros marxistas. Eu gostava por que me identificava com essa literatura: criada no Morro do Juramento e no Complexo do Alemão, vivenciei toda essa trajetória da violência do Rio... (Mailta)

Fui a primeira pessoa que me formei na minha família, ninguém gostava de estudar. E quando comecei a ler, eu lia muito! Comecei lendo gibi, aí lê outro, lê outro, nunca tinha dinheiro para comprar, então lia na escola. Li toda a biblioteca da escola, livros, revistas! Ler é um negócio muito interessante, e acho que ter a curiosidade de ler é que me estimulou a ir para a universidade, porque não houve nenhuma influencia de ninguém, da família, nem da escola, nem de amizade, nesse processo de um filho de um lavrador, semi-analfabeto, pedreiro e aposentado, por invalidez, ingressar na Universidade. (Eloy)

Estudava, na oitava série, à luz de lamparina de querosene e trabalhava na loja, que comprava pacotes de jornal p'ra embrulho. Eu lia os jornais O Globo, Jornal do Brasil, com duas, três semanas de atraso, um mês, três meses depois, mas p'ra mim era bastante atual. Lá não chegava nada, não tinha rádio, televisão, nem energia elétrica e eu só conseguia ver o mundo através dos jornais, que eram p'ra embrulhar sabão. (J. Elói)

Estes quatro jovens foram casos exemplares de sucesso escolar em meios improváveis, melhor explicitados quando discorri sobre as origens sociais no capítulo anterior. Estes quatro entrevistados, como também Tarci e Vera, além de oriundos das camadas populares e residentes em localidades e bairros periféricos eram filhos de pais semi-alfabetizados que não pareciam possuir maiores expectativas quanto à carreira escolar ou um projeto definido de escolarização mais longa para os filhos. Da mesma forma, tanto eles como seus pais, não possuíam “a ansiosa tensão que muitas vezes acompanha os projetos de ascensão social” quando há uma “mobilização da família” quanto ao êxito escolar da prole, fruto de “ambições sociais excessivas” e visível no “sobre-esforço escolar” de algumas trajetórias bem-sucedidas (Accardo, 1997, p.596).

Entretanto, identifiquei uma “relativa heterogeneidade de modelos de *sucesso* escolar” que combinou diferentes aspectos e estratégias que conduziram ao êxito – consolidado no ingresso na Universidade Pública, como as estratégias apontadas por Lahire (1997, p.31). É curioso perceber que nestes “estilos diferentes de êxito” não se destaca um “superinvestimento escolar” ou um “desempenho brilhante” nas trajetórias estudadas, mas sim uma confluência de múltiplas “combinações entre as dimensões moral, cultural, econômica, política, religiosa” (Ibid., p.31). No entanto, cabe destacar, o enorme esforço que estes jovens dispensaram “para por em ação algumas práticas escolarmente rentáveis” que favoreceram a conquista do capital cultural necessário a esse ‘sucesso’, mesmo nos casos de uma trajetória escolar acidentada, como a de Tarci, por exemplo.

Para alguns a qualidade do ensino ministrado no colégio teve uma influência importante na sua formação. Algumas vezes é a presença de um professor mais crítico que desperta os alunos para a realidade social e política do país:

Minha formação política foi determinada pela escola, a formação que tive no Colégio foi fundamental. O São Vicente era um Colégio que durante a ditadura escondia as pessoas perseguidas e esse posicionamento repercutia no ensino. Nas salas de aula, os professores discutiam a ditadura, as questões do momento, os problemas brasileiros. Creio que havia uma intenção explícita do Colégio de formar lideranças. E devido à formação que tive no colégio foi que tomei a decisão de militar. Mas, não foi algo assim tão objetivo, mas uma consequência da formação política que eu recebi. (Ricardo)

A escola também contribuiu com um bom debate, já nos anos 80, sobre o que acontecia no país naquele momento. Sempre tive professores de História e Geografia críticos, que adotavam livros muito bons. Os professores estimulavam a questão da coletividade, os trabalhos em grupo, e assim se construíam amizades fora da sala de aula, se estabeleciam vínculos duradouros, que o tempo não vai separar. E tem um grupo de estudantes que vão acrescentar alguma coisa, respostas em relação às coisas que acontecem no mundo. (Luiz Claudio)

Estudei numa escola de ultra direita, o Colégio Fernando Costa, próximo à Rural, que tinha a prática de demitir os professores que falassem qualquer coisa considerada subversiva. O paraninfo da minha turma foi demitido devido ao discurso que fez na nossa formatura. Ele nos abria os olhos, falava coisas interessantes, das 'Diretas já', por exemplo. Então eu tinha uma certa visão sobre a ditadura militar, mas nunca tinha me envolvido, pois na escola não tinha Grêmio. E quando entrei p'ra Rural, comecei a me envolver, ir às assembleias de estudantes, de professores... (Marco)

A participação política anterior à Universidade também está presente entre os que ingressam no mercado de trabalho, ainda que de forma implícita ou disfarçada. Outros inserem-se em atividades comunitárias, desportivas ou associativas, ligadas ou não à Igreja, e já demonstram uma predisposição de participar de agremiações e eventos políticos, ou uma atração pela discussão política. A maioria dos entrevistados declararam terem sido sempre simpatizantes do PT, alguns se filiam antes de ingressar na Rural, mesmo que mais tarde mudem de partido.

Trabalhava em rádio, e já fazia política, disfarçada, pois trabalhava p'ra Pedro Irujo, do mesmo partido do Collor. Fazia campanha p'ra Lula, usando a rádio, mas de forma bem discreta, para evitar uma demissão. Tinha uma 'musiquinha' do PT que falava 'sem medo de ser feliz', então eu era radialista, locutora, e quando me apresentava falava 'Vera Lu, sem medo de ser feliz'. Com a minha vinheta poderiam associar...(Vera)

Em 1978, quando estava no quartel e fazia o vestibular, eu começava a acompanhar, ir para a rua, para aqueles atos na praça pública, em Petrópolis, em que vinham lideranças e eu olhava aquilo com muito gosto. E íamos, alguns companheiros e eu, saindo do quartel, e lá víamos alguns sargentos da gente, no meio da passeata e dos atos, não sei se eles estavam também encantados como nós com o movimento que surgia naquele instante, ou se estavam lá para poder policiar o ato. E já em 79, ficou bem definido, o PT iniciando seu processo de formação, a abertura, e deu aquela curiosidade. E então antes de ir para a universidade, eu me filiei ao PT, no final do ano de 80, quando as fichas de filiação, estavam para receber o registro do partido. (Eloy)

Estava no segundo grau e era simpatizante do PT, participava das campanhas. Em 86, na campanha do Gabeira para governador, eu já estava filiado, uma pré filiação, porque ainda não tinha dezoito anos. E o grupo de jovens adolescentes do PT participavam da campanha, organizamos uma caravana da zona oeste para vir abraçar a Lagoa. (Beto)

Mas todos os entrevistados, de ambas as gerações, apontam como fundamental para sua inserção no movimento estudantil o próprio ambiente de efervescência política e cultural da Universidade, que funcionava como um ‘todo educante’, um meio que propiciava a aquisição de outro *habitus*. A Universidade e as relações de amizade que ali se formaram solidificaram uma ‘unidade de geração’ específica, que se identifica, compartilhando experiências, idéias, valores, visão de mundo, que vivenciou uma mesma conjuntura histórica e elaborou um mesmo projeto.

Dos meus amigos do CAP, ninguém teve Universidade como eu tive. E na verdade estudar na Rural é como morar numa grande casa, a Universidade é a sua casa. E todo aquele ideal que você tem aos 19, 18 anos é o de melhorar o mundo a partir da sua comunidade, que é aquela ilha, aquela ‘fazendona’. E estar em vários grupos e querer mudar aquilo é um idealismo de jovem de querer mudar o mundo. E sinto que foi muito forte estudar na Rural por morar junto, ali dentro, que é uma experiência incrível. (Denise)

Na Rural tive muita sorte, fui direto pro Alojamento e caí em um quarto com gente envolvida com movimento estudantil, e me propiciou essa entrada. E essa convivência me deu consistência, e hoje em dia eu me sinto formado não só pela universidade mas também pelos meus amigos, E não foi só uma questão de política, de movimento estudantil, mas aquela convivência na Rural formou, forjou a gente. E não somos um grupo homogêneo, de pensamento único, mas um grupo que se identificou muito, que se ajuda e se mantém unido até hoje, como amigos e profissionais. Essa identificação das pessoas, que é muito forte, foi forjada na convivência universitária. E talvez se não estivéssemos na Rural, mas em outra universidade, não tivéssemos toda essa capacidade de identificação, que mantivemos até hoje. E esse é o grande diferencial da Universidade. (Henrique)

A convivência no *campus* e a capacidade de atração que o movimento organizado propicia fazem com que uma parcela dos estudantes se insira na luta

política: muitos apenas por curiosidade, momentaneamente, e outros de forma mais permanente, tornando-se lideranças. Chegando à Universidade ocorre a inserção no movimento estudantil, de forma mais rápida para alguns, que sentem-se imediatamente atraídos por ele, talvez por que já tragam certa predisposição devido à sua trajetória, como dito anteriormente:

Cheguei aqui, em 92, e encontrei um DCE reiniciando o movimento estudantil da Universidade, após um tempo parado: era o ‘Camarão que não nada a onda leva’... E me enturmei com eles, por que eu fazia teatro e estavam começando a formar um grupo de teatro também e algumas pessoas do teatro eram também ligadas ao DCE. Já cheguei aqui, até por causa da idade (27 anos), integrada com tudo isso. Foi muito rápido, me integrei a tudo. (Vera)

Fui pro alojamento, e lá ninguém participava de nada, as meninas eram de direita, e me senti deslocada mesmo. Entrei numa semana, procurei o DA de Zootecnia, e na outra já fui p’ra reunião do DCE, e comecei a participar das reuniões. E fui por mim mesma, eu que procurei, disse que queria fazer parte. E o pessoal até estranhou, ‘*bixo* geralmente não quer fazer nada’. E o pessoal já quis me colocar na direção do DCE, mas estava tendo campanha para o DA, e me lançaram logo presidente, já entrei presidente do DAZ, no primeiro semestre. Eu entro na cabeça do DA de Zootecnia, e fico presidente lá por quase três anos. (Mailta)

Essa predisposição para inserir-se rapidamente no movimento estudantil para alguns já faz parte de um planejamento anterior, dada a vontade de militar aliada ao “clima” institucional que favorece essa rápida inserção, principalmente quando há uma carência de quadros, isto é de estudantes dispostos a assumir uma participação política mais ativa:

Antes mesmo de passar no Vestibular, já pensava em fazer movimento estudantil. Tinha um planejamento: entro, acompanho o Diretório Acadêmico, depois de um ano entro pro DA, e depois pro DCE. E no primeiro período tava dentro, dada a escassez de gente que se dispõe. E num grau de interesse e politização já bem significativo, ia em tudo que aparecia, palestra, encontro. E participo ativamente da greve de 96, fiquei aqui e fizemos um comando de mobilização grande....E comecei a ir a eventos do Movimento Estudantil: Forum Estadual das Universidade Públicas, passeatas em Brasília, plenária dos estudantes. A Greve terminou, ingressei na chapa ‘Construção’ que ganhou a eleição do DCE. O início foi legal, era muito novo, não tinha experiência, não tinha prática de movimento (Olavo).

A peculiaridade da Rural obriga um enorme percentual de estudantes a residirem no Alojamento ou no 49. Isso favorece a convivência no *campus* e propicia um envolvimento maior com as questões acadêmicas, culturais e política, o que incentiva o despontar de novas lideranças.

Você entra na Rural e pensa em se formar, e não em entrar pro DCE. Mas, a Universidade acaba sendo mais do que pegar o diploma, e não por desejo próprio, mas pelo envolvimento muitas vezes involuntário. E de repente, um conjunto de

circunstâncias vão te levando e acaba fazendo outra coisa completamente diferente, acaba sendo outra pessoa. (Elder)

Esse ‘conjunto de circunstâncias’ que contribuem para a inserção no movimento estudantil vai de encontro aos múltiplos e variados motivos que levam cada um desses militantes a uma participação ativa, superando inclusive restrições. Como ilustração apresento o relato de um militante, filho de funcionários, que contrariando os conselhos paternos é atraído para o movimento estudantil, vencendo paulatinamente o medo a possíveis represálias. Em 1985, ainda estava viva na memória daquele pai a violenta repressão que se abatera sobre os estudantes:

Meu pai era funcionário da Rural, fiel escudeiro dos professores de direita. O sonho dele era que os filhos estudassem na Rural, pois éramos pobres, sem condições, e aqui era só atravessar a estrada. Entrei em 1º de abril de 85, tinha dias que acabara a ditadura, e para o meu pai nada garantia que estávamos numa democracia mesmo, que não ia acontecer mais nada... Ele vira muitos alunos entrarem no camburão, presos por conta de movimento estudantil, e por isso me proibiu de qualquer envolvimento com política. Quando soube que desobedeci, que freqüentava as assembléias, que achava importante participar, ele me recomendou “evite fotografos e não assine nenhuma lista de presença, pois as listas e fotos vão parar no DOPS, na Polícia Federal”. Eu obedecia, não assinava nada. Lembro, que o JB estava fotografando uma assembléia no Gustavão, e quando miraram na minha direção virei o rosto e coloquei a mão na frente. Mas a presidente do DA viu que eu era interessado, e me convidou p’ra participar do DA, e no final do ano teve eleição e entrei na chapa. Meu pai ‘largou de mão’ as preocupações comigo, depois que fui fotografado, numa passeata na Cinelândia, segurando uma faixa, e a foto sair na primeira página do Última Hora. Ali ele desistiu de me patrulhar, por que não podia fazer mais nada e já sabia que o tempo de ser preso e apanhar da polícia tinha acabado. Em 86 fui p’ro Congresso da UNE, e depois fui vice-presidente e presidente do DA. (Marco)

Se muitos atribuem sua inserção no movimento estudantil como motivada por influências externas e anteriores ao ingresso na Universidade, de cunho familiar, escolar, religioso e político, cabe à Universidade, à conjuntura política, ao movimento estudantil, entre outras instâncias catalisar essas influências e predisposições. Um entrevistado discorreu sobre essa multiplicidade de motivos e influências da atuação estudantil, citando as lideranças do passado:

O Wladimir Palmeira dizia que, na década de 60, o pessoal buscava o movimento estudantil, por três razões. Uma, por ter alguma centelha política, ideológica e querer colocar para fora. A outra, por ser um espaço social, um meio de socializar, ter relacionamentos sociais, conhecer pessoas, aparecer, ser conhecido, viajar. E o terceiro, para ganhar garotas ! E, sem dúvida alguma, foi uma opção e meio p’ra canalizar um pouco da energia e do discernimento político e ideológico, foi um espaço social, uma maneira de fazer isso. (Beto)

Chegando à Universidade, mais do que os cursos, é o alojamento o grande núcleo de aglutinação das lutas, como o bandeirão também. A maioria dos estudantes que vem para o alojamento moram distante, a maioria em outros estados ou no interior, e dispõem de poucos recursos. Mas, além de uma forma de assistência estudantil para alunos carentes, o alojamento é o núcleo da vida cultural e política da universidade. Os alunos que não permanecem na Universidade, morando no alojamento ou em Repúblicas, ou não freqüentam o bandeirão não participam da mesma vida universitária que aqueles que freqüentam esses espaços, que são de efervescência política e cultural.

É claro que tinha a organização por curso, os Centros Acadêmicos, mas os alojamentos eram a estrutura central, pois lá raramente se conseguia ter 3 ou 4 pessoas de um mesmo curso no mesmo quarto. Geralmente o que rolava era o cara do Espírito Santo arrumar uma vaga pro outro do Espírito Santo também. Então o tipo de sociabilidade ali era outro, o tipo de relação que se estabelecia nem sempre era a mesma do curso. Sempre morei lá, e o presidente do DCE, estar com aquela turma do alojamento, direto, sábado, domingo, feriado, morando ali também, era legal. O alojamento era força (Elder)

Os próprios estudantes detectavam outros tantos sub-grupos existentes no corpo discente. Além da classificação por curso, a primeira e mais evidente, havia a da antigüidade, que opunha os *bixos*¹⁷ (calouros) aos veteranos. Ainda nessa classificação encontravam-se os “borras”, aqueles que se atrasavam na integralização dos créditos e que não se formavam no período esperado. Os estudantes também eram classificados pela época em que entraram, as safras de 78/1º ou 86/2º, aqueles que foram calouros na mesma época.

Os alojamentos têm capacidade para cerca de 1600 alunos, mas o número de residentes chega perto de 2000 alunos. Cada apartamento deve abrigar 8 estudantes, mas é comum a presença de ‘acochambrados’, isto é sem vaga oficial. A forma convencional para a obtenção de uma vaga exige a inscrição no Decanato de Assuntos Estudantis, que prioriza os residentes em outros estados e os alunos com renda mais baixa. No entanto, é o ‘jeitinho’ entre os estudantes que, de fato, garante o efetivo ingresso de uma parcela excedente nos alojamentos. No entanto, ser *acochambrado* pressupõem algum capital social, que inclusive é requerido também para se conseguir uma vaga oficial mais rapidamente:

¹⁷ Ao ingressar no segundo período o calouro é promovido a *bixo*’ (*bixo linha*) com poderes sobre os *bixos*, mas devendo submissão aos veteranos. Essa hierarquia incentiva a continuidade da sujeição dos calouros. OBS: A grafia é com x, para diferenciar de bichos, animais.

Encontrei o Elias, que foi o treinador da equipe de handebol no CTUR, e quando disse a ele que não arrumei quarto, ele me chamou pro quarto dele, um quarto de cabeceira, onde moro até hoje. E o Elias era ‘coladíssimo’ com o reitor, filho mesmo, com moral, um ‘esquemão’. Entrei ‘acochambrado’, sem problema nenhum, por que ainda tinha outro cara, que se formou no período seguinte, e consegui vaga no quarto de cabeceira, beleza. (Olavo)

Na Rural fazíamos muita crítica ao tipo de estrutura que dava margem aos esquemas familiares na administração da Universidade, - agora não, que tem concurso, mas na época, tinha muito ‘compadrio’ na administração da Rural. Mas é interessante que também por baixo, entre os estudantes, havia isso. Meu contato com a política estudantil foi através do meu primo, Edilson, que era a principal referência do movimento estudantil, o presidente do DCE, quando entrei lá e fui morar no alojamento dele. (Elder)

Solicitei a vaga no Alojamento, me inscrevi normalmente, mas ela saiu mais rápido, por que o filho do Administrador do Alojamento, era meu colega de turma no CTUR, e hoje é professor do ICHS, concursado. Mas essa entrada no alojamento não foi tranqüila, por que no meu quarto, tinha dois veteranos, que só permitiam duas camas, e eu e um outro, do Amazonas, tivemos que colocar nossas camas na sala de estudos. Ficaram, 4 de um lado, 2 na sala de estudos e os dois veteranos sozinhos no outro quarto, falando: ‘somos veteranos, estamos formando e quem manda somos nós’. Eu já sabia que não adiantava dar murro em ponta de faca. Ficamos 6 meses dormindo na sala de estudos e quando eles formaram, ocupamos e tiramos tudo deles. E esse quarto, passou a ser ocupado por 8, 9, sempre acochambrando. Nunca mais permitimos essa política de exclusão. (Tarci)

O episódio acima é comum, pois na Rural os veteranos se auto-atribuem privilégios, não contestados pelos calouros, os ‘*bixos*’, em desvantagem numérica, sujeitos a trotes durante parte do primeiro período, e que continuam em situação de desvantagem durante todo o primeiro ano. Note-se a importância do capital social que quando acionado favorece seus possuidores – ter parentes ou amigos entre os veteranos protege os calouros de situações desvantajosas ou humilhantes, como os trotes: limpar quartos e banheiros, pagar bebidas, jogar Cubol¹⁸, ter os cabelos cortados, etc:

Entre já tendo também um primo lá dentro que me facilitou o entrosamento inicial, e fui direto pro alojamento dele. Não queria ficar careca, achava o trote errado, um atentado à liberdade, e o pessoal da minha cidade, que eram veteranos, me deram proteção, e não deixaram o pessoal entrar no alojamento pra cortar meu cabelo. Fui um *bixo* protegido, cabeludo e passei o 13 de maio, dia da libertação dos *bixos*¹⁹, sem ninguém me incomodar, e dava impressão que já estava lá há mais tempo, que era veterano.... Escapei. (Edilson)

¹⁸ Brincadeira feita nos alojamentos masculinos em que equipes de calouros são obrigadas a jogar bola, deslizando sentados, nos corredores ensaboados, apenas de cuecas, sob a pressão e torcida dos veteranos.

¹⁹ Os trotes na década de 70, eram só até 13 de maio, dia da libertação dos escravos.

Os problemas que afligem os estudantes e dificultam a convivência no *campus*, principalmente nos Alojamentos, não se restringem aos calouros. Algumas vezes surgem problemas bem mais graves que os trotes, abalando a credibilidade da Administração

Tive um problema no alojamento e recorri ao Regimento com direitos e deveres dos discentes, que dizia que qualquer aluno que dificultasse a permanência do outro perderia o direito ao alojamento. Tentei fazer isso valer: trafico de drogas dentro do quarto, a menina guardava tijolos de maconha no armário ao lado do meu, dificultava minha moradia, e qual providência foi tomada ? Ela saiu do alojamento? Não. Pediram que eu saísse, pois conhecia todo mundo, arrumaria outro quarto. Era melhor não mexer com aquele pessoal, pois existia o receio da administração de tomar certas providências. Discutimos com a Administração aquela Cartilha de direitos e deveres²⁰, e nada daquilo funcionou. (Vera)

Esses problemas, no entanto, surgem como problemas isolados, e não abalam o papel de força mobilizadora que o alojamento desempenha. O alojamento facilita a mobilização interna, como o exemplo de uma luta pela reabertura do bandeirão em 1982:

Convocamos todo mundo nos alojamentos, andar por andar, batendo na porta e chamando p'ra fora, e nos corredores avisávamos que se o bandeirão não estivesse aberto pela manhã, iríamos até a fazenda pegar um boi e fazer um churrasco na porta da reitoria. E o alojamento ficou em polvorosa, a gauchada afiando as facas. E os alojamentos, masculino e feminino, seguravam a Universidade em termos de núcleo de mobilização, pois ali era permanente o contato, a discussão política. Entrávamos nos corredores do alojamento acordando todo mundo, num esquemão que funcionava de imediato, pois no alojamento eram quase 2 mil pessoas.. E tinha vitória, o que dava muita força pro pessoal, e essa coesão era muito forte na Rural: 'Vamos fazer, vamos embora, a gente enfrenta..'. E havia um entrelaçamento muito forte entre a vida política e cultural, era um período muito cativante, de envolvimento, mesmo, e os alojamentos tinham um peso maior nisso... (Elder)

Junto com o alojamento, o bandeirão também aglutina esse potencial de mobilização, favorecido pela peculiaridade da Universidade Rural. Esse potencial é estimulado pelas lideranças do movimento estudantil que utilizam o bandeirão como tribuna:

No início dos anos 80, dos 4 mil alunos da Universidade quase a metade fazia refeição no bandeirão, e essa particularidade da Rural facilita também. E na hora do pico, onze e quarenta, meio-dia, chegávamos lá, subíamos em cima numa mesa e falávamos e todo mundo ouvia e acompanhava. (Elder)

O bandeirão era na época e, assim permanece até hoje, o motor das principais lutas dos estudantes, sempre às voltas com o aumento do preço, com a

²⁰ Elaborada por estudantes em conjunto com a Administração, após a reforma dos Alojamentos em 1993/94.

manutenção da qualidade do serviço. Em 1980, durante a greve de 108 dias, o bandejão foi ocupado pelos estudantes e servia 400 refeições diárias, garantindo a permanência e mobilização dos estudantes. Uma nova ocupação vitoriosa ocorreu em 1982, como reação ao aumento do bandejão, reafirmando que o

bandejão sempre teve na ordem do dia, quebrava o pau, mesmo. Um dia ele abriu com reajuste de preço, tentamos negociar e nada. A greve não era o caminho ali, e a alternativa foi tomar o bandejão e ver o que dava. E quem bancava e segurava o bandejão era quem dependia dele: o pessoal do alojamento... Tomamos o bandejão e ocupamos por mais de 50 dias, a gente mesmo cuidando de tudo: arrecadava a grana na entrada, fazia as compras. Barra pesadíssima, mas ganhamos a parada, pois a resistência foi genial. (Elder)

O clima institucional, a ebulição cultural e política de alguns períodos e a intensa vida comunitária são apontados pelos entrevistados como os principais motivos da inserção no movimento estudantil. A convivência na Universidade, morando no Alojamento ou no 49, propiciavam um envolvimento com a questão política, que facilitava o surgimento de novas lideranças...

Agora para quem estava no 49 ou quem estava no alojamento a Universidade acabava sendo mais do que isso, não pelo seu desejo, mas pelo envolvimento muitas vezes involuntário. Você entra ali, e não pensa de entrar pro DCE, você entra e pensa em se formar e de repente um conjunto de circunstâncias vão te levando e acaba fazendo outra coisa completamente diferente, acaba sendo outra pessoa. (Elder)

O conjunto de circunstâncias a que os moradores da Universidade estão sujeitos faz com que se produza uma distinção entre os residentes, os verdadeiros ‘ruralinos’, e aqueles estudantes que vão e vem diariamente. Os residentes participavam mais da vida universitária, política, cultural e academicamente. No final dos anos 70 e início dos 80, começa a aumentar o número de alunos das proximidades que não pernoitam na Rural:

Tinha uma turma de alunos de Campo Grande, não eram muitos, 200, 300 alunos. Na época a Rural tinha ônibus gratuito e eles iam e vinham p’ra Campo Grande, devido à falta de grana e ao ônibus, podiam continuar morando em casa, com um gasto menor. E os que moravam na Zona Sul ou mesmo na Zona Norte, e dispunham de melhor condição e não gostava de ficar na Rural, também iam e vinham de carro, eventualmente ficavam, quando tinha prova E o fato de não morar na Rural, de optar por continuar em casa, tá ligado a um desejo de vida ou à falta de grana, duas situações bem diferentes, com motivações diferentes, mas que faziam da Rural apenas o lugar p’ra pegar o canudo. Já morar no 49 ou nos Alojamentos significava maior envolvimento com a Rural. (Elder)

Hoje há um número grande de alunos provenientes da Baixada Fluminense. Muitos deles, como os de Campo Grande também procuram residir

na Universidade, devido ao alto custo das passagens ou para economizar o tempo gasto na locomoção, pelos menos em algumas circunstâncias. As tendências políticas percebem essa situação e em período de eleição tentam compor com os vários grupos, em busca de representatividade:

Quando tinha eleição, a nossa preocupação sempre ao montar uma chapa era pegar ‘nego’ que tivesse representatividade nos seus cursos, o cara que tivesse representatividade nos alojamentos, conhecido naqueles prédios, tanto homem, quanto mulher, no feminino, tinha liderança ali naqueles feminino, a mulherada que mandava ver, e gente que fosse capaz de se articular com o 49... (Elder)

Os estudantes cuja família têm uma situação financeira mais confortável, geralmente, optam por morar em repúblicas no 49, alguns pais chegavam até a comprar casa pro filho ficar por um tempo. A falta de conforto no Alojamento, o número elevado de estudantes por unidade – 8 estudantes dividem 2 quartos e 1 copa, originalmente uma sala de estudos, – as dificuldades por que passam os calouros – que ficam com as tarefas de limpeza, dormem nas piores camas ou no chão e ficam sujeitos a trotes durante os primeiros meses – fazem com que muitos alunos optem por residir em repúblicas fora do *campus*. Morar no 49, no entanto, não significa estar fora da vida comunitária da Rural. As repúblicas se configuravam também como um espaço de socialização, e essa socialização ocorre também pelas atividades festivas, bem mais até do que pelas acadêmicas e políticas.

O 49 tinha aquelas festas, aquela forma de integração do pessoal que morava nas repúblicas. Geralmente quem tinha condições de vida as vezes um pouco melhor, podia alugar uma casa, o não quer dizer que era mais ou menos politizado, mas que tinham maior afinidade entre eles por que tinham maior contato... E no 49, o cara que tá lá numa república e conhece o outro e vai formando núcleos de pessoas que se articulam e conversam com traços diferentes... Nas gestões que participei, a maioria do pessoal da chapa era todo do 49, engraçado isso: eles é que participavam mais. (Elder)

Mas entre o grupo de residentes percebe-se ainda uma enorme variedade de características entre os estudantes, como a que opõem os estudantes do meio rural – que apresentavam de modo geral um comportamento mais conservador –, aos do meio urbano. Entretanto a origem rural sofre a influência de outras diferenciações como a região e o nível econômico dos pais. Nesse sentido esses grupos e sub-grupos produziam vários tipos de estudantes na Rural, e a atitude frente ao movimento estudantil também sofria essa influência.

Já falei sobre a classificação por estado ou região, sendo curioso que os “gaúchos”, em sua maioria provinham de Santa Catarina. Estudantes provenientes do mesmo estado ou cidade constituíam grupos, “acochambrados” no mesmo quarto ou república instituindo uma rede de auto-ajuda. As moças do Amapá, principalmente de Macapá, em uma determinada época eram estigmatizadas por um pretoso comportamento sexual mais livre de algumas conterrâneas. Essas classificações transcendiam os cursos.

Da mesma forma alguns estudantes se organizavam por andar, no Alojamento, em subgrupos, que chegavam a constituir condomínios fechados, com alguns andares trancados com chave, que dispunham de chuveiro de água quente e linha telefônica. Esses subgrupos no entanto eram constituídos dos estudantes que moravam na Rural, principalmente nos Alojamentos. O sub-grupo dos residentes em repúblicas no 49, geralmente mais abastados também se agrupavam por cidade ou estado de origem, havia repúblicas de ex-alunos do CTUR, de regiões, religiões ou grupos familiares. Um grupo de 7 ou 8 irmãos gaúchos, que em épocas distintas foram alunos do mesmo curso, LiCA, tornou-se famoso. Os irmãos e primos mais novos ingressaram na Universidade quase 20 anos depois dos primeiros, e agora já demonstrando uma mobilidade social ascendente pois os irmãos mais velhos ocupavam postos de trabalho prestigiosos no campo da educação em seu estado de origem. Edilson e Elder, primos, referem-se a vários outros primos que estudaram na Rural.

A efervescência política a que os entrevistados se referem como elemento deflagrador da militância é propiciada por um histórico de lutas e manifestações estudantis, como paralisações e greves estudantis ou o apoio às greves de funcionários e professores, as invasões à reitoria, a ocupação do bandeirão, as assembleias e os ‘bandejaços’, as peças de protesto. Essa série de atividades movimentam o *campus* e atraem ou afastam os estudantes do movimento organizado. Tal efervescência era vista como uma consequência da particularidade da Rural, e não algo produzido pelo DCE ou por lideranças ligadas à correntes políticas. Cabia ao DCE aproveitar o clima institucional e capitalizar para o movimento organizado a efervescência cultural presente em várias grupos e atividades.

É muito difícil falar desse movimento como produto de uma ação organizada da esquerda, pois essa ação apenas canalizava essa energia. Havia vários agentes, necessariamente não vinculados à esquerda, mas que tem senso crítico. Tem anarquistas no meio dessa história, enfim um monte gente que está produzindo aquilo ali, criando e na hora do ‘vamos ver’ o pau cantava mesmo. (Elder)

A agitação política e cultural produzia movimentos diferentes, de acordo com a época. No final dos anos 70 o movimento político era forte e caminhava a par do movimento cultural. Já em meados dos anos 80 há um descenso no movimento político organizado, principalmente no DCE, que perde sua força mobilizadora e a hegemonia entre os estudantes, que reagem negativamente à presença das correntes partidárias na entidade. Essa tendência se mantém durante toda a década de 90, quando as entidades estudantis têm dificuldade de arregimentar quadros, assim como os próprios movimentos culturais. O percentual de estudantes que se engajam em atividades políticas ou culturais diminui significativamente, e vai refletir na diminuição da capacidade de mobilização e no esvaziamento dos DAs e DCE.

4.3.

‘Partidarizados’ e ‘Independentes’: tendências e mudanças no M.E.

As representações dos entrevistados destacam o movimento estudantil como uma instância de socialização importante na produção de saberes, identidades, visões de mundo. Esse caráter educativo do movimento estudantil, evidente nas concepções dos ex-militantes, têm como referência significados que emergem das relações construídas entre os estudantes ao longo de sua trajetória universitária e militante.

O movimento estudantil, junto com outras formas organizativas populares, ressurgiu no ocaso da ditadura militar, principalmente em meio à conjuntura socio-política explosiva dos anos de 78/79. A par da mobilização estudantil em torno da reconstrução da UNE, despontaram uma série de movimentos sociais e sindicais, urbanos e rurais, denotando a ampliação da participação política e social. Nesse momento, as ações coletivas em andamento apontavam para a construção de uma nova identidade dos movimentos sociais – organizados em torno das problemáticas das mulheres, dos estudantes, pela paz, pela qualidade de vida – que se inseriam na esfera dos novos conflitos sociais. Os novos movimentos sociais se vinculavam a um novo paradigma, o da ação social, que se

contrapunha ao movimento social clássico, representado pelo sindicalismo operário (Gohn, 2002, p.284).

Entretanto o movimento estudantil é um movimento social – enquanto ação coletiva de caráter contestador que objetiva a transformação da ordem estabelecida na sociedade – que não possui uma base social definida, o que permite atitudes refratárias de uma parcela do estudantado às bandeiras da ‘grande política’.

O movimento estudantil define suas orientações em função da problemática do desenvolvimento da sociedade e reclama sua parte no controle do desenvolvimento social, mas o faz em nome da classe operária, do campesinato, das populações urbanas em geral, e mesmo em nome da ‘burguesia nacional’. Esse papel de arauto de uma base social de empréstimo provém das origens sociais do meio estudantil. As camadas médias urbanas fornecem o maior contingente de universitários, mas não lhes fornecem o modelo de ator (econômico, social, político) em nome do qual possam estruturar-se em reivindicações em nome próprio (Albuquerque, 1977, p.76)

Logo após o *boom* da reconstrução em 79/80, despontaram os primeiros indícios de uma crise no movimento estudantil, que se estende até hoje. O movimento estudantil organizado entrou em descenso, refletindo a decepção da sociedade civil com a política mediante o desgaste das chamadas práticas participativas, a perda da capacidade de mobilização e do esforço voluntarista dos anos 70, reduzindo a participação dos estudantes em atividades políticas, bem como o seu impacto. Ainda pode-se atribuir esse descenso a vários fatores, como o crescimento do associativismo institucional (como o de docentes e funcionários) e o surgimento e a expansão das ONGs, que fazem com que o movimento estudantil perca a hegemonia da ação social no meio universitário. Há ainda uma pulverização da participação do jovem. Essa crise refletiu ainda a mudança nos valores e orientações que informavam e fundamentavam a ação social, nos mais diversos setores.

A ampliação do conhecimento e debate sobre a realidade nacional, com a liberdade de imprensa, expressão e organização, decorrentes da redemocratização do país, permitiu ainda que segmentos jovens das camadas médias buscassem a construção de sua identidade coletiva, sob uma abordagem culturalista. Nesse momento têm-se o surgimento de vários movimentos culturais juvenis, do movimento negro, de mulheres, de homossexuais, dos movimentos ecológicos e ambientais. Esses movimentos configuraram novos espaços e formatos de

participação e relações sociais, enfatizando as mudanças sócio-culturais. A hipótese desta pesquisa, é que trata-se de uma nova sociabilidade militante entre os estudantes, com conteúdos e formas organizativas diversas. Pode-se afirmar que estão ocorrendo mudanças significativas na representação social do movimento estudantil, a par das mudanças de valores e identidades juvenis, mais especificamente, nas relações entre os diversos grupos organizados. Cabe ressaltar a importância dos grupos juvenis que empreendem uma nova forma de ação política no interior do movimento estudantil, como vem ocorrendo dentro do GAE, do Erva-Doce.

A pluralidade de expressões estudantis aponta para a existência de múltiplos movimentos estudantis e não um movimento estudantil unitário, como no passado. Pode-se perceber no processo de construção de estratégias mais plurais na sua forma de encarar a política e a sociedade. A atuação da Segunda Geração de militantes, já foi influenciada por essa nova subjetividade militante que rejeita a excessiva partidarização do movimento estudantil. Predispostos à participar do movimento estudantil, os entrevistados ao ingressarem na Universidade se deparam com a disputa ideológica entre as várias tendências, que mais do que opor ‘esquerdistas’ e ‘reformistas’, apontava para diferentes visões acerca da condução do movimento. Como já constatava Hennessy (s/d, p.142), em ensaio datado de 1965, “os estudantes são por definição, um grupo de transição”, que se renova a cada quatro ou cinco anos, espaço de tempo entre cada geração estudantil, e por isso “as organizações estudantis enfrentam um agudo problema de descontinuidade”. Como alternativa a essa descontinuidade surgiram, já na década de 50, grupos estudantis vinculados a partidos nacionais .

Vimos no primeiro capítulo que, ao longo da história do movimento estudantil no Brasil, os partidos políticos sempre estiveram presentes na figura das principais lideranças filiadas ou simpatizantes de correntes e partidos. Na segunda metade da década de 50, o PSB possuía a hegemonia na UNE, sendo substituído na primeira metade da década de 60 pela AP. Durante os primeiros anos do regime militar eram várias as organizações que atuavam no movimento estudantil.

O conjunto dos estudantes envolvidos no Movimento Estudantil estava dividido entre os partidos e as organizações que apresentavam, de maneira adequada ou não, respostas mais gerais para as exigências daqueles jovens da sociedade brasileira. Com isso tornou-se impossível que a UNE não fosse instrumentalizada por aqueles partidos ou organizações. Pode-se pensar que a UNE efetivamente

liderou e conseguiu mobilizar o Movimento Estudantil, quando captou e expressou o comum entre as várias tendências progressistas. (Sanfelice, 1986, p.142)

Após a reconstrução da UNE, em 1979, vimos a ascensão e predomínio dos estudantes filiados ao PCdoB na direção da entidade, que após um intervalo de 3 anos – no período 1987-1991, a UNE foi dirigida majoritariamente²¹ por estudantes vinculados ao PT – voltaram a ser maioria no movimento nacional. Nesse período a entidade se distanciou das bases estudantis, e nas universidades começou a fermentar um movimento de repúdio à vinculação orgânica das entidades estudantis com os partidos políticos. Nos últimos anos, a luta pela ‘hegemonia’ da entidade nacional ganhou as páginas dos jornais com denúncias de malversação de recursos²². Atualmente, os estudantes não parecem ser contrários à filiação das lideranças a partidos, mas sim ao aparelhamento das entidades, colocadas a serviço de interesses partidários, externos à Universidade, ao invés de priorizar os assuntos acadêmicos e as demandas estudantis.

Um fator de desgaste do movimento estudantil, local e nacional, sempre apontado por vários entrevistados refere-se à divisão interna causada pelos embates entre as várias correntes estudantis. Se a vinculação das entidades estudantis às correntes e tendências políticas, trouxe conseqüências negativas para o movimento, – aumentando a rejeição do estudante à partidarização das entidades e à hipócrita ‘neutralidade’ de algumas chapas, que negam um vínculo real – ela também possui aspectos positivos – continuidade de plataformas, formação de quadros, manutenção de um nível elevado de politização do estudantado. Entretanto, esse é um aspecto difícil de ser abordado tendo em vista a paixão que desperta entre os militantes das várias correntes e mesmo entre os independentes.

No entanto, a desmobilização atual do movimento estudantil não pode ser somente atribuída ao desgaste ou a diversificação das redes sociais juvenis, mas à uma confluência de fatores em que pesa também a desmobilização que atinge a sociedade como um todo, a par emergência de novas configurações sociais que perpassam a sociedade contemporânea. Essa relação com a sociedade maior, foi

²¹ A diretoria da UNE é composta pela proporcionalidade dos votos obtidos pelas diversas chapas que representam as várias correntes do movimento estudantil nacional. A direção da entidade cabe ao grupo mais forte politicamente, que exerce a presidência, e que nos últimos anos é o PCdoB.

²² Que provocaram a perda da exclusividade da emissão da ‘carteira de estudante’ pela UNE.

destacada por Foracchi (1977) em sua análise do significado da participação estudantil no processo de transformação social, em curso nos anos 60, quando constatava que a atuação estudantil

só adquire expressão renovadora quando associada com outras forças de renovação, sua força só ganha vitalidade quando integrada a um processo já desencadeado. (Ibidem, p.3).

Para a autora (Ibid., p.302) “cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem”, pode-se perceber que se o capitalismo impõe como valores hegemônicos o consumismo e o individualismo, estes podem interferir na concepção de mundo e na forma de estar no mundo dos jovens. Logo, as representações dominantes na sociedade tendem, no geral, a fazer o jovem *agir dentro de limites* que essa mesma sociedade estabelece para sua preservação, daí a conseqüente desmobilização e apatia social imputada à juventude.

A cultura contemporânea disseminou à exaustão os valores do capitalismo, como ícones da modernidade e do avanço, através de uma grande rede de informações fundada na *mídia* e nas redes televisivas, impondo como inevitável a absorção automática e acelerada das crescentes inovações tecnológicas no cotidiano da população vendendo a imagem de que consumo é garantia de qualidade de vida. O consumismo tornou-se um vício de que nos tornamos mais e mais dependentes, e aliado a ele vem o desperdício, a ganância, a tirania do supérfluo. Valorizar a aparência em sobreposição à essência transformou-se em lugar comum em nossa sociedade que canoniza o culto da beleza corporal, assim como da eterna juventude.

Esse panorama, acentuado nos anos 90, parecia indicar que o individualismo, que marca as estruturas capitalistas, finalmente contaminara os movimentos sociais desmobilizando-os e reduzindo suas lutas à mera defesa dos direitos específicos de cada categoria, numa lógica corporativa, sem muito sucesso porém, visto a implantação das políticas neoliberais que minimizaram a questão social. No entanto, uma vasta rede heterogênea e difusa de grupos e associações movimentam, quase que subterraneamente, em prol de ações coletivas dirigidas a causas sociais. O mundo se surpreendeu com as manifestações contra a globalização na Europa e América do Norte, iniciadas em Seattle, que parece apontar para o renascimento de movimentos sociais de caráter contra-hegemônico.

Aparentemente, portanto, é cedo para apregoar a vitória do individualismo e o fim das utopias.

No Brasil, vemos o crescimento de movimentos como o dos Sem-Terra, no campo, e o dos Sem-teto, nos grandes centros. O MST²³ completa 20 anos com elevado índice de crescimento, mobilizações em massa e ações ofensivas impactantes, a par da propaganda contrária divulgada na imprensa e da perda de quadros devido à violência no campo. O movimento estudantil, que tradicionalmente apoiava a luta dos demais movimentos sociais, tem penhorado seu apoio à luta do MST pela Reforma Agrária no país. Muitos estudantes se identificam com o MST a ponto de integrarem o movimento²⁴, sendo que na UFRRJ²⁵, esta afinidade é visível.

Partidarizadas ou não, o DCE e as demais entidades estudantis da Rural, como já assinalado, estiveram presentes nos movimentos ocorridos nas últimas décadas mobilizando os estudantes, encaminhando as bandeiras de luta, propondo uma resistência contra o autoritarismo e o desmonte da Universidade. Em todos os momentos da história recente da Universidade Rural seus estudantes participaram ativamente, quase sempre através de ampla mobilização, embora em alguns momentos apenas como representação estudantil. O movimento docente muito deve ao movimento estudantil, e a partir de 80 sempre estiveram lado a lado nas greves e passeatas, nas caravanas à Brasília e nas campanhas eleitorais para a Administração Superior.

É interessante destacar que mesmo com o repúdio à partidarização das entidades, algumas vezes, o que atraiu os eleitores foi a vinculação a um partido de qual a maioria é simpatizante, e não devido às qualidades da chapa candidata.

Veio um refluxo com a perda da eleição da Alternativa, com o fim do movimento do MEC, e deu um baixo astral 'do caramba' entre os estudantes que estavam participando. E aliado a perda da eleição presidencial no ano seguinte, foi um momento de muita desesperança, muita tristeza. Nesse momento se montam as chapas do PCdoB e da CS, e todo mundo *bixo*, calouros, uma galera que já vinham das tendências 'pré- universidade', e montaram uma chapa. Entre votar

²³ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, organizado em torno da luta pela Reforma Agrária no Brasil, defende um projeto de sociedade de acordo com os princípios do Socialismo. Muitos militantes estudantis, principalmente na UFRRJ, inserem-se em suas fileiras.

²⁴ O movimento estudantil promove 'estágios de vivência' com estudantes em assentamentos do MST.

²⁵ A própria administração da Rural, através do Decanato de Extensão e hoje com a Assessoria de Projetos Especiais, tem uma relação próxima com o MST, devido a vários projetos de extensão rural.

numa chapa do PCdoB e votar no PT, votamos na CS, porque odiávamos o PCdoB, éramos simpatizantes do PT, mas tanto fazia, por que era o mesmo sectarismo. Nem conhecíamos aqueles caras, muito chatos, não tinham carisma algum, mas o pessoal votou na CS por que era uma chapa do PT, e como o Lula tinha perdido a eleição, votamos na chapa do PT. Achávamos eles uns malas, mas votamos assim mesmo. A maioria votou meio assim, sem conhecer direito. Na época estávamos muito arrasados p'ra tentar articular uma chapa e assumir o DCE. Isso só começa a voltar a partir da péssima gestão do DCE, e na verdade o que nos fez reagir e montar chapa foi que eles eram muito ruins. (Beth).

É interessante perceber as diferentes, e muita vezes antagônicas, representações sobre as várias tendências políticas que informam e influenciam o movimento estudantil. Tais representações se vinculam ao sentido que os entrevistados atribuem à relação entidade estudantil/partido político forjada principalmente durante sua militância e relacionada à sua opção político-ideológica. O sentido que estes atribuem às correntes políticas opostas ou aliadas à sua tendência parecem ter alguma relação com a herança cultural, à sua formação política mais teórica ou mais pragmática, e suas atitudes enquanto lideranças.

Na representação que os militantes hoje fazem do seu passado como líderes estudantis a questão das tendências ganha destaque opondo os simpatizantes de correntes 'reformistas' e 'trotkistas', na realidade rótulos imputados pelo 'outro' e que abarcavam um sem número de tendências, correntes, partidos e estudantes isolados. Sob a categoria dos 'reformistas' eram rotulados os estudantes simpatizantes do PCB, PCdoB, MR-8, que propunham frentes e alianças com as camadas médias da sociedade. As tendências de coloração 'trotkistas', consideradas mais radicais, se colocavam à esquerda do movimento estudantil, afirmando que a única aliança possível seria a camponesa-operária-estudantil, e agrupavam os simpatizantes do MEP, da Convergência Socialista (futuro PSTU), Alicerce, Libelu, entre outras.

Tinham várias correntes fortes na Rural naquela época, com um pessoal bastante organizado, que fazia um embate político bem estruturado. E tinha essas discussões nos grupos, se discutia muito, tinha cursos de marxismo, com formação política, era muito legal. Botávamos 'banquinha' no bandeirão, vendendo revistas, discutindo com o pessoal, recrutando, oferecíamos cursos. Movimentávamos mesmo a Universidade. (Mailta)

Segundo as representações de vários depoentes, algumas tendências, ou todas, são representadas como impeditivas de um livre pensar, de uma postura, mais crítica. E são associadas a uma formação política ora positiva, ora negativa.

Meu coração sempre foi do PT, e entrei no PCdoB, naquela coisa stalinista mesmo, não podia fazer nada. Era muita disciplina, militar mesmo, uma organização militar. E o DCE completamente aparelhado, não dava prioridade para as causas internas, era o centralismo democrático do PCdoB que comandava as linhas do movimento, não era outra coisa. Não era como o PT. E quando entrei no PT percebi uma outra coisa. (Mailta).

Uma das minhas filhas foi do movimento secundarista, e é aquela mesma lavagem cerebral. É triste ver hoje as mesmas práticas na formação de militantes que tinha na década de 70, faço essa crítica ao pessoal marxista-leninista, da reforma, 'trotskista'. A esquerda tem muitas coisas a resolver e, especificamente, em relação a como trazer os jovens que tem interesse político pro mundo da política, da discussão, da ideologia. Não pode começar a militância dizendo que 'a linha é essa e o resto não presta'. É absurdo, fazem lavagem cerebral na garotada. São todos muito ruins em relação à formação de militantes, e reproduzem papagaios. Minha crítica não é de descartar tudo, adoro vários autores marxistas, gosto dos militantes. (Luís Mauro)

Os ex-militantes das várias tendências trocam farpas e acusações mútuas, cada um atribui ao grupo rival na época da militância o descenso do movimento estudantil, sua crise e desvalorização. Para alguns o movimento anti-partido e anti-tendência que caracteriza os grupos independentes, que marcaram a Rural nos anos 90, é um dos fatores da despolarização do estudante, vítima do anarquismo desmobilizante de algumas lideranças. Concretamente vê-se que as intermináveis disputas, ou os acordos oportunistas entre as tendências irritam o estudante comum, o afastam da entidade e esvaziam e desmobilizam o movimento estudantil local e nacional.

Logo não parece ser possível, ou mesmo válido, considerar a existência de um tipo ideal de 'militante estudantil', dada a variedade de características entre o conjunto analisado, mesmo quando se trata de uma mesma geração. Entretanto, pode-se afirmar que os militantes estudantis apresentam certas características comuns que distinguem dos demais estudantes, ainda que constituam grupos que se oponham no campo político. O próprio 'estudante comum', isto é o não-militante, apresenta uma larga heterogeneidade não só quanto à origem social ou geográfica, à religião e aos cursos, mas também quanto ao comportamento no *campus*, manifesto no modo de vestir, nas opções de lazer, nas atitudes frente ao estudo, às drogas, ao sexo.

Os militantes estudantis não estão imunes a essas características comportamentais diferenciais, da mesma forma que outras especificidades relativas à herança social e a trajetória escolar também podem influenciar

distintamente a atuação política. A análise tipológica, um instrumento privilegiado da pesquisa sociológica, pode esclarecer algumas dessas questões. O objetivo do estabelecimento de uma tipologia consiste em, através da ordenação e classificação dos materiais recolhidos, encontrar as variáveis que explicam as variações das diferentes dimensões observadas (Schnapper, 2000, p.12-13). Dessa forma, pode-se construir um tipo ideal, uma inteligibilidade que supera a incoerência e diversidade do real, ou seja, uma operação de estilização compreensiva da realidade social, visando tornar inteligíveis as relações entre os homens em determinadas sociedades históricas. A análise tipológica é um instrumento que, portanto, pelos resultados que permite obter, favorece, no processo de elaboração, uma reflexão mais densa sobre o material empírico da pesquisa.

Analisando esse material podemos construir uma tipologia referente à relação dos estudantes com o movimento estudantil, no que tange à sua vinculação com as tendências políticas. Nesse aspecto podemos apresentar dois tipos ideais de militantes estudantis: os ‘partidarizados’ e os ‘independentes’.

A década de 80, foi marcada pelo confronto acirrado entre as tendências vinculadas a partidos políticos, como o PCdoB, o PCB, o PMDB e às várias tendências internas do PT, fenômeno que se acirra na década seguinte, polarizando principalmente o PCdoB e o PT. Nesse período, pode-se dizer que a maioria dos militantes eram do tipo ‘partidarizado’, pois vinculados a tendências e partidos políticos, seja como quadros partidários ou base de apoio, os simpatizantes.

Na década de 90 aumentou a tendência a um movimento anti-partido dentro do movimento estudantil, que faz com que a maioria dos militantes entrevistados se posicionem como ‘independentes’, ainda que, fora da Universidade, pudessem ser militantes ou simpatizantes do PT. Na Rural, esse tipo se constitui como força, pela primeira vez em 1979, quando a chapa ‘independente’ derrotou três chapas vinculadas a tendências políticas. Em 1988, o movimento auto-gestionário de ocupação do MEC, evidenciou a repulsa que determinadas lideranças ‘partidarizadas’ despertavam.

A partir de 1992 várias gestões ‘independentes’, ainda que simpáticas ao PT, dirigiram o DCE da Rural. Esse novo momento foi inaugurado pela gestão

dos ‘camarões’, que sucede uma gestão do DCE dirigida por estudantes ligados à Convergência Socialista (CS), e portanto na época ainda no PT, mas com a qual não se identificavam, pois já apresentam uma repulsa à partidarização das entidades estudantis, apesar da simpatia manifesta pelo PT.

Era uma proposta muito mais de ação do que ligada a partidos e isso foi um diferencial, naquele momento. Criamos uma oposição ao que era o DCE na época, da CS, com uma proposta de ação muito ligada aos Centros Acadêmicos. A grande maioria do grupo era ‘petista’, mas não militava no PT, alguns participavam do núcleo do PT na Rural, eram filiados mas não eram ligados à tendência, acho que só o Eduardo era ligado à Articulação. As pessoas tinham suas bandeiras partidárias, mas não se colocava essa discussão (Beth)

Esse grupo foi formado no CEA e foi se identificando também com a galera do CAEF, o BETO, em torno dessa situação de conflito com a UDR, com a Reitoria. E já tinham tido outros movimentos que fez com ao invés da gente se ligar ao partido ou à tendência, nos identificássemos com os problemas que estávamos vivenciando naquela época na Universidade. (Henrique)

Há uma vinculação desse grupo, uma identidade com o PT, que era um partido que vinha muito mais inspirado nos processos sociais do que trazendo dogmas de fora, e construindo uma perspectiva a partir das dinâmicas concretas que estavam ali ocorrendo, numa outra forma de conceber a ação política do movimento. E o que tem de diferente que foi capaz de dar essa dinâmica que teve uma duração maior, e diferente do passado do DCE, quando as bandeiras eram talvez mais dogmáticas, talvez muito marcadas pelas histórias desses outros partidos (Luciano)

O debate entre os ‘partidarizados’ e os ‘independentes’ a partir de então torna-se permanente, com críticas mútuas sobre a condução do movimento estudantil.

Graças a Deus o movimento estudantil tem os partidos por que senão ele estaria pior do que está hoje. As entidades estudantis devem sua continuidade, justamente, aos militantes partidários, que têm um nível de compromisso, compreensão e debate político que resgata a importância da entidade de forma organizada. Quem sustenta o M.E. são os quadros partidários, que politizam e qualificam as intervenções, já que esse discurso espontaneista, voluntarista dos setores independentes é deseducador, despolitizador, anarcóide, beirando o anti-partido. Também sou contra aparelhar a entidade, mas há diferenças. (Olavo)

Confirmando essa avaliação, Felipe Maia²⁶ afirma, na imprensa²⁷, ser “francamente minoritária entre o movimento estudantil brasileiro”, a opinião “de que a democracia depende do autonomismo dos indivíduos em relação às organizações coletivas”, condenando a “supressão do papel das lideranças e a rejeição a formas de organização mais politizadas, como partidos políticos”. Ele

²⁶ Presidente da UNE, do PCdoB, na mesma gestão (2001-2003) que Olavo, do PT.

²⁷ Caros Amigos. Ano V, nº 53, agosto 2001. Caros leitores, p. 6.

rotula tal atitude como uma “falsa democracia”, que “desorganiza, enfraquece o papel político do movimento”, além de não permitir “o acúmulo” e nem integrar “as mais diferentes formas de participação da juventude”. Ele reafirma que

mesmo com visões muito distintas, com disputas e tensões internas, as várias teses que integram a diretoria da UNE têm algum nível de compromisso com a representação estudantil e com um idéia central de mudança na educação do país. O fortalecimento do movimento passa pela unidade de representação, pela pluralidade de opiniões e ideologias, pela diversificação de suas áreas de atuação, por sua relação com a sociedade organizada e por sua ação politizada em relação aos grandes temas nacionais. (Caros Amigos, 2001, p. 6)

Entretanto, a relação entre os militantes e os partidos políticos é rechaçada por uma parcela dos estudantes, como comprovou uma passeata no Rio de Janeiro, marcada por gritos de “Partido, não!”, pedindo que os manifestantes abaixassem suas bandeiras. Essa atitude, entretanto, segundo Wadson de Oliveira²⁸, “significa uma visão despolarizada de crítica à existência dos partidos”. O ‘apartidarismo’, parece despontar como “novo modelo de movimento estudantil”²⁹

Na Rural, a tendência ao apartidarismo conquistou muitos militantes na década de 90, principalmente após a gestão dos ‘camarões’. Uma ex-militante, liderança da gestão “Desiderata”, relata a forte impressão que a partidarização do movimento estudantil deixou, inspirando certa afinidade e empatia com o movimento anarquista:

Em 92, era bicho’ e fui delegada no 42º Congresso da UNE. Vi a loucura que era aquilo, separado por tendências, PT ali, PCdoB lá, o JR aqui, um monte de gente. E nós éramos os independentes. E os anarquistas eram um grupo à parte, mas com quem a gente conseguia articular mais, ficar mais próximo, por que eles não carregavam esses ranços de partidos políticos (Vera)

A vinculação às tendências políticas continuou sendo a tônica, até hoje. No 47º Congresso da UNE, que elegeu a diretoria para o biênio 2001-2003, era “raro encontrar universitários sem ligação a alguma corrente partidária”, e “quem não é ligado a nenhuma corrente organizada” sente-se “perdido”³⁰. A reportagem destacava que, em meio à variedade de “camisetas, adesivos e bandeiras” que “identificam a preferência” partidária, haviam “apenas duas unanimidades: Che

²⁸ Presidente da UNE, gestão 1999-2001, do PCdoB.

²⁹ Caros Amigos n° 51, junho de 2001. Ser ou não partido? Notas, Sessão ‘República’, p. 21.

³⁰ Caros Amigos n° 52, julho de 2001. Coisas que não se discutem. p. 45.

Guevara”, ainda um símbolo da juventude inconformada e a idéia de que “a UNE tem que ir para a rua”. Quanto à partidarização,

a análise do que há de positivo ou negativo no papel dos partidos políticos no movimento estudantil varia muito entre os estudantes. Todos reconhecem que eles têm a função de manter viva a história e não deixar que o movimento estudantil comece sempre do zero. Apesar disso, sua relação com os estudantes sofre críticas pesadas de muitos dos presentes. O problema parece não ser a filiação dos alunos a partidos, mas a inversão de prioridades que se dá. (Caros Amigos, 2001, p.45)

A matéria prosseguia afirmando que muitos militantes acham que o “movimento estudantil não tem que beber na fonte dos partidos”, mas sim o inverso, com os partidos bebendo nas idéias dos jovens. O preconceito “em relação à presença de partidos no movimento estudantil” às vezes parece simplista, apesar de parecer evidente que muitas tendências buscam esses “espaço muito mais para o crescimento próprio do que para representar o estudante”³¹. O depoimento a seguir confirma essa opinião:

A intenção das correntes de esquerda que atuavam na Rural era formar o máximo possível de quadros, que saíssem da universidade e fossem atuar na luta política fora dela. O movimento estudantil era um laboratório. (Elder)

Para Felipe Maia³² o Congresso da UNE, apesar das “suas tensões, seus defeitos, suas qualidades, suas paixões e suas polêmicas”, ainda é “o principal evento político dos estudantes do país”. Ele continua

um espaço de aprendizado e conhecimento das mais variadas realidades e opiniões que formam o Brasil. Mas é, sobretudo, um momento de afirmação das diretrizes programáticas do movimento estudantil, por seu forte conteúdo mudancista. (Caros Amigos, 2001, p.6)

O modo como o estudante comum percebe a representação estudantil também requer uma análise dos militantes. Esse estudante vota para as direções das entidades, participa de algumas passeatas e manifestações, e quando se trata de um assunto que o afeta de forma direta e imediata luta as assembléias. De outra forma, prefere depositar essa responsabilidade para as lideranças e para os integrantes das diretorias do DCE.

Quanto à organização estudantil, as pessoas são desinformadas por que querem. Se tinha assembléia p’ra discutir algum Projeto de lei ou emenda, que nos atingisse ou à educação, ninguém aparecia, não queriam discutir o que tramitava no Congresso. Mas se a discussão fosse sobre o frango estragado no bandeirão, ou

³¹ Caros Amigos, Idem, ibidem.

³² Caros Amigos. Ano V, nº 53, agosto 2001. Caros leitores, p. 6

se entrava ou não em greve, a assembléia superlotava. Tinha pontos que eram interessantes e outros não. Achavam que se tem o pessoal do DCE, ninguém precisa fazer mais nada. E por mais que fizéssemos ‘jornalzinho’, ‘panfletinho’, explicando que o DCE: é representativo do grupo, representa a vontade da categoria, precisamos saber a opinião dos estudantes para representar o que e a quem, não conseguíamos encher as assembléias, a não ser nesses assuntos que tocavam diretamente cada um. (Vera)

As questões internas e específicas, nas representações das lideranças, tendem a mobilizar mais estudantes do que a ‘grande política’, que no entanto esteve sempre presente no movimento estudantil. Esse já era um fenômeno detectado na década de 60, quando Hennessy (Op. cit., p.146) afirmava que, quanto à organização e mobilização, “os estudantes tem demonstrado” uma força maior “quando atuam como estudantes”, isto é sobre assuntos universitários com finalidade acadêmica, “do que como defensores de qualquer corrente de opinião pública”. Isso aconteceu quando da greve de 108 dias em 1980 e no episódio da ocupação do MEC, em 1988, ou nas inúmeras manifestações em defesa do bandeirão.

O erro de abandonar as questões específicas em prol de uma ‘grande política’ é constante nas gestões partidarizadas seja qual for a coloração política, não só no DCE, mas até mesmo nos CAs, mais voltados para as questões acadêmicas.

Tínhamos a maior atividade na escola, na universidade, mas não conseguimos eleger nossa sucessão no CEA. Perdemos a eleição, e avaliamos que de certa forma deixamos a Agronomia de lado, e nos dedicamos as coisas da Universidade, à política mais geral ao invés do específico. Veio um pessoal, que propôs coisas mais pontuais, e ganhou a eleição, com a proposta de não politizar o Centro Acadêmico, de transformá-lo em um espaço puramente acadêmico. Mas não avançou, não cumpriu nem isso e acabamos reocupando o espaço. E depois nunca mais perdemos eleição, porque o estudante achava que representávamos bem no CEA, ainda que naquele momento, tenha perdido essa visão... (Leonardo)

As derrotas políticas produzem um desânimo entre os ‘partidarizados’ e foram a justificativa apontada para a desmobilização do movimento estudantil entre 1989 e 1992 na Rural:

E em 89 ficou naquele vácuo, deu um desanimo geral, o Lula perdeu a eleição para presidente. Cheguei a pensar em sair do movimento, já que o que fazemos não está dando resultado também. O movimento também levou uma baqueada: perdeu a eleição p’ra reitoria, perdeu a eleição do PT, perdeu a eleição do CEA, perdeu tudo, ficou sem chão! (Leonardo)

Entretanto, a falta de entidades centrais não é apontada por algumas lideranças como ausência de mobilização, representando a posição de alguns ‘independentes’ de que a luta estudantil pode não considerar imprescindível a existência de entidades centrais:

E no período em que o DCE ficou sem gestão, acho que por um ou dois anos, os Centros Acadêmicos assumiram o papel do Diretório Central. Não tinha DCE, mas o movimento estudantil nunca parou, pois um ou outro C.A. mais combativo assumia o papel de chamar os estudantes para a luta, convocavam os Conselhos de CAs, e ocupava esse espaço. O C.A. da Agronomia sempre teve essa visão. O D.A, da Física também, e em alguns momentos fez o papel do DCE, em iniciativas em defesa do bandeirão, como a do ‘apagão’, quando a reitoria quis cortar a janta de Sexta-feira para economizar energia elétrica. (Luiz Claudio)

O material empírico trabalhado me leva a formular a hipótese que a experiência estudantil na Universidade Rural, entre aqueles jovens que inseriram-se no movimento estudantil, constituiu uma identidade comum aos integrantes de cada geração, sejam ‘partidarizados’ ou ‘independentes’.

Pode-se perceber uma distinção significativa entre os que assumem uma postura militante e desenvolvem uma atuação política mais contundente, e que por isso, tornam-se lideranças reconhecidas e admiradas por seus pares. Essas lideranças inspiram participações mais ativas no movimento estudantil, e assim impulsionam o surgimento de outras lideranças:

Ele tinha essas condições de um líder nato, tinha carisma, tinha organização, tinha idéias. Era um líder nato, mais ou menos como Lula foi. Um cara que pegava uma coisa e sabia o que fazer. Diferente de mim que fui aprendendo isso no processo, mas que não tinha isso, e também não via isso nos meus outros colegas de liderança. No Cássio eu via, realmente, uma liderança congênita. (Edilson)

Edilson era uma liderança fantástica, um cara de uma capacidade, com uma oratória espetacular, era um craque da fala. E era muito bom, tinha uma voz forte, imponente e tinha uma autoridade maior como líder no movimento estudantil. De todos ali, eu atribuo, qualifico o Edilson, como um dos melhores estudantes daquela época, ele era bom. (Eloy)

Era um período mais rico, produziu muitas lideranças. Era um pessoal que não perdia tempo com coisas pequenas. Olhando pra eles a gente se sentia estimulado, se sentia bem. E apesar de cada um ser de um curso diferente, estavam sempre juntos, por que tinham participado de experiências anteriores: eleições de reitoria, greves, e aquilo fez com que se criasse um vínculo muito forte entre eles, que não era só acadêmico, mas de amizade, um vínculo social, cultural, político. A gente não os via com a estrelinha do PT, ou falando de partido toda a hora, mas sempre estavam juntos p’ra defender o interesse comum, quando o interesse do estudante era colocado em risco. Na verdade, era o grupo que impulsionava, pois a maioria dos estudantes é aquela geléia geral. Mas quando tem um grupo que dá um passo à frente, os estudantes se juntam e dão um passo à frente também. (Luiz Cláudio)

O líder de fato é conhecido de todos, da Administração Superior, dos professores e até dos alunos que não exercem uma militância política ou que sequer vão às assembleias. Na Rural, o estilo de vida comunitário fez com que as lideranças se tornassem populares e reconhecidas por todos, o que não acontecia com a mesma facilidade nas demais universidades:

O presidente da UNE e da UEE chegavam na Rural e ficavam impressionados com o poder de mobilização e com a representatividade do DCE. Em qualquer lugar da Universidade todo mundo sabia quem era o presidente, quem era a direção do DCE. (Elder)

A primeira geração demonstrava uma preocupação maior com a postura do líder, com a influência positiva ou negativa que suas atitudes pudessem ter para o movimento, inclusive no plano pessoal. Essa atitude fazia parte de certa disciplina revolucionária, em voga entre os militantes de então:

A participação individual é importante, a atuação de quem está liderando, organizando, e tem que ter uma visão clara para não colocar o movimento a perder por uma questão pessoal. A gente cedia toda hora, era muito ceder, mas também não era fugir... (J. Elói)

O pessoal tinha uma ortodoxia maior quanto à disciplina. O negócio de ser público traz certas limitações, suas atitudes tem que estar absolutamente ligadas àquilo que você acredita. A cobrança era permanente, em tudo. O líder ficava o tempo todo, muito exposto, sempre falando muito, nas mobilizações, no bandejão, e o confronto entre o que você fala e o que faz é permanente. Até que ponto as suas ações podem interferir. Existia uma tensão entre o militante austero e o *porra-louca*, algumas figuras andavam com aquele cabelão, um estilo meio *riponga*. Teve até uma reunião p'ra discutir a imagem do DCE, “vamos manear, a rapaziada ficar desse jeito queima o DCE”. A Rural tinha muita gente do interior, desconfiados com isso: ‘além de comunistas são *porra-louca* também’. Essas coisas, que não apareciam muito, mas faziam parte da política subterrânea da Rural. (Elder)

Os integrantes da segunda geração já não apresentam mais essa representação ‘disciplinada’ da liderança estudantil. As tensões são outras, mesmo por que o estudante da década de 90 também mudou em relação ao da década de 70. Assim, ao se comparar as duas gerações de estudantes entrevistados que representam o movimento estudantil da Universidade Rural do último quarto de século, pode-se detectar diferenças significativas entre ambas. Uma primeira distinção refere-se à própria conjuntura política do país, à mudança do regime. A Universidade Rural também refletiu essa mudança de conjuntura: eleições diretas para a reitoria e as direções dos institutos e a representação estudantil nos

Conselhos Superiores. No entanto, as conquistas da primeira geração aparentemente produziram um certo esvaziamento das bandeiras políticas, entretanto, prosseguiram os confrontos com a reitoria, principalmente no que se refere ao bandeirão e à biblioteca.

A promessa de democratização do país, produziu certa euforia e esperança de renovação e mudança, que se refletiu no movimento estudantil: os jovens experimentavam os limites, enfrentavam as autoridades, já não tão duras, ensaiavam irreverências. Mas a memória das manifestações e lutas estava presente no momento de transição entre a primeira e a segunda geração:

Particpei daquelas paralizações todas, da primeira tomada da reitoria, em 85, da segunda, terceira. Parávamos a Rio-São Paulo. Quando houve a ocupação dos ‘sem-terra’ participamos do lado deles, bancando ... Já era o tempo da Lua Nova, quando a começamos a reestruturar o DCE e chamar o pessoal do mestrado por que a gente queria se abrir para a Universidade toda. Teve a tomada do MEC...(Mailta)

As lideranças da Segunda Geração constataram que a grande política não entusiasmava mais os estudantes, e esvaziamento das bandeiras de luta se acentuou. Hoje as ONGs também arregimentam os estudantes predispostos a uma atuação social e política, a par da diminuição da capacidade de atração do movimento estudantil. Os CAs e DCE deixaram de ser um polo aglutinador importante, e nesse contexto, parece que a antiga efervescência cultural na Universidade sofre um esmorecimento. No entanto, o surgimento de outros espaços de sociabilidade, indicam que as mudanças do movimento estudantil representam uma ampliação das possibilidades de expressão do estudante. Dessa forma pode-se concordar com Hennessy (Op.cit., p.132) ao afirmar que a importância dos movimentos estudantis reside mais em “preparar seus membros para o papel de adultos em sociedades altamente politizadas” do que em seu “potencial revolucionário”, o que nos remete ao papel do movimento estudantil como instância de formação e socialização política.

A Rural, nos anos 90, tornou-se o palco de uma nova encenação teatral, não mais um épico, mas uma montagem alternativa, promotora de uma nova interpretação do movimento estudantil, que procurou conjugar também diversão e arte. Entre os protagonistas temos os integrantes dos ‘camarões’ e uma proposta mais irreverente de movimento estudantil.

Visando ampliar a compreensão acerca das trajetórias dos sujeitos da pesquisa, e organizar os dados referentes à sua origem e trajetória social, apresento a seguir alguns quadros que sintetizam essas informações. Neles se evidencia uma mobilidade social ascendente, principalmente entre os entrevistados oriundos de famílias das camadas populares, com origem rural e baixo nível de escolaridade dos pais.

Início com os quadros que contêm dados referentes aos entrevistados, acerca de sua origem social – como o local de residência dos pais na época da graduação, sua ocupação e grau de escolaridade (Quadro 6) – e *status* ocupacional atual – profissão, local de trabalho, última titulação (Quadro 7).

Quadro 6: Origem social dos entrevistados:

Informante	Procedência	Origem	Profissão dos pais Pai/Mãe	Grau de Instrução Pai/Mãe
1. Edilson	São Gonçalo	Rural/Urb.	Comerciantes	1 ° Grau / 1° seg. EF
2. L. Mauro	Zona Sul -RJ	Urbana	Bancário / Do lar	2° grau /2° grau
3. J. Elói	ES	Rural	Protético / Do lar	3ª série EF /2ª série EF
4. Elder	MG	Rural	Produtor Rural / Do lar	1 ° Grau / 1° grau
5. Ricardo	Zona Sul -RJ	Estrangeira	Empresário /Bailarina	Superior / Superior
6. Eloy	Petrópolis	Rural/Urb.	Pedreiro / Do lar	2ª série EF /2ª série EF
7. João	Zona Sul -RJ	Urbana	Arquitetos	Superior / Superior
8. Mailta	Zona Norte -	Urbana	Militar (PM) / Do lar	3ª série EF /Analf.
9. Marco	UFRRJ -RJ	Rural/Urb.	Func. Públ. (Serv. Ger)	1 ° Grau / 3° ser. EF
10. Leonardo	Baixada - RJ	Urbana	Pedreiro / Merendeira	2ª sér. E. F./ 3º sér. E. F.
11. Beto	Z. Oeste -RJ	Urbana	Func. Publ./ Do lar	1° grau /2° grau
12. Tarci	Z. Oeste - RJ	Rural/Urb.	Industriário / Do lar	2ª série EF /1ª série EF
13. Denise	Zona Sul - RJ	Urbana	Prof. UFRJ/ Prof. Munic.	Superior / Superior
14. Vera	F.Santana - BA	Rural/Urb.	Lavrador aposentado	1 ° Grau / Analf.
16. L.Cláudio	Z. Oeste – RJ	Urbana	Bancário (privado)/Do lar	2° grau /2° grau
17. Olavo	Zona Sul –RJ	Urbana	Com. de Bordo/ Bancária	Superior / Sup. Inc.

Quadro 7: Situação atual dos entrevistados.

Informante	Setor	Empresa	Ocupação Atual	Titulação
1. Edilson	Público	DAE-SP	Geólogo	Especialização
2. L. Mauro	Público	UFRRJ	Professor 3º grau	Doutorado
3. Ricardo	Público	UFRRJ	Professor 3º grau	Doutorado
4. J.Elói	Público	SEE-RJ	Professor 2º grau	Graduação
5. Elder	Público	UFAC	Professor 3º grau	Doutorado
6. Eloy	Público	Câmara Mun.	Assessor parlamentar	Mestrado
7. João	Privado	Própria	Empresário	Especialização
8. Mailta	Privado	Uni-Pli	Professor 3º grau	Doutorado
9. Marco	Público	UEFS	Professor 3º grau	Doutorado
10. Leonardo	Público	SMMARJ	Agrônomo	Graduação
11. Beth	ONG	PTA	Agrônoma	Graduação
12. Beto	ONG	IBIO	Eng. Florestal	Mestrado
13. Tarci	Público	UFRRJ	Professor 3º grau	Especialização
14. Denise	ONG/Priv.	Faz. São Luiz	Ambientalista, Profª 3º grau	Mestrado
15. Vera ¹	ONG	Ofícios da Terra	Técnica (sem vínculo)	Graduação
16. L. Cláudio ²			Sem ocupação remunerada	Segundo Grau
17. Olavo ³			Veterinário	Graduação

¹ Na época da entrevista estava desempregada, e atuava em uma cooperativa.

² Não concluiu o curso de graduação. Sem atividade profissional declarada.

³ Recém formado. Atuação profissional ligada a movimentos sociais.

Devido ao papel destacado do grupo ‘camarão’ e o grande número de seus integrantes que forneceram depoimentos, elaborei quadros específicos para seus componentes. Os quadros específicos dos ‘camarões’ que se seguem, indicam alguns diferenciais em relação aos demais entrevistados.

Quadro 8: Origem social dos ‘camarões’.

Informante	Procedência	Profissão dos pais		Grau de instrução
		Pai /Mãe	Pai/ Mãe	
1. Leonardo	S. João Meriti -RJ	Pedreiro /Merendeira		2ª sér. Ens. Fund./3º sér. EF
2. Beto	RJ: Realengo	Func. Civil do Exército / Do lar		1º grau / 2º Grau (Normal
3. Tarci	RJ: Mal. Hermes	Operário (almozarife)/ Do lar		2ª série EF / 1ª série EF
4. Amaury	Niterói – RJ	Instrutor de hotelaria /Do lar		1º Grau / 2º grau
5. Kael	Crato -CE	Func. Púb.(SEFaz.)/Professora		Superior /Superior
6. Beth	RJ: Meier	Bancário/Professora		2º grau /2º grau (Normal)
7. Lucia	RJ: Bairro Jabour	Ferroviário (após.)/do lar		2 grau / 7ª série EF
8. Heitor	Rio de Janeiro	Engenheiro (Petrobrás)/Do lar		Superior / Superior
9. Denise	RJ: Ipanema	Prof. (UFRJ)/ Professora mun.		Superior /Superior
10. Teresa	RJ: Jacarepaguá	Professor / Guia turístico		Superior/Superior
11. Felipe	Rio de Janeiro	Pastor protestante / Psicóloga		Superior / Superior
12. Martim	RJ/Curitiba -PR	Agrônomo e Professor/Bióloga		Mestrado / Mestrado
13. Henrique	Rio de Janeiro	Bancário / Professora		Superior/2º grau (Normal)
14. Luciano	Rio de Janeiro	Arquiteto / Fonoaudióloga		Superior / Superior
15. Marcinho	RJ: Tijuca	Engenheiro/Engenheira		Superior / Superior
16. André	Indaiatuba – SP	Consultor Admin./Terapeuta		Superior / 2º Grau
17. Rafael	Niterói – RJ	Comerciante/Prof. da UFRJ		Superior / Mestrado
18. Emilia	Rio de Janeiro	Comerciário/Do lar		2º grau/ Ens.
19. Paula	RJ: Santa Teresa	Funcionário do BB/Professora		Superior
20. Cláudia	Rio de Janeiro	Téc. em Laboratório/Pedagoga		2º grau/ Superior

No quadro anterior, referente à origem social dos ‘camarões’ (Quadro 8), se destaca a característica urbana do grupo e um nível de escolaridade mais elevado entre os pais. No quadro abaixo, que indica a situação ocupacional atual (Quadro 9) se evidencia a forte presença do terceiro setor, representado pelas ONGs.

Os dados agrupados nos quadros foram obtidos tanto sob a forma de entrevistas quanto nas informações trocadas pela Internet.

Quadro 9: **Situação atual dos ‘camarões’.**

Informante	Setor	Empresa	Ocupação Atual	Titulação
1. Leo	Pública	Sec. Mun. Meio Amb./ RJ	Agrônomo	Graduação
2. Beto	ONG	IBIO	Coord. Eng. Florestal	Mestrado
3. Tarci	Pública	UFRRJ	Professor 3º grau	Especial.
4. Amaury	Pública	IB (SP)	Pesquisador	Doutorado
5. Kael	Pública	Esc. Agrotec. Crato	Professor	Graduação
6. Beth	ONG	CTA Zona da Mata (MG)	Agrônoma	Graduação
7. Lucia	Pública	Pesagro	Agrônoma	Graduação
8. Heitor	Pública	Embrapa	Pesquisador	Graduação
9. Denise	ONG	IES Part./Faz. São Luiz (SP)	Profª e Ambientalista	Mestrado
10. Teresa	Pública	Câmara Federal	Assessora Técnica	Graduação
11. Felipe	Privada	Distrib. de Prod. Agrícolas	Dir. Comercial	Graduação
12. Martim	Autonom	UFRRJ	Shiatsuterapeuta	Graduação
13. Henrique	Pública	Pesagro	Ass. Técnico (Agron.)	Graduação
14. Luciano	ONG	AS-PTA	Coord. de projeto	Graduação
15. Marcinho	ONG	AS-PTA	Coord. de projeto	Mestrado
16. André		Autônomo	Agrônomo	Graduação
17. Rafael	Publica	MCT	Analista C&T	Mestrado
18. Emilia	Privada	Kartor Informática	Pesquisadora	Mestrado
19. Paula	ONG	AS-PTA	Técnica Agronomia	Graduação
20. Claudia	ONG	Funbio	Assessor de fomento	Graduação

Apesar de Você

Chico Buarque

*Hoje você é quem manda, falou, tá falado, não tem discussão, não.
A minha gente hoje anda falando de lado e olhando p'ra o chão, viu.
Você que inventou esse estado e inventou de inventar toda a escuridão.
Você que inventou o pecado esqueceu-se de inventar o perdão.*

*Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.
Eu pergunto a você onde vai se esconder da enorme euforia,
Como vai proibir quando o galo insistir em cantar,
Água nova brotando e a gente se amando sem parar.*

*Quando chegar o momento, esse meu sofrimento vou cobrar com juros, juro.
Todo esse amor reprimido, esse grito contido, esse samba no escuro.
Você que inventou a tristeza, ora, tenha a fineza de desinventar.
Você vai pagar e é dobrado cada lágrima rolada nesse meu penar.*

*Apesar de você, amanhã há de ser outro dia..
'Inda pago p'ra ver o jardim florescer qual você não queria.
Você vai se amargar vendo o dia raiar sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir, que esse dia há de vir antes do que você pensa*

Apesar de você

*Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.
Você vai ter que ver a manhã renascer e esbanjar poesia.
Como vai se explicar vendo o céu clarear de repente, impunemente.
Como vai abafar nosso coro a cantar na sua frente.*

Apesar de você

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.

5

Militantes estudantis: memória e exemplaridade

Apesar de já existir uma tradição, tanto no campo da educação quanto em outras áreas das ciências humanas e sociais, de estudos sobre a juventude, ainda é limitado o número de publicações sobre a juventude universitária, de modo geral, e sobre o movimento estudantil, em particular.

Na década de 60, a juventude exerceu um papel politicamente ativo segundo uma imagem auto-imputada de vanguarda, de elite inovadora e regeneradora, dotada de potencial revolucionário. A partir dos anos 70, de um modo geral, os estudos sobre as representações de jovens se referem cada vez mais aos setores das classes populares, na maioria das vezes associados a ‘problemas sociais’ e a categorias econômicas, sendo restrito o número de investigações dedicadas à participação política dos jovens universitários. Este tema, na última década, tem sido focalizado, de forma crescente, em pesquisas nos programas de pós-graduação *strictu sensu*. Muitos desses trabalhos utilizaram entrevistas como recurso metodológico principal. Essas entrevistas sobre a juventude universitária e militante são, assim, relatos de adultos: os sujeitos investigados rememoram a sua juventude e analisam um movimento de que hoje não fazem mais parte. É o adulto, já profissional e maduro, que no momento atual fala de uma época em que era jovem, e da significação desse período da sua vida a partir de uma representação presente sobre o passado. Essa representação está intimamente relacionada às suas possibilidades atuais de intervir como agente eficiente no campo.

Assim sendo, e como a historiografia¹ vem assinalando, o único passado existente é o que é reconstruído continuamente no presente. Essa retomada do passado no presente provoca muitas vezes um forte impacto emocional. Muitos entrevistados choraram ao dar seus depoimentos, outros verbalizaram a emoção

¹ Santos (2003) faz em sua tese uma aprofundada revisão de literatura sobre a construção social da memória, partindo da obra de Halbwachs, estabelecendo uma interlocução com a Filosofia, a Psicanálise, a Sociologia e a História.

que essa rememoração provoca, como neste trecho de uma entrevista: “Era isso, e agora falando aqui, isso arpeia, por que era algo muito caloroso”.

Os ex-militantes durante a entrevista, em vários momentos falavam da emoção de reviver ‘aqueles tempos’ idos e vividos. Entretanto, hoje podiam analisar e interpretar aqueles acontecimentos de uma forma diferente do olhar da época, referindo-se a essa rememoração como ‘uma viagem’ no tempo e na memória, carregada de sentimento e saudade.

5.1.

Movimento estudantil: memória social e representações coletivas

Não data de hoje a preocupação dos pensadores em estudar a memória enquanto fenômeno social. A memória foi e é objeto de reflexão, primeiramente de filósofos, literatos e psicólogos, mais tarde Maurice Halbwachs, já na primeira metade do século XX, trouxe a discussão para o campo da sociologia, e posteriormente cientistas políticos, antropólogos e historiadores empreenderam estudos sobre a memória. Halbwachs utilizou o conceito de memória coletiva ao referir-se “às determinações da consciência por quadro sociais que a antecedem e tornam a sociedade possível” (Santos, 2003, p.12).

Nas últimas décadas cresceram os estudos sobre memórias coletivas, associando-as às representações ou identidades coletivas, buscando integrar abordagens não excludentes. A memória, ou melhor, as memórias passaram “a ser compreendidas através de estruturas coletivas, processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais”, mediante abordagens que ampliaram o campo das Ciências Sociais. (Ibid., p.13,23)

Uma discussão interessante, visando ampliar as fronteiras da teoria social acerca da memória, está presente na tese de Santos (2003), que ao abordar o significado e a função da memória coletiva nas teorias sociais, aponta para uma complexa rede de possibilidades interpretativas.

As lembranças do passado, por mais que nos pareçam decorrentes de sentimentos, emoções, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, “só podem existir a partir dos quadros sociais da memória”, segundo Halbwachs (Ibid., p.70). Durante entrevista coletiva, a lembrança e o sentimento da

experiência individual e coletiva foi um tema recorrente nos depoimentos: “a história do MEC fez com que tivéssemos uma convivência, um laço, uma união mais forte do que em outros momentos. Vivi isso também, e é como eu sinto”.

Isto ocorre por que os sujeitos lembram-se de acordo com as estruturas sociais que os antecedem e que, da mesma forma, “estão sempre usando o passado para descrever suas vidas em narrativas coerentes, que representam novas construções do passado”, como aponta Santos (Op. cit., p.69-70). Novamente, na mesma entrevista coletiva, um depoente ao recordar determinado episódio, o analisa de acordo com sua visão atual, e afirma – a propósito de certa peculiaridade da Rural, seu provincianismo, – que “só pudemos identificar isso depois, pois na época não tínhamos massa crítica suficiente para fazer essa análise”.

Dessa forma, as memórias não são individuais, pois vivemos em sociedade, não somos seres solitários, mas construímos nossas lembranças a partir da interação com o meio social, com o contexto da época, com as pessoas com quem convivemos e que nos formaram e informaram. Uma militante confirma isso: “Lembro de ir à a passeata pela Anistia nos ombros do meu pai”. Assim, quando nos lembramos trazemos à tona memórias construídas coletivamente, já que ao recordar o passado, nos colocamos sob a perspectiva do grupo, o que também é perceptível na fala da maioria dos entrevistados, para quem era importante demonstrar que “a memória do grupo realizava-se e manifestava-se nas memórias individuais” (Ibid., p.69).

Entretanto, cabe “ao indivíduo a escolha e a seleção das memórias socializadas disponíveis”, para que assim ele possa construir ou re-construir as experiências anteriormente vivenciadas (Ibid., p.71). Esse processo de construção social da memória está interrelacionado ao fato de que os indivíduos, na medida em que constroem suas memórias, sempre, lhe atribuem significado, e portanto a memória se constitui em um processo ativo e contínuo de construção e interpretação do passado.

Os depoimentos sobre os episódios transcorridos e relatados pelos entrevistados, que os viveram em sua juventude, são o resultado de representações coletivas construídas no presente. O depoimento foi um movimento individual,

concreto e consciente, de trazer o passado para o presente revisitando-o, reinterpretando-o, entretanto essa rememoração é constituída de fatos sociais.

Nos anos 90, houve uma diminuição do interesse pelo estudo dos movimentos sociais, declinando também a preocupação com seu registro histórico, visto que “o resgate histórico do passado das lutas e movimentos sempre” mereceu uma atenção reduzida dos pesquisadores, como relata Gohn (2002, p.274). Nesse contexto, a vinculação entre memória e liberdade, assume um papel importante na manutenção das lutas que vários grupos sociais empreendem contra a opressão, permitindo uma compreensão de que as representações coletivas podem ser responsáveis por processos de inclusão ou exclusão social. Os episódios relatados pelos entrevistados retratam uma história das lutas do movimento estudantil, que reafirmam a necessidade de “escovar a história a contra-pelo” e “resgatar a história dos vencidos”, como apontava Walter Benjamin (1994, p.224), pois o

dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Na canção ‘Ideologia’ – sucesso na época em que o país vivia o processo de redemocratização – o tema benjaminiano é atualizado: “*meus heróis morreram de ‘overdose’ e os meus inimigos estão no poder. Ideologia, eu quero uma p’ra viver*”. Entretanto, os militantes entrevistados não foram vencidos, apesar de não sentirem-se vitoriosos, pois a sonhada transformação da sociedade ainda não se vislumbra no horizonte. A representação do movimento estudantil como uma luta perene contra a opressão, apontando para uma utopia sempre em construção, é uma das marcas do movimento, da sua continuidade geração após geração.

Essa representação encontra eco nos demais movimentos sociais, como declara Stédile², ao afirmar que “os jovens estão precisando de um projeto político que represente uma espécie de utopia que possa dar sentido à sua vida”. Ele prossegue afirmando que como a Universidade Brasileira é “extremamente elitista na sua forma de ver o mundo”, de selecionar os alunos, estes “deveriam fazer um grande movimento de massa” para transformá-la, pois é necessário “uma

² João Pedro Stédile, um dos líderes do MST, em entrevista à ‘República’, sessão estudantil da revista Caros Amigos nº 53, agosto de 2001, p. 42.

revolução” para que a Universidade volte “a ser pública e popular”³. Para ele melhor forma dos estudantes ajudarem o MST, não é ingressando em suas fileiras, como muitos anseiam, mas atuando

na sociedade brasileira de uma maneira consciente, em favor das mudanças sociais, pra construir uma sociedade mais igualitária, menos mentirosa, menos hipócrita, menos consumista. (Caros Amigos, 2001, p.42)

No entendimento dos ex-militantes o movimento estudantil, embora bem diferente do passado, ainda tem um papel importante a desempenhar na formação da juventude.

O essencial hoje é manter acesa uma chama crítica ao que está posto, despertar esse estudantado p’ra idéia de voltar a sonhar com alguma coisa, e se contrapor à visão mercantilizada da Universidade e da sociedade, e sair desse individualismo exarcebado, dessa idéia de que nada vale a pena. (Elder)

Para os entrevistados fornecer seus depoimentos, parece ter sido um ato de resistência à perda da história do movimento estudantil, e ao que isto significa, como a perda de elos comunitários e do aprendizado contínuo adquirido ao longo do tempo, inclusive mediante a construção de vínculos pessoais. A vida comunitária favorece o elo de continuidade do movimento estudantil e o estabelecimento de vínculos duradouros entre os estudantes, que permanecem mesmo após a graduação.

Aquela vivência e convivência da Rural aproxima as pessoas. A gente convive com muitas pessoas, e algumas, não só do mesmo curso, mas de outros cursos, p’ra mim são muito preciosas, e vou levar p’ra vida toda, por que foram muito importantes. Não tem nem como adjetivar a importância que dou pro Celso na minha vida, ao longo dos anos. Por que a gente dividiu bandeja, se chama de irmão e nossos filhos nos chamam de tio. (Eloy)

Na análise de um depoente esse é o grande diferencial da Universidade Rural, que entretanto é percebido como um atributo específico do seu grupo, os ‘camarões’, que agregou um quantitativo maior de estudantes, associados a uma gestão:

Aquela convivência me deu consistência, e hoje em dia me sinto formado não só pela Universidade mas também pelos meus amigos. E não foi devido ao movimento estudantil, mas convivência na Rural formou, forjou a gente. Nunca perdi essa identificação, que é muito forte, com essas pessoas que se mantêm unidas até hoje. Acho difícil que o pessoal da Lua Nova, ou de outra gestão, se encontre enquanto grupo depois de tantos anos, que mantenham esse tipo de

³ Analisando a história da Universidade Brasileira, contata-se que ela jamais foi popular, mesmo quando pública, dado o seu caráter de formadora da elites do país (Cunha, 1980).

relação. E isso foi uma coisa que a gente forjou na convivência universitária, na época dos ‘camarões’. E talvez se não estivéssemos na Rural, se fosse outra Universidade, não tivéssemos conseguido mostrar toda essa nossa capacidade de identificação, como tivemos e mantivemos até hoje. (Henrique)

Parte desses vínculos se tornaram familiares. Os casamentos entre colegas e o nascimento de crianças, fruto de relações durante o tempo da graduação, são comuns – o que não pode ser apontado como uma característica da Rural, pois esse é um fenômeno típico da faixa etária em que se encontram os estudantes universitários. As amizades, conquistadas no período em que estudaram na Rural, permanecem para muitos por toda a vida, e fazem com que se insiram na representação da instituição, como uma continuidade. No entanto, cabe destacar que a representação que os entrevistados têm sobre o período passado na Rural é bem mais amplo do que o significado da militância no movimento estudantil, abarcando todos os aspectos da sua vida: o acadêmico, o político, o cultural, o afetivo, o sexual.

A Rural é diferente de todas as universidades, tá isolada lá, é um outro mundo. E não fui aquele aluno só de banco escolar: eu estudei, participei do movimento estudantil, fiz pesquisa, morei no alojamento. O alojamento da Rural me envolveu com pessoas de outros estados, com outros cursos, o que foi muito rico mesmo. Os meus grandes amigos hoje são da Rural. (Marco)

Passei os melhores e mais importantes anos de formação da vida de uma pessoa dentro da Rural. Hoje em dia, tudo o que sou, das coisas que tenho de mais sagradas, minha filha e meus amigos pro resto da vida, foram gerados e cultivados na Rural. (Lucia)

A melhor fase da minha vida (Mãe Rural), por morar muito distante da família e só poder ver a família nas férias, fiz da Rural minha vida, meus amigos irmãos...A Rural é um pedaço de mim que ainda hoje, sinto saudades... (Kael)

Os estudantes que, como este do Ceará, vêm de longe são os que sofrem o maior impacto cultural e os que tem a possibilidade de estabelecer um vínculo mais durável, já que permanecem na Rural nos fins de semana, vários sequer vão para casa nas curtas férias de meio de ano ou durante as greves. A distância da família faz com que considerem a Rural e os colegas como uma espécie de ‘família substituta’, valorizam os grupos de apoio e solidariedade, sejam religiosos, políticos ou culturais.

A Rural recebe estudantes dos mais diferentes rincões do país, devido aos vestibulares espalhados por mais de 20 cidades de diversos estados⁴. Essa prática favorece que estudantes de diferentes regiões ingressem na Universidade, atraídos pela infra-estrutura e assistência estudantil. Os estudantes que vêm de fora do estado constituem um percentual significativo, que porém declina ano a ano. Sua visibilidade, todavia, é maior, reforçada por culto às tradições nas atividades promovidas pelos vários grupos regionais⁵.

Esses estudantes já foram a maioria na Rural, mas a afluência de alunos provenientes do Rio de Janeiro, equilibrou a origem urbana e rural, próxima e distante. Hoje, uma grande parcela dos estudantes vem da região metropolitana, Baixada Fluminense e outras regiões do estado. Eles apresentam um perfil sócio-econômico muito variado, estando presentes em quase todos os cursos. Há, ainda, um número significativo de estudantes latinoamericanos e africanos, que propicia à Rural uma riqueza cultural ímpar e paradoxal: isolada mas diversificada.

Diziam que a Rural era uma república, a República Ruralina. Mas o interessante era essa república voltada pro mundo, uma república que tá pensando seus problemas do dia-a-dia, mas com o pé muito lá fora. Então tinha uma série de atividades ...tinha essa interação que despertava o senso crítico, e daí p'ra participação política era um pulo..." (Elder)

A grande afluência de estudantes de regiões tão diversas fornece à Rural um caldo cultural e étnico variado e favorece trocas culturais, vínculos pessoais e uma extensa inserção no mercado, do ponto de vista geográfico. Os relacionamentos afetivos-sexuais entre os estudantes também favorecem a troca cultural, muitos casais 'improváveis' se formam no período da graduação e da pós-graduação, aliando muitas vezes para toda a vida jovens de origens sociais e econômicas bastante diversas.

Os casais formados por ex-alunos são comuns também entre professores, muitos deles graduados na Universidade. Geralmente, filhos de professores e de funcionários também estudam na Rural, sendo comum encontrar vários irmãos e primos entre os estudantes. Esse quadro torna a vida comunitária mais peculiar

⁴ Por exemplo, cidades distantes como Colorado do Oeste (RO), São Gabriel da Cachoeira (AM), Alegre (ES), Concórdia (SC), Araguaatins (TO), Catu (BA), Crato (CE), São Luís (MA), Capão Bonito (SP), etc.

⁵ Como o Grupo Folclórico Raízes dos Pampas (o primeiro a ser organizado); o Grupo de Tradições Nordestinas Patativa do Assaré; o Grupo Ajun (do Norte), o Grupo de Tradições Mineiras 'Nóis Uai'; etc.

dado o estreitamento dos laços de familiaridade, aliados à proximidade física das residências de vários professores e funcionários. Pode-se falar que a Rural constitui uma comunidade, tanto no aspecto da localização espacial – englobando os Alojamentos, a vila residencial da Ecologia, endereço de muitos professores e funcionários, ampliada até o 49 com as repúblicas de estudantes e as residências de vários professores, – quanto na representação de seus integrantes.

A Rural representou uma oportunidade única de conviver com pessoas maravilhosas e sentir aquele espaço uma verdadeira escola da vida. A Rural é uma segunda casa que proporciona aprendizados diversos – desde o convívio no alojamento às negociações políticas; das aulas teóricas à prática da vida. (Denise)

Simplesmente a minha vida se divide em dois momentos: antes e depois da Rural passar por minha vida. A Rural, antes de mais nada, foi um escola de vida e lamento muito que quem entre na Rural não participe efetivamente de todas as oportunidades que ela oferece. (Amaury)

É comum o sentimento de pertencimento e a manutenção de um vínculo afetivo, construído a par de uma representação idealizada dos anos vividos na Rural. Essa representação da Universidade é muitas vezes apaixonada, repleta de saudade, orgulho e gratidão por ter estudado, ou melhor se formado lá:

Eu amo a Rural, visto a camisa mesmo. Eu amo a Rural, amo, e quando estava afastada eu carregava a Rural comigo o tempo inteiro. Eu amo, amo mesmo. Passei os melhores anos da minha vida na Rural. É muito difícil viver um sentimento tão intenso, de tanta felicidade, como já vivi ali dentro. A minha vida toda é a Universidade. (Mailta)

Tinha muito orgulho de ser ruralina e fazia questão de estar em todas as reuniões, todas as festas, todos os grupos. Sinto que vivi intensamente tudo que podia viver ali. Para mim mais gente deveria ter aquela oportunidade de estar numa universidade como a Rural. (Denise)

Essa representação apaixonada e idealizada da Rural é associada a um sentimento de gratidão pelo que a Universidade propiciou. As experiências, boas ou ruins, são sempre marcantes:

Levo a Rural dentro de mim, com todas as histórias boas, com todos os acontecimentos desagradáveis, com toda a história que vivi. (Beto)

Sou muito grata à Rural, devo tudo, tudo, tudo à Rural. E tenho essa relação de gratidão imensa à Universidade, um sentimento de gratidão muito grande ... Ela me deu amores, me abriu p'ra vida, me deu a profissão, me deu o curso de pós-graduação, me deu amigos. As pessoas que eu mais amei na vida conheci na Universidade. (Mailta)

Dentro dessa idealização da experiência ‘ruralina’, até mesmo as desvantagens acadêmicas são vistas como positivas, dotando os estudantes de um diferencial em relação aos de outras instituições :

Acho também, que todas as dificuldades que quem estuda na Rural passa, acaba nos preparando p’ra enfrentar as dificuldades com maior desenvoltura. Na parte da formação técnica essa minha afirmação fica mais clara, uma vez que não temos aulas suficientemente boas, mas “corremos atrás” quando estamos aqui fora. (Lucia)

Estes estudantes atribuem sua formação política, social e existencial à sua atuação no movimento estudantil, que junto com a convivência propiciada pela Rural marcou mais fortemente sua representação sobre o período de formação acadêmica e a construção de sua própria identidade. Essa representação supera a *visão*, advinda de certo senso comum, de que “o único caminho no movimento estudantil é ser político”, segundo um depoente. O movimento estudantil mostrou-lhe “outra dimensão, muito mais ampla”, do curso, que lhe ajudou a “ser um profissional mais completo”, e a compreender

como quero e pretendo me inserir na sociedade, na perspectiva de transformá-la, do ponto de vista profissional. Percebi que as técnicas e tecnologias a que tive acesso, no curso, foram importadas e implementadas por interesses econômicos de certos grupos, e não da maioria da população. Cansei de ouvir que estava no curso errado, que era estudante profissional. Quase abandonei a Veterinária, dada a incompatibilidade político-ideológica entre o que acreditava e essa lógica conservadora e tecnicista do curso, voltada para o interesse das multinacionais, da grande produção, do mercado *pet-shop*, e que produzia um profissional com pouca ou nenhuma capacidade crítica e transformadora. (Olavo)

Essa capacitação profissional atribuída ao movimento estudantil, relaciona-se diretamente ao trabalho desenvolvido pelos CAs nos cursos e aos movimentos de área, relatados pelos militantes que participaram de executivas regionais e nacionais de estudantes de engenharia florestal, veterinária, agronomia, entre outras. E à percepção acerca da dimensão humana e social das profissões, da formação para a cidadania.

Todo fazer humano tem a ver com a dimensão humana, e as nossas profissões, seja qual for o curso, lidam com gente: Veterinária não é um curso que lida com bicho, engenharia não lida com viaduto e prédio, Direito com as leis, Agronomia com planta e com terra, Matemática com números, tá errada essa visão – lidamos com gente E o movimento estudantil me ajudou a alcançar essa percepção, e a fazer uma contraposição com o profissional voltado p’ra lógica do lucro, p’ra lógica do capital e não do trabalho, logo não voltado para gente. Pragmaticamente, o movimento estudantil me deu habilidades importantes p’ra

profissão que o estudante em sala de aula não vai adquirir, uma percepção da profissão que eu não teria e que foi fundamental. (Olavo)

A mobilização e o movimento estudantil são importantes, mas é importante, ver os alunos, como futuros profissionais, pensar também em somar o aprendizado acadêmico e a capacitação técnica com uma bagagem social e política, formar um bom cidadão. E já começava a preocupação, em 89/90, com a formação acadêmica, com um profissional com capacidade e discernimento para manejar bem ferramentas técnicas e científicas e colocar esse aprendizado a serviço da sociedade, e não simplesmente, da sua empresa, mas pensando em resultados mais concretos, do ponto de vista social, do seu trabalho. (Beto)

Os militantes atribuem ao movimento estudantil uma importância significativa na sua própria atuação profissional: a aquisição de uma série de habilidades e capacidades, desigualmente distribuídas, que configuram um capital profissional em voga no mercado de trabalho.

Hoje, mesmo as grandes empresas multinacionais, na hora de selecionar um profissional, não olham só para o currículo ou para o histórico. Meu histórico acadêmico teve pequena importância na minha trajetória profissional, inclusive quando fui fazer o mestrado. Ser um profissional qualificado, com capacidade de trabalhar em equipe, de criar projetos, executar coisas, interagir com outras ONGS e com pessoas de diferentes níveis sociais - agricultores, empresários, prefeitos – foi muito mais importante, do que boas notas ou uma bolsa do CNPq, não desvalorizando isso...Participei do Conselho Universitário, do Conselho de Curadores, de Conselho Departamental, sentei em mesas de negociação tendo que dar a volta. Se hoje me sinto a vontade para escrever uma carta, um projeto, um *e-mail*, se sei que linguagem e estratégia usar para conseguir alguma coisa, aprendi isso com o movimento estudantil, que me ensinou a negociar, a redigir documentos. Depois de formado, percebi que faltava essa bagagem, essa formação, aos meus colegas que não participaram do Movimento estudantil, e que é muito importante na vida profissional. O M.E. não era a única forma de se conseguir isso, mas era uma forma e um espaço interessantes. (Beto)

Mas a importância do movimento estudantil na atuação profissional do militante refere-se também à coerência na escolha das opções profissionais, a inserção em um mercado de trabalho específico que exige um capital político anterior.

Profissionalmente, tudo o que fiz e o que faço veio dessa trajetória de movimento estudantil. Primeiro, um negócio que foi muito forte na Rural, que é a coerência, e que é muito caro p'ra mim. Tanto que até hoje, na minha vida profissional, sempre procurei não fazer concessões em termos de princípios, isso é muito forte p'ra mim. Nunca me candidatei a nenhum cargo eletivo, parlamentar, sempre recusei essa idéia, até hoje. Seria fugir dessa trajetória, que prezo muito, de ter uma atuação mais voltada pro coletivo. Minhas disputas, até hoje, sempre foram coletivas, no DCE, depois na Central Sindical, fui delegado da CUT, sempre participando de chapas e de processos que envolvem o coletivo e não o indivíduo. Sempre fui muito crítico em relação a isso, e principalmente no Acre, em que o jogo é terrível. E no geral, o que o movimento estudantil me ensinou, foi ter esse

senso crítico em relação ao mundo e a raciocinar de forma mais rápida, em tudo. E o movimento estudantil te dá muita segurança p'ra depois você participar em diferentes campos da sua atuação profissional e política. Não há nada comparável ao movimento estudantil, ainda mais em se tratando de um período que tinha toda aquela riqueza, de ampliar tanto os seus horizontes a ponto de seguir depois iluminando o seu caminho. Claro que com todas as diferenças que tem depois que se começa a atuar como profissional, que já tem outro tipo de discurso. (Elder)

Na Rural, principalmente nas atividades do movimento estudantil e do movimento agroecológico, foi que formei o meu perfil profissional e político. A militância nesses dois movimentos me fazia pensar e desenvolver a criatividade, ao contrário da grande maioria das disciplinas cursadas. Acho que só há vida inteligente no movimento estudantil e nos grupos alternativos, e o pessoal lapidado nos movimentos não fica desempregado muito tempo, logo ingressa no mercado de trabalho, geralmente em trabalhos de cunho mais social. Minha experiência na militância e os trabalhos voluntários que desenvolvemos nos assentamentos Sol da Manhã e Eldorado me proporcionaram um rapidíssimo ingresso no mercado de trabalho (comecei no meu primeiro emprego 2 dias depois da formatura). Não passei por nenhum processo de seleção, fui convidada a trabalhar numa ONG do Rio por já ser uma figura conhecida nos assentamentos e nos movimentos fluminenses de trabalhadores rurais (MST e movimento sindical). Isso foi fundamental nos empregos seguintes: trabalhei numa ONG em Mato Grosso, na Assessoria Técnica Agrícola e Agrária da Liderança do PT na Câmara dos Deputados em Brasília, e atualmente no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata em Minas Gerais, onde atuo no Programa de Associativismo e Comercialização, na articulação da comercialização coletiva da produção agroecológica, da agricultura familiar, em parceria com Sindicatos de Trabalhadores Rurais e associações de agricultores familiares de 15 municípios da Zona da Mata, na articulação da certificação participativa em rede de produtos agroecológicos em Minas Gerais, na região sudeste e à nível nacional em parceria com diversas organizações que estão discutindo e/ou atuando nessa área. (Beth)

Além das contribuições do movimento estudantil na formação profissional e na inserção no mercado de trabalho, os militantes destacam ainda a representação sobre a “formação do ser em todos os níveis”, e da “amizade e companheirismo, idealismo, liberdade, conhecimento, descobertas, diversão, amor”, construídos e forjados na Rural, naquela experiência de convivência coletiva:

Os valores fundamentais p'ra mim: ética, companheirismo, honestidade, dedicação à causa da agricultura familiar e da reforma agrária sem ser panfletária, alegria de viver, manter-se sempre de bom humor, foram consolidados na minha vivência na Rural. (Lucia)

A minha passagem pela Rural deixou marcas não apenas no profissional que sou hoje, mas sobretudo no cidadão. Foi no dia-a-dia universitário, e principalmente na militância no movimento estudantil, que adquiri a noção dos direitos e dos deveres de um cidadão. A visão sistêmica não apenas da ciência, mas também da política, da cultura, das relações, foi sendo moldada em quase 7 anos de vida acadêmica na Rural. O aprendizado quanto ao respeito às diferenças, à tolerância, a prática da negociação, o dividir o espaço onde se mora (no caso o alojamento) com mais sete pessoas, com muita coisa em comum, mas sete diferentes pessoas, com histórias diferentes, com famílias e estilos distintos. (Beto)

A importância atribuída à Universidade na sua trajetória pessoal é tanta que vários manifestam o desejo de apresentar a Rural para seus filhos, mesmo quando não têm mais vínculos concretos com a Universidade.

Estou marcando com um amigo p'ra voltar lá, esse ano, depois de 19, 20 anos de formado. Voltar e levar os nossos filhos, mostrar p'ra eles o que é a Rural, mostrar p'ra minha filha. E eu só passei lá uma vez, depois de formado, mas eu quero isso ... (Eloy)

Estudar na Rural, é também inserir-se ou participar de alguma atividade cultural, um desdobramento de tudo o que se vivia na instituição:

A Rural marcou minha vida, foram anos de muita produtividade, pois assistia as aulas, estudava, fazia estágio na EMBRAPA e era bastante ativo no Teatro. Atuei em 4 peças, de 1986 a 1990, e dirigi a última, minha despedida, quando ajudei a formar o embrião do Grupo com a Potô, Martim, Márcia Martins, etc. (Heitor)

Mas essa representação positiva não é assim para todos, como relembra um ex-militante se referindo a outras visões da Universidade :

Lembro-me de, ainda estudante, encontrar-me com profissionais formados na Rural que espraguejavam contra tudo e contra todos que lhes trazia a Rural à memória, e eu pensava: “puxa, será que quando sair daqui vou ter esta mesma visão negativa desse espaço?”... Às vezes encontro contemporâneos meus que se referem com desdém ou sem orgulho daquela “casa”, e fico pensando: “é, a universidade acontece na vida de cada um de maneira muito diferente”. Se cada um é mesmo um universo, nada mais natural do que cada um ter sua própria “universidade”. (Beto)

Alguns ex-militantes exprimiram uma visão menos idealizada desses anos de formação e da própria Universidade Rural, como o do depoimento abaixo.

A Rural era um lugar onde as pessoas se isolam muito, já é um lugar isolado, e lá dentro, cada um dos setores se isola uns dos outros. Tem o professor da Biologia, o professor da Agronomia, ou de outro departamento, cada um tem a sua área, e não existe uma integração. É difícil você conversar com as outras pessoas. Eu achava que as pessoas aproveitavam aquele momento na universidade de uma maneira muito medíocre, muito pequena, por não haver essa inter-relação... E isso ocorria pela mentalidade das pessoas, professores e alunos. Então eles ficavam lá naqueles feudos, os “feudos” da Rural, o pessoal meio ligado a cada setor, que acredito deva existir até hoje: a Veterinária, a Agronomia, a Zootecnia, e essas pessoas não conseguem se entrosar para um objetivo maior. (João)

Esse isolamento, que propicia uma convivência tão intensa e marcante traz conseqüências negativas para alguns estudantes, que adiam ao máximo o momento da saída, ligados a um espaço idealizado e temerosos da

responsabilidade da vida adulta que os espera após a formatura. Por isso sentem a necessidade de fazer um certo distanciamento da Rural:

Sempre fui muito apaixonada pela Universidade, mas precisei praticar um distanciamento estratégico e fiquei ao longo de 04 anos sem ir até o Campus. Hoje em dia, consigo ir lá sem sofrer a tal síndrome da ‘*Terra do Nunca*’. (Lucia)

O isolamento da Rural aponta também para um empobrecimento da discussão política, também atribuído a sua peculiaridade: a ausência de cursos na área das Ciências Humanas e Sociais no *campus*. Na realidade os debates são travados entre os integrantes do movimento estudantil, mais especificamente aqueles vinculados aos partidos políticos, já que os demais se atêm a aspectos mais pontuais da militância.

Nossa geração pegou a queda do muro de Berlim, na Universidade. Estávamos lá dentro quando o mundo deu uma reviravolta e uma parte da nossa lógica, de raciocínio bilateral, foi para o espaço: e agora ? E Rural tem um monte de méritos e tudo, mas não é o lugar onde se discutisse isso profundamente. A reorientação do mundo, a bipolaridade, acabou a guerra fria, isso não vai, não era uma discussão que fosse corriqueira lá. E a gente fazendo o movimento e com limitações tremendas de conteúdo. (Leonardo)

Mesmo com críticas à universidade e ao período de formação, profissional e político, muitos estudantes alimentam o vínculo, com a instituição ou com colegas de curso, mediante reuniões onde encontram com relativa frequência seus contemporâneos. Outros, no entanto, mesmo conservando uma representação positiva da Universidade fazem outra opção.

Tem pessoas da Rural que sempre se encontram, formaram tipo um ‘clubinho’ mesmo. Todo ano a turma da Geologia se encontra, vão lá pro Prédio da Geologia e fazem a festa deles. Mas, não me interessei em manter esse vínculo. Pra mim, a relação tem que se dar no nível da política, e não pelo fato de termos sido estudantes da Rural. (Elder)

Entretanto, esse mesmo militante que critica a manutenção do vínculo, retornou à Rural, para cursar o Mestrado e o Doutorado. A ligação afetiva, transmutada em vínculo acadêmico, aparece inclusive nos agradecimentos de sua tese de doutorado, reproduzidos como epígrafe desta tese, por fornecer a dimensão da representação dos anos vividos na Rural.

Outro militante fez do seu curso de graduação na Rural, o objeto de estudo de sua dissertação de mestrado, em outra Universidade.

Na minha dissertação de mestrado estudei a Rural, estudei o curso de Biologia, e é emocionante falar isso. A UFF me deu o título, bons professores, uma boa

orientadora. Mas meu objeto foi a Rural, meu vínculo é com a Rural, que me formou, me sedimentou, me deu uma base, me fez pensar a educação ambiental... (Marco)

Os depoimentos não pretendem driblar a emoção que esse processo de reconstrução da memória desencadeia. Esta investigação, empreendeu uma viagem no tempo e no espaço, marcada pela emoção e guiada pela memória dos sujeitos, que atribuem ao cenário da ação, o *locus* privilegiado em que emerge a pesquisa, o *campus* da Rural, uma aura de magia.

5.2 Os ‘camarões’ : um tipo exemplar na República Ruralina

O marco inaugural da Segunda Geração foi a invasão do MEC em 1988, um momento de intensa convivência, quando cerca de 400 estudantes permaneceram durante 30 dias no Palácio da Cultura do MEC, ocupando o auditório Gustavo Capanema. A ocupação do MEC propiciou a consolidação do vínculo já estabelecido entre os estudantes de Agronomia que atuavam no CEA e alunos de outros cursos, como Engenharia Florestal, Biologia, LiCA, que posteriormente formariam a chapa ‘camarão’, protagonizando um período de efervescência política e cultural.

Teve a história das eleições de 88 que mobilizam os estudantes, e foram bem envolventes, bem acaloradas, movimentadas, mas o MEC... O MEC fez com que a gente tivesse um espírito, uma convivência, um laço, uma união um pouco mais forte do que em outros momentos. Ficar um mês dentro de um auditório, não é fácil. Quatrocentos estudantes pra duzentos colchonetes, tomando banho de ‘canequinha’, sendo atacados por editoriais da imprensa falando que ficávamos lá só fumando. E apesar de não ter um DCE, vimos que era necessária uma organização, e criamos comissões para conversar com o secretário, falar com a imprensa, arrumar o banheiro, fazer animação. E ali no MEC, não eram estudantes de agronomia, de veterinária, de floresta, mas estudantes que lutavam por uma condição melhor para as Universidades. Lembro que adotamos o ‘Maguilinha’, um menino de rua; que fomos p’ra barca, chamar o pessoal da UFF, com um megafone ambulante. O movimento do MEC teve uma contribuição muito grande p’ra essa efervescência da Rural, foi um dos componentes bem fortes desse ‘*redoxon*’ que efervesceu naquele período...(Henrique)

Esse vínculo permanente caracteriza como exemplar um grupo, que influenciou uma ‘unidade de geração’ ao atuar no movimento estudantil da Rural, durante a década de 90. Esses laços se estreitam e consolidam na gestão

‘camarão’, e na campanha vitoriosa para a reitoria em 1992. Segundo o relato de um de seus integrantes, a especificidade desse grupo foi forjada no vínculo de amizade que se estabeleceu, mediante sua atuação no movimento estudantil e, principalmente, em sua convivência na Rural:

O interessante é que se criou uma certa afinidade desde então que não diminuiu e que permanece forte até hoje. Uma boa parte dessa turma, inclusive muitos dos 18 membros do DCE "camarão", mantêm contato, seja pessoalmente (encontros, festas, Reveillons, posse do Lula, etc) ou através de uma lista eletrônica, não coincidentemente denominada "camarão", que conta hoje com quase 70 ex-estudantes da Rural daquela época. (Beto)

Esse vínculo – construído pelos estudantes da geração que invadiu MEC, participou de campanhas pela reitoria, integrou grupos teatrais, atuou em ONGs e movimentos sociais, e que dirigiu o DCE durante a gestão dos ‘camarões’ – permaneceu forte mesmo após a saída da Universidade. Cabe o destaque que não foi apenas a amizade que uniu esse grupo, mas também a coerência com os princípios que comungavam na época em que conviveram na Rural, patente em sua atuação profissional atual:

Boa parte dessa turma permanece com os mesmos ideais em sua vida pessoal e profissional. Muitos trabalham para organizações do terceiro setor (ambientais, sociais e/ou educacionais), alguns em órgãos do governo (mantendo a linha como técnicos comprometidos com o desenvolvimento sustentável), outros na academia. Mesmo entre os que foram para a iniciativa privada, há empreendedores investindo em negócios sustentáveis, como a produção e comercialização de alimentos orgânicos. (Beto)

Uma outra característica marcante desse grupo foi a irreverência. Eles inauguraram na Universidade uma forma mais alegre e relaxada de abordar as questões políticas, com músicas, esquetes, paródias, e que favoreceu sua visibilidade, e identidade como grupo, na instituição. O movimento estudantil até então era muito sério, comprometido integralmente com os princípios revolucionários das correntes políticas hegemônicas na Rural, e tributário de uma disciplina partidária característica de alguns militantes da primeira geração. A irreverência dessa geração que na Rural ocupou o MEC tem algumas semelhanças com a imagem da geração ‘cara-pintada’ disseminada pela *mídia*:

Eles se envolvem na política com humor, rebelam-se mas não são revolucionários. De um modo geral não defendem uma determinada ideologia, mas se preocupam com a realidade brasileira, são pragmáticos e, as vezes individualistas. Esses jovens têm uma visão eclética da cultura, não se importam com a coerência, convivem com as contradições. (Moraes, 1995, p.17)

Os ‘camarões’ eram irreverentes, divertidos, festeiros, mas também representam-se como comprometidos com as questões da Universidade e com as bandeiras do movimento estudantil, mas sem o radicalismo da geração anterior, que de certa forma rejeitava a possibilidade de viver sua condição juvenil durante essa fase estudantil.

Chegamos em 86, no momento de maior refluxo, até então, do movimento estudantil, que tem muito haver com a época, tinha terminado a ditadura militar. O pessoal já estava de saco cheio das lutas partidárias entre o PCdoB e o PT, que causaram uma esvaziada no movimento estudantil, o DCE não tinha legitimidade. A briga foi sanguinolenta, roubavam urna. E começamos a participar do Centro Acadêmico, reunião do CEA (Beth)

Quem começou esse modo irreverente foi o pessoal da Biologia e nós da Agronomia. Fazíamos uma campanha muito diferente, em cada turma era de um jeito. E isso marcou, pois os professores lembram disso até hoje. Cantávamos ‘musiquinhas’, paródias. (Lucia)

Esse jeito de fazer política chegou ao DCE com a gente, mas já existia nos Centros Acadêmicos com a gente mesmo. Fazíamos a trilha sonora do movimento estudantil daquela época. Toda hora, saía uma paródia nova, a gente cantava e todo mundo vinha atrás da gente cantando. Quem fazia a festa no MEC e discutia política de um jeito mais descontraído éramos nós. A diretoria do DCE não era dessa jeito, não entendia desse jeito, era um pessoal meio sisudo, meio carrancudo, com um jeito conservador. (Leonardo) .

A atuação destacada destes estudantes no CEA os projetou como lideranças reconhecidas e respeitadas na Universidade, ganhando uma visibilidade maior em 88, na campanha pela reitoria e no episódio da ocupação do MEC.

E a gente teve no momento da ocupação do MEC uma maior afirmação da liderança da gente. Éramos do CEA, não tínhamos nenhuma responsabilidade direta naquilo ali, e a maior parte das pessoas, viam na gente uma liderança geral, da universidade, e cobravam posições, ficaram o tempo todo, olhando para a gente, vamos fazer o que com essa mobilização toda. E um certo descrédito do pessoal do DCE que ficavam brigando entre eles o tempo todo, com as dificuldades que eles tinham internamente E a gente representando o que as pessoas queriam. Eles se identificavam muito com a gente, nos viam o tempo todo, na organização dos encontros, na mobilização em torno da eleição para reitor. E isso fez com que a gente também tivesse um papel importante, naquela coisa autônoma, foi muito espontâneo Na hora de montar a comissão de imprensa: Chama o Leo, chama a Beth. Na hora de montar a comissão de estrutura: Chama o fulano, o fulano! Sempre lideranças ligadas à Agronomia, ao CEA. (Leonardo)

A invasão do MEC recolocou a Rural na vanguarda do movimento estudantil do Rio de Janeiro, e até mesmo do país – a exemplo do ocorrera com a greve de 108 dias, em 1980. A adesão de estudantes das demais universidades e

até secundaristas consolidava a força do movimento, com repercussões de âmbito nacional, com a instituição de uma frente de reitores que exigiam verbas para as Universidades. A invasão do MEC, iniciada de forma espontânea e voluntarista, atingia dimensões imprevistas, e o vigor do movimento instaurou uma crise no Ministério. O movimento não foi conduzido pelo DCE, evidenciando o desgaste das lideranças identificadas com a entidade, que não possuíam, naquele momento, a representatividade que levava a chapa Lua Nova à vitória.

A ocupação do MEC foi muito importante porque deixou claro que o movimento estudantil da Rural era diferente dos outros. E as lideranças, eleitas pelo DCE, no ano anterior, - devido à briga interna ou por outra razão,- tinham perdido a representatividade junto à massa dos estudantes e eles, naquele momento, delegavam a quem eles confiavam, e éramos nós, a direção do movimento, nas comissões de imprensa, de infra-estrutura, etc. E quando houve a escolha das comissões, um dos líderes do DCE foi rejeitado pela assembléia e não pode integrar as comissões de mais destaque, como imprensa ou infra-estrutura, aos gritos de “ele não, não, não”, mas quando era a comissão de limpeza a assembléia gritava o nome dele. Foi muito engraçado, rimos à beça, e o cara ficou mordido, com toda razão. Ficou claro que eles tinham perdido a representatividade. (Leonardo)

Essa representatividade junto aos estudantes estava agora depositada nos Centros Acadêmicos dos cursos que, naquele momento, tinham a atuação mais contundente dentro da Universidade. Por esse motivo, os integrantes do CEA – que aglutinava a maioria dos futuros ‘camarões’⁶ – se destacaram durante a ocupação do MEC.

Nesse momento, o CEA era hegemônico. Nos outros CAs não haviam lideranças que despontassem de modo geral na Universidade. O CAEF da Floresta era organizado, mas durante muito tempo, ficou sem ter lideranças que tivessem esse respaldo maior, o Beto é que catalisava o movimento, identificavam a Floresta com ele. A Zootecnia e a Veterinária eram tradicionalmente meio ausentes. O CEGUR era ótimo, organizava, reunia, mas era muita festa, a Geologia era uma festa só. Na Educação Física teve muita gente participando ativamente, mas o CA não despontava. Nos outros, na Química, Engenharia Química, Biologia, tinham uma ou outra liderança local, mas ninguém que despontasse no geral. Na Economia, quem despontava era o Eduardo, a Emília. Aliás o Helio e a Berenice, principais lideranças do DCE Lua Nova, eram da Economia, mas não tinham história junto ao CA, eles vinham de uma tendência que tinha uma atuação forte no movimento estudantil geral e foram direto para o DCE. (Leonardo)

Entretanto, houve um período – entre 1989 e 1990 – em que os futuros ‘camarões’ ausentes das entidades, – perdem a eleição do CEA – se reuniram em

⁶ Dos 19 integrantes da chapa ‘Camarão’, 12 eram estudantes de Agronomia.

torno do NOAR, do GAE, de outros grupos que ampliavam o conceito tradicional de movimento estudantil:

Uma parte dos futuros camarões, uma grande parte, aliás, da Agronomia, após perder o CEA em 89, manteve a atividade e a unidade através do NOAR (Núcleo de Orientação para Atuação Rural), criado no vácuo em que nos metemos, sem DCE, após a derrota na eleição p'ra Reitoria e derrotados no CEA. Queríamos um troço mais prático e montamos uma exposição fotográfica sobre assentamentos, ocupações e violência no campo, que foi exibida em diversos lugares e viajou o Brasil todo em bagageiros de ônibus. E não foi só. Um pessoal fortaleceu o GAE, outro pessoal formou-se e passou a descolar estágios pra quem tinha ficado. E já durante a gestão do DCE ligada à Convergência Socialista, nós estávamos nos Centros Acadêmicos e, em seguida, nos Conselhos Superiores. (Leonardo)

Nesse período, as lideranças dos DAs e CAs da Rural ocuparam postos-chaves nas entidades nacionais dos cursos, aumentando sua representatividade fora e dentro da Universidade. A próxima conquista seria a retomada da representação estudantil nos Conselhos Superiores. Os integrantes do DCE estavam cada vez mais isolados, o que abriu caminho para a hegemonia dos 'camarões'.

Depois do MEC, fomos todos para os Centros Acadêmicos, trabalhar nossos cursos e largamos aquele negócio de DCE p'ra lá. Eles começaram a ser muito ruins e nós estávamos indo muito bem nos CAs: o pessoal da Agronomia pegou a FEAB⁷, o pessoal da Floresta pegou a ABEEF⁸, o pessoal da Biologia conseguiu levantar de novo o CA, o pessoal da Engenharia Química também. E com a efervescência nos CAs, começou a história dos Conselhos, que a gente assume, e sai vitorioso. E nos Conselhos vimos que era o momento de pegar o DCE. (Beth)

A ocupação dos Conselhos, como já foi visto, tornou-se a principal bandeira de luta dos futuros 'camarões', que assumiram uma postura oposta ao DCE, e convocaram um plebiscito. As vagas para a representação estudantil nos órgãos colegiados, duramente conquistadas na década anterior, não estavam sendo ocupadas, naquele momento, pois o DCE as julgava desproporcionais, e defendia uma representação paritária, com $\frac{1}{3}$ de professores, $\frac{1}{3}$ de funcionários e $\frac{1}{3}$ de estudantes. A legislação garantia apenas o direito a $\frac{1}{5}$ de representação estudantil, e sendo assim o DCE se recusava a ocupá-las, para não legitimar o poder da Reitoria, segundo o entendimento da Convergência Socialista, tendência majoritária na entidade. Os CAs divergiam dessa posição, pois já participavam dos Colegiados dos cursos, e mesmo com $\frac{1}{5}$ conseguiram implantar medidas

⁷ FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil.

⁸ ABEEF – Associação Brasileira dos estudantes de Engenharia Florestal.

interessantes, como modificações nos currículos entre outras. Mediante a participação nos Conselhos tinha-se a possibilidade de influenciar algumas decisões, como de fato ocorreria, com o apoio do movimento docente e de funcionários e de “alguns diretores de instituto que eram simpáticos às propostas” dos estudantes. Devido aos Centros Acadêmicos, principalmente ao CEA, retomou-se a reivindicação pela efetivação da representação estudantil:

Por causa da ocupação dos Conselhos, criamos uma oposição ao DCE, que queria que os Conselhos fossem paritários, e não ocupava vaga nenhuma. Mas os Centros Acadêmicos tinham outra posição: ocupar 1/5 para poder batalhar por 1/3. Houve um racha entre o Conselho de Representantes dos DAs, que defendia a representação estudantil nos Conselhos, e o DCE, que era contra. E à revelia do DCE, foi convocado um plebiscito perguntando a opinião dos estudantes, e a maioria votou pela representação nos Conselhos. Formamos uma chapa, ganhamos e muitos camarões foram representantes, e na nossa gestão, tivemos muita oposição da CS, eles detonavam o tempo todo. Nos chamavam de ‘pelegos’, por que aceitávamos a proporção de 1/5, por que o moderno era ser paritário, e nós éramos retrógrados, que enganávamos os estudantes. Mas conseguimos pelo menos umas duas vitórias muito importantes, e uma foi em relação ao preço do Bandejão. (Beth)

O compromisso assumido ao se ocupar a representação nos Conselhos Superiores, exigiu muitas vezes o ‘sacrifício’ acadêmico desses representantes, como no episódio do aumento do Bandejão. Devido ao corte de verbas, os bandejões das federais foram privatizados, e a Reitoria da Rural reajusta o preço bandejão, repassando aos estudantes os gastos com a alimentação, impondo um valor superior ao custo real:

Protestamos, pois se o objetivo não era o lucro, havia algo errado, o dinheiro estava mal administrado, ou havia corrupção. Perdemos no Conselho, que aprovou o aumento, e fomos instados a provar, em apenas uma semana, que o preço era super faturado. E foi a semana do sacrifício, pois era a semana das ‘segundas provas’, e uma galera optou por não fazer as provas, eu, Leo, Catita, p’ra ficar uma semana analisando as licitações do bandejão, visitando outros bandejões para comparar o preço. Constatamos que as licitações eram superfaturadas, e mesmo assim o preço da bandeja estava mais caro que a comida consumida, comparado com os outros bandejões. E na véspera do Conselho, não dormimos para fazer o relatório. Chegamos com olheiras no Conselho, apresentamos o relatório, e mesmo os conselheiros mais ‘reaças’ concordaram conosco. Era absurdo que a Rural tivesse um bandejão mais caro que a Coca-cola, que a Michelin. Fizemos nova proposta de preço, baseado nas licitações já feitas, eles voltaram atrás e reduziram o preço. Isso deu bastante legitimidade à nossa participação nos Conselhos e o pessoal da CS, que vivia nos infernizando, teve que engolir essa história. (Beth)

A ocupação das vagas de representantes estudantis nos Conselhos Superiores, pelos estudantes que futuramente vieram a compor a chapa do ‘camarão’ confirmou oficialmente sua representatividade na Universidade, e faz pleitear o DCE. A crítica às gestões anteriores, dominadas pelas tendências, centravam-se no seu radicalismo imobizante frente às necessidades e interesses manifestos dos estudantes. Essa postura, reforçava o “descrédito com o DCE, porque essas gestões foram infelizes na condução” da entidade, e afastaram os ‘estudantes comuns’, como declara um militante. Os ‘camarões’ que militavam no CEA desde 1986, e já eram fortes lideranças na Universidade em 88, apenas em 1992 resolvem assumir o DCE, e atribuem essa demora em perceber que ocupar o DCE era importante para o movimento estudantil da Rural, por que

o DCE era um espaço desgastado, ocupado politicamente por uma política partidária. Era um espaço a que a gente não tinha muito acesso, não era muito aberto. E apesar da simpatia com as propostas do PT, não nos identificávamos com o grupo que estava no DCE, que era da CS, na época ainda era PT, depois saiu e virou PSTU. E no Conselhinho nos identificávamos com outras pessoas de outros Centros Acadêmicos e começamos a alargar o grupo e ver que teríamos muito a contribuir. Com a eleição pra representação nos Conselhos percebemos que tínhamos certa força e influência na Universidade, que tínhamos representatividade e poderíamos disputar o poder com essas tendências que só ficavam na disputa e não resolviam nada. E começamos a pensar no DCE: Vamos lutar, porque a situação está esquisita, o DCE está desorganizado, e ficamos batendo de frente, no Conselhinho, era horrível! Eram duas representações estudantis. Então montamos uma chapa grande, descontraída, que realmente mostrava uma mudança naquele jeito muito ‘russo’, ‘bolchevique’, de tocar o movimento estudantil. Viemos com uma outra proposta, muito mais aberta, pegando gente que não tinha compromisso partidário mas que tinha o compromisso com uma mudança de tocar a política estudantil de uma outra forma, sem ser alienado politicamente. E ganhamos a eleição e conquistamos o DCE. (Beth)

A composição da chapa refletiu a hegemonia que a Agronomia, através do CEA, possuía no movimento estudantil daquela época, confirmada pela legitimidade conquistada na representação nos Conselhos Superiores. Ela era o ‘celeiro das lideranças’, como já o fora no passado a Geologia, e em escala menor a Zootecnia, a LiCA e a Biologia.

Juntou aquele monte de gente da Agronomia, onde historicamente também tínhamos, além do pessoal do CEA, uma retaguarda forte, que dava respaldo. E a grande maioria, vinha de Agronomia, mas tinha um ou outro de outros cursos. Fomos buscar gente que vinha de experiências legais nos CAs: o Beto na Floresta, o Tarci e o Kael na LiCA, a Potô da Biologia, o Rubinho, na Veterinária. E como, de certa forma, conferimos legitimidade à reitoria, e a tudo mais que eles falavam mal, quando participamos dos conselhos, resolvemos

adotar, naquele momento, a regra que tinha escrita, e buscar essa legitimidade, até para garantir um trânsito mais fácil com a reitoria do Hugo. Seguimos o estatuto e ficou um certo mal estar, pois as eleições anteriores tinham sido feitas na base da informalidade, e nessa contamos com a reitoria na organização da eleição: ‘Vamos usar o que está valendo’. E fizemos a chapa com presidente, vice, secretário, mas nunca funcionou desse jeito. Fizemos a campanha, como sempre fazíamos, com música, cantando nos corredores, o tempo todo, tomando cerveja nos bares e todo mundo conhecia a gente. E a eleição foi muito mais fácil do que imaginávamos, ganhamos com 77% dos votos. (Leonardo)

A campanha irreverente, as propostas pontuais e a possibilidade de uma maior participação dos estudantes permitiu uma vitória esmagadora. Essa vitória representou o repúdio à condução que era dada ao movimento estudantil pelo DCE, vinculado à Convergência Socialista – como anteriormente ocorrera com o PCdoB em 1987, com a ‘Caminhando’ em 1983, e com o MEP, em 1979. A vitória da associação de lideranças representativas e populares com novas propostas que se opunham a uma gestão fortemente associada a uma corrente partidária, que se descuidava das questões internas ligadas ao cotidiano do estudante, e por isso eram derrotadas, não era novidade no movimento estudantil da Rural.

A péssima gestão do DCE nos fez reagir e montar chapa. Eles eram muito ruins, tanto que foram 3 chapas concorrendo e a soma dos votos das duas chapas foi menos da metade dos nossos votos. Foi uma derrota vergonhosa. E não que fossemos muito bons, mas na verdade foi um grande ‘não’ que os estudantes deram àquele jeito política no DCE. (Beth)

Os ‘camarões’ apontaram para um outro momento, pois se opunham àquela discussão raivosa da Convergência Socialista, que dizia que não precisávamos refletir mais nada, pois toda a reflexão já foi feita por Marx no século passado, como se não precisássemos discutir mais nada na Universidade. E discordavam da posição do DCE de que nossa participação nos Conselhos legitimava o sistema, por que se não participávamos não saberíamos o se estava tramando nos Conselhos, e no mínimo você protesta, você marca posição e traz, em primeira mão, o que se discute lá e dá armas ao movimento para lutar contra. (Tarci)

Já eleitos, os ‘camarões’ se empenharam na campanha eleitoral para a Administração Superior, apoiando a chapa ‘Mude’, que vitoriosa conduz o prof. Manlio Silvestre, candidato derrotado em 1988, à Reitoria. A irreverência ‘camarônica’ esteve presente nessa campanha eleitoral, como estivera na anterior. É interessante relatar dois episódios que envolvem uma mesma situação, a apuração dos votos, nas eleições para a Reitoria, em 1988, quando a chapa Alternativa perdeu, e em 1992, quando a chapa MUDE foi vitoriosa. Uma mesma

canção ‘*Apesar de Você*’, independente do resultado do pleito, na derrota e na vitória, representou a expectativa de mudanças concretas na Universidade e uma crítica ao continuísmo da Administração Superior.

Quando vimos que a derrota era certa, foi aquele baque, olhávamos uns para os outros desorientados, e agora ? E o Leo começou a tocar o cavaquinho e a cantar ‘*Apesar de Você*’, e a gente começou a cantar também, nos levantamos e saímos do Gustavo. Ficamos lá fora, chorando e cantando isso. E quatro anos se passaram ... Estávamos novamente do Ginásio, acompanhando a apuração, e sabíamos que dessa vez a vitória era certa. E mais uma vez, o Leo catou o cavaquinho e foi aquela catarse, a gente ficou em pé, e cantava “*Apesar de você, amanhã há de ser outro dia*”. Foram quatro anos, com aquilo engasgado na garganta, então ali foi uma vitória. Essa música para a gente tinha, e tem até hoje, um significado muito forte: foi para isso que ela foi feita, na época da ditadura...(Beto)

A nova Administração Superior, eleita com o apoio massivo dos estudantes, encampou as reivindicações estudantis, e pela primeira vez na Rural o movimento estudantil não percebia a Reitoria como antagonista, mas sim como aliada.

Em 92, foi o ano da eleição da reitoria e da nossa eleição também. E grande parte das razões da nossa militância histórica, passam a ser bandeira da reitoria também, e o conflito some. O movimento estudantil passou a vida inteira martelando a reitoria, antes com o Adriano, depois com o Hugo, e com quem estava antes. E com o Manlio ficou um negócio meio sem conflito e deu uma esvaziada na bandeira, no conteúdo. Ficou um negócio meio de apoiar, uma discussão para implementar as coisas, de como fazer com o bandeirão, com o alojamento, as bandeiras internas. Mas apesar dessa atitude, não perdemos a representatividade nesse período, pois as pessoas continuavam gostando da gente, indo as reuniões que a gente colocava, participando das assembléias. (Leonardo)

Surgiram críticas a essa comunhão entre o DCE e a Administração superior, que retirou do movimento estudantil seu ímpeto guerreiro e esvaziou as bandeiras locais.

Diziam que devíamos ter mantido certa neutralidade, isenção. Ajudamos a construir aquele processo, desde a eleição anterior, quando perdemos, mas continuamos trabalhando, para construir na próxima, e conseguimos. E esse momento, talvez tenha sido o mais difícil no movimento estudantil, porque ganhamos a eleição, doidos p’ra brigar, e não tem mais briga. Não tinha mais aquela reivindicação anterior, aquele embate de ir p’ra porrada, invadir a reitoria. Com a reitoria do Manlio, pelo menos no tempo que a gente ficou lá, como gestão do DCE foi uma relação foi amigável demais, e que de certa forma, esvaziou as bandeiras no movimento estudantil. (Leonardo) .

Os estudantes que ingressaram naquele momento na Universidade se surpreenderam com a proximidade da Reitoria com os estudantes. Esse

relacionamento amigável continuou presente nas outras duas gestões do DCE, ‘Desiderata’ (1993-94) e ‘Jatobá’ (1995-96), como relatam seus integrantes:

O Manlio era oposição ao estabelecido na época e tudo o que a gente queria, e para alguns fazíamos parte da administração. Na nossa gestão foi muito difícil lidar com isso, devido à essa idéia de que o DCE tinha que estar em confronto o tempo inteiro, e queriam que brigássemos com o Manlio, mesmo sem porquê. Tivemos muitos confrontos com a reitoria, por causa do bandejão, da obra dos alojamentos, da Estatuínte. Foi muita briga, e a gente quebrou muito pau também. Mas, o Manlio era um reitor que ouvia, então era muito mais difícil ter aquele embate como quando era com o Hugo, que nem queria ouvir o Camarão, que não tinha papo com o movimento estudantil. Com o Manlio tinha essa abertura, até por que a gente trabalhou p’ra que ele ganhasse a administração. (Vera)

Quando entrei me contaram que o reitor tinha sido eleito com o apoio dos estudantes, encima de uma plataforma política, de um programa, em que os estudantes levaram suas reivindicações, de reforma do alojamento, de reestruturação do restaurante universitário. Não foi um apoio cego. Era uma reitoria de esquerda, mas que nunca ia substituir o papel dos estudantes no movimento estudantil. Só que era mais um na nossa trincheira, mais um que estava do nosso lado, que reclamava da questão de falta de professores, bolsas para estudantes carentes, bolsas de estudo, bolsas de pesquisa, sempre crítico ao Governo. Não podíamos ser sectários, e ser contra só por que ele era o reitor. O víamos como um aliado, que estava junto com a gente para defender a universidade pública, mas não depositávamos nele a nossa responsabilidade. Mas quando levávamos uma reivindicação, era alguém com quem podíamos contar. (Luiz Claudio)

Efetivamente, nunca antes houvera um canal de diálogo e negociação entre os estudantes organizados e a Administração Superior tão aberto e flexível. Entretanto, a relação com a reitoria, às vezes, era afetada por crises de desconfiança mútua. A Administração Superior era uma aliada ‘bem informada’ acerca do movimento estudantil local, e muitas vezes antecipava os manifestações reivindicatórias, instaurando um diálogo mais direto e efetivo que evitava um confronto maior. Alguns estudantes viam o atendimento às reivindicações estudantis como uma estratégia de cooptação do movimento.

Tudo o que discutíamos no DCE, vazava p’ra administração. Uma vez organizamos um ‘bandejaço’, p’ra provar p’ra administração superior que o bandejão não tinha condições de atender todos os estudantes. No dia do bandejaço apareceu o reitor, o Decano, todo mundo no DCE p’ra fazer uma reunião com a gente na hora do almoço. Desarticulou tudo o que fora planejado a portas fechadas. E descobrimos que uma menina no DCE passava tudo p’ra chefe de gabinete do Manlio, era aluna e amiga dela. Não sei se o objetivo era minar nossa organização, se foi usada pela administração, mas ficamos revoltadíssimos. Nos impasses com a administração, conseguíamos resolver as coisas sem precisar fazer muito barulho, e os barulhos que a gente organizava eram desarticulados. Conseguimos uma série de coisas, como manter os fogões no alojamento, o

funcionamento da piscina, impedimos várias vezes o aumento do bandejão e vimos isso como vitórias do movimento estudantil. (Vera)

Mesmo assim, o movimento estudantil alcançou vitórias e manteve a relação de aliança com a Administração Superior durante essa única gestão ‘progressista’ à frente da reitoria, que se caracterizava por uma postura menos autoritária em relação aos estudantes:

E a briga do alojamento foi por que proibiram os fogões e tinham até razão, questão da infra-estrutura dos espaços para se manter um fogão, que não tinham manutenção nenhuma, feria a segurança, e se acontecesse algum acidente aqui dentro a universidade seria responsabilizada. E discutiu-se muito, e inclusive nos propomos a fazer uma vistoria em todos os quartos, todos os fogões, pra manutenção dos fogões que estivesse funcionando bem. E eles, evidentemente, fecharam os olhos depois, por que não tinha como proibir. E foi elaborada uma cartilha com direitos e deveres dos discentes, fizemos várias assembléias e reuniões, p’ra discutir aquilo, tinha uma série de coisas que não concordávamos. (Vera)

Sem conflito declarado com a reitoria, e contando com o seu apoio, durante a gestão ‘camarão’ a Universidade, contudo, viveu uma efervescência cultural como não se tinha notícia desde a virada da década de 70/80. O fator cultural era, como relata um depoente, o veículo para mobilizar os estudantes, para ampliar a conscientização:

Não éramos uma chapa que só fazia eventos culturais, mas uma chapa que decidiu usar o veículo cultural como ferramenta de mobilização e de conscientização dos estudantes. A linguagem que utilizávamos para atrair os estudantes para um processo de conscientização política é que era diferente, fortemente calcada na mobilização cultural. E usávamos muito do teatro, da música, da poesia, como veículo. Fazíamos esquetes no bandejão, promovíamos peças com o cunho um pouco mais político, como “O Burguês Fidalgo”, por exemplo, como uma forma de mobilizar, de atrair os estudantes para discussão. Trazíamos shows de músicos fora do esquemão comercial, com algum conteúdo social, político por trás. (Beto)

O fato de vários integrantes da chapa participarem de atividades culturais favoreceu a identificação dessa gestão com a cultura, que não era, como no passado, uma mera utilização da popularidade desses estudantes visando fins eleitorais. A promoção da cultura, o resgate de raízes culturais, empreendido pela gestão atraía os estudantes envolvidos com as atividades culturais, os ‘animadores’ culturais se aproximavam do DCE nessa relação com a cultura, e não por que comungassem necessariamente da mesma ideologia.

O grupo de teatro, já existia antes da gestão, e não era do DCE e nem de estudantes, mas um grupo de teatro da Universidade, que tinha professores,

funcionários. Existe uma aproximação, uma inter-relação com o grupo, por causa das pessoas, da Potô, que era uma figura chave no grupo de teatro, e era a nossa ‘chefinha’, presidente do DCE. Mas usávamos o conhecimento do teatro dessas pessoas, a serviço da mobilização dos estudantes. (Beto)

Os integrantes da Segunda Geração, nascidos após 1964, foram adolescentes já no período da Abertura política. Como ingressaram na Rural após o fim da ditadura, principalmente os que integraram a gestão ‘camarão’, apontaram a conjuntura política do país como um fator importante na sua socialização e posterior inserção nos movimentos sociais. Muitos já participavam do movimento estudantil durante o segundo grau, como é o caso de Leonardo:

A maioria de nós começou a pensar em movimento estudantil, no segundo grau. E a ditadura marcou todos nós, que tinham uma história de militância ou que tinham uma história familiar mesmo, com alguém impactado por aquele regime ditatorial. E estar na universidade era de certa forma libertário, ‘vou fazer alguma coisa, vou agir’. E aquelas maluquices nossas, - fechar a Dutra, fechar a Rio-São Paulo - eram maravilhosas, e vinha todo mundo atrás, levava uma galera. (Lucia)

Meu pai era militante, não foi preso por um triz, estava fichado. E se meus pais não puderam falar eu tinha que berrar, era quase que uma obrigação eu ser politizada e falar alto o que meus pais não puderam falar. Com 11 anos eu era presidente da Associação mirim do meu bairro, fui presidente do Grêmio do CAP, fazia e acontecia. Acho que tem uma influência da família, sim, meu pai era petista e minha mãe brizolista....(Denise)

E tem muito a ver com a nossa geração, que sai da ditadura militar e sabe que agora pode falar. E isso foi muito marcante nessa geração, já que nossos irmãos mais velhos, nossos pais e tios não puderam se manifestar no nível que a gente se manifestava, não podiam fechar as estradas, ocupar o MEC, invadir reitoria e agora a gente pode. Lembro bem, na ocupação do MEC, da cara da polícia, que tinha mais medo de enfrentar o estudante do que o estudante de enfrentar a polícia. E naquele momento a gente se expunha muito, lembro que deitei na Dutra, xinguei policial, fiz um monte de coisa e ninguém veio me prender, ninguém me batia. A gente podia se expor... (Beth)

Pertencer a essa geração foi um marco para esses jovens, que estão mais receptivos à mudança social. Ao ingressarem na Universidade eles já traziam consigo certa bagagem político-cultural acumulada ao longo de suas trajetórias, e que favoreceu sentimentos coletivos comuns. Os acontecimentos que estruturaram a época em que essa geração cursava o ensino médio e ingressava na Rural, propiciou uma representação mental comum e influenciou comportamentos específicos e práticas sociais, culturais e políticas. O fato de “viver os mesmos acontecimentos e experiências, cria e reforça” entre os membros de uma mesma geração, “laços de solidariedade, amizade e dependência”, permitindo que eles se

“reconheçam dentro dos mesmos códigos e das mesmas práticas políticas, sociais e culturais” (Abreu, 2003, p.183).

5.3 Representações de uma geração exemplar

As representações da juventude atual como incapaz de “resistir ou oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social”, como “o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político”, é do ponto de vista desta pesquisa, problemática, pois nega seu caráter plural (Abramo, 1997, p.31). Esse ‘comportamento’ imputado a juventude, portanto não parece ter uma amplitude mais abrangente, visto o despontar, já assinalado, de novas subjetividades juvenis, que deixam vislumbrar uma saída para a crise de valores, para a massificação e para a alienação que marcam a sociedade atual.

No entanto, cabe ressaltar que não pode se atribuir unicamente à juventude a responsabilidade sobre os rumos da sociedade, nem a tarefa de mudar ou corrigir as tendências negativas do sistema. É necessário superar os maniqueísmos derivados dessas representações idealizadas da juventude, que lhe atribuem ora um papel de inovação cultural e transformação social ora de alienação e apatia social. A investigação buscou problematizar essas interpretações, construindo um objeto que favorecesse a multidimensionalidade do problema, resignificando-o.

Os ex-militantes sujeitos da pesquisa quando se referem à juventude atual apresentam visões contraditórias, reconhecem que os jovens de hoje são diferentes da sua geração, mas não vêem isso como negativo, pois cada geração tem a sua luta específica. Eles representam os jovens de hoje como mais críticos e informados, mas menos dispostos a se organizarem coletivamente e a empunharem bandeiras.

Nossa geração rompeu com muita coisa, fez muitas conquistas, e legou isso pra eles. Na Universidade, hoje se faz assembleia de estudantes no Gustavão, nós conquistamos esse espaço, e damos um valor danado a isso, mas para eles parece besteira, é simples, não teve problema. Conquistar a sede do DCE, arrombar a porta, ocupar os espaços que eram dos estudantes, foram conquistas fantásticas. Lembro, até hoje, da cena da gente abrindo a porta, e p’ra eles é banal. A gente conquistou tudo, a coisa individual, de costumes, de cultura, etc. E eles pegaram isso tudo de mão beijada, o que é legal, mas tem que avançar mais. Por outro lado, pegaram uma barra pesada que é essa globalização violenta em cima deles,

porque não tem emprego. Mas, estou mais otimista com essa geração agora do que com a geração de 80. Sinto que eles tem mais curiosidade, de saber, de buscar mais alguma coisa por trás do corpo bonito, do consumo, da aparente felicidade. Sinto que eles procuram se contrapor ao individualismo, ao darwinismo social que está em tudo quanto é lugar. Eles buscam mais conteúdo e menos forma. (Luís Mauro)

Essa é uma geração já formada com outros paradigmas: eles tem mais acesso a informação do que a gente tinha antigamente, tem mais opção de escolha, mais liberdade. O que a nossa geração teve que fazer foi feito, teve seu valor histórico, mas não é uma referência importante p'ra eles, que têm outras referências. Às vezes, lamento um pouquinho, porque parece que eles buscam hoje um senso individual, acho que a informática jogou cada um p'ra frente do seu computador, a internet é maravilhosa, mas... E não vejo realmente uma vontade de participar na vida política do país, são descrentes da política, e acho isso negativo e que vai refletir em um vazio de lideranças, a curto e médio prazo, e isso é grave pro país. Mas, de certa forma, as ONGs passaram a mobilizar um pouco mais os jovens a terem mais interesse pelo país, pela política, pelo ambiente, ainda que com a preocupação em captar recursos financeiros, algumas perdem certos princípios... (Edilson)

A juventude de hoje não precisa mais lutar pela liberdade, pois ela já está garantida, e o conflito de gerações também parece menor, diferentemente da geração de 70.

Acho que a diferença mais forte entre a nossa geração da década de 70 e a de agora, é a liberdade. A geração de hoje é muito livre, os adolescentes tem muito mais liberdade dentro de casa, como indivíduo, como filho, do que a gente tinha. Na minha época, não lembro de ninguém que sequer imaginasse ficar em casa, porque a família, os costumes, eram repressivos demais. Nossa geração saía p'ra porrada por tudo, queríamos sair de casa, ir trabalhar, se virar: lutávamos pela autonomia, pela liberdade. O núcleo familiar era tão repressivo quanto o Estado: a família reproduzia o Estado repressivo. Hoje em dia, o Estado não tem uma repressão aparente, manipula muito mais, e a família é totalmente livre. Ninguém mais sai de casa, se deixar ficam lá, morrem agarrado na saia. Isso é um diferencial grande entre as gerações. Mas sinto essa geração mais insatisfeita: eles querem mais do que a liberdade de trazer a namorada em casa, querem buscar mais, saber mais, ainda que não saibam muito bem o quê. Não se sabe o que vem aí, mas parece interessante. (Luís Mauro)

Como a representação que esses sujeitos possuem do movimento estudantil é geralmente positiva, eles tendem a manter essa mesma representação em relação ao jovens da geração atual que participam do movimento político. Ao olharem para o movimento estudantil de hoje reavaliam sua própria inserção no passado, encontram semelhanças e disparidades.

O movimento estudantil hoje tem muita coisa diferente dos anos 80. Mas o essencial é manter acessa uma chama crítica, despertar o estudantado p'ra idéia de voltar a sonhar com alguma coisa, e sair desse individualismo exarcebado, desse negócio tão morto de 'nada vale a pena', e se contrapor à visão

mercantilizada da universidade e da sociedade. Na UFAC, a eleição pro DCE teve 7 chapas concorrendo, um movimento interessantíssimo. Ganhou a chapa apoiada pelo PT, sob influência direta do Governo Estadual, – o PT lá é muito reacionário, foi capturado pelas oligarquias: está tudo na mão deles, todos os sindicatos, é muito invasivo. Mas, teve uma chapa genial, – que sem grana foi a segunda mais votada no Estado, a mais votada no campus central – que criticou fortemente a partidarização da Universidade, do movimento estudantil, da administração universitária: “Independência ou eles”. É claro que o individualismo existe, mas tem esse troço mais explosivo. (Elder)

Vejo que mudou o foco, o que antes era organizado, dentro da Universidade, como movimento estudantil, hoje é organizado, fora e dentro da Universidade, como movimento popular. Cresceu a organização dos movimentos populares, sobretudo do MST. Percebo entre os alunos que são politicamente bem organizados, que têm poder de análise e reflexão sobre a situação, que eles correm muito atrás de uma formação individual, leituras, cursos. Na minha época, as tendências organizavam cursos de formação na Rural, mas hoje não tem isso. Os melhores alunos estão nesse caminho: ou estão inseridos em movimentos populares ou estão caminhando por fora, comendo nas brechas, com grupos de discussão, com leituras individuais, buscando cursos. Eles fazem cursos de formação, para militantes e simpatizantes do MST, pois, mesmo os que não estão ou não são do MST, são caudatários desse mesmo pensamento, de organização e militância popular. A organização estudantil perdeu seus quadros, e ficou muito difícil, pois o foco agora é a profissionalização, o encaixe no mercado. Não tem mais a questão da idealização do coletivo, da luta, do embate político, do embate ideológico dentro da Universidade: as coisas se mesclaram, se pulverizaram. Os alunos mais brilhantes se destacam pela inserção nos movimentos populares ou, até mesmo, em alguns partidos. O movimento estudantil mudou muito em função dessa mudança de foco: antes você tinha grupos e hoje você tem pessoas. Olavo é um exemplo disso, pertence a uma tendência, mas ele é uma raridade dentro da Rural. (Mailta)

Para Guatarri (1990), a mudança da sociedade passa por uma transformação das práticas individuais e coletivas através de uma revolução ética e estética da subjetividade humana, afirmando que “os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes”, sugerindo a possibilidade de uma alternativa ao individualismo e à massificação propostas pelo sistema.

Se entre os integrantes da Primeira Geração era comum encontrar ‘quadros’ partidário, a Segunda Geração se caracterizou como promotora de alternativas à partidarização que aparelhava as entidades estudantis, e que marcou algumas gestões. Houve uma reinterpretação do movimento estudantil, visando conjugar as diferenças individuais, a condição juvenil, a luta coletiva, a solidariedade. Essa geração, sujeita a experiências comuns devido à conjuntura da época, apresentou uma predisposição a determinadas práticas, de forma mais ou

menos evidente, sem minimizar o peso da trajetória individual e da socialização de cada um.

Acho que a formação individual de cada um, a trajetória anterior à Universidade teve uma influência muito grande. As pessoas já estavam predispostas a se inserir nesse tipo de movimento, tinham uma sensibilidade, e isso pesa no grupo. Evidentemente tem muita gente que não tem essa mesma trajetória, e foi uma situação específica que favoreceu que eles se inserissem. Tem as duas coisas, mas o peso da formação individual de cada um, seja da família, ou da ligação com a Igreja ou com outro movimento tem um peso importante nessa trajetória. (Luciano)

Não consigo ver nessa galera uma identidade do tipo, ‘todo mundo veio de movimentos de Igreja ou de grêmio’, pois cada um veio com uma história diferente. E houve um encontro comum, e naquele ambiente, naquele momento juntou todo mundo. E na Rural, havia aquele ambiente em que as pessoas conviviam, moravam juntas, dormiam juntas e comiam juntas e tinham outros problemas e a possibilidade de mudar o ambiente em que viviam. Não é essa universidade que a gente queria e agora podíamos falar, que quem entrou ali 10 anos antes não podia. São vários motivos de confluência, não é uma coisa só. (Beth)

A socialização acadêmica e a participação no movimento estudantil – que agregou trajetórias sociais diferenciadas, em períodos distintos e sob conjunturas diversas – apontam para a construção de uma representação social comum e compartilhada pelos integrantes dos diversos grupos e sub-grupos de estudantes da Universidade Rural. Essa representação reafirma a importância atribuída à militância e à convivência durante os anos de formação na Universidade. Como foi visto a peculiaridade da Rural, os alojamentos, são um aspecto fundamental na mobilização estudantil, na instituição dos vários grupos, em um movimento estudantil mais presente, e isso foi comum às duas gerações.

A noção de *campus* universitário faz a diferença, pois estando dentro da Universidade você começa a viver a Universidade como um todo, morando lá a vida estudantil tem outro pique, e que é uma coisa que não necessariamente acontece com todos. E como a Rural é distante o pessoal tem que morar em Seropédica ou no Alojamento, tem esse diferencial, e quem não estava ali perdia coisas fundamentais, a gente passava a noite em discussões. O alojamento reunia os estudantes, era o centro da efervescência, da discussão nesse universo que é a Universidade. (Vera)

Houve uma soma de fatores, por que a Rural é um *campus* universitário, as pessoas ficam lá, têm aquela vivência de reunir e discutir coisas, e quando se há esse interesse a criatividade aumenta, e nesse ambiente tem várias variáveis que te fazem crescer. E o resultado é esse: essas pessoas que estão sendo entrevistadas agora. (Emília)

Os ‘camarões’ podem ser representados como um grupo exemplar, que se distingue dos demais militantes entrevistados, justamente porque constituem um grupo. Eles são um exemplo de uma ‘unidade de geração’ forjada a partir de um vínculo intenso produzido pela vivência de uma similaridade de situação e de uma longa convivência. Esse vínculo não permaneceu somente durante a graduação, – como entre os demais entrevistados – mas que se manteve até hoje, com repercussões em sua vida pessoal e profissional. Como grupo político, a gestão do ‘camarão’ marcou o último pico do movimento estudantil na Rural, na década de 90. O diferencial que este grupo apresenta – em relação aos ‘partidarizados’ que os antecederam, e mesmo aos ‘independentes’ que os sucederam – refere-se a uma capacidade de perceber a mudança no perfil do estudante e na conjuntura do país, e ‘sacar’ que o próprio movimento estudantil deveria alterar seu discurso e sua prática, para poder acompanhar essas mudanças.

O diferencial do movimento estudantil entre nós e o pessoal de tendência, de militância partidária, foi a ‘sacação’ de era importante pensar no ambiente em que a gente vivia. E brigava com o pessoal da CS que subia na cadeira no bandeirão e falava da ‘contra-ofensiva do imperialismo capitalista’ enquanto o estudante comia ovo, sem perceber que para o aluno isso era muito pior do que a intervenção de ‘Bush-pai’ no Oriente Médio. Eles diziam que omitimos essa relação, que isso era uma traição, mas sabíamos que não adiantava falar numa linguagem que os estudantes não entendiam – com um discurso dos anos 60, 70 – por que a linguagem não é mais essa, e há pouco tempo atrás eles estavam vendo o programa da Xuxa. Mas eles se incomodam se não tiverem um quarto decente, uma aula decente e uma comida decente. Esse era o nosso diferencial tanto em relação às tendências quanto às outras universidades que não tinham esse ambiente de construção coletiva. (Beth)

E o que fazia a diferença, era que os ‘camarões’ não era um grupo muito coeso em termo de ideologia, mas uma reunião de pessoas que tiveram essas experiências anteriores, nos CAs, e traziam as necessidades dos estudantes nos cursos, coisas pontuais mesmo, e que poderiam colaborar para a melhoria das condições de ensino. Participei porque acreditei nisso. (Tarci)

Esse movimento mais leve e descontraído, menos identificado com o partido, com a tendência, mas igualmente militante também fechava a Dutra se fosse preciso ou invadia a reitoria. Mas para comprometer as pessoas com a luta usava um discurso muito mais leve, mais próximo da realidade do estudante, e capaz de aproximar os vários tipos de alunos: o ‘maconheiro’ comum, o militante ‘xiíta’, o festeiro, os ‘exotéricos’, os artistas, os ‘certinhos’. Conseguíamos atrair todo mundo para o movimento, inclusive a galera de outros movimentos como o Viver Melhor, o GAE, o Erva-Doce. E na época em que a tendência partidária dirigia o movimento estudantil esses grupos estavam nos seus nichos, pois o discurso do DCE não os atraía. Conseguimos aglutinar com um movimento mais alegre, um

discurso mais permeável, menos vínculos partidários e durar mais tempo por que estava todo mundo junto. (Leonardo)

O que poderia ser um elemento dificultador de aglutinação do grupo, sua heterogeneidade, de fato tornou-se uma característica dos ‘camarões’: sua pluralidade, pois vista no conjunto, a chapa “tinha um componente de esquerda, mas não era uma chapa homogênea, fechada de esquerda”. Como fala um ‘camarão’ militante, essa pluralidade da chapa, “essa coisa de ampliar o leque ideológico, estava inclusive na música dos camarões”, que reafirma certa coloração ideológica mais variada, não excludente, como eles cantavam durante a campanha :

*Faz muito tempo que o DCE, tem andado nessas trevas
Venha com a gente para sair dessa tristeza,
pois o camarão que não nada a onda leva.
Venha como quiser, faça o que der na telha,
sua camisa pode ser verde ou vermelha.*

É interessante frisar que, quando da formação da chapa “Camarão que não nada a onda leva” que concorre e ganha as eleições para o DCE, em março de 1992, este já era um grupo de amigos, e não pessoas isoladas que por interesses políticos integram uma chapa e, posteriormente, estabelecem ou não laços de amizade. Esse grupo de amigos, composto basicamente por estudantes de Agronomia, que ainda no início do curso inseriram-se no movimento estudantil do curso, dirigindo o CEA, participando de encontros nacionais.

Porque além da Diretoria do CEA, sempre teve muita gente que andava junto, que era amigo e que nunca deixou esse grupo muito sozinho. Estavam sempre ali junto, se fosse uma reunião do CEA para tratar um negócio muito sério ou tomar cerveja em um botequim, sempre reunia aquele grupinho. E isso também selou essa amizade que a gente mantém até hoje, de se encontrar e fazer festa de fim de ano, que começou aí. (Leonardo)

Esse grupo passa o *Reveillon*⁹ juntos à aproximadamente 15 anos. Em 2002/2003, os ‘camarões’ foram à Brasília para a posse de Lula, que foi o paraninfo da turma de Agronomia que se formou em 1995. Esse é o exemplo mais acabado de vínculos que permanecem e que foram construídos no período em que estudaram e residiram na Universidade Rural.

⁹ Em 2003/2004, foi em um sítio em Xerém, com a presença de ‘camarões’ que trabalham em Brasília, São Paulo, Rondônia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, além dos cariocas.

Passamos o ano novo junto, há quinze anos mais ou menos, desde 88. E onde o cara estiver, Acre ou Rio Grande do Sul, vem para o *Reveillon*. No ano passado foi excepcional, foi na posse do Lula, em Brasília. Mas, geralmente, alugamos uma casa em alguma lugar do Rio, já teve um em Angra, Cabo Frio, e enche de gente lá. No início era só nós e agora tem filhos. E a organização é autônoma, agora tem *e-mail* é mais fácil. E em 88, 89, 90, ainda na Rural, nem se alugava casa, íamos para a casa de alguém, uma casa fora de lá. É um compromisso, a gente não abre mão. Normalmente, a gente vai de onde tiver. Mas, de qualquer forma, isso é um limitante p'ra quem é pai de família fora desse universo. Muitos constituíram família nesse universo, casaram com colega, e isso facilita muito as coisas. (Leonardo)

A peculiaridade desse grupo encontra-se justamente na rede social que se estabeleceu entre os membros dessa gestão, vínculos de amizade, profissionais, familiares, que permanecem até hoje. Essa representação da Rural como 'uma família', e celeiro de amizades que se perpetuam por toda a vida é uma representação comum entre o grupo dos 'camarões'. Esse grupo introduz uma forma menos 'stalinista' de fazer política e leva a espontaneidade e irreverência ao movimento estudantil da Rural, segundo sua própria representação. Os primeiros reflexos dessa mudança começam a despontar no episódio da Ocupação do MEC, e estende-se às campanhas pela reitoria de 1988 e 1992.

os 30 dias de ocupação do Palácio Gustavo Capanema, sede da Delegacia do MEC no Rio de Janeiro, em 1988, também foi um marco na história do movimento, inclusive na subversão espontânea e participativa no que dizia respeito às "representações" dos estudantes, tendo sido aquele um movimento que deslocou as chamadas "lideranças" (alguns "estudantes profissionais") para um papel de segundo plano, assumindo-se um sistema de organização e avaliação dos rumos bastante inovador e democrático.(Beto)

Alguns estudantes deste grupo permaneceram um período de tempo mais longo na Universidade, o que permitiu que construíssem certa massa crítica sobre o movimento estudantil, ao longo de seu processo de amadurecimento, e assim percebessem que este necessitava de uma renovação de bandeiras, de formas organizativas, de estratégias de mobilização. Note-se que o alongamento do percurso acadêmico dentro da Rural, não foi um caso isolado, mas um comportamento coletivo de parte deste grupo, que assim pode participar do movimento estudantil em momentos distintos.

No movimento estudantil as bandeiras não mudavam muito, o foco é aqui, 'a defesa da universidade', mas os estudantes não ficam muito tempo, os grupos mudam. O movimento estudantil é fixo, evolui pouco, historicamente, pois o trem vai passando, só mudam as pessoas: as pessoas são diferentes mas o discurso é o mesmo. Quando a uma liderança fica capaz de fazer intervenções diferenciadas,

se forma e vai embora. Tivemos a chance de ver uma certa mudança de bandeira, já que ficamos muito tempo na universidade. A gente entrou, ficou muito tempo lá, acompanhamos 6,7,8 anos de movimento. Hoje, tenho a impressão que o movimento se complicou, está muito mais partidário, mais particularizado, com visões antagônicas que brigam entre si, o tempo todo, e sobra pouco para discutir a questão da universidade, as coisas mais gerais. Disputam o espaço do movimento estudantil, quem tem DCE, quem tem Centro Acadêmico. E quem foge disso, consegue fazer uns negócios legais, despontam e conseguem mais representatividade. Mas não basta buscar a representatividade pela representatividade, como na direção da UNE, por exemplo, que projeta o cara nacionalmente, ainda que ele não tenha representatividade junto à base: o Lindenberg virou deputado no Rio, o Fernando Gusmão virou vereador no Rio. Eles vieram do Nordeste, e fizeram carreira política aqui e o estudante lá da base? O PCdoB centrou no Rio, redirecionou a base para cá e o PSTU também, mas o estudante mesmo não enxerga o cara como seu representante. (Leonardo)

A mudança da conjuntura política do país também foi apontada como responsável pelas mudanças percebidas no movimento estudantil, e nos movimentos sociais em geral.

Essa renovação, esse aspecto de inovação no processo político, foi importante e não foi uma exclusividade da Rural, mas deveu-se a uma conjuntura política nacional que favoreceu essa forma de expressão. Outros movimentos sociais emergiram no Brasil, nesse mesmo momento, – negando a cultura política da esquerda dogmática, de PCB, de PCdoB – afirmando um outro projeto muito mais enraizado nos movimentos sociais e valorizando esses processos. Quando entrei na Rural as assembleias de estudantes pareciam uma arena: estudantes do PCdoB, do PCB e do PT saíam na ‘porrada’, brigavam entre si, discutindo a posse de um processo que era só deles. Era uma espécie de esquizofrenia que acomete certos movimentos que se distanciam da base: o debate político-ideológico não dialoga com a realidade social, com os processos concretos. Mas houve uma renovação na década de 80, e não foi só na linguagem, mas na concepção de ação em desenvolvimento, na capacidade de favorecer os diferentes movimentos que a sociedade foi capaz de fomentar. E aqui, intuitivamente, motivamos os estudantes para que se inserirem nos diferentes movimentos sociais, interagimos com a sociedade vizinha, pois acompanhamos as ocupações de terra. Articulamos o debate político lá fora, não só o local, e o vinculamos com os processos que estávamos vivendo aqui, valorizamos e mobilizamos o teatro, a cultura, as questões locais. (Luciano)

A experiência do movimento estudantil levantada aqui foi um processo contínuo de influência mútua entre as sucessivas gerações de estudantes, que refletiam uma confluência de fatores como a peculiaridade da Universidade, a conjuntura política local e nacional, as experiências pregressas que cada uma dessas lideranças trazia.

O movimento estudantil é uma soma de efeitos. Na minha avaliação levamos um pouco a história da gente, das coisas que fizemos antes da Rural, e tivemos essa grande confluência, de estarem as pessoas certas, no lugar certo e no momento certo. Não é só ser aluno da Rural, – senão todos os alunos da Rural seriam muito

parecidos, – ou ser do movimento estudantil, – lá já teve movimentos diferentes do nosso, antes e depois, – que tornou os ‘camarões’ tão diferentes. Isso começou antes da geração da gente, com o Luciano, Ney, Marcelinho, e mesmo sem termos relação direta com eles na militância, eles influenciaram a geração do Cazuza e do Felipe, que por sua vez influenciou a nossa. (Leonardo)

Cabe destacar, ainda que brevemente, que as representações políticas dos militantes das duas gerações também foi se modificando ao longo do processo de amadurecimento, refletindo as mudanças na conjuntura do país. Muitos desses ex-militantes ainda esperam, acreditam ou lutam pela transformação da sociedade, mas apontam outros caminhos, diferentes daqueles que propunham na época da graduação, renegando a revolução armada, como acreditavam na juventude.

Hoje, acredito que a coisa mais essencial pra vida é a democracia, e não qualquer processo de revolução armada, a não ser que seja a última das últimas alternativas pra derrubar uma tirania. Acredito no processo de construção permanente da democracia, distribuindo cada vez mais e melhor as riquezas do país e avançando sempre na justiça social e nunca pelo processo sangrento, pela força das armas. (Edilson)

O trabalho do parlamento, da luta política institucional me amadureceu muito. Não vejo, nos dias atuais, a possibilidade de um processo revolucionário acontecer e tenho até dúvidas se gostaria que acontecesse, pois iria custar muitas vidas. Acho o processo democrático muito interessante, a disputa política é boa, é saudável. Preferiria que houvesse menos poder econômico e mais democracia nesse processo de escolha popular, que o povo pudesse refletir mais, e não ser inundado por essa avalanche da *midia* que, as vezes, o conduz a certas verdades que não são verdades. Mas, acho que o povo sabe escolher, sabe o que quer fazer, e a eleição do Lula provou isso: eles queriam o Lula, mas ele teve que sinalizar que queria transformar o país, melhorar as condições de vida do povo, mas sem confiscar a casa ou a poupança de quem tem, como diziam em 89. Levou 20 anos, mas o povo entendeu essa mensagem.... (Eloy)

A mudança quanto às opções políticas, que tendem a ser mais moderadas, começa a ocorrer geralmente com a saída da Universidade, e a entrada no mercado de trabalho, e fica mais evidente se compararmos com a expectativa política que os entrevistados possuíam na juventude.

Eu queria fazer a Revolução, não considerava possível ter uma transformação no Brasil, que não fosse pela via armada, revolucionária. Repetia muitas coisas que lia nos documentos do partido, tinha muita convicção, muita certeza, muita segurança de que tinha ser aquilo, mas sabia que aquilo se dava por uma luta política, que conduziria a um processo revolucionário, para a tomada de poder e transformação radical da sociedade. (Eloy)

Em algum momento, todo mundo acreditou na Revolução, a gente também. Mas depois da queda do *Muro de Berlim* ficou aquele vazio... O pessoal das tendências acreditava na iminência da revolução, achavam que ia ser amanhã. Eu

acreditava na Revolução, achava que ia acontecer, mas não sabia quando, só que não seria de imediato. (Leonardo)

A superação dessa concepção política que apontava a revolução como uma possibilidade viável de transformação social efetivou-se de forma gradual, acompanhando o processo de amadurecimento de alguns ex-militantes :

Comecei a mudar ao perceber a possibilidade de uma outra via, que acho que deve ser o ideal do ser humano: acabar com as desigualdades sociais e avançar sempre na direção de melhorar a qualidade de vida da população, mas pela paz. (Edilson)

Fui mudando devagar, pensando bem. Hoje, tenho certeza que a grande maioria é muito mais reformista do que naquela época, quando condenávamos uma transição lenta e gradual. Acho que é um amadurecimento natural mesmo, claro que outras pessoas também amadureceram e nem por isso deixaram de acreditar na revolução. Mas entendi depois que tinha que ser um pouco mais lento. Tem decepções e acertos, nessa mudança de posição, mas acho, particularmente, que tem que ser mais devagar, se não... (Leonardo)

Entretanto, para alguns militantes, ainda que a Revolução não esteja visível no horizonte, ela ainda é um ideal a ser alcançado, sendo percebida como a única forma de transformar a sociedade de fato.

Minha tendência não acredita, e eu também não, que a construção do socialismo possa se dar de maneira pacífica e gradual, através de uma linha reformista. Mas sei que a realidade social brasileira, o nível de consciência, organização e participação das massas não aponta para uma ruptura revolucionária, pois a crença que a população tem hoje nas instituições da democracia burguesa, e principalmente no governo Lula, joga pra mais longe ainda uma perspectiva de revolução. Hoje, no país, se consolidou uma certa lógica reformista, que defende mudanças graduais, embora não acredite que assim se construa uma sociedade igualitária, fraterna, solidária, socialista... (Olavo)

Ainda hoje, o movimento estudantil se debruça sobre a dicotomia entre reforma ou revolução, no bojo da discussão acerca das perspectivas apontadas pela democracia quanto à sua capacidade de realizar as mudanças necessárias para a superação das desigualdades sociais.

Hoje, pensar em Revolução é algo meio fora dos horizontes do cenário internacional, nacional então nem se fala. Mas acho que Reforma também não resolve, é meu grande dilema atual. Pois quanto maior é o conhecimento, o avanço intelectual, maiores são os obstáculos e as restrições que você vê, por isso Gramsci fala da necessidade de ‘contrapor o pessimismo do intelecto com o otimismo da vontade’. Mas, não acredito que se possa, de fato, chegar a uma sociedade mais justa, ao socialismo, à construção de homem novo, sem um processo de ruptura revolucionária. Como construir algo novo nessa atual estrutura ? Althusser nos ajuda a entender o que acontece hoje no país: pode-se entrar na estrutura e mudar a estrutura ou ao entrar na estrutura somos

corrompidos em grande parte pela estrutura ? O PT surgiu como uma crítica ao stalinismo, ao autoritarismo visceral da esquerda, mas hoje reproduz essa forma de fazer política: ‘os meios justificam os fins’. Como é que se reforma desse jeito, com o jogo do ‘toma lá da cá’ no Congresso, de cooptação partidária dentro dos movimentos, da aniquilação da divergência interna, da expulsão de parlamentares que se contrapõem, do isolamento das correntes mais críticas ? Esse é o dilema que está posto. (Elder)

Hoje acredito na revolução, por que pela reforma, pelo voto, pelo parlamento, já está comprovado que não se modifica nada. Acho que a tese da revolução pelo alto não muda a estrutura que gera a exclusão, a miséria, a desigualdade. Mas não acredito mais na revolução sangrenta, stalinista, da ditadura do proletariado, por que a gente lutava. Acho que o caminho é revolucionário, mas temos que descobrir ainda que tipo de revolução fazer: a revolução armada ou a revolução do individual ? Acho que a revolução deve ser cultural, uma revolução das idéias, das pessoas se conscientizarem. Esse é um momento de crise de paradigmas, pois o capitalismo e o socialismo já demonstraram que não deram certo, de um lado há o aumento da miséria e do outro a supressão da liberdade individual, do diálogo, do respeito às diferenças – é um conflito: somos iguais e diferentes ao mesmo tempo. Edgar Morin fala que a complexidade seria a verdadeira revolução. Busco sempre o que é bom para o coletivo. Mas não sei mais qual é o caminho político: estou do lado da esquerda, mas nem sei mais o que é esquerda. (Mailta)

Essa perplexidade quanto ao momento político atual e às mudanças paradigmáticas da contemporaneidade, entretanto, não parece imprimir um pessimismo quanto às perspectivas da juventude, ainda é objeto de uma representação que lhe atribui a possibilidade de mudar os rumos da sociedade futura.

Acho que, está começando uma fase em que esse individualismo, esse darwinismo social de hoje, que valoriza muito quem passa por cima de todo mundo e vence, vai mudar. Sem ser otimista, mas isso não tem como se sustentar, é falho, é fraco. Em Seattle foi uma surpresa: aqueles movimentos todos surgiram do nada, de repente, juntou tanta gente contra a globalização num lugar, um negócio impressionante. Isso é uma reação contra esse tipo de pensamento, e a maioria é garotada e estão reagindo radicalmente a essa fase individualista, numa dinâmica que vai continuar. (Luís Mauro)

A emergência de movimentos instituintes e de novas subjetividades parece indicar o surgimento de uma reinterpretação contra-hegemônica que aponta para uma ampliação, pulverizada, heterogênea e plural, da participação política da juventude.

Sempre tem saídas: a sociedade encontra os meios. Gramsci afirma que a sociedade não coloca pra si problemas que não esteja à altura de resolver. Hoje estão surgindo outros espaços internacionais de protesto, como o Fórum Mundial, os movimentos supranacionais que contestam a ordem, que mostram que o reino da liberdade não foi enterrado sob a batuta do Tio Sam. Surgem sintomas de insatisfação com esse discurso pobre dos anos 90, do local, do pós-moderno, da

perda das grandes referências. Agora há uma tentativa, de novo, de retomar a crítica, embora com muitas restrições, por que a censura é muito forte dentro da Academia, mas já se vê o desgaste desse discurso massificado. De qualquer maneira tem uma chama acesa, o que faz ainda manter um certo otimismo, e ir além das fronteiras do possível também, de resgatar o impossível. (Elder)

O significado que esses atores atribuíram à sua própria atuação no movimento estudantil reveste-se de importância fundamental nesta investigação, seus relatos revelaram múltiplas versões e interpretações do movimento estudantil, da Universidade e de seus cursos, facetas de um quadro ainda vivo e marcante. As representações construídas pelas lideranças no movimento estudantil local propiciou a reconstrução da história e das estórias da Rural, contadas e recontadas por seus agentes. É perceptível nos depoimentos a nostalgia de um tempo que passou, quando jovens e rebeldes compartilhavam esperanças coletivamente. Para esses jovens a formação acadêmica era indissociável de uma utopia de liberdade e justiça social e suas trajetórias trazem impressas o sonho de mudar o mundo.

Essas representações foram o foco de um evento promovido pelo DCE da Rural para comemorar os 41 anos da entidade, e do qual participaram vários entrevistados, como Edilson, Ricardo, José Elói, Eloy, Leonardo e Luiz Cláudio, além de outros militantes não entrevistados. Todos foram unânimes em destacar a importância do movimento estudantil em sua formação. Um entrevistado, residente no Acre, enviou por e-mail uma saudação ao DCE atual, em que reafirma “o significado efetivo do DCE na ‘sua’ vida”, declarando que “teria enorme prazer em estar presente nesse ato comemorativo” se não houvessem cinco mil quilômetros a separá-lo da Rural.

No DCE da Rural aprendi que a vida só tem sentido quando desafia permanentemente o impossível. Com isso quero dizer que o DCE não faz parte do meu passado, mas é sobretudo, minha fonte inspiradora do presente e do futuro. (Elder)

Iniciados um novo século e um novo milênio, a história do movimento estudantil continua sendo escrita por estudantes que acreditam na utopia de um mundo mais justo e igual, onde “*um mais um seja sempre mais que dois*”. O movimento organizado dos estudantes continua sendo uma forma de lutar pela democratização da Universidade e da sociedade brasileira. Como declarou J. Elói ao final de sua entrevista, *tudo faz parte de uma história...*

5.4

Ainda sobre os camarões: alguns documentos eletrônicos

Finalizando este capítulo apresento a seguir uma série de documentos eletrônicos, enviados e recebidos através da lista do ‘e-groups’ dos ‘camarões’.

Essa seleção contempla:

Documento 1: E-mail de Beto Mesquita apresentando os ‘camarões’	280
Documento 2: E-mails solicitando informações e suas respostas	281
Documento 3: Instrumento enviado e respondido por via eletrônica	284
Documento 4: Algumas manchetes de jornais sobre a ‘Ocupação do MEC’	285
Documento 5: A foto da ‘Ocupação do MEC’	287
Documento 6: As memórias dos ‘camarões’ sobre a ‘Ocupação do MEC’	288
Documento 7: Convite para a Caldeirada comemorativa dos 10 anos da gestão	290
Documento 8: Seleção de e-mails sobre a organização do Reveillon	292
Documento 9: Convite do Reveillon 2004 Xerenquerrimo	296

Esta seleção é apenas um ‘recorte’ das centenas de páginas dessa ‘correspondência’ eletrônica, uma das estratégias utilizadas por este grupo para conservar o vínculo construído ao longo do convívio na Universidade Rural.

Esses documentos poderiam ter sido apensados ao final desta tese, sob a forma de anexos, mas a opção de incluí-los no corpo deste capítulo é um modo de, mais do que simplesmente ilustrar, apresentar mais essa característica do grupo, o afeto e o vínculo permanente que perpassa a linguagem irreverente – outra marca do grupo. A identificação e a convivência continuam vivas e atualizadas se valendo, inclusive, de novas tecnologias, que entretanto não os fazem prescindir do contato físico, do encontro real, da presença.

Documento 1: E-mail de Beto Mesquita apresentando os 'camarões'

----- Original Message -----

From: "Beto Mesquita"

To: <lucilia>

Sent: Tuesday, June 17, 2003 5:55 PM

Subject: Pesquisa sobre Movimento Estudantil

Prezada

Lucília,

Deixe-me apresentar. Sou o Beto, marido da Tereza Ribeiro, que conversou contigo hoje no seminário da PUC. Me formei em engenharia florestal na Rural em 1993. Depois de nove anos fora do Rio de Janeiro acabo de regressar à Cidade Maravilhosa, onde estou trabalhando para o Instituto BioAtlântica (IBio), uma organização conservacionista.

Soube da sua pesquisa sobre o movimento estudantil, com enfoque na Rural, e fiquei muito interessado em colaborar, pois além de ter participado ativamente do mesmo (fui presidente do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal e da Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Florestal, além de membro do Conselho Universitário, do Conselho de Curadores e do Conselho Departamental do IF), fiz parte da "famosa" gestão do DCE "Camarão que não nada a onda leva", que experimentou um jeito diferente de fazer movimento estudantil no início dos anos 90, canalizando atividades culturais e a espontaneidade e a irreverência do jovem para um processo de mobilização e conscientização.

Imagino que, como ex-estudante e atual professora de lá, você se lembre ou tenha ouvido falar dos 30 dias de ocupação do Palácio Gustavo Capanema, sede da Delegacia do MEC no Rio de Janeiro, em 1988, que também foi um marco na história do movimento, inclusive na subversão espontânea e participativa no que dizia respeito às "representações" dos estudantes, tendo sido aquele um movimento que deslocou as chamadas "lideranças" (alguns "estudantes profissionais") para um papel de segundo plano, assumindo-se um sistema de organização e avaliação dos rumos bastante inovador e democrático.

O interessante é que se criou uma certa afinidade desde então que não diminuiu e que permanece forte até hoje. Uma boa parte dessa turma, inclusive muitos dos 18 membros do DCE "camarão", mantém contato, seja pessoalmente (encontros, festas, Reveillóns, posse do Lula, etc) ou através de uma lista eletrônica, não coincidentemente denominada "camarão", que conta hoje com quase 70 ex-estudantes da Rural daquela época.

Bom, já enviei uma mensagem para essa lista falando sobre sua pesquisa, e muita gente se interessou em te ajudar, seja através de informações e histórias, seja conversando ou repassando documentos e recortes de jornais (eu mesmo tenho bastante coisa sobre a ocupação do MEC). Eu pensei em sugerir uma espécie de "entrevista coletiva invertida", com uma entrevistadora (você) e vários entrevistados (representantes dos camarões, p. ex.).

É interessante notar que boa parte dessa turma permanece com os mesmos ideais em sua vida pessoal e profissional. Muitos trabalham para organizações do terceiro setor (ambientais, sociais e/ou educacionais), alguns em órgãos do governo (mantendo a linha como técnicos comprometidos com o desenvolvimento sustentável), outros na academia. Mesmo entre os que foram para a iniciativa privada, há empreendedores investindo em negócios sustentáveis, como a produção e comercialização de alimentos orgânicos.

O Léo lembrou da conversa que vocês tiveram no ano passado, na casa da Ana Dantas, e disse que topa um encontro para pensarmos em como poderíamos colaborar contigo. Bom, é isso, estamos à sua disposição, e me ofereço para fazer a ponte entre você e o restante da turma. Acho que a Tereza já lhe passou meus contatos, certo?

Abraços... E não se esqueça: camarão que não nada a onda leva...

Beto Mesquita

Instituto BioAtlântica

Documento 2: E-mails da pesquisadora solicitando informações dos 'camarões' e algumas das respostas enviadas

----- Original Message ----- **From:** [Lucilia](#) **To:** 'camaroes@yahoogrupos.com.br'
Sent: Thursday, August 14, 2003 8:02 AM **Subject:** pesquisa sobre movimento estudantil

Camarões, tatus e ruralinos

Sou professora da Rural e minha tese de doutorado é sobre o movimento estudantil da Rural. O período em que vocês estudaram foi muito interessante e gostaria de resgatar o máximo de dados e depoimentos que puder. Quem tiver alguma contribuição entre em contato comigo. Recortes de jornal, material da época, casos e 'causos', os nomes de quem integrou chapas/gestões anteriores aos 'camarões'.

Para quem entrou em 87 estou enviando as manchetes de jornais sobre a invasão do MEC (retiradas de material emprestado pelo Beto), só p'ra aguçar a saudade e a curiosidade.

Quem quiser enviar depoimento por escrito dessa época, falando como era o clima (cultural, político, acadêmico) da Rural no período, ou as impressões sobre o DCE e o movimento estudantil, entes e durante o 'camarão' seria muito bem vindo.

Aguardo o contato de vocês.

Um abraço

Lucília de Paula

----- Original Message -----

From: [Lucilia](#) **To:** [camaroes](#)
Sent: Wednesday, August 20, 2003 12:07 PM **Subject:** Pesquisa sobre os camarões da Rural

Camarões,

Todos já sabem que estou estudando o movimento estudantil da UFRRJ. O período em que vocês estudaram tem um destaque especial na minha pesquisa de doutoramento. Elaborei este questionário para saber um pouco mais sobre essa turma que continua unida até hoje, indício de que aquele período VALEU MUITO.

Gostaria de contar com a contribuição de vocês. As questões são um roteiro, mas vocês podem acrescentar os dados que quiserem. Estou aguardando ansiosa.

Muito obrigado,

Lucília

----- Original Message -----

From: "Lucilia" **To:** <[camaroes](#)>
Sent: Saturday, August 23, 2003 12:27 PM **Subject:** Re: [camaroes] Só para dinossauros!!!

Pessoal

Já tenho depoimentos do Leo e do Beto (horas ao vivo, gravadas) e do Kael, Amaury, Potô, Lucia Helena, Heitor, Beto. Planejamos (eu e Beto) fazer uma entrevista coletiva (galera do Rio), mas os depoimentos estão ótimos (vou colocar na roda...). Penso (se conseguir material suficiente) de dar um destaque ao 'camarão' na pesquisa sobre o ME da Rural nos últimos 25 anos. Conto com vocês. Em anexo uma parte dos depoimentos enviados via e-mail e o questionário (bem suscito pra começar, depois pergunto mais e não se acanhem de falar o que não perguntei se desejarem). Esclareço que a parte mais objetiva (dados, eventos, escolaridade) é para situar "socio-historicamente" o grupo.

Estou aguardando.

Lucília

P.S.: estou na fase de redação da tese, que tem que ser entregue no final de fevereiro, por isso desculpem ficar tão ansiosa, mas a lista tem me inspirado bastante.

----- Original Message ----- **From:** [Lucilia](#) **To:** [camaroes](#)
Sent: Friday, October 24, 2003 7:02 AM **Subject:** memória da Rural - ajuda importante

Camarões, tatuís e ruralinos

Tenho uma solicitação importante a fazer e creio que só vocês podem solucionar esse impasse, visto que não existem documentos escritos desse período em particular.

Questão : O que aconteceu com o DCE entre 88 e 92 ?

Isto é, entre a gestão da LUA NOVA (87/88), que tem como marcos históricos a invasão do MEC (outubro de 88) e a eleição do Hugo Resende, que derrota o Manlio, e a chapa do CAMARÃO QUE NÃO NADA A ONDA LEVA (92/93), que vive a campanha do MUDE, o CBICA na Rural, o "Fora Collor"... ?

Quem era o DCE nesse período (88/92) ? Tinha DCE ? Vocês lembram dos nomes das pessoas ou das chapas ? Das tendências ? Não encontrei nada desse período. Parece que houve um vácuo ... MAS VOCÊS ESTAVAM LÁ ...

Um abraço

Lucília de Paula

PS: Com a chegada do Breno e do Lucas (Parabéns aos papais) acirra-se a necessidade de não deixar a história morrer, mas de manter o legado para as novas gerações. (Apelei, mas acredito mesmo nisso).

PPSS: Estou na reta final, escrevendo e percebendo as lacunas. Mas ainda estou recebendo os depoimentos sobre a Rural e o movimento estudantil, e sua importância e contribuição na vida pessoal e profissional daqueles que viveram isso.(Só me restam 4 meses, pois tenho que entregar a tese pronta em 1/03/2004, para poder defender em abril.)

----- Original Message -----

From: "Beto Mesquita" **To:** [camaroes](#)
Sent: Monday, September 22, 2003 7:04 PM **Subject:** [camaroes] A pesquisa sobre o ME

Camarônicos, tatuíticos e demais crustáceos,

Vamos lá, atendam aos apelos de nossa companheira Lucília, deixem de preguiça, parem de mocosar vossas informações e sentimentos, respondam ao questionário de sua pesquisa!!! Mesmo quem não participou de gestão alguma, mesmo quem não militou no ME, é para todos, para todas!!!

A propósito, como há muita gente com memória muito melhor do que a minha aqui na lista, alguém poderia recordar o que se passou com o DCE entre o final da gestão da Lua Nova e o início dos Camarões???? Esse é um dos buracos na pesquisa da Lucília, ainda sem informação. Se minha memória não me falha (o que é raro...), acho que esse foi o período que o DCE não tinha mesmo diretoria, e nos organizávamos através do famoso "Conselhinho", que reunia os CAs e DAs dos cursos... Acho até que rolaram algumas mobilizações interessantes durante este período, tipo bandejaços, ocupação de reitoria e sei lá mais o que... Bom, já não me lembro! Alguém se habilita?? Se entendi, a defesa da Ana Dantas será amanhã, terça-feira, às 13 horas, no CPDA... Tá bom, podem me sacanear e me chamar de leso, mas será que dá para lembrar o endereço do dito (eu sei que é na Pres. Vargas, ali perto da Candelária, mas num sei nem número nem andar... Só fui lá umas três vezes, quando ainda era estudante...

Potô, excelente a foto que você mandou, da festa lá na fazenda... Só não pude evitar a imaginação sarcástica, olhando praquelas figuras e pensando "que tipo de churrasco essa gente comeria???"... Certamente algo diferente do meu, do Léo, do Amaury... Por falar no povo do vegetal: Magda, dê sinal de vida, de Sampa ou de Londres!!!!!! Beijós, Beto

----- Original Message ----- From: "Leonardo Viana" To: <camaroes>
Sent: Friday, Oct 31, 2003 Subject: Re: [camaroes] memória da Rural - ajuda importante

Oi Lucília e pessoal.
Tem gente com a memória muito melhor que a minha e que pode dizer coisas sobre a chapa (não consigo lembrar o nome), que na época era ligada à Convergência Socialista. Acho que teremos mesmo alguma dificuldade em encontrar gente deste período (88 a 92). O Robson, dadas as preferências da época, deve estar no PSTU, única referência que me vem à cabeça. A gente, então futuros camarões, estava nos centros acadêmicos e em seguida nos conselhos superiores. Uma parte de nós (uma grande parte, aliás), da Agronomia, após perder o CEA em 88 ou 89 (ajudem aí...), manteve a atividade e a unidade através do NOAR (Núcleo de Orientação para Atuação Rural??!), criado no vácuo em que nos metemos, sem DCE, após a derrota na eleição pra Reitoria e derrotados no CEA. Queríamos um troço mais prático e montamos a exposição fotográfica sobre assentamentos, ocupações e violência no campo, que foi exibida em diversos lugares e viajou o Brasil todo em bagageiros de ônibus.

E não foi só. Um pessoal fortaleceu o GAE, outro pessoal formou-se e passou a descolar estágios pra quem tinha ficado.

Ajudem a detalhar aí, porque meus dois neurônios estão em crise conjugal. Abraços.

Léo.

----- Original Message ----- From: Rafael To: camaroes
Sent: Thursday, October 30, 2003 Subject: Re: [camaroes] memória da Rural - ajuda importante

Cara Lucilia,

Estou para te mandar esse material faz tempo é sobre a Associação Erva-Doce. Acho que talvez fuja do objeto principal do seu trabalho, mas lembro que vc me solicitou um vez que te enviasse. Espero que possa ser útil.

Tenho outros arquivos com as atas das reuniões se precisar.

Um grande abraço, Rafael

Aproveito para parabenizar e mandar um grande abraço ao Felipe e ao Gandhi nossos papais do momento, e para avisar que estarei no ensaio do monobloco no sábado no Rio.

Aproveito tb para dizer que tenho em meu poder um documentário sobre o ENA 2002 onde a Beth aparece dando uma declaração e alguns outros membros desta lista fazem pequenas participações (não sei se vcs já viram). AH! E quero saber notícias de Xerém! Vai rolar ou não? Bem, acho que era isso! Um grande abraço a todos,

Rafa (DJ)

----- Original Message ----- From: Lucia To: Camarões
Sent: Thursday, September 18, 2003 Subject: Ocupação do MEC, aniversário do GAE...

Queridinhos

Lendo essas msgs, vendo essa foto e os recortes que a Lucília mandou, eu me pus a pensar que fazemos parte da memória de nossa desmemoriada Universidade...

Esse ano eu soube que o GAE estaria comemorando 20 anos de existência (e organizando alguma coisa sobre o tema), mas ninguém foi capaz de me esclarecer...

No questionário que respondi à Lucília eu fiz um comentário sobre a angústia que eu sinto de não termos registro de nada: as músicas, os encontros, nada...

Daqui a pouco esses tempos virarão lenda e não terá ninguém pra dizer que tudo foi verdade e que muita coisa mudou em todos nós por causa disso e que portanto, sempre valerá a pena!!!

Lucia Helena

Documento 3: **Instrumento enviado e respondido por via eletrônica**

1. Ano em que ingressou na Rural :
2. Ano em que concluiu o curso:
3. Curso de graduação :
4. Em relação à chapa/gestão 'camarão que não nada a onda leva" do DCE:
 Fez parte da chapa
 Não fez parte da chapa mas participou na gestão como 'tatuí'
 Não fez parte da chapa e nem atuou na gestão
 Outra : _____
5. Integrou alguma chapa/gestão de DA /CA do seu curso ?
 Sim Não
6. Em caso positivo, em que período ?
7. Fez parte de algum grupo organizado na rural :
 GAE Teatro Grupo de Tradição _____
 Religioso Outro : _____ Nenhum
8. Era filiado a algum partido político na época da graduação ? Qual ?
9. Durante a graduação participou de eventos estudantis nacionais ou regionais ?
Especifique:
10. Onde morava quando estudava na Rural ?
 No alojamento Em república no 49 Outro : _____
11. Como você se mantinha na época da Universidade :
 ajuda dos pais crédito educativo
 alguma atividade remunerada . Qual ? _____
 ajuda de outra pessoa. Quem ? _____
 Outra forma. Qual ? _____
12. Participou de alguma atividade acadêmica extra ?
 Grupo de pesquisa extensão Outra : _____
13. Qual a sua cidade de origem (residência dos pais na época da graduação) ?
14. Qual a profissão e a ocupação (atividade econômica) de seus pais ?
Pai:
Mãe:
15. Qual o nível de escolaridade de seus pais ?
Pai:
Mãe :
16. Qual a sua atividade profissional atual ?
17. Qual a representação da Rural na sua vida ?

Documento 4: **Manchetes de jornais sobre a ocupação do MEC**

21/09/1988

JORNAL DO BRASIL

Rural pára por aluno morto. Acidente em aula de Educação Física provoca protestos

O DIA: Estudante de Química morreu na ginástica. Universidade mal aparelhada

22/09/88

O GLOBO: Estudantes ocupam prédio do MEC

JORNAL DO BRASIL : Estudantes invadem prédio do MEC

O DIA: Estudantes ocupam o auditório do MEC

23/09/88

O DIA: Grupo da Rural ainda no Palácio da Cultura.

UFRJ e UNIRIO apóiam ocupação do MEC no Rio

TRIBUNA DA IMPRENSA:

Um abraço pelo ensino público: Universitário fecha a Rio Branco

24/09/88

O DIA: Mais adesões à ocupação do MEC

ÚLTIMA HORA: Estudantes não arredam pé do prédio do MEC

FOLHA DE SÃO PAULO: Delegado do MEC se reúne com estudantes

O GLOBO: 26/09/88

MEC interrompe negociação com alunos da Rural

Greve pára faculdades particulares por 24 horas

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECLARAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
COMUNICADO**

27/09/88

O GLOBO: Grupo deve ser retirado do Palácio da Cultura

JORNAL DO BRASIL : Curso de Invasão. Bandeirão vazio gera protesto

**COMUNIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
ESCLARECIMENTOS**

O GLOBO: 28/09/88 - MEC pede ajuda de Brasília para desalojar alunos

29/09/1988

JORNAL DO BRASIL : Alunos que ocupam MEC ganham apoio de 2 mil colegas

O GLOBO: Reitor diz que UFF pára, sem verbas

Passeata reúne 2 mil estudantes no Centro

JORNAL DO BRASIL - 30/09/1988 - **Ocupação ilegal**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Á opinião pública**

2/10/88

O GLOBO - **Os fatos e seu traço comum**
JORNAL DOS SPORTS - A dura realidade das universidades
Faculdade particular tem greve
Universitários acampam no MEC e exigem verbas
JORNAL DO BRASIL : MEC das lamentações. Desprestígio.
PUC diz que não coage aluno a cumprir mandado

O GLOBO - 3/10/88 - Estudantes prolongam ocupação do prédio do MEC

04/10/88

O GLOBO: VESTIBULAR: Inscrições da Rural prorrogadas até 7 de outubro
O FLUMINENSE: **Universitários se unem e conseguem convencer o MEC**

06/10/88

JORNAL DO BRASIL
Reitores rompem com o MEC. Estudantes da UFF aderem à ocupação
O GLOBO:
Reitores: vigília em busca de verbas. Solução para ocupação do MEC pode sair hoje
ÚLTIMA HORA - Reitores federais aderem à ocupação do MEC por verbas
Jornal dos SPORTS: **Reitores das federais reivindicam suas verbas**
O DIA : **Reitor também adere à luta por verbas**
O FLUMINENSE: **Reitores discutem a educação acadêmica**

Á opinião pública

Reitores da Região Sudeste (UFF-UFRJ-UFMG-UFJF-UFRRJ-UFES)

07/10/88

O GLOBO: MEC anuncia verba de CZ\$ 7 bilhões
Universidade sem verba pára em Ouro Preto
TRIBUNA DA IMPRENSA: **Protesto vai à rua dia 12**
Jornal dos SPORTS: **Reitores vão à Brasília por verbas federais**
FOLHA DE SÃO PAULO: Dirigente de federal teme falta de verbas
Reitores fazem vigília em Brasília por suplementação orçamentária
Docentes das universidades de SP rejeitam trégua proposta por reitores
JORNAL DO BRASIL: CACO fecha rua em frente à Faculdade Nacional de Direito para
denunciar crise universitária
TRIBUNA DA IMPRENSA: **CACO fecha a rua por repasse**
Alunos da PUC vão enfrentar reitoria

O GLOBO: 08/10/88 - O desmazelo do Estado

O GLOBO: 09/10/88

Acampamento no MEC só terminará com chegada da verba
Crise na Rural: Falta dinheiro até para pagar conta de água
UFOP, em crise, festeja unidade centenária
Disputa da diretoria da UNE atrasa Congresso.

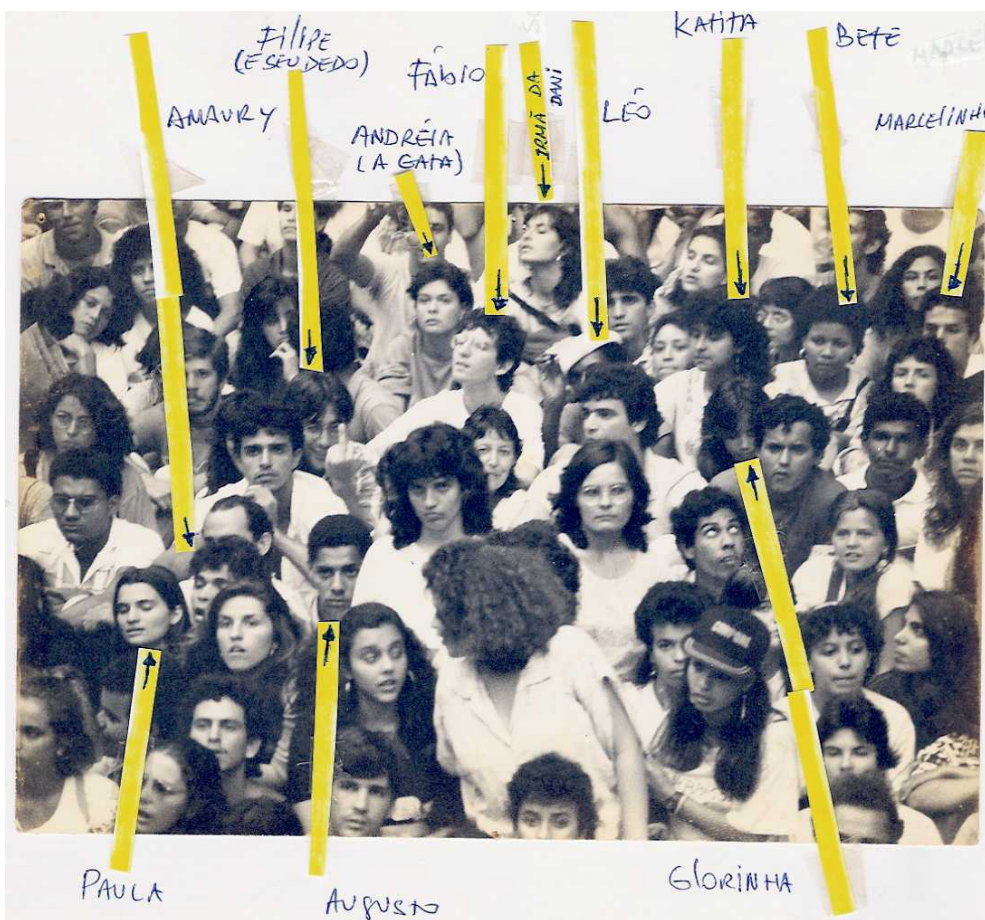
JORNAL DO BRASIL : 11/10/88 - UNE encerra Congresso com crítica à Sarney

O GLOBO: 12/10/88 - **Reitores pedem a Sarney 93 bilhões**

O GLOBO: 23/10/88

UFRRJ avisa: a greve continua. Não há verbas sequer para pagar contas de luz

Documento 5: A foto da Ocupação do MEC



De: [augusto](#) **Para:** Camarões **Data:** Wed, 17 Sep 2003 16:21:55 -0300
Assunto: [camaroes] Ocupação do MEC

Amigos/as
Revirando gavetas, achei a interessante foto da ocupação do MEC que vai em anexo.
Quem conseguiria listar as pessoas conhecidas???
Beijos e abraços.
Augusto

Documento 6: As memórias dos 'camarões' sobre a OCUPAÇÃO DO MEC

From: "Maria Teresa " **To:** [Camarões](#)
Querido e amado Augusto, muito legal.
Também tenho umas fotos. Vou escanear e mandar também.
Beijos, MT

Augusto
Eu vi a Katita, a Beth, uns pregos de 88/2 e acho que uma mala chamada Augusto...rs
Que legal essa foto Augusto! Essa semana... 15 anos de MEC...
Heitor querido
Na foto, ali por perto da Katita não é nosso Dudu? E por ali tb acho que é a Silvana da Floresta!
Tem também a Rosana (que morava com Beth e Katita e nunca participava de nada)!
Bjks nas bundas,
LH

From: "Heitor Coutinho" **To:** [Camarões](#)
Sent: Wednesday, September 17, 2003 9:51 PM **Subject:** Mais info sobre MEC
Galera,

Eu acho que eu vi a Paulinha ao lado do Luciano. Não é? Sugiro alguém circular as carinhas e colocar os nomes do lado na foto. Quem se habilita a começar?

Fiquei emocionado com a foto. LH lembrou bem, 15 anos da Ocupação do MEC.
Foi muito bom, mobilizamos todas as Federais do RJ.

Lembro de um teatro que fizemos na barca indo mobilizar a turma da UFF. Nos espalhamos pela barca, e um de nós começou a divulgar o movimento pros passageiros. Outro, não lembro quem, fingiu ser da direita, levantou lá no meio e gritou: "esses estudantes não querem saber de nada, só querem vida boa e bagunça, etc...". Aí outro infiltrado levantou e defendeu o movimento. Daqui a pouco, passageiros entraram no debate e por pouco nosso colega "direitista" infiltrado não é linchado na barca. Intervi e revelei nossa estratégia e saímos aplaudidos! Foi demais.

Belas lembranças!

A msg anterior do Augusto me deixa pensando. Será que eu já matei aquele Heitor de 15 anos atrás? Será que eu quero matá-lo? Será que é realmente preciso para ser adulto, líder, responsável, bom pai, etc.? Não sei...

Saudações ruralinas orgulhosas e saudosas,
Heitor

RESPOSTA: Fábio Teneblat, Amauri, Felipe, Paulinha, Bete, Katita, Marcelinho (com cabelo), Glorinha (cabisbaixa), Léo (de boina e meio escondido), Luciano (é ele???), Dani (é ela???) e eu. Há ainda a gatinha da Andréia, que passou um carnaval com a gente em Parati. Foram várias as compras de cachaça no Wilian Box. Tem mais alguém conhecido??? Beijos e abraços para todos.
Augusto

Obs1. Quando está para acontecer alguma mudança (um pouco) radical nas nossas vidas, ficamos todos sentimentalistas (pelo menos é assim que me sinto).

Obs2. Em relação ao que falou o Heitor (antes de mais nada, seja bem vindo ao time!) e o Léo, daquela poesia da "morte", também concordo que devemos preservar o que tem de bom na gente (evidentemente), mas existem algumas coisas que nos deixam presos no passado e que realmente temos que matar para podermos prosseguir nossa jornada, que termina (pelo menos com esta "carcaça"), no mesmo lugar de sempre.

- > KIHU
- > Tem a esposa do Flavião tb... Eh velharada....
- > Bom tempo... ruim foram 9 meses depois, quando apareceram os "Filhos do MEC"
- > KIHU

E o Felipe fazendo um sinal imoral.
MT

Sinal imoral nada. Eu era o único anarquista militante da parada!! Tem também o Fábio e a Célinha.
Filipe

Vc num era petista ?
beijo, MT

Na foto eu ainda vi a Celinha da Floresta, a Fátima e a Márcia, veterinárias que moravam com Beth e Katita. Ali atrás da Paula, com uma cara de maluco, é o Amaury, não o Luciano. Acho que o Luciano tirou a foto. Acho que a Dani ainda não estava na Rural nessa época... Na minha frente, é o Serjão, da turma do Filipe. Falou.

Beijos. Léo.

PS.: Estamos ficando velhos mesmo. Não me imagino, fora do carnaval, com aquela boina ridícula hoje, ainda que os cabelos tenham ido embora...

Eu gostava das brincadeiras com pessoal da educação física, umas danças malucas era muito divertido. O café a la sem-terra também, e dias sem banho, que horror!!!!!! pedágio para grana. Só sendo estudante mas boas recordações
Cris

From: [augustoandrade](#) **Sent:** Friday, September 19, 2003 **Subject:** Só para dinossauros!!!
Galera

Esta é realmente só para dinossauros. Quem lembra do Dancing Company??? Espécie de boate que havia nos fundos do Varandão (ou "Jarandão"), no 49 (Serô!!!), que ficava lotada toda quinta feira. De brinde para fechar a sexta feira rindo (ou chorando em função da idade), segue também um tiket do U Rural, nosso famoso ônibus que andava lotado toda segunda feira pela manhã. Então, veja o arquivo em anexo. O que não sai das minhas gavetas...

Depois mando mais.

Augusto

Tudo bem! Antes que o movimento em defesa das boinas me ataque mais, eu só disse que não gosto mais de usar boina. Gosto da minha careca reluzente. E concordo com o Heitor quanto à dúvida sobre ter ou não assassinado o cara que eu era há 15 anos. Tomara que o que era legal há 15 anos tenha permanecido e o que era chato tenha morrido.

Beijos, Léo.

PS.: Quem falou em Débora? Ela só foi pra Rural em 91...

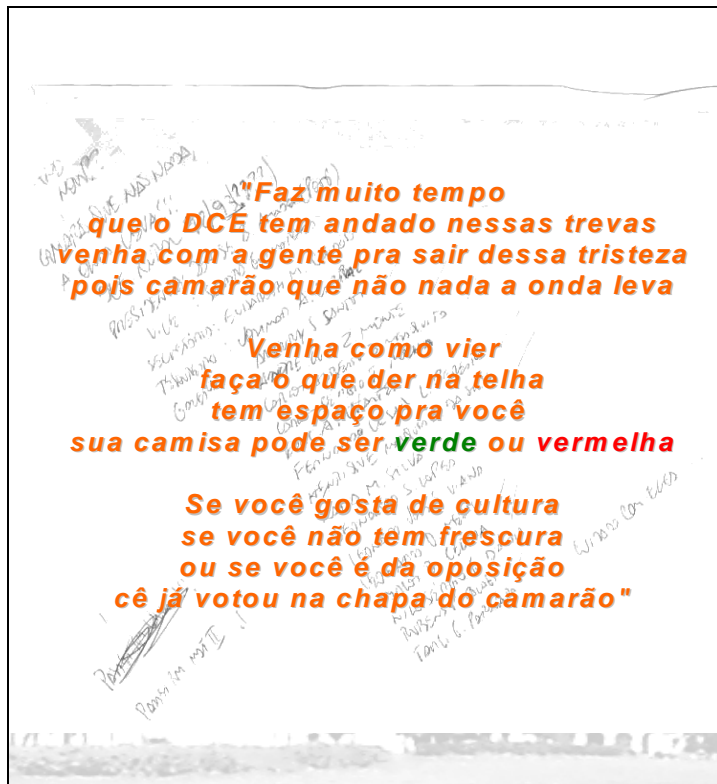
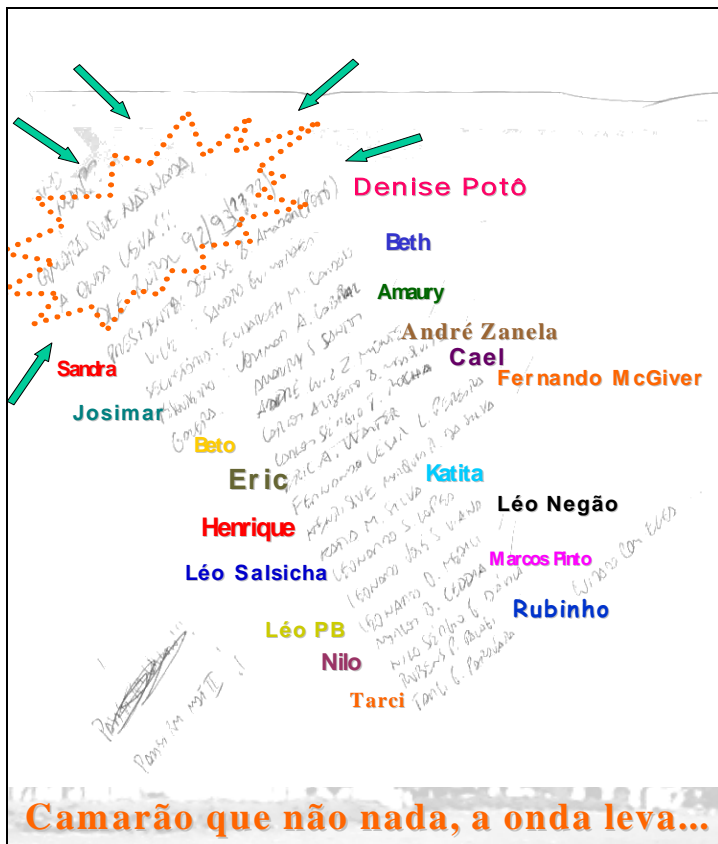
Ok, ok, continuando com as identificações:

- > (1) Fui eu que falei em Débora, mas me confundi com a Dani (só troquei o nome). O cara que está olhando para a câmera, com o braço levantado que... Não seria o Cazuzza??
- > (2) À esquerda, com a boca aberta, cara de espantada ("ohh!!!"), óculos grandão, não é Emília??
- > (3) Filipe, se não me engano, esse sinal seu é só uma obscenidade mesmo... O sinal dos anarquistas é outro... Ou pelo menos dos anarquistas punks e headbangers;
- > (4) O Augusto aparece logo abaixo do dedo indecente do Filipe... Êpa, esse cara encoberto, mas com as "entradas" reluzindo, do lado esquerdo do Mala, não seria o Xandeco???... Ou o Aulus???
- > (5) A propósito, Léo, você com esse gorro e encoberto pelo suposto Luciano, tá mais para "Onde está Wally" do que para o sambista dos dias de hoje... Liga não, eu também usava naquela época um indefectível boné tipo "anarquista italiano" azul...

Se eu encontrar um tempinho, vou fazer os tais círculos em volta das carinhas, com as legendas.

- > Mais uma vez, valeu Augusto pelo presente, e LH pela lembrança dos 15 anos!!
- > Beto

Documento 7: Convite para a Caldeirada dos 10 anos da gestão



I CALDEIRADA

Esse encontro começou a ser construído num final de semana em Sepetiba há 10 anos atrás quando 19 estudantes que tinham acabado de assumir o DCE da Universidade Rural, com o simpático nome de "Camarão Que Não Nada a Onda Leva", se reuniram em julho de 1992. E num amanhecer bucólico daquele final de semana, olhando para o mar, os Camarões combinaram de se encontrarem novamente 10 anos depois, pra saberem o que cada um estava fazendo e se aquela vivência de movimento estudantil tinha influenciado alguma coisa em suas vidas.

É certo que alguém pensou que não voltaríamos!

Prometemos, mas, um ou outro desencontro, família, muito trabalho e projetos diferentes, fizeram com que estivéssemos sumidos por um tempo. Até de nós mesmos. Muitos de nós, apesar dos *reveillons* de todos os anos, ficamos muito tempo sem nos encontrar. Sem aqueles papos que, nos bons tempos, batíamos na Praça da Alegria ou na fila do Bandeirão. Sem as articulações de assembléia ou dos corredores do P1.

Mas nós tínhamos prometido. E promessa é dívida!!!!!!

Agora, 10 anos, uns quilos e famílias a mais e alguns cabelos a menos, ou no mínimo mais brancos, a gente volta pra reencontrar o que deixou. Tudo bem que é pouco tempo. Em dois dias não dá nem pra atualizar todos os papos, mas a gente é insistente. Os tempos mudaram, a Rural deve ter mudado, alguns professores aposentaram, mas nós estamos aí!!

E se VOCÊ está lendo isto, é porque, de alguma forma, você está convidado - praticamente intimado - a comparecer.

CAMARÃO QUE NÃO NADA A ONDA LEVA. E essa onda leva também, tatuí, siri, lula caranguejo, ostra, até tubarão.

Nos vemos lá!

O grande encontro ocorrerá nos dias 27 e 28 de julho no Sítio Tabebuia, em Seropédica, vulgo km 49. No local teremos à disposição piscina (adulto e infantil), campo de futebol e vôlei, sauna a vapor, churrasqueira, varandão de jogos (totó, ping-pong e sinuca), cavalos, parquinho para as crianças, enfim...

As indicações para chegar ao Sítio Tabebuia são as seguintes (em caso de xingamentos, tratar com Aline, a Promoter):

1) Para quem vem da Dutra:

Após aquela fazenda no alto (a direita) tem um ponto de ônibus, uma quadra de basquete da prefeitura e depois uma entrada (estrada de terra) onde tem um ponto de ônibus, um orelhão azul e o Bar do Bola. Pegar essa entrada a direita e seguir as placas.

2) Para quem vem da Rural:

Após o Servasco (Torcida organizada do glorioso Vasco da Gama) a sua esquerda é a próxima entrada a esquerda, onde tem um ponto de ônibus, um orelhão azul e o Bar do Bola. A partir daí é só seguir as placas.

O sítio é meio afastado da estrada, portanto é necessário combinar caronas. A promoter disponibiliza seus dois celulares para providenciar a carona salvadora: (21) 9899-5166 e 9917-7035.

ATENÇÃO!!!!!!! Levar colchonetes, roupa de cama e banho, repelente de insetos, CD de músicas dançantes. Quem tiver, levar barracas de camping.

Valor da CALDEIRADA:

Antecipado: Até 22/07 R\$35,00

Após 22/07 o valor passa a R\$50,00

Onde depositar:

Banco do Brasil - Poupança: AG.xxxx, No.xxxxx, variação 1

Confirmar depósito com a promoter: Aline Rekson

ou por telefone: (21) xxx-xxxxxx

Documento 8: **Seleção dos e-mails trocados entre os 'camarões' acerca do REVEILLON 2003/2004**

----- Original Message ----- **From:** [Lucia Helena](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Monday, October 13, 2003 **Subject:** [camaroes] Reveillon da Galera - Boletim 01!!!!

Camarões e frutos de todos os mares!!!!

Nossos problemas estão bem perto do fim!!!

Aproveitando o nada pra fazer em mais um final de semana chuvoso no balneário, Aline, Generosa e essa que vos fala (que somos gente que faz) resolvemos mexer os traseiros e partimos rumo à Xerém em busca de um lugar agradável pro nosso reveillon!!!! Acabamos achando o Sítio Berro D' Água! Fica um pouco acima do Vale das Águas (onde já estivemos) e tem: 2 piscinas (adulto e criança); salão de jogos com mesas de ping-pong, sinuca e totó; sauna; churrasqueira numa área coberta; um salão grande; campos de futebol e volei e os dormitórios são divididos em chalés (igual ao vale das águas)!!!

Tem muito espaço também pra quem quiser levar barracas e pros carros também!!! Tirei umas fotos no local, e pretendo revelá-las até o final da semana! Estabelecemos que o período de permanência seria entre o dia 31/12 e 04/01(de quarta a domingo). Crianças pequenas não pagam, e as maiores de 12 anos a gente vê como pode fazer.

É necessário definirmos até o final do mês e pagar um sinal em novembro!! Se alguém quiser olhar outro lugar, fique à vontade! Nós fizemos a nossa parte no único dia possível e debaixo de chuva... Quem puder encaminhar essa msg aos que não estão no grupo, ficarei feliz!

Beijinho e boa semana, Lucia Helena

From: [Denise & Rodrigo](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Tuesday, October 14, 2003 3:47 PM **Subject:** [camaroes] caros amigos camaroes

Oi gente!

Legal que começou-se a falar do reveillon! Eu tô animada e com saudade de passar com vocês. Confesso que sendo carioca morando longe do mar, tava sonhando em ser numa praia. Ilha grande... Mas, não tô aí para ajudar e deve estar tudo muito caro, né? O lance é a animação, a amizade, as crianças!! Haron vem? Eba!

Aliás, bancada paulistana, estaremos aí no fim de semana! Sexta á noite já dava prá agitar alguma. Ou sábado ou domingo. Sem a Magda, que deve estar abalando em Londres, mas tem Dudinha, Filipe, Amaury(?). Vamos combinando. Beijos em todos!!

Potô (quase com internet em casa, o que vai revolucionar nossa inserção no mundo!!)

From: [Lucia Helena](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Tuesday, October 14, 2003 8:28 PM **Subject:** Re: [camaroes] caros amigos camaroes

Quanto ao reveillon, houve um consenso de que praia é sinônimo de engarrafamento e de se pagar um valor alto por algo que poucos usam... tem gente que foi aos 2 reveillons em Cabo Frio e nunca foi à praia...A Ilha Grande seria ainda mais complicado, pela questão de deslocamento e pelo inferno em que se transforma nessa época! Daí termos priorizado Xerém que é perto e já estivemos por lá com boas recordações! Com a vantagem dos chalés que deixam o barulho um pouco distante! Amaury, as caravanas estão se formando!!!

Beijinhos, LH

From: [luciabsj](#) **To:** [camaroes](#) **Sent:** Sunday, November 02, 2003 11:56 PM

Subject: [camaroes] URGENTE - Boletim do Reveillon - 02!!!!!!!!!

Olá frutos do mar em geral!!!!!!

Desde que divulguei o primeiro boletim do reveillon, as poucas pessoas que se manifestaram foram favoráveis. Partindo da máxima de quem cala consente, resolvemos então confirmar Xerém para nosso convescote de final de ano!!!! Divulguem todos os informes para os que estão fora do grupo: Cazuzza, Mahmuod, Amaury (pai da Thays), Jorge beira-mar, etc etc etc.

Um beijinho, LH

From: [Haron Xaud](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Sunday, November 02, 2003 **Subject:** Re:URGENTE – Bol. do Reveillon - 02!!

Lúcia,

Não vale! Nós setentrionais estávamos sem email!!!! Eu e Maristela queremos praia!!! Xerém só dá para "experimental" uma vez. Tudo bem que existe a NOVA SCHIN, mas existirá a nova XERÉM??? Ainda não ouvi falar! Sinceramente, não dá pra tentar mais um pouquinho numa região de praia? A gente tá querendo pegar o busum da Varig e ir aí fazer um pecado do lado debaixo do Equador...

Mas em Xerém fica difícil!!!! Iguaba? Saquarema? Araruama? Arraial do Cabo? Quanto geralmente pagamos por temporada? Quantas pessoas mais ou menos, 50? Não custa tentar. Lúcia, dá para aguardar mais alguns dias para fechar a casa de Xerém? Beijós, Haron

From: [luciabsj](#) **To:** [camaroes](#)

Sent: Monday, November 03, 2003 **Subject:** Re: [camaroes] URGENTE – B. do Reveillon - 02!

Haron meu amor

Entendo a sua reivindicação e tenho alguns pontos a colocar sobre ela e sobre a escolha de xerém! Mas nas 2 vezes em que fomos a Cabo Frio, pagamos um preço alto por ser casa de praia e poucos efetivamente se dirigem ao mar. O engarrafamento (que no Brasil setentrional deve ser inexistente) tem sido cada vez maior rumo à região dos lagos. Há poucos dias por um simples feirado do comerciante a viagem entre o Rio e Rio das ostras (normalmente dura de 2h45 a 3h) foi feita no mínimo em 6 horas!!! No primeiro boletim eu deixei à vontade para quem quisesse procurar outras casas em qualquer outro lugar e ninguém se manifestou. Não tenho tempo nem vontade de procurar casa pro reveillon porque sempre desagrada a algumas pessoas e eu não quero mais me aborrecer com isso! Fui com as meninas em Xerém porque não ia ficar em casa à toa enquanto elas iam lá! Tente convencer algum camarão a fazer nova busca. Eu que sou da região afirmo que os aluguéis naquelas bandas estão pela hora da morte, mas não custa tentar. Meu humilde lar (o quintal é grande dá pra acampar...rs) está à disposição de vocês se quiserem passar uns dias com as crianças na praia!!! E de lá se chega em pouco tempo a Búzios, Arraial, cabo frio e rio das ostras!!!! todos lá de casa gostam muito de vocês e será um imenso prazer!!!!

Bjks

LH

To: [Camarões](#) **From:** "Rafael Andrade" **Date:** Wed, 05 Nov 2003 **Subject:** som do Reveillon
O som para o Reveillon está garantido, pelo menos qto ao DJ, amplificador e Cds, só vai faltar alguém arrumar as caixas (espero que estejam providenciando).

'Um grande abraço a todos,

Rafa (DJ, fazendo a sua parte! e pedindo que para as moças comprometidas, façam a sua: levem as amigas!)

De: [augustoandrade](#) Enviada em: quarta-feira, 5/11/2003 17:20
Para: [Camarões](#) Assunto: RE: [camaroes] som do Reveillon
Endosso o pedido do DJ: levam amigas, primas, irmãs, mães, tias, filhas (só o Filipe!). Ainda existem solteiros neste grupo, apesar do Amauri deixar o barco (menos um concorrente forte - e "desleal"). A propósito, Xerém não fica na serra... Beijós e abraços
Augusto

From: "Claudia de Souza" To: [Camarões](#) >

Sent: Thursday, November 06, 2003 1:03 PM Subject: RES: [camaroes] som do Reveillon

Augusto, querido

A propósito, boa parte da subida da Serra de Petrópolis faz parte de Duque de Caxias, possivelmente Xerém. Sugiro que coloquem o mapa no convite do Reveillon para que não permaneçam dúvidas quanto a localização da capital 2003 do Reveillon da Galera. Soube por fontes fidedignas que o Sítio Berro d'Água fica numa Serra dentro de Xerém. Um beijo enorme e vamos aos bares cariocas....

Claudia

From: "Beto Mesquita" To: <camaroes@yahoogrupos.com.br>
Sent: Thursday, November 06, 2003 12:18 PM Subject: [camaroes] Pé-de-serra
Xerém fica naquele lugar popularmente conhecido como "Pé-de-Serra"... Lá mesmo onde mora(va) um conhecidíssimo "pé-de-cana"...

Beto, que não consultou o mapa, mas passou parte da infância e adolescência frequentando o Rancho Alegre dos Mesquitas, em Santa Cruz da Serra, que também fica no pé-da-serra...

From: Rodrigo To: [Camarões](#)>
Sent: Thursday, November 06, 2003 6:05 PM Subject: [camaroes] Xerém é chique !
Xerém é chique !

> Quem acha que é brega passar o reveillon num município da região metropolitana da baixada fluminense, está por fora. Xerém, o quarto distrito de Duque de Caxias, deve seu nome ao inglês John Charing que ajudava a turma do recôncavo guanabarino (adorei essa expressão) a cruzar a serra para ter acesso a Minas Gerais com um barquinho mudernozo. A turma, lá pelos idos de 1725, logo apelidou o gringo de Charing virou Xerém que passou a ser o nome do Rio e da região do pé da serra. Como sei que os traseiros gordos não vão se mexer para conseguirmos um outro local para a festa de fim de ano, temos que nos contentar com a praia do Zeca. Quanto se precisa de sinal para garantir o negócio ?

Saudações acadêmicas, Rodrigo

From: "anapferreira" To: [Camarões](#)>
Sent: Friday, November 07, 2003 9:27 AM Subject: [camaroes] Re: Xerém é chique !

Deus do céu... Quem diria, Rodrigo Paranhos defendendo Xerém ...

Bom, mas o Rodrigo é uma caixinha de surpresas. Nunca irei esquecer na minha vida o Rodrigo tendo um ataque no meio da pracinha de Lumiar (foi lá mesmo???? bom foi em algum lugar estilo bicho grilo), gritando: Chega!!!! Eu quero sair daqui... quero ir pro cinema, quero civilização! Adorei ler teu email Rodrigo, ri um bocadinho! Legal tua pesquisa, beleza!

Beijinhos, Ana Paula

From: [luciabsj](#) **To:** [camaroes](#)
Sent: Friday, November 07, 2003 12:46 AM **Subject:** Re:[camaroes] Xerém é chique !

Rodrigo

É por isso que me ufano de ti...rsrsrs. Vejo que se envolveu de corpo e alma no debate geográfico!!!! E pensar que tem gente que não dá valor aos saberes acadêmicos.... Quem puder depositar pelo menos 50% do valor do Reveillon fica bom!!!

Um beijinho LH

From: Leonardo To: [Camarões](#)>
Sent: Friday, November 07, 2003 11:29 AM Subject: Re:[camaroes] Xerém é chique !

A informação aí embaixo foi transcrita do portal indicado pelo Rodrigo, "O único e mais completo portal sobre Xerém": "Convivendo com escravos e mais pessoas, Charing teve seu nome corrompido para Chérem, e posteriormente corrigido pela ortografia oficial para Xerém." Como filho da Baixada, tô com Xerém e não abro.

Beijos. Léo.

From: "Fabiana Nobre" To: [Camarões](#)>
Sent: Saturday, November 08, 2003 11:30 PM Subject: Re: [camaroes] Xerém é chique !
Fala sério... é muuuuita falta do que fazer... pesquisa histórica sobre Xerém?!?!? cai na prova????
> bjs, vou fazer o depósito (meu e do Paulo) na conta do chiquerrimo Beto! inté , Fá

From: "Denise & Rodrigo" To: [Camarões](#)
Sent: Sunday, November 09, 2003 6:18 PM Subject: [camaroes] xerem e tudo mais
Oi gente!

Tá muito engraçada esta onda do Xerém é chique! Altos dados sobre a região. É Haron, vamos ter que levar o mar para Xerém... Ou talvez botar um salzinho na piscina. Estive em Campo Grande,MT, e como não podia deixar de ser aparece um ruralino. Zootecnista formado em 90, mas da turma surfista e peleguinha... Mas a gente sempre se reconhece e tem história prá contar. No mais, devo estar no começo de dezembro.> Beijos em todos! Potô

From: [Haron Xaud](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Tuesday, November 11, 2003 **Subject:** Chupeta, Xerém, pimenta, maionese, rexmerefosem!

Bem, Vou colocar pimenta nesta maionese Xereniense... pois é temperando que se faz bom vatapá!
O Beto é Xique! O Beto é Xiqueremrérri! O Beto é Xeremquérri!!!

Ana Paula, coloque isto nas anotações de vocabulário do dicionário Rexamerefodem, Rexamererê!
Para combinar com toda esta mobilização XEREMQUÉRRIMA, a cerveja oficial do Reveillon qual será? Alguém adivinha? EXPERIMENTA!!!EXPERIMENTA!!!EXPERIMENTA!!!!

Aliás, estou lançando o Slogan: **Reveillon Xeremquérri 2003-2004!!!!**

"Descobri que te amo demais, Descobri em vc minha paz, Descobri sem querer a vida...VERDADE!!!!COMO NEGAR ESTA LINDA EMOÇÃO?" Gostaria de sugerir ainda... se não vier nenhum tomate internáutico voando no meu rumo...OPS!!! Festa Xeremquérri, com trajes xeremquérrios de última!

Que tal? Há

From: "Lucia Helena" **To:** [Camarões](#)>

Sent: Friday, December 19, 2003 **Subject:** [camaroes] reveillon, maratona etílica, etc e tal
Pessoinhas queridas

> Nosso reveillon está confirmado e o convite já deveria ter ficado pronto...Haron??????? O que houve com os Roraimenses não orthopteros???? Cyber cafês existem para isso mesmo!!!

E a maratona etílica ? Que tal uma reuniãozinha, no capela básico, para pensar a programação..rs

> No mais, gostaria de reafirmar o amor profundo que sinto pelos meus amigos sem os quais eu não viveria e que aqui nessa lista estão quase todos!!! "A gente briga, diz tanta coisa que não quer dizer, briga pensando que não vai sofrer, que não faz mal se tudo terminar"...Briguem as idéias e não as pessoas! > Feliz Natal para todos nós, mesmo os que não acreditam em Jesus!!!

> Beijinhos nas bundas e adjacências

LH

From: [Rafael Andrade](#) **To:** [Camarões](#)

Sent: Sunday, December 21, 2003 9:28 AM **Subject:** [camaroes] DJ no Rio

Olá Camarões,

Cheguei ao Rio e ainda não faço a mínima idéia de como chega nesse tal reveillon. Gostaria de saber tb detalhes da casa/pousada para poder de repente chamar alguns agregados (as) e tb o que precisa levar (barraca, etc.) Trouxe um som de Brasília e aproveito para anunciar que estou disponível para colocar o som em festinhas, batizados, casamentos, festas natalinas, etc.

Agora alguns recados: Augusto: Cadê vc? Vamos viajar em janeiro ?

Um grande abraço a todos, Rafa

From: "neyaleixo" **Subject:** Re: Re:[camaroes] oops! **Date:** Mon, 29 Dec 2003 22:01:04 -0200
E aí LH,

tá faltando as coordenadas finais, de detalhes que fazem diferença para o aguardado reencontro merecido da galera. Por exemplo: a que horas poderemos chegar na quarta? Quando será o baile a fantasias? Tem piscina, sauna, salão de festas e o que mais? O Bar mais próximo dista quantos metros? Cazua vai? E o Jaime? Mahmudinho já chegou? Um beijo e até quarta de manhã. Ney Aleixo, doido para recarregar as baterias com as pessoas mais interessantes da paróquia.

From: Alexandre **To:** "camaroes" **Sent:** Fri, Jan 1, 2004 12:11 AM **Subject:** O endereço?

"Amigo, há quanto tempo!"

Porra, já vi que vou ter que me perder para chegar a este pós revelion. Como isto não é novidade e saudade não tem idade estarei partindo para Xerem em poucas horas.

Beijos e abraços do velho e bom, mais bom que velho,

Xandoca.

Documento 9: Convite do Reveillon 2004 Xerenquérriamo



**Reveillon
Xerenquérriamo!!!**

**NA TERRA DE ZECA PAGODINHO:
A INVASÃO DOS CAMARÕES...**
31/12/2003 a 04/01/2004

2003 / 2004

The poster features a central graphic of a colorful masquerade mask (orange, yellow, green, blue) with a red feather. The background is white with abstract, colorful swirls and triangles in shades of orange, yellow, pink, and blue.



**O tempo passou mas
"De frente, de trás ... eu te amo cada
vez mais!!!"**

Xerém 1997

**Não deixa
cair!!!!**

2003 / 2004

The page contains two photographs of young women in swimsuits. The left photo shows four women sitting together and smiling. The right photo shows a group of women from behind, with a red oval highlighting one woman's back. A thought bubble above the right photo contains the text "Não deixa cair!!!!". The page is decorated with colorful balloons and streamers on the left side.

Como Nossos Pais

Belchior

*Não quero lhe falar meu grande amor das coisas que aprendi nos discos,
Quero lhe contar como eu vivi e tudo que aconteceu comigo.
Viver é melhor que sonhar e eu sei que o amor é uma coisa boa,
mas também sei que qualquer canto é menor que a vida de qualquer pessoa.
Por isso, cuidado meu bem, há perigos na esquina
Eles venceram e o sinal está fechado p'ra nós que somos jovens.
Para poder abraçar meu irmão e beijar minha menina, na rua
É que se fez o meu lábio, o meu braço e a minha voz.*

*Você me pergunta pela minha paixão,
Digo que estou encantado com uma nova invenção.
Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar p'ra o sertão,
Pois vejo vir vindo no vento, o cheiro da nova estação.
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração.*

*Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao vento, gente jovem reunida.
Na parede da memória essa lembrança é o quadro que dói mais.
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos,
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais.*

*Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não.
Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém.
Você pode até dizer que eu estou por fora ou então que eu estou inventando,
Mas é você que ama o passado e que não vê,
É você que é ama o passado e que não vê que o novo sempre vem.*

*Hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma nova consciência e juventude,
está em casa, guardada por Deus, contando os seus metais.
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos,
Ainda somos os mesmos e vivemos,
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais*

6

Considerações finais : revendo as hipóteses

Esta pesquisa construiu uma interpretação sócio-histórica do movimento estudantil da Rural nas últimas décadas, destacando as formas de inserção e atuação no movimento estudantil, o significado atribuído ao movimento como instância de formação política, sua influência no processo de construção das representações e modos de vida dos militantes entrevistados. Efetuou-se, assim, uma tentativa de cotejar e recompor várias leituras do mesmo objeto – o movimento estudantil.

Essa reconstrução da memória do movimento estudantil focalizou representações acerca da experiência política e universitária, inserida de forma relacional nas demais instâncias e espaços sócio-culturais vivenciados pelos sujeitos da pesquisa. O recorte utilizado – objeto, período, sujeitos – permitiu a análise das gestões do DCE, a partir da memória dos militantes, abordando o relacionamento com a reitoria, o embate das várias tendências políticas, a construção da participação política dos sujeitos, entre tantos outros aspectos. Esses aspectos propiciaram a formação de uma estrutura e volume de capitais que, segundo os depoimentos dos sujeitos, repercutem sobre as suas trajetórias sócio-profissionais. Esses capitais são evidentes na capacidade de negociação, no trato ‘em pé de igualdade’ com autoridades acadêmicas e políticas, na liderança e no trabalho de equipe, demonstrando a aquisição de um *habitus* universitário específico e de um ‘senso de jogo’ mais apurado.

Tive como premissa inicial que o movimento estudantil seria uma instância formativa importante para os estudantes universitários que desenvolvem essa modalidade de participação política. A análise do material empírico comprovou que persiste uma representação positiva dessa atuação entre os ex-militantes, que atribuem um significado central ao movimento estudantil no que tange à aquisição de capitais e à própria formação moral, profissional e política inserida no processo mais amplo de construção da sua identidade social.

Entretanto, deparei com algumas surpresas ao longo da investigação. Uma das quais refere-se à constatação de que as influências sócio-culturais-familiares se diluem na intensa experiência comunitária propiciada pela Universidade Rural. A peculiaridade da instituição, que assemelha-se quase a uma instituição total, confere uma densidade ao ambiente que tende a homogeneizar os estudantes e os predispõe a certas práticas e características produzidas por uma experiência comum de socialização. Participar do movimento estudantil em uma instituição peculiar como a Rural adensa as possibilidades de acumular capital político, social e cultural, com reflexos na atuação profissional. O impacto da intensa convivência propiciada pela instituição, mais especificamente sobre os estudantes residentes, foi destacada como favorável a uma participação mais marcante no movimento estudantil, exercida no cotidiano da sociabilidade no *campus*.

A militância estudantil, numa Universidade como a Rural, torna-se uma experiência muito forte que permite a homogeneização das múltiplas e desiguais experiências pessoais anteriores. No período da graduação, diferentes trajetórias se encontram e se vinculam, mediante uma intensa e próxima convivência no *campus*, favorecendo a constituição de uma disposição social comum, marcada pelo mesmo *habitus* universitário e potencializada, em nosso caso específico, pela participação no movimento estudantil. Essa experiência comum aos vários militantes sujeitos da pesquisa confirma o caráter formativo do movimento estudantil intensificado pelo efeito padronizador da Rural.

Outra surpresa referiu-se à premissa inicial sobre a influência capital da origem familiar e da trajetória escolar na formação de uma sociabilidade militante, posteriormente relativizada – sem descartar o peso desses diferenciais – diante da importância maior da Universidade e do movimento estudantil na experiência social dos sujeitos da pesquisa. O material empírico analisado também não permitiu sustentar a hipótese de uma relação mais direta entre a ocupação de funções de liderança no movimento estudantil e a origem sócio-econômica dos estudantes, visto que as lideranças estudantis emergiram dos mais diversos estratos sociais, não sendo possível apontar para um processo de ‘reprodução’ das hierarquias sociais.

Entretanto, a enorme heterogeneidade detectada – quanto à origem social dos sujeitos da pesquisa – apresentou como aspecto comum uma intensa mobilidade social ascendente,

característica do período, marcado pela expansão das oportunidades de escolarização em todos os níveis, e que permitiu a inserção no ensino superior de estratos sociais anteriormente excluídos. Os sujeitos pesquisados empreenderam trajetórias de sucesso escolar, mediante estratégias específicas, familiares e escolares, que permitiram seu ingresso na Universidade.

Mas como já apontado, a herança cultural familiar dos estudantes entrevistados, ressaltada sua importância e diversidade, não representou um elemento distintivo entre eles pois foi neutralizada pelo ambiente de intensa convivência propiciado pela vida no *campus*, deixando marcas duradouras nesses sujeitos, segundo suas próprias representações. Dessa forma, mesmo os estudantes com menor bagagem – e aqui nos referimos ao volume e estrutura de capitais – puderam acumular capital político, social, cultural, mediante a convivência no *campus* e a inserção no movimento estudantil. Assim, o movimento estudantil, de forma declarada ou subterrânea, propiciou um patamar de distinção para os militantes, em relação à maioria dos estudantes da Universidade.

Os estudantes que exerceram funções de liderança no movimento estudantil aparentam possuir um *senso do jogo* mais apurado, além de habilidades e competências não disponíveis a todos, distinguindo-se assim da massa estudantil pela visibilidade que a atuação política propicia. Decorre daí, na maioria dos casos, a ampliação da estrutura e do volume de capitais social e simbólico de grande impacto nos processos de trânsito pelos diferentes campos que compõem o espaço social. O acúmulo de certo capital social, mediante a inserção no movimento estudantil, já havia favorecido, com maior ou menor intensidade, o percurso na comunidade universitária, rendendo ou não dividendos simbólicos, de acordo com o *status* do grupo ou a posição nele ocupada pelo estudante.

A investigação identificou que, não somente o movimento estudantil, mas também as demais experiências associativas produziram um sentimento de pertença à Universidade ou ao grupo, funcionando como apoio sócio-afetivo no período de graduação. Entre os estudantes entrevistados, os ‘camarões’ se destacaram como ‘grupo exemplar’, devido a esse forte sentimento de pertencimento, ao acúmulo de capital social e à manutenção de um vínculo duradouro que personifica a experiência de ser aluno da Rural. Os ‘camarões’ apontam para uma nova sociabilidade militante, pois anteciparam uma prática mais

consistente de mobilização estudantil que respondia, mais adequadamente, as mudanças que vinham ocorrendo no movimento estudantil, superando a tradicional partidarização.

Os ‘camarões’ representam a emergência de um segmento estudantil que inserindo-se em movimentos sociais, novos ou tradicionais, desenvolveu uma participação política, a que se atribui um maior grau de consciência e autonomia, pois menos atrelada a instâncias políticas que se impõem, do alto e de fora, ao meio estudantil. Esse diferencial em relação às gerações anteriores se manifesta também em formas organizativas mais descontraídas e diversificadas induzindo à participação um contingente mais amplo e variado de estudantes.

O movimento estudantil hoje apresenta uma polarização entre dois tipos ideais de militantes, os ‘partidarizados’ e os ‘independentes’, apontando para o embate ideológico em torno do ‘aparelhamento’ das entidades estudantis e o surgimento de uma nova subjetividade militante que propõe outras formas organizativas. Entre os sujeitos entrevistados detectamos essa polarização mediada pela influência da conjuntura política nacional, das mudanças no mundo do trabalho e dos impactos sócio-econômico-culturais da globalização. O movimento estudantil da Rural, mesmo com as especificidades da instituição, reflete essas transformações e influências, comprovando a vocação estudantil de instituir uma “*república ruralina* aberta para o mundo”.

Dentro dos limites deste estudo, acredito ter chamado a atenção para a importância do movimento estudantil, bem como de outras experiências associativas juvenis, na socialização política, na construção de um *habitus* universitário distinto, no acúmulo de capitais que favorecem trajetórias acadêmicas e profissionais bem sucedidas. Concluo evidenciando a influência do movimento estudantil como diferencial na formação universitária e na trajetória profissional dos sujeitos da pesquisa. A Universidade Rural, por sua vez, em virtude das suas peculiaridades favoreceu o estabelecimento de vínculos duradouros, seja com a instituição seja com os pares, constituindo um capital social diferenciado das demais instituições de ensino superior, no que se refere à formação dos estudantes, segundo a percepção dos entrevistados.

Esta pesquisa focalizou diversos aspectos da formação do jovem universitário – a construção de sua visão de mundo, valores, *habitus* e competências sociais – decorrentes de experiências vivenciadas fora do currículo oficial. Cabe destacar a importância da

convivência entre os pares, da multiplicidade cultural, do contato com experiências políticas e associativas diferenciadas que constituem um acessório adicional distintivo na bagagem de uma parcela reduzida do estudentado, com inferências sobre seu futuro profissional. Estas experiências diferenciadas teriam favorecido a aquisição de disposições específicas, fornecendo opções, expectativas, percepções e comportamentos também diferenciados que marcariam sua trajetória futura.

Entretanto, a investigação indicou como um aspecto que mereceria um aprofundamento posterior a multiplicidade das organizações estudantis que emergem no panorama da Universidade e da sociedade mais ampla e que apontam para mudanças significativas na participação social desse segmento juvenil. Outra questão que se apresenta a partir da percepção dessa heterogeneidade refere-se à desmobilização apontada como crescente no movimento estudantil, que poderia estar refletindo a presença de um maior leque de oportunidades de inserção dos jovens, em diferentes movimentos sociais. Essa pulverização poderia representar uma ampliação nas condições de atuação social juvenil, consistente com o panorama de pluralidade interpretativa em todas as áreas (cultural, política, religiosa etc.) .

Aponto ainda para a necessidade da realização de mais estudos no ambiente universitário, aprofundando e comparando algumas das análises, principalmente as que apontam para a desigualdade nas condições de acesso e permanência no nível superior. Essa investigação permitiu identificar que as características da Rural – próximas as das instituições totais analisadas por Goffmann (1987) – parecem viabilizar o acesso e a permanência no ensino superior aos estudantes de origem popular e rural. O estudo das condições institucionais da experiência universitária reveste-se de importância pontual devido a questão das cotas, que apontam para um diferenciado e desigual uso estratégico das possibilidades oferecidas na Universidade, sua incidência sobre o desempenho acadêmico e a manutenção de práticas discriminatórias no Ensino Superior evidenciando as diferentes oportunidades de acesso à cultura acadêmica.

Encerro, afirmando que este esforço investigativo permanece aberto a posteriores contribuições, que abordem aspectos do tema apenas antevistos. Entre o muito que foi dito, observado, discutido resta uma convicção: frente à complexidade da realidade social, não

cabe nenhuma certeza mas multiplicam-se as indagações sobre as relações estabelecidas entre os jovens universitários e os movimentos sociais em seu processo de formação acadêmica.

Me Gustan Los Estudiantes

Violeta Parra

*Que vivan los estudiantes, jardín de nuestra alegría,
son aves que no se asustan de animal ni policía.
Y no le asustan las balas ni el ladrar de la jauría.
Caramba y zamba la cosa, qué viva la astronomía!*

*Me gustan los estudiantes que rugen como los vientos
cuando les meten al oído sotanas y regimientos.
Pajarillos libertarios igual que los elementos.
Caramba y zamba la cosa, qué vivan los experimentos!*

*Me gustan los estudiantes porque levantan el pecho
cuando les dicen harina sabiéndose que es afrecho.
Y no hacen el sordomudo cuando se presente el hecho.
Caramba y zamba la cosa, el código del derecho!*

*Me gustan los estudiantes porque son la levadura
del pan que saldrá del horno con toda su sabrosura.
Para la boca del pobre que come con amargura.
Caramba y zamba la cosa, viva la literatura!*

*Me gustan los estudiantes que marchan sobre las ruinas,
con las banderas en alto pa' toda la estudiantina.
Son químicos y doctores, cirujanos y dentistas.
Caramba y zamba la cosa, vivan los especialistas!*

*Me gustan los estudiantes que con muy clara elocuencia
a la bolsa negra sacra le bajó las indulgencias.
Porque, hasta cuándo nos dura señores, la penitencia.
Caramba y zamba la cosa, qué viva toda la ciencia!
Caramba y zamba la cosa, qué viva toda la ciencia!*

7

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel, (1997). Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação. Anped, nº 5/ 6, p.p.25-36.

_____, FREITAS, M. V. & SPOSITO, M. P., (2000). Juventude em debate. São Paulo, Cortez.

ABREU, Alzira Alves de, (2003). Quando eles eram jovens revolucionários. In: VIANNA, H. (Org.). Galeras Cariocas. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

ACCARDO, Alain, (1997). Sina escolar. Tradução Marcus Antunes Penchel. In: BOURDIEU, P. (Org.). A Miséria do Mundo. Petrópolis, Vozes, pp.595-611.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon, (1977). Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

ALVES, Maria Helena, (1985). Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis, Vozes.

ALVES, Márcio Moreira, (1993). 68 mudou o mundo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

ALMEIDA, Ana Maria F. & NOGUEIRA, Maria Alice, (2002). A Escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis, Vozes.

ALMEIDA, Érica C., (2001). Movimento Estudantil e Cultura: Reflexões a partir da Teoria Crítica da Sociedade. Dissertação de Mestrado. UNIMEP, SP. Educação.

AMADOR, Denise Bittencourt. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 13 jan. 2004.

ANDRADE, Carlos Alberto Nascimento, (1994). A Organização Política dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1974-1984). Dissertação de Mestrado. UFRN, Educação.

ANDRADE, Edilson de Paula. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 9 dez. 2003.

ANJOS, Mailta Brandão dos. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 16 set. 2003.

ARAÚJO, Eloy Ferreira de. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 07 jul. 2003.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, (1985). Brasil: nunca mais. Petrópolis, Vozes.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 2 jan. 2004.

BECKER, Howard S., (1999). Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Editora Hucitec.

BENEVIDES, Sílvio Cesar Oliveira, (1999). Proibido Proibir - Uma Geração na Contramão do Poder: O Movimento Estudantil na Bahia e o Jovem. Dissertação de Mestrado. UFBA, Salvador, BA, Ciências Sociais.

BENJAMIN, Walter, (1994). Sobre o Conceito de História. Tradução Sergio Paulo Rouanet. In: BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v.1. São Paulo, Brasiliense, pp. 222-232.

BERBARA, Ricardo Luis Louro. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 15 mai. 2002.

BONNEWITZ, Patrice, (2003). Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis, Vozes.

BOURDIEU, Pierre, (1983a). Questões de Sociologia. Tradução Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro, Marco Zero.

_____, (1983b). Esboço de uma teoria da prática. Tradução Paula Montero. In: ORTIZ, R. (Org.) Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática. pp.46-81.

_____, (1989). La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps. Paris, Minuit.

_____, (1996). Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, Papirus.

_____, (1997). A Miséria do Mundo. Vários tradutores. Petrópolis, Vozes.

_____, (1998). O poder simbólico. Tradução fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

_____, (1999). La Distinción: criterios y bases sociales del gusto. Traducción M^a Del Carmen Ruiz de Elvira. Buenos Aires, Taurus.

_____, (1999). Escritos de Educação. Vários tradutores. Petrópolis, Vozes.

_____, (2001). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191.

_____, & PASSERON, J-C., (1968). O tempo e o espaço no mundo estudantil. Tradução Narciso J. de Melo Teixeira e Luís Claudio Figueiredo. In: BRITTO, S. de. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, v.4, pp. 61-86.

_____, (1975). A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro, Edições Francisco Alves.

BRANDÃO, Carla de S., (1999). A Socialização Política dos estudantes universitários na perspectiva psicossociológica. Dissertação de Mestrado. UFPB, Psicologia .

BRANDÃO, Zaia, CARVALHO, C., MANDELERT, D., PAULA, Lucília et al., (2004). Capital Cultural das Elites - da empiria à teoria. (mimeo).

_____, CARVALHO, C., PAULA, Lucília et al., (2003). Algumas hipóteses sobre a permanência e a mudança no capital cultural das elites no Brasil. Anales 3º Congreso Nacional y 1º Internacional de Investigación Educativa. Rio Negro, Argentina.

BRANDÃO, Z., (2003). Bourdieu e a pesquisa em Educação. In: TIBALLI, E.F.A. & CHAVES, S. M. (Orgs.) Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares. Rio de Janeiro, DP&A.

_____, (2002). Pesquisa em Educação: Conversas com Pós-Graduandos. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, São Paulo, Edições Loyola.

_____, (2001). A escolarização das elites - pesquisa sobre o rendimento escolar do mundo natal. Projeto de Pesquisa, SOCED/PUC-Rio, mimeo.

_____, (2000). Entre questionários e entrevistas In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G. e ZAGO, N. (Org.) Família & escola - trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, pp. 171-183.

_____, (1999). A Intelligentsia educacional: Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista, IFAN-CDAPH, EDUSF.

_____, (1995). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez.

_____, (1994). Política Estudantil e movimento educacional. In: RAPOSO, E. (coord.), 1964- 30 anos depois. Rio de Janeiro, Agir, pp. 267-272.

_____, (1992). A teoria como hipótese. In: Teoria & Educação, Porto Alegre, nº 5, pp. 161-169.

_____, (1985). A Escola em Questão. Evasão e Repetência no Brasil. Rio de Janeiro, Dois Pontos.

BRITTO, Sulamita de, (1968). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, 4 vols.

CANCLINI, Nestor G. (1998) Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, EDUSP.

CÂNEDO, Letícia Bicalho, (2002). Gestão familiar da escola e aprendizagem das habilidades para o ofício da política. In: ALMEIDA, A. M. F. & NOGUEIRA, M.A. A Escolarização das elites. Petrópolis, Vozes.

CARDOSO, Elisabeth Maria et alii. Entrevista coletiva com o grupo 'Camarão que não nada a onda leva' concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 13 jan. 2004.

CARDOSO, Irene, (2001). Para uma crítica do presente. São Paulo, Editora 34.

CARNEIRO, Olavo Brandão. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 21 jul. 2003.

CAROS AMIGOS, (2001). São Paulo, Editora Casa Amarela. Ano V, nº 50, 51, 52, 53.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues, (2000). Juventudes: As identidades são múltiplas. In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF. Niterói, UFF; Rio de Janeiro, DP&A editora, nº 1, maio.

CARVALHO, Izabella Bonifácio de, (1996). A Democratização na Reorganização do Movimento estudantil Universitário em João Pessoa (1979-1985). Dissertação de mestrado, UFPB, Serviço Social.

CATANI, Afrânio Mendes, (2002). A Sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). In: Educação & Sociedade. Ano 23, nº 78. pp. 57-75.

CEDES, (2002). Educação & Sociedade. Dossiê 'Ensaio sobre Pierre Bourdieu'. Ano 23, nº 78, abril.

CEDI, (1988). Vinte anos de 68: Realidade e Utopia. Tempo e Presença. Rio de Janeiro, CEDI, nº 233.

_____, (1992). Juventude. Tempo e Presença. Rio de Janeiro, CEDI, nº 262.

CHAMPAGNE, Patrick, (1998). Formar Opinião: O novo jogo político. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes.

_____; LENOIR, R.; MERLLIÉ, D.& PINTO, Louis, (1998). Iniciação à prática sociológica. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Vozes.

CHARLOT, Bernard. (Org.), (2001). Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre, Artmed. Trad. Fátima Murad.

COELHO, Suzana L. Burnier, (2003). Visões de mundo e projetos de trabalhadores técnicos de nível médio. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Educação.

COHN-BENDIT, Daniel, (1988). O Grande Bazar: As revoltas de 1968. Tradução Caterina Koltai. São Paulo: Brasiliense.

CORREIA, João Guerra Menna Duval Kobler. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 27 ago. 2003.

CUNHA, Luiz Antônio, (1983). A Universidade Crítica: O ensino superior na república populista. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

_____, (1980). A Universidade Temporã: O ensino superior da Colônia à Era de Vargas. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

_____, (2001). Educação, Estado e democracia no Brasil. São Paulo, Cortez.

DAYRELL, Juarez, (2003). O jovem como sujeito social. In: Revista Brasileira de Educação. Anped, nº 24, pp.40-52.

DINIZ, Josué, (1988). O cerco das Trevas: Calabouço-1968. Rio de Janeiro, Achiamé.

DIRCEU, José & PALMEIRA, Wladimir, (1998). Abaixo a Ditadura: o movimento estudantil contado por seus líderes. Rio de Janeiro, Garamond.

DUBAR, Claude, (1997). A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto, Porto Editora.

DURKHEIM, Émile, (1990). As regras do método sociológico. São Paulo, Nacional.

ELIAS, Norbert. (1994), A Sociedade dos Indivíduos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____, (1994). O Processo Civilizador. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2 vol.

_____& SCOTSON, John L., (2000). Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

FAUSTO, Boris, (1996). História do Brasil. São Paulo, Edusp/FDE.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A., (1995). A UNE em tempos de autoritarismo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

FÁVERO, O., CARRANO, P. C. & RUMMERT, S.M.(Editores), (2000). Juventude, educação e Sociedade. Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF. Niterói, UFF, Rio de Janeiro, DP&A editora, nº 1 .

FARIAS, Lindberg, (1994). Trinta anos depois. In: RAPOSO, E. (coord.) 1964- 30 anos depois. Rio de Janeiro: Agir, 1994. P. 273-276.

FERNANDES, Ana Lucia Cunha (1996). A representação e a participação estudantil na Faculdade Nacional de Filosofia na década de sessenta. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Educação.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina, (2001). Usos e abusos da História Oral. Fundação Getúlio Vargas.

FONSECA, Claudia, (1999). Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: Revista Brasileira de Educação. ANPED, nº 10, jan/fev/mar/abr. P.58-78.

FORACCHI, Marialice M., (1977). O estudante e a transformação da sociedade Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FORQUIN, Jean-Claude. (Org), (1995). Sociologia da Educação: Dez anos de pesquisa. Petrópolis, Vozes.

FREITAG, Barbara, (1986). Escola, Estado e sociedade. São Paulo, Editora Moraes.

FURLANI, Luis M. T., (1988). A claridade da noite: Os alunos do ensino superior noturno. São Paulo, Cortez.

GABEIRA, Fernando, (1980). O que é isso, Companheiro ? Rio de Janeiro, Codecri.

GARBIN, Elisabete Maria, (2003). Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. In: Revista Brasileira de Educação. ANPED, nº 23, pp.119-135.

GARCIA, Marco Aurélio & VIEIRA, Maria Alice, (1999). Rebeldes e contestadores: 1968 –Brasil, França e Alemanha. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

GASPARI, Elio,(2002). As Ilusões armadas. São Paulo, Companhia das Letras. 3 vol.

GERMANO, José Willinton, (2000). Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985). São Paulo, Cortez.

GINZBURG, Carlo, (1999). Sinais: Raízes de um paradigma iniciático. Tradução Federico Carotti. In: GINZBURG, C. Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras.

GOFFMAN, Erving, (1987). Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva.

GOHN, Maria da Glória, (2002). Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo, Edições Loyola.

GORENDER, Jacob, (1987). Combate nas Trevas – a Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo, Ática.

GROPPO, Luís Antonio, (2000).Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro, Difel.

GUATARRI, Felix, (1987). As Três ecologias. Campinas, Papirus.

GURGEL, Antonio de Pádua, (2002). A rebelião dos estudantes: Brasília, 1968. Brasília, Editora UnB.

HABERMAS, J. et alii, (1968). O comportamento político dos estudantes comparado ao da população em geral. Tradução Breno Schuman. In: BRITTO, S. de. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, v.2, pp. 115-132.

HAYASHI, Maria Cristina P. I.,(1995). Movimento estudantil & memória: contribuição à construção de fontes de pesquisa em Educação. Tese de Doutorado, UFSCar, Educação.

HENNESSY, Alistair, [1971?]. In: VELIZ, Claudio. América Latina: Estruturas em Crise. São Paulo, IBRASA, s/d. p.130-169.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de, (1981). Impressões de viagem. CPC, vanguarda e desbunde:1960/70. São Paulo, Editora Brasiliense.

IANNI, Otávio, (1968). O jovem radical. In: BRITTO, S. de (Org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar.V.1.

_____, (1971).O Colapso do Populismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização brasileira.

INEP, (1999). O Perfil do Aluno Brasileiro: Um estudo a partir dos dados do SAEB 97. Brasília, INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

_____, (2000). Evolução do Ensino Superior 1980-1998. Brasília, INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

_____, (2004) Informativo INEP. Brasília, INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. 3 fev. 2004.

KLEIN, R., (1997). Indicadores educacionais: disparidades regionais e sócio-econômicas no Brasil. IN: BOMENY, Helena (Org.) Avaliação e determinação de padrões na educação latino-americana: realidades e desafios. Rio de Janeiro, PREAL/ FGV Editora.

KUSCHNIR, Karina, (2003). Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. Pesquisas Urbanas: desafios de trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

LAHIRE, Bernard,(2002). Reprodução ou prolongamentos críticos. Tradução Alain François. In: Educação & Sociedade. Ano 23, nº 78, pp. 37-55.

_____,(1997). Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável. Tradução Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo, Editora Ática.

LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude, (1996). História dos Jovens 2. A época contemporânea. São Paulo, Companhia das Letras.

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza, (1979). Evolução Política dos católicos e da Igreja no Brasil. hipóteses para uma interpretação. Petrópolis, Vozes.

LIPSET, Seymour M., (1968). O comportamento político da juventude universitária. Tradução Esperança L. de Franco Netto. In: BRITTO, S. de (org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, v.2, pp. 133-141.

_____, (1968). Alternativas para as atividades estudantis. Tradução esperança L. de Franco Netto. In: BRITTO, S. de (Org.). Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, v.4, pp.47-59.

- MAIA, Felipe, (2001). Carta. In: Caros Amigos. nº 53. São Paulo, Casa Amarela. Sessão 'Caros Leitores'. p. 6.
- MAGALHÃES, Luis Mauro Sampaio. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 23 jun. 2003.
- MANNHEIN, Karl, (1968). O problema da juventude na sociedade moderna. Tradução de Octavio Alves Velho. In: BRITTO, S. de. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar, v.1, p.69-94.
- _____,(1982). O problema sociológico das gerações. Tradução Claudio Marcondes. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim: Sociologia. São Paulo, Ática.
- MARTINS, José Elói de. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 23 abr. 2004.
- MARTINS FILHO, João Roberto, (1996). A Rebelião Estudantil : 1968 – México, França e Brasil. Campinas, Mercado das Letras.
- _____,(1987). Movimento estudantil e ditadura militar. Campinas, Papirus.
- MELLO, Maria Amélia. (Org.), (1986).20 anos de resistência: Alternativas da Cultura no Regime Militar. Rio de Janeiro, Espaço & tempo.
- MELUCCI, Alberto, (1997). Juventude, tempo e movimentos sociais. Revista Brasileira de Educação. Anped, nº5/ 6, pp. 5-14.
- MENDES JR., Antonio, (1982). Movimento Estudantil no Brasil. São Paulo, Brasiliense.
- MESQUITA, Carlos Alberto Bernardo. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 5 ago. 2003.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro,(2001). Juventude e movimento estudantil. O 'velho' e o 'novo' na militância. Dissertação de Mestrado. UFSC, Sociologia Política.
- MICELI, Sergio, (2001) . Intelectuais à brasileira. São Paulo, Companhia das Letras.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, (1996). O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro, HUCITEC/ABRASCO.
- MISCHE, Ann, (1997). De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Anped, nº 5/6, pp. 134-150.
- MORAES, Marco Antonio de, (1995). Alegria, alegria, a onda jovem da cidadania: a construção do sujeito social. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Faculdade de Educação.
- MOREIRA, Luiz Claudio Antas. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 5 mai. 2003.
- MOREIRA, Marco Antônio, (2000). Grêmios estudantis: contestação e distinção social. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Educação.
- MÜXEL, Ann, (1997). Jovens dos anos noventa: a procura de uma política sem "rótulos". Revista Brasileira de Educação. Anped, nº5/6, p.151-166.
- NASCIMENTO, Gilmar dos Santos, (1990). A Geração Engajada: Busca de Espaços na Velha Estrutura de Poder. Um Estudo Sobre o Centro Estudantil Campinense. 1955/1960. Dissertação de Mestrado. UFPB /Campina Grande, Sociologia Rural.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins & NOGUEIRA, Maria Alice, (2002). A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: Educação & Sociedade. Ano 23, nº 78, pp. 15-36.

NOGUEIRA, Maria Alice, (2002). Elites econômicas e escolarização: Um estudo de trajetórias e estratégias escolares junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais. Tese de Professor Titular. Belo Horizonte, Faculdade de Educação, UFMG.

_____, (2000). A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M.A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. (Orgs.) Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes.

_____, (1998). Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. Paidéia, v. 8, nº 14-15, pp. 91-103.

NOVAES, Regina R., (2000). Juventude e Participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H.W., FREITAS, M. V. & SPOSITO, M. P. (Orgs.) Juventude em debate. São Paulo, Cortez, pp.46-69.

NUNES, Edson de Oliveira. (Org.), (1978). Aventura Sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 36-46.

OLIVEIRA, José Alberto Saldanha de, (1994). O Movimento Estudantil Alagoano e a Resistência ao Regime Militar (1968/1980). Dissertação de Mestrado. UFPE, História.

_____, (2001). O Mito do Poder Jovem: A Construção da Identidade da UNE. Tese de Doutorado. UFF, História.

ORTIZ, Renato. (Org.), (1983). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática.

OTRANTO, Célia Regina, (2003). A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Construção da sua Autonomia. Tese de Doutorado. UFRRJ, CPDA.

PAES de CARVALHO, Cyntia, (2004). Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: Famílias de Camadas Médias do Ensino Fundamental à Universidade. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Educação.

PAIVA, Marcelo R., (2000). Juventude e mobilização. In: ABRAMO, H.W., FREITAS, M. & SPOSITO, M. (Orgs.) Juventude em debate. São Paulo, Cortez, pp.42-46.

PALMEIRA, Wladimir, (1994). O movimento estudantil. In: RAPOSO, E. (coord.) 1964- 30 anos depois. Rio de Janeiro, Agir, pp. 255-266.

PARAJARA, Tarcis Gomes. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 5 dez. 2003.

PASTORE, José & SILVA, Nelson Valle, (2001). Mobilidade Social no Brasil. São Paulo: Makron Books.

PAULA, Elder Andrade de. Entrevista concedida a Luiz Edmundo. Rio de Janeiro, fev. 2003.

_____. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 12 set. 2003.

PAULA, Lucília Augusta Lino de, (2003a). Protagonismo Juvenil e movimento estudantil: uma estratégia de distinção ? In: Anais 2003 da 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, MG. (CD-Rom)

_____, (2003b). Formação política, utopia e trajetórias socio-culturais: uma investigação sobre o movimento estudantil. In: Livro de Resumos do I Seminário de pesquisa de Pós-Graduandos em educação da PUC-Rio: a construção do objeto de pesquisa em debate. Rio de Janeiro, Departamento de Educação da PUC-Rio, pp. 35-36.

_____, (2002). Movimento Estudantil e trajetórias socio-culturais In: Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação Brasileira. Natal-RN: Ed. Núcleo de Arte e Cultura da UFRN. (CD-Rom)

PÉCAUT, Daniel, (1990). Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo, Ática.

PELLEGRINI, Sandra de Cássia Araújo,(1993). O Movimento Estudantil Brasileiro nos Anos 60 e a Reforma Universitária. Dissertação de Mestrado. UNESP/Assis, História.

PERALVA, Angelina T.,(1997). O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. Anped, nº5/6, pp.15-24.

PEREIRA, Guilherme Antônio Rodrigues, (1985). As representações políticas do jovem estudante. Investigação com estudantes do 2º Grau da cidade de Maceió. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Educação.

PEREIRA, Isabel Brasil,(1991). Rompendo a Reprodução: Educação e Movimento Estudantil Secundarista no Rio de Janeiro (1976-1990). Dissertação de Mestrado. UERJ, Educação.

POERNER, Artur José, (1995). O Poder Jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros. São Paulo, Centro de Memória da Juventude.

PREVOST, Claude, (1973). Os estudantes e o esquerdismo. Lisboa, Prelo.

RAPOSO, Eduardo (Coord.), (1994). 1964- 30 anos depois. Rio de Janeiro, Agir.

REGUILLO, Rossana, (2003). Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: Revista Brasileira de Educação, nº 23, pp.119-135.

REIS FILHO, Daniel Aarão & MORAES, Pedro de, (1988). 68 a paixão de uma utopia. Rio de Janeiro, Espaço e tempo.

REIS, Elisa Pereira, (1998). Processos e escolhas: estudos de Sociologia Política. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria.

ROMAGNOLI, Luiz Henrique & GONÇALVES, Tânia, (1979). A Volta da UNE: de Ibiúna a Salvador. São Paulo, Alfa-Omega.

SANFELICE, José Luiz, (1986). Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo, Cortez/Autores Associados.

SANTOS, Boaventura Souza, (1991). Subjetividade, cidadania e emancipação. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, nº 32, pp. 135-91.

SANTOS, Miriam Sepúlveda dos, (2003). Memória Coletiva e Teoria Social. São Paulo, Annablume.

SANTOS, Nilton, (1980).História da UNE 1: Depoimentos de ex-dirigentes. São Paulo, Editorial Livramento.

SANTOS, Vera Lucia da Silva. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 21 mai. 2003.

SCHNAPPER, Dominique, (2000). A Compreensão Sociológica: Como fazer análise tipológica. Tradução Eduardo de Freitas. Lisboa, Gradiva.

SIGRIST, José Luiz, (1982). A JUC no Brasil: Evolução e impasse de uma ideologia. São Paulo, Cortez; Piracicaba, UNIMEP.

SILVA, Maria Elizabeth Corrêa Campos e, (2001). Ideário do movimento estudantil em Belo Horizonte entre 1964 e 1968: utopias e desencantos. Dissertação de Mestrado. PUC-MG, Ciências Sociais.

SILVA, Maria Guimarães, (1995). Movimento Estudantil na Universidade Federal de Uberlândia: Um Estudo na Visão dos seus sujeitos. Dissertação de mestrado, PUC-SP, Serviço Social.

SILVA NETO, Sebastião Antônio da, (2000). O Movimento Estudantil Brasileiro de 1968: Cosmovisão Acadêmica e Jornalística. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, SP, Comunicação e Mercado.

SIRKIS, Alfredo, (1980). Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida. São Paulo: Global.

SKIDMORE, Thomas,(1988).Brasil: de Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

SOARES, Glaucio D., (1968). Ideologia e participação política estudantil. Tradução Esperança L. de Franco Netto. In: BRITTO, S. de Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar. V.1, pp. 243-266.

SORJ, Bernardo & Almeida, Maria Hermínia Tavares de, (1983) Sociedade e Política no Brasil Pós-64. São Paulo, Brasiliense.

SOUZA, Hebert de, (1979). Juventude Cristã Hoje. In: LIMA, Luiz G.S. Evolução Política dos católicos e da Igreja no Brasil Petrópolis, Vozes, pp.108-117.

SOUZA e Silva, Jailson de, (2003). Porque uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a Universidade. Rio de Janeiro, 7 letras.

SPOSITO, Marília Pontes, (1997). Estudos sobre a juventude em educação. Revista Brasileira de Educação. Anped, nº5/ 6, pp. 37-52.

VALITUTTI, S., (1968). Uma revolução juvenil. In: BRITTO, S. de. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro, Zahar. V.3.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. (Orgs), (2003). Pesquisas Urbanas: desafios de trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

_____, (1978). Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.). Aventura Sociológica. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 36-46.

VALLE, Maria Ribeiro do, (1999). 1968. O diálogo é a violência: Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas, Editora da Unicamp.

VENTURA, Zuenir, (1988). 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

VIANA, Leonardo José da Silva. Entrevista concedida a Lucília de Paula. Rio de Janeiro, 14 ago. 2003.

VIANNA, Hermano, (2003). Galeras Cariocas: Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

ZAGO, N., CARVALHO, M.P. e VILELA, R.A.T., (2003). Itinerários de pesquisa. Rio de Janeiro, DP&A.

ZANETI, Hermes, (2001). Juventude e Revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília, Edunb.

Glossário

Ao longo do texto utilizo siglas, nomes e expressões muito particulares, que referem-se à Universidade Rural e ao movimento estudantil. O significado da maioria já foi explicitado em notas, mas para facilitar a consulta as agrupo neste Glossário:

ABEEF – Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Florestal.

Acoxambrado – O estudante residente dos Alojamentos, mas sem vaga oficial.

ADUR – Associação dos Docentes da Universidade Rural.

ASI – Assessoria de Segurança e Informação.

ASUR – Associação dos Servidores da Universidade Rural. Atual SINTUR.

Atlética – Entidade estudantil responsável pelo desporto no *campus*.

Bandejão – Restaurante Universitário.

Bandejaço – Movimento que utiliza as bandejas para produzir barulho, utilizado em reivindicações acerca do Bandejão.

Bolsa-alimentação – Consiste na disponibilização, para os estudantes mais pobres, mediante uma avaliação entre os que se candidatam ao benefício, de tíquetes gratuitos para as refeições do Bandejão. Existem bolsas integrais (todas as refeições) e parciais.

Bixo – O estudante em seu primeiro período na Rural. Calouro.

CAEF – Centro Acadêmico da Engenharia Florestal.

CEA – Centro de Estudos Agrônômicos (Diretório Acadêmico da Agronomia).

CEGEUR – Centro de Estudos Geológicos dos Estudantes da Universidade Rural.

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

CONSU – Conselho Universitário.

Conselhinho – Conselho que congrega os Diretórios e Centros Acadêmicos dos cursos, e que na ausência do DCE dirige o movimento estudantil na Universidade.

CS – Convergência Socialista, tendência do movimento estudantil, das décadas de 70 e 80, na época vinculada ao PT (mais tarde se fundiu ao PSTU).

CTUR – Colégio Técnico da Universidade Rural.

DA / CA – Diretório Acadêmico / Centro Acadêmico.

DARF – Diretório Acadêmico Raimundo Ferreira, do curso de LiCA.

DAZ – Diretório Acadêmico da Zootecnia.

DCE – Diretório Central dos Estudantes.

Decanatos – Termo que na Rural é utilizado para designar as sub-reitorias.

Erva Doce – Cooperativa de estudantes que dirige um restaurante no *campus*.

FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil.

GAE – Grupo de Agricultura Ecológica.

GTN – Grupo de Tradições Nordestinas. Um dos vários grupos de tradição regional formado pelos estudantes, como o mineiro, capixaba, gaúcho, nortista.

Gustavão – O principal auditório da Rural, no P1: Cine Teatro Gustavo Dutra.

IA – Instituto de Agronomia.

IA – Índice de Aproveitamento - média ponderada (segundo o número de créditos) das notas obtidas nas disciplinas a cada semestre. ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

IE – Instituto de Educação.

IES – Instituição de Ensino Superior.

IFES – Instituição Federal de Ensino Superior.

Independente – Militante estudantil não vinculado a uma tendência ou partido político.

LiCA – Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas.

M.E. – Movimento estudantil. O uso da sigla é comum entre os militantes.

MEC – Ministério da Educação.

MEP – Movimento de Emancipação do Proletariado.

MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro.

NOAR – Núcleo de Orientação para a Atuação Rural, criado pelos estudantes que mais tarde seriam os 'camarões' para realizar atividades de extensão.

Orgãos Colegiados – Os Conselhos superiores da Universidade: CONSU, CEPE e Conselho de Curadores, que tem 1/5 de representação estudantil.

P1 – Prédio principal da Universidade, onde concentra-se a Administração Superior.

PCB – Partido Comunista Brasileiro. Denominado de 'PCBão' pelos estudantes.

PCdoB – Partido Comunista do Brasil. Sua tendência 'União da Juventude Socialista' é a maior no movimento estudantil atualmente.

PCR – Partido Comunista Revolucionário.

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

Quadro – Militante de partido político vinculado orgânicamente a este.

SINTUR – Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Rural.

Tendência estudantil – Fação vinculada a um partido político que atua no movimento estudantil, local ou nacional, também denominada corrente estudantil.

UEE – União Estadual dos Estudantes.

UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas.

UNE – União Nacional dos Estudantes.